

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. *Reabilitação do Castelo de Penedono e área envolvente*. Salvador da Bahia: Texto policopiado [projecto final de pós-graduação na Universidade Federal da Bahia], 2006.



REABILITAÇÃO DO
CASTELO DE PENEDONO
E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

- PROJECTO FINAL -

JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2
2540-105 Bombaral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

**CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E
RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS**
PPG-AU | Universidade Federal da Bahia - IPHAN - UNESCO



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ESPAÇO ENVOLVENTE

(Histórico)

Por: **Joaquim Rodrigues dos Santos**

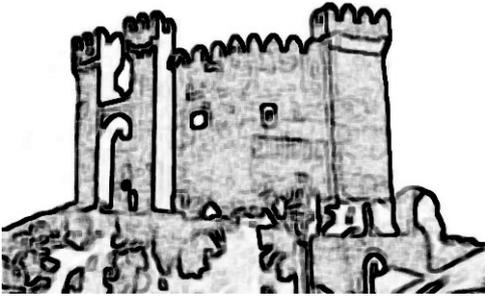


Fig. 1 – Castelo de Penedono

«(...) Nós não queremos ser poupados pelos nossos melhores inimigos nem por aqueles que amamos do fundo do coração. Deixai-me, pois, dizer-vos a verdade!

(...) Conheço o ódio e a inveja do vosso coração. Não sois suficientemente grandes para ignorardes o ódio e a inveja. Sede, pois, suficientemente grandes para não terdes vergonha disso!

E se não podeis ser santos do conhecimento, sede, pelo menos, os seus guerreiros. São eles os companheiros e os percursos duma tal santidade.

(...) Sede daqueles que procuram sempre um inimigo – o vosso inimigo. E nalguns de entre vós há ódio à primeira vista.

Procurai o vosso inimigo, fazei a vossa guerra, uma guerra pelos vossos pensamentos. E, se o vosso pensamento ficar vencido, que a vossa lealdade grite ainda vitória!

Amái a paz como um meio de novas guerras. E amái mais a paz breve do que a paz longa.

A vós não vos aconselho o trabalho, mas a luta. A vós não vos aconselho a paz, mas a vitória. Que o vosso trabalho seja uma luta, que a vossa paz seja uma vitória!

Não se pode ficar calado e em paz senão quando se tem um arco e flechas: de outro modo conversa-se e discute-se. Que a vossa paz seja uma vitória!

Dizeis que é uma boa causa que santifica uma guerra. Eu digo-vos: a boa guerra é que santifica qualquer causa.

A guerra e a coragem realizaram melhores coisas do que o amor do próximo. Não foi a vossa compaixão, mas a vossa bravura, que até agora salvou as vítimas.

(...) Não deveis ter inimigos senão para os odiar, e não para os desprezar. Sede orgulhosos do vosso inimigo: os seus sucessos serão também os vossos.

(...) Vivei, portanto, a vossa vida de obediência e de guerra! Que importa viver muito tempo? Que guerreiro quererá ser poupado?

Eu não vos poupo, amo-vos profundamente, meus irmãos em guerra! (...)

Nietzsche in “Assim falou Zaratustra”

1. Notas sobre arquitectura militar em Portugal¹

Assolado por inúmeras vagas de ocupação, Portugal mantém vestígios de complexos defensivos de várias épocas. Imperativos de segurança aliados ao repovoamento, as contínuas guerras com Castela ou com outros estados e a Expansão Ultramarina, entre outros motivos, vão determinar a fortificação do território nacional. Com as constantes evoluções na “arte da guerra”, tal vai determinar também a constante modificação dos sistemas de fortificação e das modalidades de combate, onde se aperfeiçoam não apenas os engenhos mecânicos bélicos, mas assiste-se igualmente ao reajustamento dos sistemas defensivos e mesmo à sua inovação. Por outro lado, cientes do poder simbólico que tais estruturas acarretam, numerosas foram as adaptadas a residência nobre ou para funções afins, construindo-se mesmo novos paços acastelados quase desprovidos de funções defensivas e que se remetiam apenas às funções residenciais.



Fig. 2 - Castelo de Guimarães (O Ocidente nr387 vol12, 1889)

Fruto dessa necessidade estrutural de segurança e afirmação do poder, estas edificações militares de carácter defensivo constituem elementos inscritos numa vivência e numa visão peculiar dos espaços, das gentes e das memórias, que impressionam sempre pela sua singularidade.

São estes lugares, também, que nos transmitem sensações de segurança, sensações de continuidade, onde residem numerosas conotações, memórias, experiências, valores, movimentos e o drama da vida e da morte, que nos afecta a todos. E são estas características vividas de maneira multi-dimensional (corporal e metafórica) o que definimos como Património, onde nos surge uma constante nostalgia pelo passado e uma paradoxal necessidade de preservar não apenas os velhos objectos físicos em si mesmos, mas também todo um universo de fenómenos que se lhes associam.

Comentava então um viajante italiano, no séc. XVI, após a sua passagem por Portugal: «*O ver somente qualquer fortaleza que tenham, como está guardada e com que ordem é mantida permite conhecer que esta nação não nasceu para a guerra.*»

Se tal pode ou não ser aceite como verdade, também não o é menos que, apesar desse pretensioso comentário, por Portugal passaram inúmeras guerras e que por todo o país poderemos facilmente encontrar vestígios dessas, nomeadamente as estruturas defensivas que surgem estrategicamente implantadas pelo território nacional fora.

Assim, até ao séc. XII as estruturas defensivas vão aparecer em locais elevados, junto às antigas vias romanas, que ain-

¹ Baseado em SANTOS, Joaquim Rodrigues, *Gigantes de Pedra – Património de defesa nas mãos da ENATUR*, trabalho de licenciatura (História da Arquitectura Portuguesa, 5º ano), Universidade de Coimbra, 1996

da constituem as principais ligações entre as diversas regiões, bem como os caminhos de razias utilizadas pelos sucessivos conquistadores. Completada a Reconquista Cristã e definidos os limites do jovem território português, vão nascer, ao longo das novas marcas da fronteira e em pontos estratégicos, castelos, muralhas e torres.

É com a ocupação árabe e por contingências político-sociais que o castelo passou a integrar a habitação, a alcáçova, do governador da região e símbolo do seu poder. Com o domínio cristão, a alcáçova é de certo modo substituída pela torre de menagem, também ela símbolo do poder do senhor do castelo e seu último reduto.

De planta regular ou irregular consoante os acidentes no terreno, o castelo tinha como elementos arquitectónicos característicos as ameias e o caminho de ronda ou adarve, que acompanhava todo o perímetro amuralhado. Muitas vezes possuía uma cerca mais baixa, a barbacã, como primeira defesa.

Novos conhecimentos, vindos do Norte da Europa, transformam a até aí defesa passiva numa defesa mais activa, introduzindo-se novos elementos e concepções, tais como o flanqueamento da muralha por torres, torres albarrãs (destacadas das restantes e ligadas à muralha por uma pequena ponte), que aumentam a capacidade para bater o inimigo, mata-cães que possibilitam a descarga de líquidos a ferver, e a integração, num dos panos de muralha, da torre de menagem, tornando-a mais resistente.

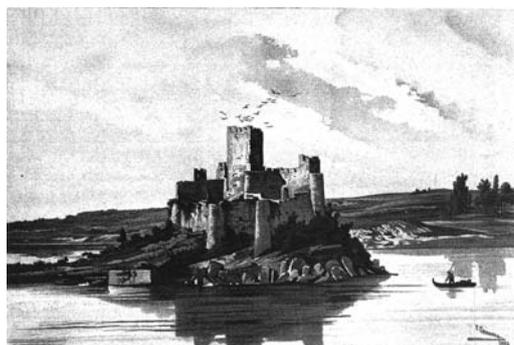


Fig. 3 - Castelo de Almourol (Portugal Pittoresco nr15, 1884)

Se a construção de castelos em Portugal tem um período fértil no reinado de D. Afonso Henriques e durante toda a Reconquista, é somente com D. Afonso III que se inicia uma política organizada de construção de um sistema defensivo do reino, desenvolvida sobretudo pelo Rei Lavrador, D. Dinis, a quem se deve a maior parte das reconstruções dos castelos românicos, bem como das defesas das terras raianas definidas definitivamente após o Tratado de Alcanises (1297). Também D. Fernando e D. João I tiveram um papel preponderante na dotação ao longo da fronteira e em pontos nevrálgicos de defesas consistentes.

É a partir sensivelmente desta altura que se vai assistir a um curioso fenómeno e que se prolonga pelos séculos seguintes. Com efeito, estabilizadas as fronteiras do território nacional, as diversas estruturas defensivas vão adquirindo variados tipos de importância: as que se situam em locais estratégicos (na raia e na fronteira marítima) continuam a ter uma função predominantemente militar, ao passo que as situadas longe dos palcos de guerra perdem a sua importância estratégica e vão sendo adaptados cada vez mais a uma função meramente residencial, sendo mesmo construídos de raiz novos paços acastelados, verdadeiros símbolos do poder dos seus habitantes. Isto quando não são reutilizados para outro tipo de função (armazém,

prisão, etc.) ou simplesmente abandonados. E é também nesta altura que sucede uma revolução ao nível das tecnologias de guerra, com a introdução da pirobalística, que vai provocar todo um movimento de experimentação nas novas artes de guerra para fazer face a esta inovação. Tal tem reflexos nas estruturas defensivas, assistindo-se então durante este período a uma constante procura da melhor forma de fazer frente a este novo tipo de arma e como tirar o melhor partido dele.

Os velhos castelos medievais que mantêm interesse militar começam então a sofrer alterações, como, entre muitas outras, o engrossamento das suas muralhas, o uso de cubelos e torres circulares para reforçar a capacidade de resistência aos projecteis, o enxerto de baterias de fogo e todo um conjunto de novas linhas defensivas segundo os modelos vindos da Itália renascentista. Começa-se também a experimentar novos tipos de fortificação: as fortalezas marítimas, e as fortalezas segundo o “método Vauban”, como são vulgarmente chamadas as novas fortificações de raiz totalmente adaptadas à guerra pirobalística. Se à Expansão Ultramarina corresponde um período de construção de defesas, é no período filipino que se evidencia um enorme esforço construtivo, sobretudo a nível das fortificações marítimas, de modo a otimizar o esforço de guerra levado a cabo simultaneamente um pouco por todo o mundo e tentando reduzir drasticamente a escassez de recursos humanos e materiais, ao nível das forças militares, e multiplicar o potencial de combate.

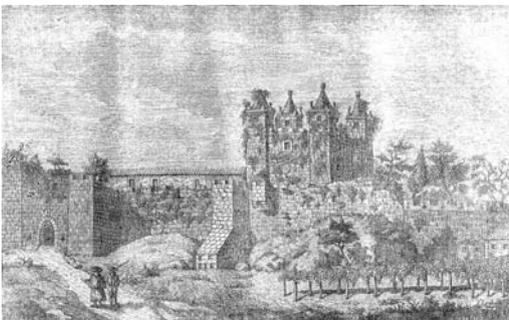


Fig. 4 – Castelo da Feira (O Panorama nr238 vol5, 1841)

Apesar das campanhas filipinas, só com D. João IV se concretizará um verdadeiro plano geral de fortificação do reino, com a reforma e o reforço das linhas defensivas terrestres, descuradas na anterior dinastia. Após um período de abaluartamento das localidades fronteiriças e de construção de novos fortes, que dura até meados do séc. XVIII, começam as defesas portuguesas a ser votadas ao abandono, devido aos períodos de paz, ao desinteresse por parte dos sucessivos governantes, e ao fim da “guerra cortês”, se assim se pode chamar. Com efeito, como o mostraram as invasões napoleónicas, a reviravolta operada nas técnicas de guerra torna os antigos conceitos de fortificação ineficazes, fazendo-se agora a defesa através de pequenos elementos como parte de um grande sistema defensivo, actuando como um todo. Não mais se construirão os grandes edifícios militares.

2. Evolução da experiência portuguesa no domínio das estruturas defensivas²

Podemos afirmar que até ao início do período que nos propomos estudar, as estruturas defensivas são caracterizadas por constituírem uma defesa passiva. Com efeito, até ao séc. XII encontramos por todo o território nacional vestígios de fortificações das mais variadas épocas, desde os longínquos castros celtas, passando pelas fortalezas romanas e pelos castelos islâmicos, acontecendo frequentemente o aproveitamento das edificações de períodos anteriores para se erguerem as novas construções, na sua constante busca de actualização face às novas necessidades crescentes. Tal facto explica os motivos por que se encontram em muitos castelos vestígios das mais variadas épocas (mais de metade dos castelos medievais surgem em montes com pré-existências do género).



Fig. 5 – Castelo de Bragança (Arquivo Pittoresco nr16 vol5, 1862)

Se anteriormente ao Império Romano era evidente a existência de povoados amuralhados (castros), é sobretudo na época tardo-romana que o clima de insegurança levou tantas cidades a edificar muralhas, bem como se assistiu a um revigoração dos antigos castros. As contínuas razias e as frequentes invasões que afectavam quase todas as manchas da Europa Ocidental durante os séculos VIII e IX originaram grandes medos, vividos colectivamente, e provocaram deslocamentos de população. É então que a partir de meados do séc. IX que os aldeamentos começam a organizar-se e os seus habitantes pensam em defender-se e em guardar os seus bens, construindo para isso recintos defensivos. Entre os séculos X e XII, toda a Europa Ocidental se cobriu de uma densa rede de sítios próprios para defesa, facto ao qual se vem chamando “encastelamento”.

Assim, os castelos dos inícios da nacionalidade, determinantes na consolidação do território portugalense no aspecto em que marcavam pontos de defesa e de organização do território, tinham como características a sua configuração, que se limitava a uma ou duas cercas pétreas, possivelmente já com adarve, ameias e algumas torres (cubelos) incorporadas nos panos de muralha, embora seja já típica do castelo da época românica (séc. XII) a integração da torre de menagem no interior da cortina amuralhada. Por vezes, existiam simples torres fortificadas, atalhias ou residenciais, onde se foram construindo anexos, originando um núcleo de povoamento, o qual era mais tarde rodeado por uma cerca, evoluindo para as edificações anteriormente descritas. Estes castelos românicos eram geralmente constituídos por uma estrutura parietal de pedra aparelhada geralmente irregular, estrategicamente colocados em locais al-

² Baseado em SANTOS, Joaquim Rodrigues, *Gigantes de Pedra – Património de defesa nas mãos da ENATUR*, trabalho de licenciatura (História da Arquitectura Portuguesa, 5º ano), Universidade de Coimbra, 1996



Fig. 6 – Castelo de Óbidos (O Occidente nr573 vol17, 1894)

tos e de fácil defesa, com uma planta geralmente regular, adaptando-se à morfologia do terreno, e estando vocacionados essencialmente pela ideia de uma defesa passiva, de resistência, visando sobretudo dificultar a aproximação e a entrada na torre de menagem. No séc. XI começa-se a adoptar inovações como a torre albarrã, isolada da muralha e com acesso por uma ponte, as couraças, que consistiam em muralhas que partiam do recinto fortificado e permitiam o acesso protegido a pontos de água, reforços, abastecimento ou fuga, e as cercas para o gado, sempre com objectivo de resistir a cercos prolongados.

Estas últimas inovações provieram dos islâmicos, que nos deixaram ainda uma outra inovação fundamental para o estudo da arquitectura militar. Respondendo às circunstâncias político-sociais do estado árabe peninsular, uma minoria política que se impôs num país estrangeiro, as cercas militares passaram a integrar habitualmente uma alcáçova que servia de residência ao governador e simbolizava o poder político e a ordem social estabelecida. Esta estava de modo geral implantada dentro do casco urbano em local estrategicamente defensável, sendo quase sempre um palácio-fortaleza refinado para uma elite, sua corte e uma guarda de defesa. Este aspecto tem particular relevância, como se verá mais adiante, quando abordarmos o tema das residências nobres de carácter defensivo. Por agora continuaremos a seguir o fio condutor que nos rege, ou seja, o aspecto estritamente militar.

A partir do séc. XIII, coincidindo com o fim da Reconquista, assistimos a notórios progressos na arte de fortificar, a que não é alheio a influência das cruzadas, a renovação dos conhecimentos clássicos sobre as fortificações, e a todo um corpo de engenheiros ao serviço do rei. O castelo procura responder, arquitectonicamente, à evolução da arte da guerra proporcionando circunstâncias para uma sua defesa activa, a qual é cada vez mais entregue a um corpo especializado de guerreiros. Dão-se então alterações significativas nas edificações, que comecem a adoptar o novo formulário gótico. Tais transformações sucedem-se nos reinados de D. Afonso III e principalmente de D. Dinis.

A fim de poderem concentrar os esforços de defesa mais nevrálgicamente, os castelos procuram reduzir o seu perímetro, colocando ao longo das muralhas torres adossadas e escalonadas como forma de garantir um flanqueamento mais completo e melhor controlo das tradicionais operações de assédio, e onde a posição da própria torre de menagem é reequacionada, começando a aparecer sobre a cortina e integrada na sua defesa. As portas do castelo, principal para carros e cavaleiros e outra para peões, menos visível e acessível (porta da traição), são objecto de atenção, reduzindo-se as grandes portas e ampliando-se as entradas de serviço de tipo postigo, enquadrando-se melhor as portas com as torres e surgindo as entradas em coto-

velo. Começam a vulgarizar-se as barbacãs, muros menos espessos e mais baixos, exteriores à muralha e fosso e que ofereciam um primeiro obstáculo ao permitirem uma defesa mais distante. Adoptam-se as técnicas do aparelho de pedra regular, mais consistente, alargam-se os adarves (caminhos da ronda) e as ameias, que adoptam formas diversas e são por vezes furadas por seteiras. Dá-se também a introdução e generalização de sistemas de tiro vertical, garantida por meio da instalação em torres, portas e outros pontos estratégicos, de balcões munidos de mata-cães (aberturas para o despejo de projecteis) e de hundes, passando a existir complementaridade de sistemas de tiro.

Esta cada vez maior inexpugnabilidade dos castelos levou a que ao assalto dos muros se preferisse a batalha campal ou o cerco prolongado. No entanto, a importância dos castelos continuava a não sofrer contestação, pois eram detentores de um efeito dissuasório. Daí que durante o reinado de D. Dinis, quando a fronteira do país se estabiliza, a preocupação fundamental é a de povoar toda a linha de separação com Castela implantando estrategicamente castelos.



Fig. 7 – Torre de Belém 1883 (Portugal Pittoresco nr3, 1883)

A guerra vai alterar-se significativamente a partir do séc. XIV, determinando também, por outro lado, a modificação dos sistemas de fortificação e das modalidades de combate. Entre as principais mudanças conta-se a introdução, durante o reinado de D. Fernando, das armas de fogo, que assim permitiam a combinação da pirobalística com a cada vez mais desenvolvida neurobalística, levando à constituição de corpos especializados e treinados de combatentes. Merecem particular relevo as campanhas de reedificação de castelos na raia, tentando adaptá-los à nova guerra, levadas a cabo durante os reinados de D. Fernando e D. João I, no contexto das guerras com Castela.

Assiste-se assim à redução da silhueta e engrossamento das paredes com vista a oferecer um menor alvo à artilharia inimiga, as ameias começam a desaparecer para evitar o efeito de metralha provocado pela sua desintegração quando atingida, o uso sistematizado de barbacãs reforçadas, que ofereciam uma primeira barragem ao fogo rasante da artilharia inimiga, os torreões tornam-se circulares para reforçar a capacidade de resistência ao impacto, os ângulos dos muros tornam-se mais agudos e desviam-se os prumos das paredes para facilitar o ressalto dos projecteis inimigos, e começam-se a usar troneiras nas muralhas e mais tarde casamatas. É também nesta altura que as velhas torres senhoriais esvaziam-se da sua função militar e evoluem para casa nobre, só externamente mantendo a aparência de fortificações como distintivos exclusivos da nobreza.

No entanto, a evolução da artilharia produz uma profunda mutação formal nas estruturas defensivas, onde a palavra castelo perde o sentido próprio e é antes em fortalezas que deveremos falar. Inicia-se um período de transição e experimentação

que se prolonga pelos séculos XV e XVI, com soluções pontuais de improviso até ao estabelecimento de um novo tipo de fortificação baseado no estudo sistemático do tiro flanqueante e do cruzar de fogos – o sistema abaluartado. Dá-se uma luta para as novas formas se imporem aos hábitos construtivos medievais, com as metamorfoses da torre de menagem para a forma circular com vários níveis de fogo ou mesmo o seu abaixamento progressivo juntamente com as outras torres até ao mesmo nível das muralhas, o reforço da base das muralhas, acrescentos de obra externa para suporte de artilharia pesada que culmina no baluarte angular, o avanço do flanqueamento como princípio fundamental de defesa mútua e a colocação de linhas de fogo em cristas sobrepostas com orientação para o tiro frontal e lateral.

Sob os reinados de D. Manuel I e sobretudo de D. João II potenciou-se o salto qualitativo que levou a que as fortalezas deixassem de ser meros elementos de apoio tático e passassem a ser instrumento essencial da estratégia de expansão ultramarina, com o desenvolvimento de novas estruturas arquitectónicas como os fortes costeiros e as torres marítimas. É esta capacidade de inovação perante circunstâncias novas e em contacto com diferentes culturas e a adaptabilidade às mais diversas paragens que fazem a originalidade da arquitectura desta época. No entanto, assiste-se a uma tendência para a inércia na evolução da arquitectura militar no continente devido à inexistente pressão da guerra com inimigos próximos, deixando-se assim permanecer razoavelmente apegada às fórmulas medievais.



Fig. 8 - Forte de Sta. Catarina na Figueira da Foz (O Occidente nr428 vol13, 1890)

O crescente profissionalismo e especialização das tropas, o uso generalizado do armamento de fogo, a complexidades das operações e o papel activo nelas desempenhado pelas fortificações sensivelmente a partir de meados do séc. XVI vão criar aquele que foi o elemento central do novo tipo de fortificação – o baluarte. Derivando dos torreões góticos adaptados à probalística com o fim de neles assentar a artilharia pesada que os muros medievais não comportavam, começam por ser simples muros baixos externos às muralhas, formando um saliente que ocultava peças de fogo dispostas em posição lateral geralmente para defesa das portas. Só mais tarde apareceram os baluartes com a forma de plataformas com terraço superior para artilharia, apresentando primeiramente planta curvilínea que evoluiu para as formas angulosas e poligonais que o uso demonstrava possuir maior eficácia na cobertura de tiro, até se fixarem no baluarte pentagonal com o ângulo voltado em espigão para o exterior. Surgiu assim o elemento essencial do princípio do flanqueamento de tiro, onde se produzia a defesa mútua através do cruzamento de fogos, em que cada ponto de um baluarte é sempre batido pelo tiro de um dos baluartes vizinhos, constituindo tal o sistema de frente abaluartada.

Foi durante os reinados dos últimos reis da dinastia de Avis e ao longo da dinastia filipina que se implantou, com base num sistema modular matemático, um autêntico estilo internacional frio e despersonalizado que obedecia a uma nova concepção estética e de funcionalidade ao serviço do absolutismo, devido também a uma vaga de engenheiros militares especializados estrangeiros. Na procura de garantir o controle efectivo e optimizado de vastas regiões sobretudo costeiras, surgem novas tipologias, como as cidadelas isoladas, as fortalezas roqueiras e as fortificações de formas perfeitas e regulares, geralmente figuras geométricas simples, formas pentagonais ou polígonos estrelados.

No séc. XVII, com a Restauração e sob o reinado de D. João IV, a defesa das fronteiras exigia a reabilitação da estrutura defensiva, apostando-se sobretudo numa visão do espaço e do território onde a morfologia, as vias de comunicação e os lugares são dados relevantes. As formas doravante assumidas pelas praças-forte dão primazia às novas modalidades de combate, onde fortalezas baixas e rodeadas de amplas explanadas condicionam a expansão e evolução da urbe.

Durante o séc. XVIII ainda se vão continuar a edificar estruturas deste género, mas a partir daí deixarão de se construir as grandes fortalezas defensivas, passando a defesa a ser feita mediante um bem estruturado sistema de pequenas unidades defensivas actuando em conjunto e valendo como um todo.

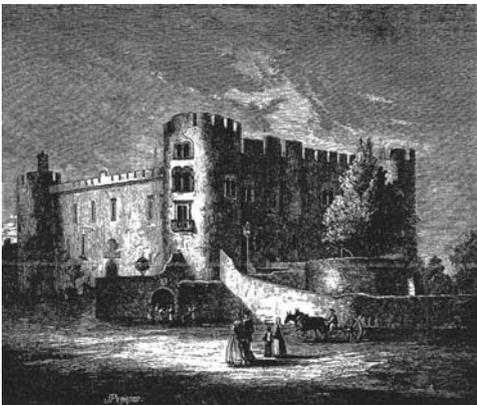


Fig. 9 - Paço acastelado do Alentejo (Arquivo Pittoresco nr14 vol9, 1866)

Importante também é a função residencial das antigas edificações militares, apresentando-se como o mais forte símbolo da sociedade feudal e da sua aristocracia guerreira. Com efeito, nos tempos da Reconquista, os grupos dominantes da sociedade senhorial, ao assumirem a guerra como única actividade dignificante, construíram para suas residências torres, que reproduziam as torres de menagem, tornando-se elementos vitais de defesa e refúgio. Estas torres eram caracterizadas por terem muralhas altas e espessas, quase sem aberturas para o exterior, normalmente apenas uma porta ao nível do segundo piso, a que se tinha acesso por escadas de madeira que eram retiradas em caso de perigo, e por seteiras. Apresentavam planta geralmente quadrada, de vários pisos com apenas uma sala e sem divisões internas.

Com o fim da Reconquista, estas torres deixam de ter as funções estratégicas anteriormente requeridas e passam a ser sobretudo habitação nobre. O mesmo sucede com as torres de menagem, que seguem um rumo análogo ao destas torres. Com a perda de utilidade defensiva, dão-se algumas alterações morfológicas, onde começam a surgir elementos de carácter meramente decorativo essencialmente góticos nas muralhas, como balcões com mata-cães, merlões, os andares divisórios começam a ser dotados de abóbadas de pedra, e rasgam-se elaboradas janelas góticas. Enfim, procura-se agora que estas

torres tenham um maior grau de conforto e beleza, próprios do seu simbolismo autoritário.

Entretanto, as torres solarengas, que não eram por si só suficientes para albergarem os novos senhores e suas cortes, começaram a ter um papel cada vez mais decorativo e simbólico, ao passo que se desenvolviam cada vez mais dependências junto delas e que pouco a pouco iam transformar e tornar mais complexa a casa senhorial. Assim, começam-se a adossar às torres alas residenciais, num esforço de criar uma nova arquitectura paçal mais consentânea com o poder das famílias nobres e com as novas preocupações manuelinas e renascentistas.

Surgem assim autênticos paços fortificados, bem como se adaptam os castelejos medievais e alcáçovas para o novo estilo cortesão, onde o seu simbolismo é dominante, adoptando-se ainda um compromisso entre o esquema medieval e o novo estilo renascentista. Adquire assim importância o ritmo das janelas nas fachadas e a sua decoração, que apresenta uma estética nova, mais rica, sumptuosa e original, com influências provenientes do contacto com outras culturas. Para além disso, começa-se a empregar o azulejo na decoração, revestindo salas e escadas, em lugar dos baixo-relevos utilizados em Itália.

A organização interna mostrava-nos uma hierarquia com uma sucessão de divisões que progride da mais pública para a mais íntima: a sala onde todos podem ser recebidos, a antecâmara, o quarto de dormir, a trespâmara e o oratório.

No séc. XVII deu-se uma grande inovação, que foi a introdução da planta em U, concebida para criar um efeito cenográfico de teatralização da fachada, estabelecendo uma continuidade espacial entre o interior e o exterior. Este esquema é rapidamente subvertido pela mentalidade portuguesa de que a arquitectura deve ser claramente estruturada em virtude do espaço interior, fechando-se a planta através de um muro onde se encontra um portão geralmente coroadado com as armas da família.

Aos poucos, as residências senhoriais deixam de ter elementos de carácter militar e o simbolismo do poder nobre far-se-á sobretudo através da imponência e monumentalidade dos solares.

3. Panorama histórico e urbano de Penedono

São antiquíssimas as terras de Penedono (*fig. 10*). Por todos os lados se depara com testemunhos de uma remota ocupação humana, cujos primórdios se perdem na névoa espessa dos tempos. Na vizinha região do rio Côa existem gravuras rupestres paleolíticas que hoje são Património Mundial; e da cultura dolménica chegaram até nós ecos significativos, como se pode comprovar na existência de antas, monumentos pétreos

Fig. 10 - Mapa de Portugal com a localização de Penedono



de finalidade religioso-funerária que os homens do Neolítico levantaram há milhares de anos por estes confins da Beira Alta. Nos cumes dos montes implantaram-se castros iberos e celtas, e também os Romanos rasgaram os seus caminhos através destas serranias ásperas em busca de riquezas, como o ouro e a prata, sobretudo após o general Scipião Emiliano ter conseguido, finalmente, submeter ao domínio de Roma os insubordinados lusitanos. Por aqui erraram os povos germânicos que provocaram a decadência do Império Romano, como os Alanos, os Vândalos, os Suevos e os Visigodos, oriundos do leste europeu. E dois séculos após estes factos, outros povos invasores, desta feita vindos do Norte de África – os muçulmanos árabes e berberes – aqui viriam fixar-se por longo tempo (*fig. 11, 12 e 13*).

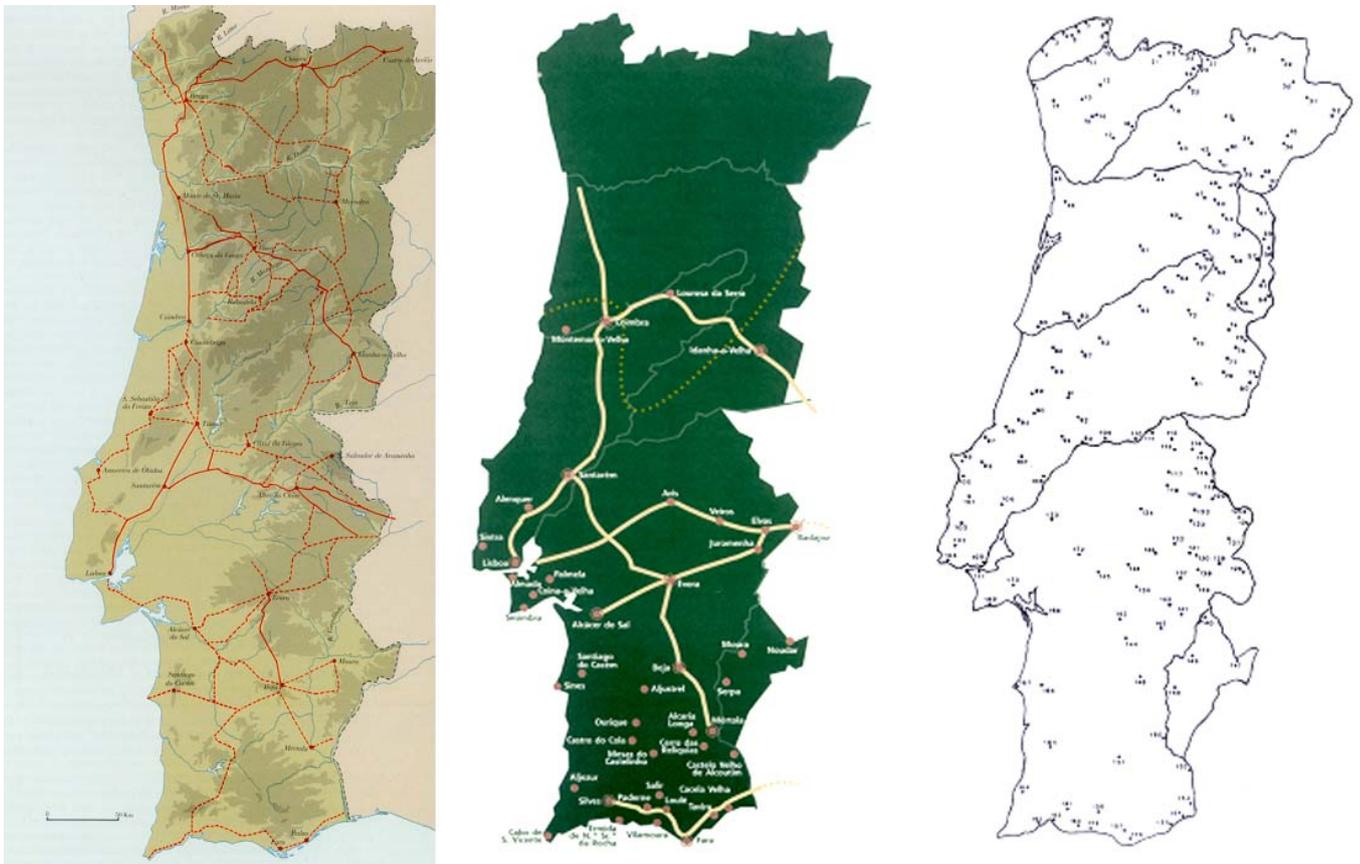


Fig. 11, 12 e 13 - Mapas de Portugal com as principais vias romanas, com as principais vias durante o domínio muçulmano, e com a localização das principais fortificações em finais da Idade Média.

O repovoamento cristão da região beirã ao sul do Douro foi principiado pelo monarca leonês Afonso III na segunda metade do século IX, sobretudo após o ano 939, quando o seu filho e sucessor, Ramiro II, venceu os muçulmanos na batalha de Simancas (*fig. 14*). Pouco tempo depois já toda essa região voltara, porém, ao poder dos muçulmanos, quando em 987 Almançúr ocupa, depois de renhidas e sangrentas lutas, todas as terras desde Coimbra a Santiago de Compostela na Galiza. Passou-se mais de um século de alternado domínio até que as conquistas de Fernando Magno, rei de Leão, após a dissolução

do califado de Córdoba, trouxeram definitiva posse cristã dessas tão longamente litigiosas terras, em meados do séc. XI³.

A Beira constitui hoje uma das regiões onde os vestígios dos antigos castelos são mais abundantes e onde se conservam alguns notáveis exemplares medievais, como parte de todo 1 esquema de apropriação do território por parte da coroa portuguesa. Naturalmente, a presença das fronteiras – o próprio nome “Beira” deriva desse facto, primeiramente com o território muçulmano e posteriormente com o espanhol, explicam esta abundância, sendo também pólos dinamizadores para o povoamento dos territórios adjacentes e símbolos de autoridade.



Fig. 14 - Mapa da Península Ibérica durante a Reconquista Cristã no séc. XII

A questão das origens de um núcleo populacional é quase sempre nebulosa e Penedono não foge à regra. Apesar da escassez de documentação relativa ao passado remoto do povoamento, é possível assegurar uma fixação neolítica na zona, de que sobrevivem vestígios até aos nossos dias. Mas seriam os celtas, os romanos e os muçulmanos que deixariam maiores

³ GIL, Júlio & CABRITA, Augusto, *Os Mais Belos Castelos de Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa, 2002, p68

marcas em toda esta região beirã, que lhes oferecia, para além de riquezas agrícolas, metais preciosos, como o ouro e a prata⁴.

No local do actual castelo terá existido um castro da Idade do Ferro (1000 a.C.), que os romanos aproveitaram como base para a sua ocupação (fig. 15). O material existente, embora tenha como base apenas achados fortuitos ou escavações científicas avulsas ou promovidas pela Câmara Municipal de Penedono, permite um conhecimento razoável da evolução e fixação dos povos no actual município, sendo no entanto natural que novas prospecções contribuam para o enriquecimento do espólio existente e, conseqüentemente, forneçam novos dados para a historiografia do concelho.

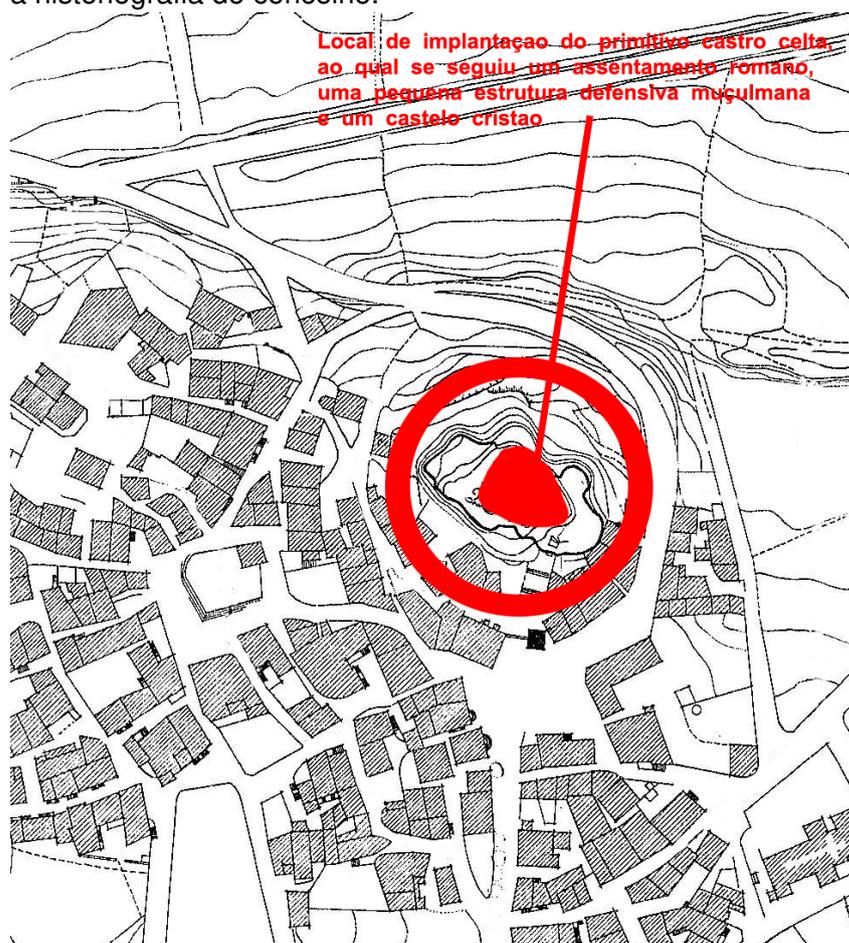


Fig. 15 - Planta da vila de Penedono, assinalando a localização do primitivo castro celta pré-romano sobre um afloramento rochoso granítico facilmente defensável, e onde se implantou mais tarde um assentamento romano, seguido de uma pequena estrutura defensiva muçulmana e de um castelo cristão

Data de 11 de Junho de 960 o primeiro documento conhecido de Penedono⁵, onde este nome é referido na forma *Pena*

⁴ CMP, "Quadro Histórico da Vila de Penedono" in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, p26

⁵ Sobre a história de Penedono, consultar: SOUSA, Júlio Rocha e, *Antiga Vila de Penedono*, Éden Gráfico S.A., Viseu, 2001, pp7-11; ALVES, Alexandre, *Penedono - Apontamentos de História e de Arte*, Câmara Municipal de Penedono, Penedono, 2000; CMP, "Quadro Histórico da Vila de Penedono" in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, pp3-6; DGEMN, "Castelo de Penedono" in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* nr.73, DGEMN, Lisboa, 1953, pp5-14

de Dono, o que quer dizer, segundo a opinião geralmente aceite, *Penha* ou *Castelo de Dono*, sendo *Dono* um nome pessoal, vulgar no séc. X. Este documento é uma carta em que D. Flá-mula, estando em acentuado estado de doença, lega em testamento o castelo de Penedono, entre muitos outros bens, a sua tia Mumadona Dias, fundadora do mosteiro de S. Salvador de Guimarães. Estas terras já as teria herdado de sua mãe, Leogúndia Dias, que as teria por sua vez recebido em doação do seu ascendente, o conde Diogo Fernandes, de proveniência ainda visigoda.

Em 1059 figura já num inventário como situado *in terram portugale*, e nos finais do século XII, pertencia a *villa de penna de domus* à coroa dos reis de Portugal. Com o intuito de incrementar o seu repovoamento e dada a sua situação próxima de fronteira, outorgou-lhe o rei português D. Sancho I, apelidado de “O Povoador”, carta de foral no ano de 1195, pela qual são concedidos aos moradores muitos privilégios.

Assim, se anteriormente ao Império Romano era evidente a existência de um pequeno povoado amuralhado (castro), é sobretudo na época tardo-romana que o clima de insegurança levou tantas cidades a edificar muralhas, bem como se assistiu a um revigoramento dos antigos castros. As contínuas razias e as frequentes invasões que afectavam quase todas as manchas da Europa Ocidental durante os séculos VIII e IX originaram grandes medos, vividos colectivamente, e provocaram deslocções de população. É então a partir de meados do séc. IX que os aldeamentos começam a organizar-se e os seus habitantes pensam em defender-se e em guardar os seus bens, construindo para isso recintos defensivos, ou construindo as suas habitações perto de estruturas defensivas existentes que permitissem a sua protecção em caso de necessidade, como sucedeu na pequena aldeia de Longroiva (*fig. 16*), vizinha de Penedono (*fig. 17*), e que nasceu e cresceu em torno de uma torre defensiva templária.

Fig. 16 - Fotografia da torre de Longroiva



Fig. 17 - Planta da vila de Penedono mostrando o local de implantação das primeiras casas em torno do afloramento rochoso sobre o qual assentava castelo predecessor do actual

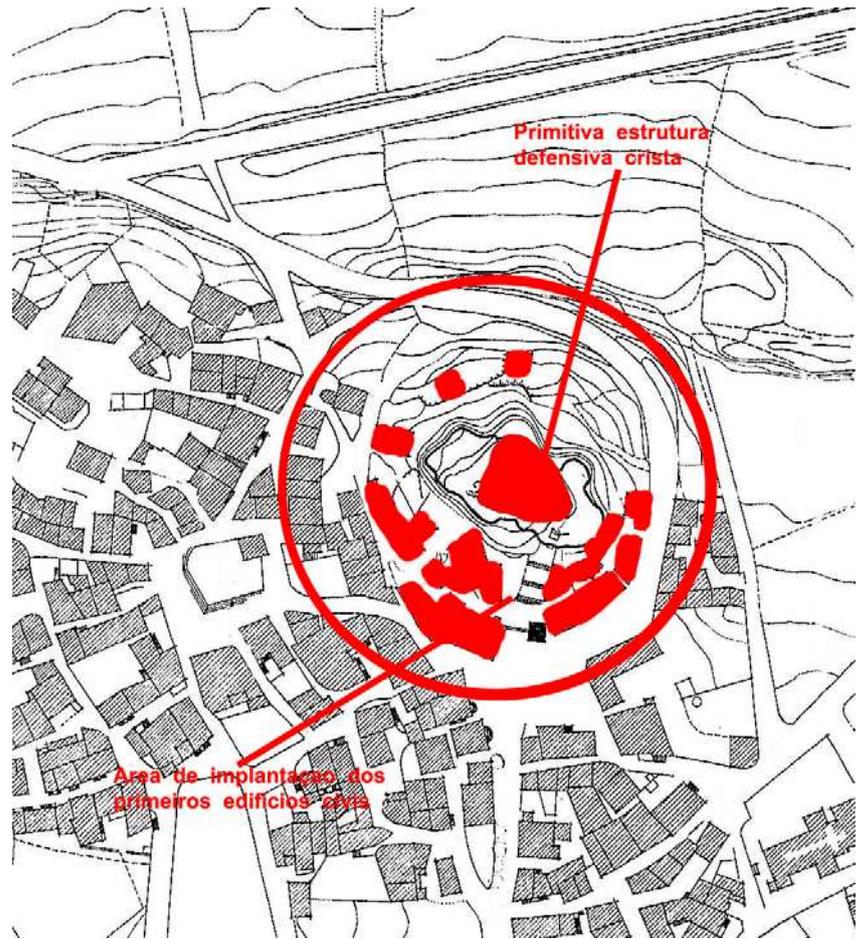


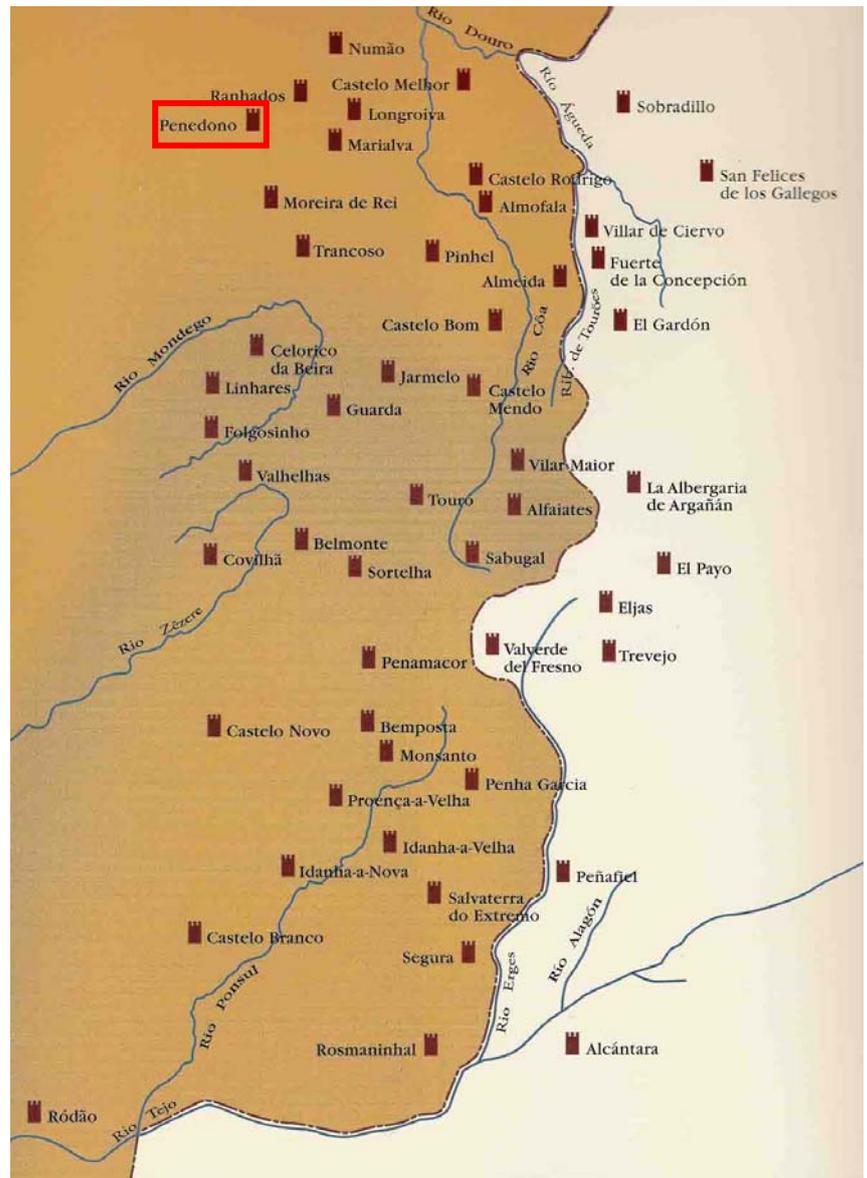
Fig. 18 e 19 – Gravuras medievais representando cercos a castelos



Assim, entre os séculos X e XII, toda a Europa Ocidental se cobriu de uma densa rede de sítios próprios para defesa, facto ao qual se vem chamando “encastelamento” (fig. 18 e 19). Como tal, os castelos em que se apoiaram a Reconquista cristã e a defesa das fronteiras do Reino contra os vizinhos espanhóis constituíram não só as bases de um sistema defensivo, mas também factores de confiança na estabilização desejada das populações que, usufruindo da tranquilidade gerada por estes edifícios, se estabeleciam nas suas redondezas, cultivavam as terras e laboravam, e tal sucedeu com Penedono, que apesar de ter uma existência bastante antiga, a sua forma de povoamento só se deu efectivamente sob o domínio cristão. Após a independência de Portugal, os territórios raianos da Beira Alta encontravam-se na primeira linha de defesa contra invasões provindas de Castela, o que condicionou a continuação da implantação das povoações no alto de colinas e protegidos por alguma construção militar. Se inicialmente esses povoados rodeavam torres defensivas, com o seu crescimento passaram a ser rodeadas por muralhas e transformaram-se em baluartes de defesa da fronteira beirã. Mais tarde, com a estabilidade das fronteiras e a diminuição das acções bélicas, as populações começaram a abandonar as elevações e foram progressivamente estabelecendo-se em zonas mais baixas, onde existia água e

terrenos de cultivo mais férteis, sendo os castelos abandonados.

Fig. 20 - Mapa dos castelos da Beira Interior



A estrutura urbana e a forma de povoamento, a tipologia da habitação, assim como os materiais de construção utilizados encontram justificação nas condições geográficas, climáticas, geológicas, agrícolas e sociais da região. Mas se as características naturais do território são importantes, a história e a sequência de acontecimentos que dela advêm é por vezes crucial para a ascensão e declínio do agregado populacional. O povoamento é, então, consequência de diversos factores, entre os quais as características naturais do território e os factos ou acontecimentos que o desencadearam no espaço e no tempo. E os povoados da Beira Interior, onde Penedono se insere, impressionam pela relação estreita que mantêm com o meio natural envolvente – rude, pedregoso e pobre –, que contribuiram para a existência de pouca densidade populacional na região,

sendo ainda os seus índices de dispersão dos povoamentos bastante baixos, visto que existe uma clara propensão para a aglomeração dos edifícios em torno de núcleos definidos. O povo, que desde os primórdios da nacionalidade se havia agremiado em concelhos e com regalias e deveres estabelecidos e garantidos em forais, ocupava e cultivava as terras do rei, da nobreza ou do clero, e as suas casas eram simples, adequadas a um viver humilde, com base na tradicional arquitectura, cujos rendimentos eram ainda completados por um artesanato familiar e um comércio de que as feiras periódicas se tornaram expoente. Os castelos em que se apoiaram a Reconquista cristã e a defesa das fronteiras do Reino contra os vizinhos espanhóis constituíram não só as bases de um sistema defensivo, mas também factores de confiança na estabilização desejada das populações que, usufruindo da tranquilidade gerada por estes edifícios, se estabeleciam nas suas redondezas (*fig. 20*), cultivavam as terras e laboravam⁶.

Penedono, enquanto aglomerado beirão, reveste-se de um interesse que resulta dos vários imóveis e espaços que contribuem para a riqueza e multiplicidade da imagem urbana, conferindo-lhe uma identidade muito própria, mas dentro das características beirãs. Fundamentais na definição do espaço e imagem urbana, os largos e espaços públicos assumem particular importância na Beira Alta e, neste caso, em Penedono. Em aglomerados pequenos, são na maioria das vezes alargamentos de ruas para enquadramento de igrejas, edifícios públicos, senhoriais ou outros de importância relevante, embora nas localidades maiores tenha existido uma necessidade de enobrecer certos edifícios desanuviando o espaço fronteiro mediante praças e largos⁷. Isso mesmo se passa em Penedono, com a praça fronteira ao castelo, ao antigo edifício dos Paços do Concelho e à antiga Casa do Senado e Casa de Correição, para além do facto de ser nesta que se encontra o pelourinho, símbolo principal de cada município enquanto tal.

A zona adjacente ao castelo é, sem dúvida, a mais antiga do povoamento de Penedono, e corresponde ao casco histórico, constituindo o conjunto de maior valor patrimonial, tanto a nível histórico como urbanístico e arquitectónico. Com desenvolvimento nitidamente orgânico – consequência directa da topografia acentuada –, assumiu configuração radio-concêntrica em torno do castelo, o seu núcleo de origem (*fig. 21*). As diversas construções de carácter civil foram-se erguendo onde e conforme se podiam, adaptando-se ao parcelamento das propriedades, às condições orográficas, aos acidentes naturais e à quali-

⁶ AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de & GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992

⁷ AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004

dade dos terrenos, deixando livres os caminhos comuns sinuosos (calçetados com pedra miúda, com lajetas ou simplesmente de terra batida) e alguns quintais anexos às casas.

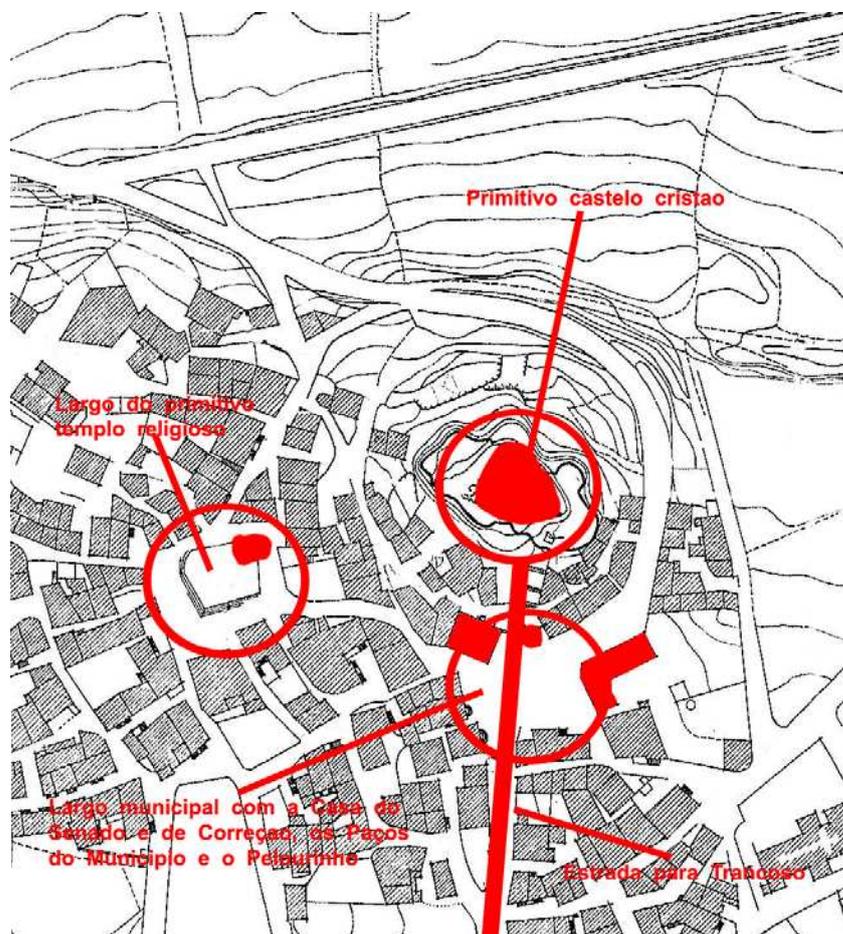


Fig. 21 - Planta da vila de Penedono, assinalando a localização dos 3 pólos principais de desenvolvimento da vila (castelo – poder feudal, primitiva igreja – poder religioso, e largo municipal – poder municipal), e a estrada para Trancoso, a mais importante localidade da região

Assim, aos primitivos edifícios que se situavam nas imediações do primitivo castelo, juntaram-se outros à medida que a povoação se foi desenvolvendo, fruto da estabilização do território raiano. Ao castelo, símbolo do poderio feudal, contrapôs a pequena povoação com o largo municipal onde se situavam o edifício dos Paços do Concelho e a Casa do Senado e de Correção, bem como o pelourinho, símbolos da independência da pequena vila que apenas respondia administrativamente frente ao rei (*fig. 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28*). O terceiro foco de poder era o religioso, e foi precisamente a alguma distância que se implantou o primitivo templo religioso, criando um largo próprio para as festividades religiosas, num tempo de ardente religiosidade.



Fig. 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28 - Antigo edifício dos Paços do Concelho, antiga Casa do Senado e de Correção e pelourinho, rua principal de acesso ao castelo e ao largo do município (estrada para Trancoso, eixo estruturante da vila), e casas da zona imediatamente envolvente ao castelo, apresentando uma variação orgânica adaptada às condicionantes locais

O desenvolvimento da vila deu-se, neste segundo momento, em torno dos 2 largos que haviam sido criados, deixando o primitivo castelo de ser o centro da povoação para passar a ser um dos seus vértices, apesar de continuar a assumir uma posi-

ção de preponderância. Tal como sempre foi prática corrente no território lusitano, as povoações desenvolveram-se sempre nas encostas orientadas para nascente, sul e poente, bastante mais soalheiras e evitando a inclemência agreste dos fortes ventos, chuva e pouca insolação das encostas viradas a poente. Importa também referir a criação de um eixo fundamental na vila, completamente recto, de nível e de grande dimensão em contraposição à organicidade, sinuosidade e pequena dimensão das demais ruas; com efeito, este eixo diz respeito à estrada que liga Penedono à mais importante povoação da região, Trancoso, e que deste modo se assume como importante eixo estruturante, semelhante à “rua direita” que a maior parte das povoações com castelo possui e que correspondia à rua mais directa da entrada da vila para o recinto defensivo.

Esta terra de Penedono estava ligada estreitamente à Casa de Marialva no segundo quartel do séc. XVI, transitando o seu padroado para o infante D. Luís, pai do malgrado D. António, prior do Crato. Rezam a tradição e as crónicas, que em Penedono teve berço Álvaro Gonçalves Coutinho, o insigne “Magriço”⁸, valente guerreiro português passado à imortalidade por Luiz Vaz de Camões no canto VI (estrofes 42 a 69) de “Os Lusíadas”, quando descreve e enaltece epicamente o seu protagonismo exemplar de valentia e cavalheirismo na façanha ímpar cometida à frente dos denominados “Doze de Inglaterra”, na longínqua loira *Albion* (Inglaterra). E os seus feitos, misto de galanteria e bravura, reconhecidos e aclamados até pela nata da nobreza europeia coeva, tiveram continuidade na Flandres e reconfirmação no país natal, realçando mais e mais o vinco da sua personalidade, que saltou da História para a lenda e desta para o mito.

O “Magriço” é filho de Gonçalo Vaz Coutinho (*fig. 29*), marchal do Reino, fronteiro da comarca da Beira, alcaide de Trancoso, Lamego e outros lugares, herói da batalha de Trancoso. Tomou parte na conquista de Ceuta, e na corte, desempenhou o elevado cargo de copeiro-mor da rainha D. Filipe de Lencastre. Em 1408, D. João I, fez-lhe a doação da vila de Penedono. Do seu casamento com D. Leonor Dias Gonçalves de Azevedo nasceu então, entre outros filhos, Álvaro Gonçalves Coutinho.

Os feitos do “Magriço” não são domínio da imaginação popular, podendo ser atestados por um documento existente na Torre do Tombo, uma carta datada de 26 de Dezembro de 1411 em que D. João, duque da Borgonha e conde da Flandres, re-

⁸ Sobre a vida do “Magriço”, consultar: SOUSA, Júlio Rocha e, *Antiga Vila de Penedono*, Éden Gráfico S.A., Viseu, 2001, pp55-60; CMP, “Quadro Histórico da Vila de Penedono” in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, pp5-6; DGEMN, “Castelo de Penedono” in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* nr.73, DGEMN, Lisboa, 1953, pp8-12

conhece os grandes serviços a si prestados por Álvaro Gonçalves Coutinho e, em agradecimento, concede privilégios aos portugueses na Flandres:

«(...) Consta que, nos finais do século XIV, doze damas inglesas, tendo sido injuriadas por palavras proferidas por outros tantos cavaleiros também ingleses, apresentaram queixas ao Duque de Lancaster, pedindo-lhe que, pelas armas, assumisse a defesa da honra ofendida. O Duque, não querendo afrontar directamente esses cavaleiros para não agravar um problema interno, logo se lembra de doze cavaleiros portugueses que conhecera ao lado do rei português – seu genro –, quando em Portugal combatera as tropas de Castela. Cartas são enviadas pelas damas e pelo Duque a cada um dos cavaleiros portugueses e a D. João I, que autoriza a expedição a Inglaterra onde, em torneio, os portugueses se bateriam contra os ingleses.

É aparelhado um navio que parte da cidade do Porto, levando todos os cavaleiros excepto o “Magriço”, que comunica aos seus colegas de armas que prefere fazer a viagem por via terrestre, a fim de saciar a curiosidade que tem de conhecer novas terras e novas gentes. Esta viagem será difícil e demorada, tanto mais que o “Magriço” aproveita para ir visitando os lugares importantes por onde passa, em Espanha, França e Flandres. Entretanto, chegados a Inglaterra, os onze portugueses preparam-se para o torneio, mas do “Magriço” não havia nem notícias, para grande desgosto da dama que ele iria defender. No preciso momento que iam iniciar o combate eis que, com grande reboliço, o “Magriço” entra em campo, pon-do-se ao lado dos seus companheiros. O confronto é breve e cruel, com alguns ingleses mortos e outros postos fora de combate. Após a batalha, aos portugueses resta celebrar a vitória e receber as homenagens das damas desagradadas, antes de regressarem a Portugal. O “Magriço”, depois uns tempos ao serviço do Conde de Flandres, e de ter frequentado a corte da Borgonha, regressou a Portugal, vindo a constituir família e a viver no Porto. (...)»⁹



Fig. 29 - Álvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço

Como símbolo do seu poder, foi erigido em finais do séc. XV, no local do antigo castelo, um novo paço acastelado, residência dos Marialva, e a esse facto acresceu um novo desenvolvimento da vila, com a construção de uma nova igreja matriz que se tornou outro pólo de expansão da vila que, ainda assim, manteve o seu crescimento orgânico. Foi somente no séc. XVIII, após o abandono do paço acastelado – já não oferecia condições de habitabilidade exigidas com as novas realidades – e com a construção do solar barroco dos Freixos em terrenos a sul da povoação (família que sucedeu em importância aos Marialva, que entretanto se haviam mudado para Lisboa, para mais perto da corte real) que se criou o último grande pólo de expan-

⁹ CMP, “Quadro Histórico da Vila de Penedono” in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, pp5-6

são, o qual acentuou ainda mais o eixo estruturante da estrada para Trancoso. Esta nova expansão introduziu um tipo de urbanismo mais regular e menos acanhado, fruto dos novos ensinamentos urbanísticos entretanto desenvolvidos e da topografia de terreno, menos acidentada (fig. 30 e 31).

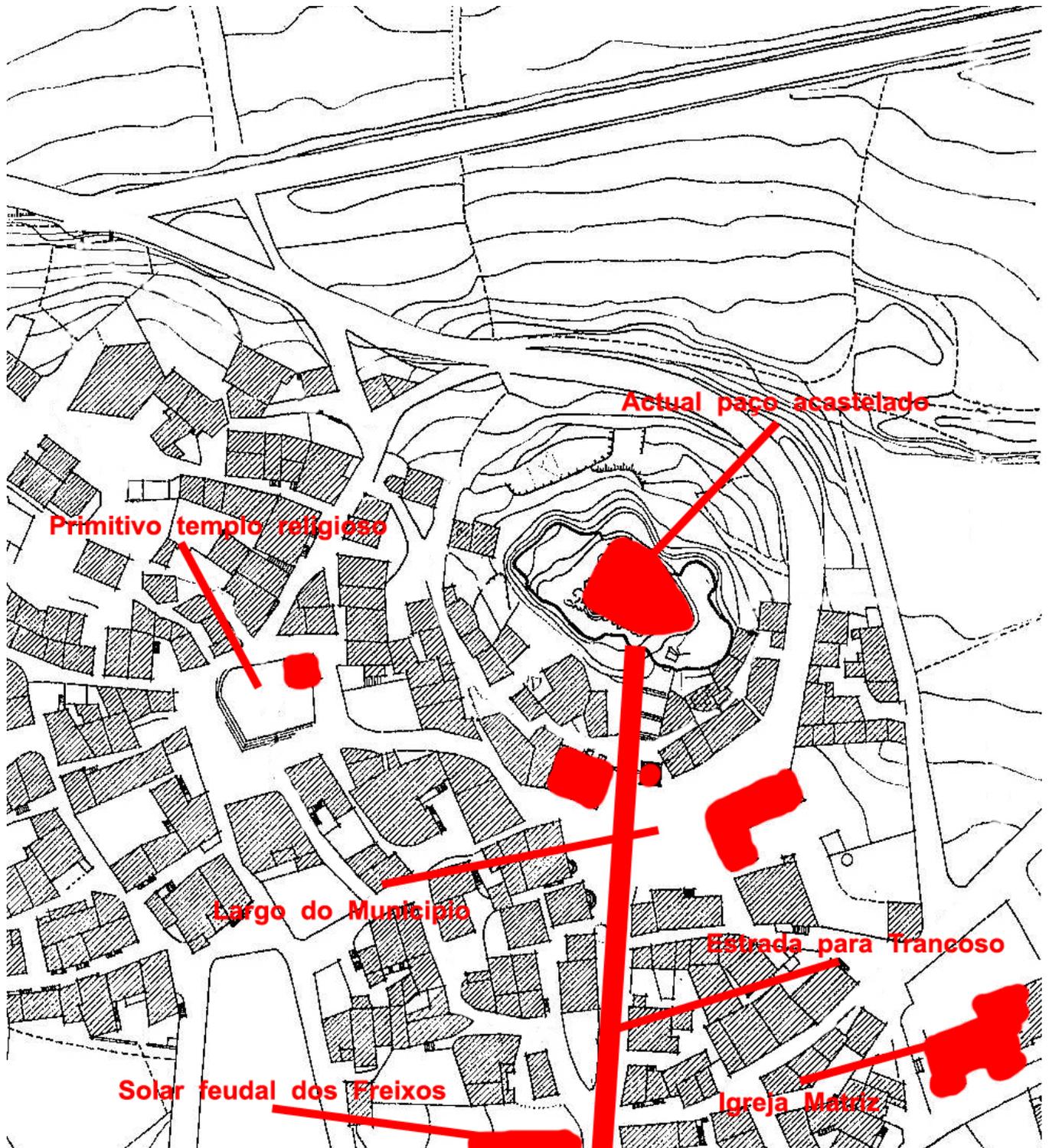


Fig. 30 - Planta da vila com os 5 pólos de expansão ao longo dos tempos (castelo, largo municipal, primitivo templo cristão, nova igreja matriz e solar dos Freixos), para além do eixo estruturante constituído pela estrada que liga a Trancoso



Fig. 31 - Vista aérea da vila de Penedono, sendo possível perscrutar o castelo situado no topo do afloramento rochoso, o largo municipal frente à entrada do castelo com os edifícios dos Paços do Concelho, a Casa do Senado e de Correição e o pelourinho. Um pouco acima do castelo pode-se vislumbrar o largo onde se situava o primitivo templo cristão e que foi um polarizador para o desenvolvimento da povoação naquela zona. verifica-se ainda a organicidade urbana da vila (sinuosa e com ruas estreitas), adaptada às condições locais, nomeadamente topográficas e climáticas (prevalência do desenvolvimento nas encostas nascente, sul e poente, em detrimento da encosta norte). Apesar do castelo ter deixado de ser o foco central da povoação, pode-se verificar, ainda assim, a sua posição proeminente.

Actualmente, a expansão da vila para sul continua, mas desta feita segundo parâmetros regulares modernos; além disso, foi criado nos anos 80 do séc. XX um novo bairro residencial situado a noroeste do castelo, afastado da vila e cujo plano urbanístico não faz qualquer menção às pré-existências. Penedono é sede do concelho homónimo, situado a nordeste do Distrito de Viseu, Beira Alta. Mantém relativamente inalterado o perfil medievo do seu centro histórico, já que as obras de restauro e edificações procuram respeitar o traço arquitectónico e o material granítico da região, nele se integrando de forma coerente e harmoniosa, segundo um Plano de Pormenor elaborado neste âmbito pela Câmara Municipal de Penedono, e que tem produzido excelentes resultados que se destacam imediatamente à vista. Para além do castelo, Penedono exhibe ainda como

Património seculares igrejas e capelas recheadas de arte sacra, a que se junta o austero e majestoso Solar dos Freixos, há poucos anos recuperado para acolher, condigna e funcionalmente, os Paços do Concelho e outros serviços da administração pública central e local (*fig. 32*).

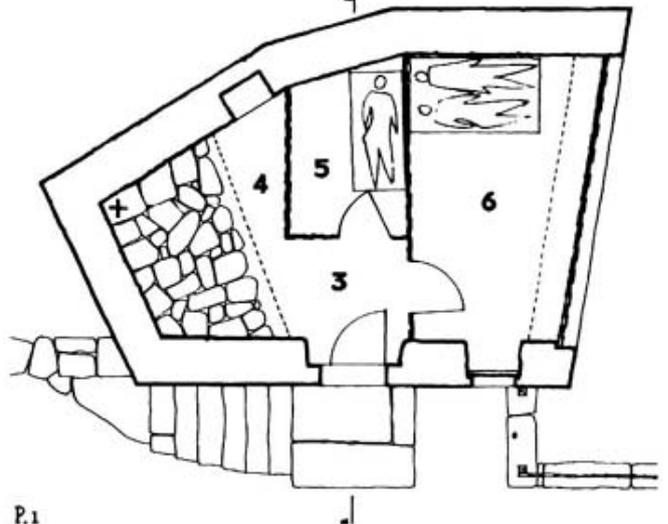
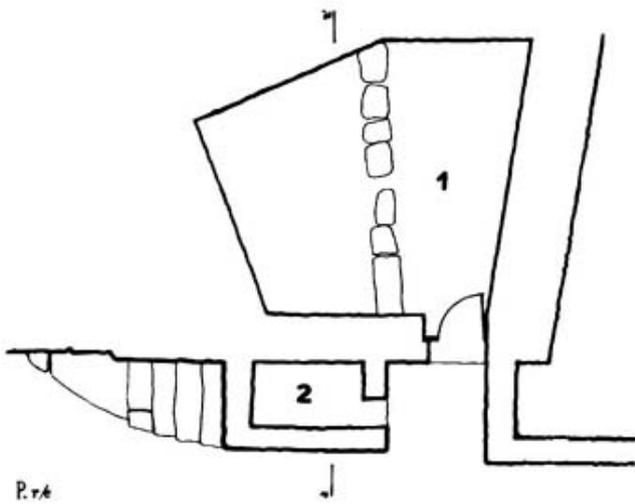
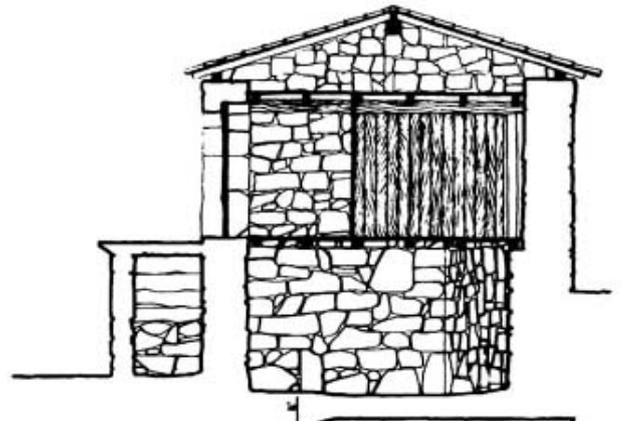
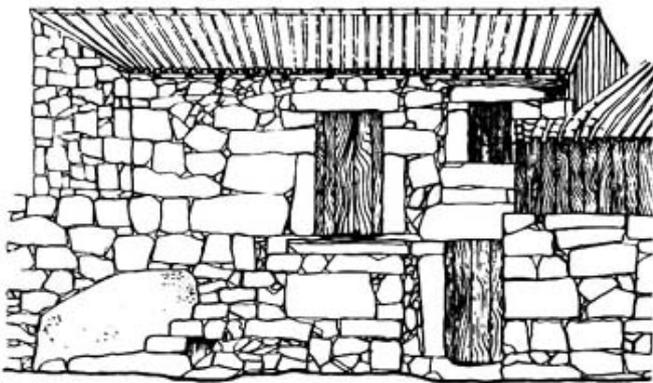


Fig. 32 - Vista de Penedono

Segundo o estudo efectuado em *Arquitectura Popular em Portugal*¹⁰, a tipologia arquitectónica utilizada na arquitectura popular mais antiga – e de que restam poucos exemplares na envolvente – corresponde à casa tradicional da Beira Alta, onde predominam os 2 pisos com acesso exterior à habitação (no piso sobradado), ficando em baixo as *lojas*, que abrigam os animais e servem de arrumos para a lenha e ferramentas, existindo frequentemente pequenos pátios e quintais anexos às casas por onde as *lojas* se estendem (*fig. 33 e 34*). No piso superior, a habitação é, de um modo geral, escura e desconfortável, encontram-se frequentemente divididas em sala comum com lareira num recanto (fulcro da habitação, onde se aquecem os corpos no gélido Inverno, se convive, se fumam as carnes e que era simultaneamente onde se cozinhava), e 1 ou 2 alcovas (quartos) com o espaço indispensável para a localização de uma cama. Nestes edifícios, as paredes dominam sobre os vãos, expressando sobriedade e privilegiando a horizontalidade, e a luz é coada por diminutas aberturas o que, aliado à geral inexistência de chaminés, torna os interiores desagradáveis, escuros e algo insalubres (*fig. 35*).

¹⁰ AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004

Fig. 33 e 34 - 2 casas populares na envolvente do castelo



P.ré

P.1

- 1 — «LOJAS» (ARRECADAÇÕES)
- 2 — CURRAL
- 3 — ENTRADA
- 4 — COZINHA
- 5 — ALCOVA
- 6 — QUARTO

Fig. 35 - Casa tradicional de 2 pisos da Beira Alta

No exterior, as escadas culminam numa varanda ou balcão que pode ou não ser alpendrado, e a existência destas varandas – preferencialmente viradas a sudoeste – é uma das características da casa beirã, procurando a maior exposição possível ao sol como defesa contra o frio, e participa activamente na constituição das casas, integrando nela diversas funções como a secagem da roupa, de frutos e lugar de convívio. Estas varandas são, regra geral, o prolongamento dos telhados, ficando o seu acabamento em telha vã. Nas casas de 1 só piso – mais antigas ainda e, conseqüentemente, mais degradadas –, a distribuição é semelhante, mas a loja encontra-se ao lado da parte habitacional (*fig. 36*). Contudo, actualmente em Penedono estas casas de carácter popular vão sendo cada vez mais raras, uma vez que este núcleo junto ao castelo foi alvo de diversas intervenções nas últimas décadas, encontrando-se muito descaracterizado. Para esta situação também contribuiu o facto de as paredes, que antes eram geralmente de granito à vista, terem sido progressivamente rebocadas e pintadas com rebocos de cimento Portland e tintas plásticas, tendo-se também procedido à introdução de materiais nada tradicionais, como por exemplo o alumínio ou o pvc¹¹.

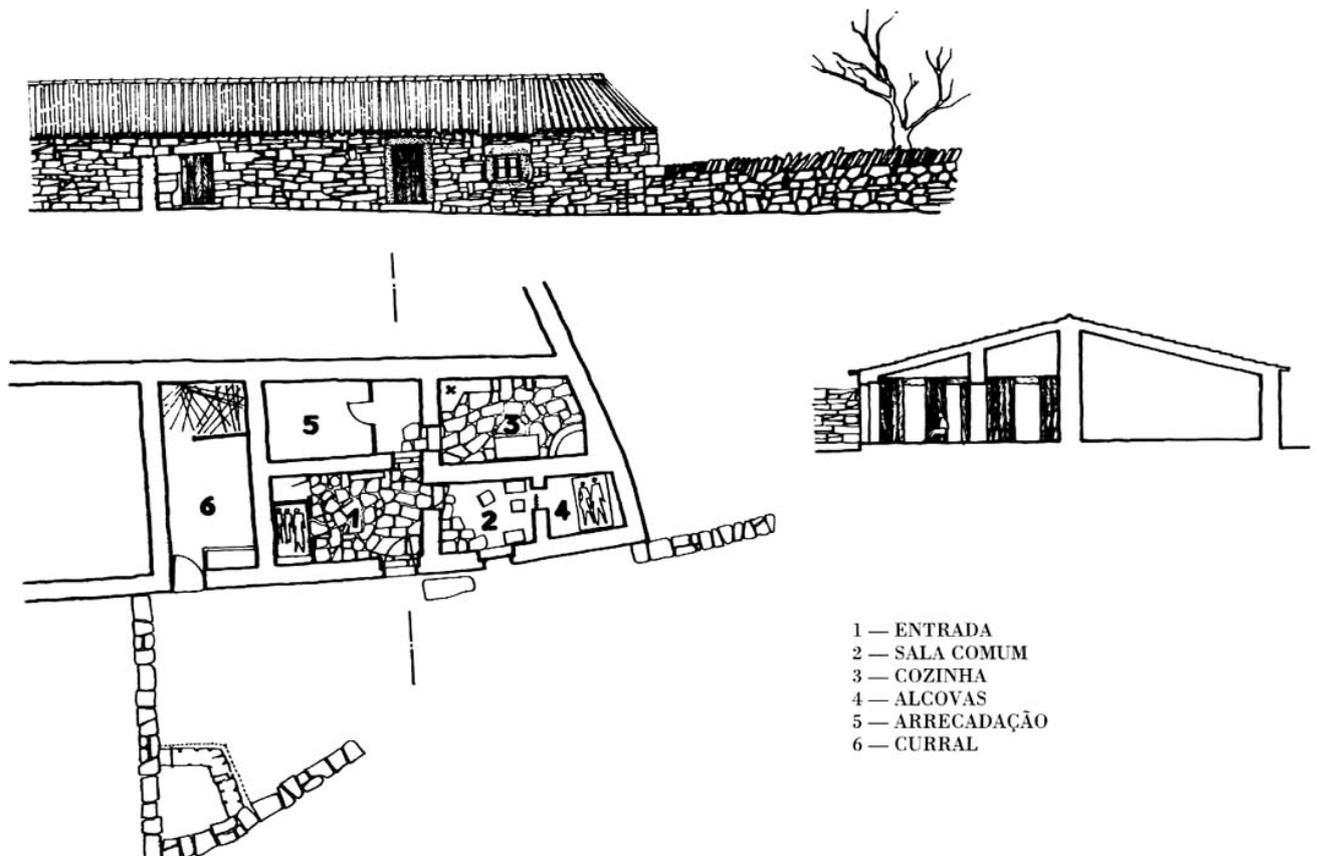


Fig. 36 - Casa tradicional de 1 piso da Beira Alta

¹¹ CMP, "Tipologia Arquitectónica" in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, pp48-50



Fig. 37 - Brasão com as armas reais de D. João V

Os edifícios de carácter mais erudito utilizam o mesmo tipo de materiais dos edifícios populares tradicionais, melhorando contudo o traçado do edifício (fig. 38 e 39). Apresentam uma volumetria maior e boas estereotomias, recorrendo por vezes a elementos nobres da arquitectura, como as cornija, cantarias, elementos escultóricos e brasões (fig. 37), embora em Penedono – e, neste caso, na área estudada – os exemplares sejam escassos. No largo fronteiro ao castelo existem 2 exemplares deste tipo de edifício, a antiga Casa do Senado e Casa de Correição (com as armas reais de D. João V), e o antigo edifício dos Paços do Concelho (com portais de arco quebrado e ameias no corpo central).

Existem alguns edifícios de construção mais recente na área estudada, que utilizam elementos dissonantes e que, por vezes, são inestéticos devido à forma, volumetria e elementos construtivos utilizados, totalmente desenquadrados da realidade local. Nestes exemplares, os materiais utilizados são a alvenaria de tijolo cerâmico rebocada com cimento Portland e pintada com tintas plásticas (por vezes em cores berrantes), as caixilharias de alumínio ou pvc, e o sistema construtivo adoptado rege-se segundo uma estrutura de betão armado.



Fig. 38 e 39 - Igreja matriz de Penedono, Solar dos Freixos

4. Histórico e descrição do castelo

Assente num cabeço rochoso, o castelo de Penedono domina senhorialmente o velho casario que o envolve e que se acolheu reverentemente sob protecção das suas muralhas (fig. 40), adornando teatralmente e de modo cenográfico a paisagem em redor¹². O edifício, classificado como monumento nacional

¹² GOMES, Rita Costa, *Castelos da Raia* (vol.1 Beira), IPPAR, Lisboa, 2002; GIL, Júlio & CABRITA, Augusto, *Os Mais Belos Castelos de Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa, 2002; SOUSA, Júlio Rocha e, *Cas-*

(Decreto-Lei de 16 de Junho de 1910) – é actualmente propriedade pública estatal com afectação à Câmara Municipal de Penedono –, ergue-se a 115 m de altitude, num monte pedregoso de afloramentos graníticos ciclópicos e numa zona de grande interesse paisagístico, em plena serra de Serigo, dominando em redor um vastíssimo panorama apenas limitado, ao longe, pelos mais elevados relevos das Beiras e de Além - Douro e das terras castelhanas do antigo reino Leão (hoje Espanha). Possui um enquadramento urbano, embora destacado e isolado, estendendo-se o aglomerado urbano nas encostas para Sul e Ocidente.



Fig. 40 - Vista aérea do castelo de Penedono

O castelo de Penedono é, na sua forma actual, um magnífico exemplar de castelo residencial ou paço acastelado, sendo um espécime único entre os castelos beirões. O edifício nada terá em comum com o primitivo castelo mencionado nos documentos do séc. X, sendo a sua feição essencialmente quinhentista. Foi sob a influência do conde de Marialva, D. Francisco Vaz Coutinho, que ao acompanhar o rei português D. Afonso V nas suas incursões em Castela durante o séc. XV e que terá estado em contacto com algumas residências senhoriais que então se edificavam no reino vizinho, que foi edificado este castelo no lugar do anteriormente existente, situando-se na corrente experimentalista de adaptação às novas condicionantes que então se começavam a desenhar por toda a Europa, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

telo de Penedono, Éden Gráfico S.A., Viseu, 2001; DGEMN, "Castelo de Penedono" in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* nr.73, DGEMN, Lisboa, 1953



Fig. 41, 42 e 43 - Vistas do castelo de Penedono

Desde a Idade Média que se construíam paços acastelados em Portugal, os quais eram, sobretudo, edifícios senhoriais de habitação que utilizavam uma linguagem própria da arquitectura militar, como o sejam o coroamento dos edifícios com merlões, a existência de torres e o aspecto robusto e sólido a nível exterior dos edifícios, não esquecendo também a própria implantação que, à imagem dos conjuntos militares, ocupava posições privilegiadas de defesa¹³. Mesmo durante a Idade Moderna e em pleno período barroco, existiu a persistência de elementos evocativos da arquitectura militar em alguns edifícios de habitação nobre, principalmente no norte de Portugal, como o sejam a utilização de merlões ou a existência de volumes que remetem para a torre defensiva (*fig. 41, 42 e 43*). Estes edifícios apresentam, na sua maioria, uma volumetria rígida com poucos volumes articulados que tornam os edifícios monolíticos. São exemplares os vulgarmente designados castelos do Alvito e de Porto de Mós, mas também os paços dos castelos de Leiria, de Ourém, de Montemor-o-Novo, de Sta. Maria da Feira e de Évoramonte, podendo ainda ser referidos como exemplos os paços de Flor da Rosa no Crato, dos Arcebispos de Braga e dos Duques de Bragança em Guimarães.

No período do momento de fundação do paço acastelado de Penedono, mais do que um significado de segurança e protecção para a vila de Penedono que o edifício pudesse promo-

¹³ Sobre arquitectura militar medieval em Portugal, consultar: GOMES, Rita Costa, *Castelos da Raia* 3vols. (vol.1 Beira; vol.2II Trás-os-Montes), IPPAR, Lisboa, 2002/03; MONTEIRO, João Gouveia, *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média: presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Edições Colibri / FLUC, Lisboa, 1999; BARROCA, Mário J., “Castelos Medievais Portugueses - Origens e Evolução (Séc. IX-XIV)” in *La Fortaleza Medieval: Realidad y Simbolo*, Alicante, 1998; AAVV, dir. de Paulo Pereira, *História da Arte Portuguesa* 3 vols., Circulo de Leitores e Autores, Lisboa, 1995; BARROCA, Mário J., “Os castelos” in *Nos Confins da Idade Média* (Catálogo da Exposição – dir. de FONSECA, Luís Adão da), Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, 1992; MONTEIRO, João Gouveia, “A arte militar em Portugal nos finais da Idade Média: estrutura de uma investigação” in *Colóquio Panorama e Perspectivas Actuais da História Militar em Portugal* (Actas), Comissão Portuguesa de História Militar, Lisboa, 1991; AAVV, dir. de Rafael Moreira, *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989

ver, este representava sobretudo uma simbólica ligada do poder da Casa de Marialva. Com efeito, a vila já estava consolidada em torno do edifício antecedente ao paço acastelado, e as necessidades defensivas já não eram tão prementes como nos tempos anteriores. Prova da importância que a povoação havia adquirido é precisamente a carta de foral que nos primórdios da nacionalidade portuguesa foi concedida à vila, que desse modo adquirira a sua própria gestão municipal, apenas dependente directamente do rei e sem estar submetida a senhores feudais.

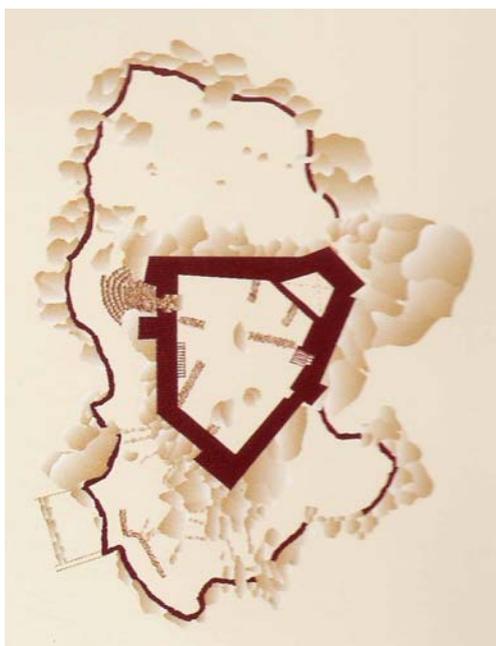


Fig. 44 - Planta do castelo de Penedono

Contudo, a edificação do paço acastelado teve certamente um impacto profundo na vila, não só por a dotar de um edifício magnífico do qual a população se orgulharia e que exibia sobre as povoações vizinhas, como a fixação da residência em Penedono por parte de uma família tão ilustre quanto a Casa de Marialva deu prestígio à vila: com efeito, apesar da povoação não estar submetida ao poder desses novos senhores, a influência que estes exerciam a nível nacional teria beneficiado a própria vila. O novo paço acastelado era assim o edifício mais importante de Penedono, e o seu significado para a povoação era enorme, até pelas conotações defensivas que o caracterizam e que remetem para o castelo anteriormente existente que foi a grande razão da vila existir.

Após a perda da sua utilidade funcional, a grande maioria dos castelos medievais chegou ao séc. XIX muito degradada, ao tornarem-se um conjunto de pedras aparelhadas que constituíam um depósito de valiosas peças de construção disponíveis, e o paço acastelado de Penedono não constituiu uma excepção, tendo-se degradado irremediavelmente, onde o interior desapareceu e apenas as muralhas exteriores se mantiveram relativamente conservadas (*fig. 44*).

Foi então, neste contexto de destruição do património arquitectónico português, que Alexandre Herculano, célebre romancista e historiador português, proferiu em 1838 as palavras transcritas em “O Castelo de Faria” (revista ilustrada *O Panorama*) lamentando o abandono a que eram votados os castelos medievais em Portugal, apesar das glórias históricas de que em tempos foram protagonistas e que haviam sido progressivamente extintas da memória portuguesa: «(...) *Este antigo castelo tinha recordações de glória. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos delas. Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heróicos feitos de corações portugueses (...)*».

Assim, durante o séc. XIX foi criada e divulgada em Portugal, sobretudo por intermédio da imprensa periódica ilustrada, uma relativamente extensa iconografia que, frequentemente, se centrava (ou incluía num plano secundário cenográfico) castelos medievais, a qual terá contribuído para modelar uma imagem, relativamente aos castelos, no seio da sociedade portuguesa –

substituiu-se, em certa medida, a “imagem do real” pela “imagem da imagem”, isto é, mais do que ser apenas a imagem do edifício em si, criou-se uma imagem mental que o edifício transmitia e que poderia não coincidir necessariamente com a realidade (neste caso, por exemplo, a imagem do castelo medieval enquanto símbolo da formação de Portugal poderia chocar com o edifício extremamente arruinado que, por si só, apresentava apenas a ruína).

O castelo medieval tornou-se, a partir do séc. XIX, uma referência fundamental na mitologia medieval romântica, ao introduzir a reminiscência lendária, a evocação da coragem heróica e nobreza de sentimentos, e a épica medieval, tendo-se convertido, de certo modo, num “guardião do povo, do seu território e do seu espírito”. Como afirma João Medina, «(...) o Castelo é, portanto, a ordem tradicional, o Passado, o “bom velho tempo” da “*pax ruris*” medievá, a Ucrónia medievá, o saudosismo neo-medievalista de muitos intelectuais (...)», e em Portugal começou, aos poucos, a ser considerado um testemunho do nascimento da pátria que era necessário transmitir às gerações vindouras. Além disso, ideias de descentralização do poder e defesa do municipalismo produziram progressivamente uma crescente afirmação regional e concelhia, que encontraram nos monumentos locais uma expressão de afirmação, destacando-se os castelos medievais¹⁴.

Se desde a Idade Média o castelo foi um elemento preponderante na literatura medieval, sobretudo nos romances de cavalaria, também surgiu como um símbolo em alegorias, prendendo a atenção dos leitores e evitando a abstracção doutrinal, constituindo desse modo um instrumento de pedagogia. O que sucedeu então no séc. XIX foi uma reinterpretação deste costume ancestral, no qual ocorreu um processo descrito por Pierre Francastel e que consiste em fazer passar um objecto concreto assente em tradições inabaláveis, para outras que não lhe eram imediatamente associáveis, sem contudo negar a sua identidade primitiva; esta identidade serve como ponto de partida para estabelecer relações afectivas e sensoriais entre o objecto em questão (o castelo medieval) e os destinatários de tal manipulação (o povo). O que apelidamos de “símbolo” – neste caso, o castelo medieval – passou a possuir conotações específicas para além do seu significado corrente e óbvio, representando algo mais vago que se materializou nesse objecto, o qual adquiriu uma vertente inconsciente ampla que não se define com precisão (é sobretudo um conceito assente num termo simbólico).

Somente após a implantação do regime liberal em Portugal (1834) se deu o impulso para o reconhecimento e preserva-

¹⁴ SANTOS, Joaquim Rodrigues, «*Este antigo castelo tinha recordações de glória...*» - *A Imagem do castelo medieval na imprensa periódica ilustrada em Portugal no séc. XIX*, dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 1996

ção deste património arquitectónico, sobretudo dos monumentos considerados essenciais para a herança histórica nacional, entre os quais se encontravam os castelos medievais. Jacques Le Goff afirma que «(...) o que sobrevive [na memória] não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efectuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (...)»

Apesar deste sentimento que começava paulatinamente a grassar pelo país fora, Penedono ficou relativamente à margem desse processo pelo facto de se situar longe das principais vias de comunicação, numa situação de semi-isolamento que, em tempo de guerra, era um factor positivo mas que depois se constituiu num entrave para o desenvolvimento da vila, depois da pacificação do território português. Ainda assim, assistiu-se a um tímido nascimento desse sentimento de respeito para com o velho paço acastelado, o qual, depois de abandonado pelos antigos senhores, foi usado para a instalação, na varanda sobre a entrada do edifício, do sino da vila. Na prática, o paço acastelado, apesar de arruinado, ainda inspirava admiração por parte da população de Penedono, e figurava cenograficamente como um elemento preponderante, bem ao gosto romântico oitocentista.

A partir de 1929, ano da criação da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), as intervenções nos edifícios patrimoniais intensificaram-se, fruto de uma política que exaltava os momentos grandiosos da história nacional – no seguimento, aliás, do que vinha sendo feito anteriormente. Para autenticar esses momentos, promoveu-se uma campanha de intervenções nos monumentos que comprovavam essa glória passada, destacando-se naturalmente os castelos medievais. Pautando-se por critérios de validação histórica que visavam a reintegração do edifício mediante o retorno ao que se considerava ser a sua traça primitiva, as intervenções possibilitaram a invenção de partes dos castelos – senão dos castelos por inteiro. Num dos textos mais importantes da concepção nacionalista em arte, Reinaldo dos Santos escreveu: «(...) a criação dos dois elementos fundamentais da civilização portuguesa – a língua literária e a língua plástica – ambas românicas, e enchendo logo com a sua expansão todo o séc. XII, são factores essenciais da formação da nacionalidade, sobretudo da sua personalidade espiritual, e que encerram em si próprios um dos segredos da independência decisiva. A cada passo, a caminho do Sul, Portugal levantava um Castelo, construía uma Igreja e cantava uma trova; mas destes elementos de formação da sua personalidade, o mais efémero foi talvez o Castelo! Foi a força espiritual da Arte e da Língua, da Igreja Românica e do “cantar

de amigo” que deram continuidade e logo raízes de originalidade à vida e ao pensamento nacionais (...)».

Quando a DGEMN iniciou nos anos 40 do séc. XX as obras de restauração impostas pela necessidade de obstar à sua ruína, o paço acastelado não havia perdido a sua robustez, ainda que todo o seu miolo houvesse desaparecido devido à inclemência dos séculos e dos homens. Vista de relance e exteriormente, antes da intervenção apenas o coroamento de ameias acusava o desgaste do tempo, tendo muitas delas tombado. Mas mesmo os paramentos exigiam reparações de consolidação, e a vegetação que entretanto invadira o edifício e a envolvente próxima tornara-se um elemento destrutivo. Também a barbacã sofrera uma forte erosão e estava num estado calamitoso, o qual urgia reparar, assim como os acessos ao castelo. Em redor do castelo, foram erguidas ao longo dos tempos diversas construções de populares, apropriando-se de partes do edifício e que urgia demolir de modo a desafrontar o nobre monumento, seguindo as teorias puristas da época.

A justificação da proposta para uma intervenção no edifício material, deveu-se sobretudo ao seu valor imaterial para a memória cultural desta região e de todo o país: a imagem de D. Afonso Henriques erguendo a sua espada e tendo como pano de fundo o castelo de Guimarães está profundamente enraizada na mente de muitos portugueses e demonstra a importância atribuída aos castelos no imaginário nacional, como um dos seus grandes símbolos (*fig. 45*). O regime fascista que então imperava em Portugal, de cariz nacionalista, promoveu campanhas de intervenções em monumentos considerados essenciais para a herança histórica nacional, entre os quais o paço acastelado de Penedono – classificado após a implantação da República como monumento nacional (Decreto-Lei de 16 de Junho de 1910) – que, apesar de não ter sido um edifício considerado importante para a história de Portugal, foi elevado a esse patamar devido ao seu perfil volumétrico único, bastante evocativo, e assim ganhou importância nacional, para além da regional que já possuía.

Actualmente, o mundo contemporâneo continua a viver em permanente tensão entre a modernidade e a tradição, pois ao procurar a “novidade” segregou para si mesma uma constante nostalgia pelo passado e uma paradoxal necessidade de preservar não apenas os velhos objectos físicos em si mesmos, mas também todo um universo de fenómenos que se lhes associam. São estes lugares, também, que nos transmitem sensações de segurança, sensações de continuidade, onde residem numerosas conotações, memórias, experiências, valores, movimentos e o drama da vida e da morte, que nos afecta a todos. E são estas características vividas de maneira multidimensional (corporal e metafórica) o que definimos como Património, onde nos surge uma constante nostalgia pelo passado e uma paradoxal necessidade de preservar não apenas os ve-



Fig. 45 – Cartaz comemorativo da fundação de Portugal

lhos objectos físicos em si mesmos, mas também todo um universo de fenómenos que se lhes associam. Segundo Peter Eisenman, «(...) todos nós precisamos de tradições e monumentos, mas a natureza desses monumentos e tradições tem de mudar em relação aos discursos que dominam o nosso mundo actual (...)».

Continuam assim a ser mantidos todos os significados memoriais que antes se atribuíam ao paço acastelado de Penedono, monumento nacional e verdadeiro *ex-libris* da vila no qual todos os habitantes se revêm e se orgulham e que é indubitavelmente o edifício mais importante da povoação – todos os anos se realiza uma feira medieval na vila, da qual o paço acastelado é o actor principal. Mas para além de todos estes significados, junta-se actualmente o significado de âmbito cultural, que hoje é dia é uma espécie de pedra filosofal da cultura ocidental, a qual busca incessantemente significados culturais que valorizem objectos materiais. Assim, o edifício começa a adquirir preponderância enquanto exemplar único de paço acastelado existente em Portugal com aquela tipologia, que urge estudar, mormente através de sondagens arqueológicas, até à data inexistentes. Além disso, o paço acastelado possui um potencial valor turístico, não só pelo seu valor histórico e simbólico e pela sua cenografia (complementada pelos edifícios envolventes, que têm vindo a adquirir, por obra de um plano de pormenor rigoroso, características exteriores semelhantes às que teria na Idade Média, sendo as intervenções efectuadas em função da sua relação com o paço acastelado, que assim adquire nova importância sobre a vila), mas também pelo seu valor cultural que começa cada vez mais a despontar

O edifício de feições quinhentistas – e cujo seu autor permanece desconhecido – pode ter beneficiado de obras nos séculos seguintes que, no entanto, não alteraram grandemente a sua feição original do início do séc. XVI, a qual apresenta grande homogeneidade pelo facto de ter sido construído de uma só vez. Embora em finais do séc. XVII já tivesse sido abandonado pelos seus senhores, manteve a sua estrutura quase intacta, não perdendo a totalidade da sua robustez e expressiva forma arquitectónica.

Pode-se descrever o edifício como sendo um castelo roqueiro de planta poligonal formando um heptágono irregular com o perímetro de aproximadamente 70m, aproximando-se tanto da forma triangular que quase pode considerar-se formada por três grossas paredes não rectilíneas. É circundado por uma barbacã baixa, sem remate superior e provida de seteiras, apresentando planta irregular a acompanhar as curvas de nível e os acidentes do terreno pedregoso onde se implanta, existindo nesta uma porta em arco ogival quebrado na sua frente sudoeste, a qual é antecedida por escadaria de lanços irregulares (*fig. 46, 47 e 48*).



Fig. 46, 47 e 48 - Vistas exteriores do castelo de Penedono



Fig. 49, 50 e 51 - Vistas da barbacã e da porta da barbacã (exterior)



Fig. 52, 53 e 54 - Vistas da porta da barbacã (interior), da porta do castelo e das torres laterais à entrada do castelo



Fig. 55, 56 e 57 - Vistas exteriores nocturnas do castelo de Penedono

As muralhas do castelo são coroadas em todo o seu perímetro por merlões paralelepípedicos de remate piramidal, alguns com seteiras, e reforçadas estrategicamente nos ângulos por cinco torreões rectangulares, dispostos a intervalos irregulares superiormente providos de balcões com matacães e gárgulas, rasgados por seteiras e apoiados em cachorradas denteadas, todos coroados por merlões. A fachada principal, voltada ao sul, é constituída por 2 lanços de parede que um formam ângulo acentuadamente obtuso, de vértice voltado ao exterior, e na qual existem 2 torreões sobrepujados de capitéis com eirado e ameias flanqueiam o portal de entrada no edifício (à qual dão acesso alguns poucos degraus), voltado a sudoeste, sendo encimado por tímpano emoldurado por arco de descarga de perfil quebrado e uma janela rectangular. Entre estes torreões firma-se um passadiço apoiado num grande arco quebrado. A fachada poente corre ao norte até um amplo cubelo igualmente capitelado e ameado, daqui partindo a terceira fachada que, reforçada a meio por um torreão de menores dimensões, se orienta a sudeste até se encontrar com a principal. As três fachadas são irregularmente abertas por fenestrações rectangulares, quadrangulares e seteiras, algumas sugerindo a aplicação ao uso de artilharia (*fig. 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 57*).



Fig. 58, 59 e 60 - Vistas interiores do castelo de Penedono



Fig. 61, 62 e 63 - Vista da cisterna, de uma divisão interior e sua respectiva cobertura



Fig. 64, 65 e 66 - Vistas de uma escada, uma janela e do adarve



Fig. 67, 68 e 69 - Vistas do adarve, das ameias e de uma torre

No interior do recinto muralhado, completamente arruinado, subsistem vestígios de estruturas murárias da alcáçova, assim como escadas de acesso ao adarve que percorre todo o perímetro muralhado e aos terraços dos torreões. O espaço intramuros é reduzido, podendo verificar-se nas suas paredes vestígios de onde assentava o travejamento dos pisos residenciais. Algumas das janelas, de diferentes recortes, possuem conversadeiras, o que leva a supor a existência de um piso intermédio, marcado na caixa murária. Sob a torre maior está o poço da cisterna, poligonal e coberta com abóbada de cruzaria (fig. 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68 e 69).

É impossível conhecer com rigor qual seria a configuração do espaço interior devido à inexistência de dados escritos, iconográficos ou mesmo materiais, mas poder-se-á efectuar uma suposição, comparando-o com edifícios análogos coevos do castelo de Penedono, como os anteriormente referidos: assim, os paços acastelados portugueses de finais do séc. XV denun-

ciavam uma organização do espaço doméstico em que a hierarquia dos espaços corresponde a uma sucessão de sala (para as recepções e refeições), saleta (para as refeições em privado), cozinha, antecâmara (ligada ao quarto, onde se vestiam), quarto de dormir e oratório, onde à medida que se avançava a privacidade iria sendo maior¹⁵.

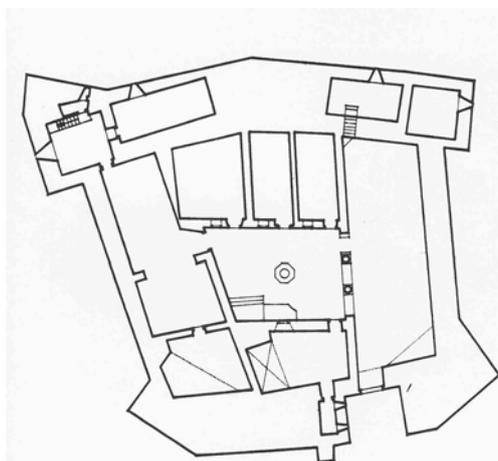


Fig. 70 e 71 - Vista e planta do castelo de Porto de Mós

Seguindo o esquema do castelo de Porto de Mós¹⁶, com o qual existem algumas afinidades, o piso térreo teria dependências várias, destinadas a armazéns, cozinha (não foram encontrados vestígios de chaminés no edifício), celeiros, habitação para os servidores e, devido à sua função também ela militar, deveria de existir um espaço para a guarnição e outro para o armazenamento de armas e munições (*fig. 70 e 71*). Como não existe fenestração neste nível, é possível que tenha existido algum pequeno pátio, por forma possibilitar existir ventilação e luz para as dependências térreas, apesar das exíguas dimensões intramuros; no entanto, a ter existido um pátio interior, este aparentemente não se situaria encostado a nenhuma das muralhas, visto estas apresentarem a toda a volta marcas dos pavimentos intermédios e a respectiva fenestração. Aliás, a fenestração é uma das causas para a difícil percepção do espaço interior, visto que esta surge em vários níveis e de diferentes formas, o que sugere a existência de uma sucessão de pisos escalonados a diversos níveis, ainda que tendo por base um piso térreo, um piso superior (1º andar) e a cobertura ao nível do adarve. Este piso superior, ao qual se dava acesso mediante umas escadas de pedra encostadas à muralha nordeste, organizar-se-ia num conjunto de câmaras onde seriam os quartos e, previsivelmente, da sala; mas existe sempre a possibilidade de, a existirem pisos intermédios de cota superior ao primeiro andar, poderiam situar-se aí os quartos e a cobertura destes ultrapassar mesmo a cota do adarve.

Quando a DGEMN (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) iniciou em finais da primeira metade do séc. XX as obras de restauração impostas pela necessidade de obstar à sua ruína, o castelo não havia perdido a sua robustez, ainda que todo o seu miolo houvesse desaparecido devido à inclemência dos séculos e dos homens (*fig. 71*). Vista de relance e exteriormente, antes da intervenção apenas o coroamento de

¹⁵ Sobre arquitectura palatina medieval em Portugal, consultar: SILVA, José, Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*, IPPAR, Lisboa, 2002; AAVV, dir. de Paulo Pereira, *História da Arte Portuguesa* 3 vols., Circulo de Leitores e Autores, Lisboa, 1995; AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses*, Livros Horizonte, Lisboa, 1988

¹⁶ Sobre o castelo de Porto de Mós, consultar: SILVA, José, Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*, IPPAR, Lisboa, 2002; GIL, Júlio & CABRITA, Augusto, *Os Mais Belos Castelos de Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa, 2002; OS, Luciano Justo, *O Castelo de Porto de Mós*, Comissão Regional de Turismo de Leiria, Leiria, 1971



Fig. 71 - Boletim da DGEMN

ameias acusava o desgaste do tempo, tendo muitas delas tombado. Mas mesmo os paramentos exigiam reparações de consolidação, e a vegetação que entretanto invadira o edifício e a envolvente próxima tornara-se um elemento destrutivo. Também a barbacã sofrera uma forte erosão e estava num estado calamitoso, o qual urgia reparar, assim como os acessos ao castelo. Em redor do castelo, foram erguidas ao longo dos tempos diversas construções de populares, apropriando-se de partes do edifício e que urgia demolir de modo a desafrontar o nobre monumento, seguindo as teorias puristas da época. Segundo os preceitos da DGEMN, cada intervenção era cuidadosamente documentada, havendo o cuidado de guardar os levantamentos do existente antes da intervenção e descrever todo o processo posterior de intervenção, o que permite fazer uma cronologia da sua acção¹⁷:

- 1940/1941 - Escavação de terras e entulhos; construção de paredes de alvenaria em elevação, com argamassa de cal hidráulica e areia; degraus, patamares e pavimentos de lagedo de cantaria apicoada; construção de parapeito e merlões nos adarves da Torre com alvenaria argamassada de cal e areia;
- 1942 - Execução de muralhas em alvenaria argamassada;
- 1949 - Lageamento do pavimento do piso térreo da Torre, construção da cobertura e do pavimento do andar da mesma, colocação de caixilharias e portas, arranjo do acesso;
- 1953 - Refechamento de juntas, consolidação do parapeito, alvenarias nas muralhas, arranjo dos degraus da entrada, construção da verga da porta do castelejo; tectos falsos em castanho para tapamento das placas de betão de 2 pisos, construção de escada de granito de acesso aos adarves e grades de ferro de protecção dos mesmos, construção de 2 portas em madeira de castanho com ferragens;
- 1959 - Pequenas obras de limpeza e arranjo e reparação de porta;
- 1966 - Iluminação e valorização;
- 1969 - Construção de um tecto em castanho, na passagem da torre, limpeza e arranque de ervas dos paramentos das muralhas, merlões, escadas, pavimentos e acessos, nivelamento de pisos, substituição de fechaduras;
- 1972 - Estudo de valorização da envolvente;
- 1983 - Trabalhos diversos de consolidação e beneficiação: reparações e consolidações no respaldo da barbacã e paredes do castelejo, tapamento de fendas com alvenaria de granito a pico grosso, argamassada, e tomada refundada de juntas, assentamento de merlões em forma piramidal, tapamento de roços de apoio de barrote, beneficiação da escada de ferro, complemento da guarda da mesma e corrimão, raspagem da tinta e nova pintura da porta.

¹⁷ Sobre as obras da DGEMN, consultar: DGEMN, "Castelo de Penedono" in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* nr.73, DGEMN, Lisboa, 1953; documentos diversos constantes no arquivo da DGEMN

5. Registro dos materiais e sistemas construtivos



Fig. 72 - Cantaria numa casa popular

Numa região onde predomina o granito, é natural que este seja o principal material utilizado nas construções, tanto nas populares, como nas mais eruditas (solares, igrejas e no castelo)¹⁸. O granito é, de todos os materiais de construção, aquele em que a Natureza foi mais pródiga e generosa para os construtores da região, pródiga pela abundância com que o fez aflorar nestas terras, e generosa pelas qualidades excepcionais com que o dotou. Assim, o granito encontra-se nas paredes exteriores e nas paredes portantes interiores, mas também nas cantarias da fenestração, nas escadas, em guardas, bancos e muros (fig. 72). Com o tempo, as casas ganham a patine do tempo e tomam a cor geral da região onde assentam, o que, aliado à adaptação do casario ao terreno, ressalta uma associação tão íntima entre o povoado e o terreno que, por vezes, é difícil distinguir a aldeia perdida entre os penedos, os vales dos rios e as árvores que os cobrem, sobressaindo apenas os elementos mais marcantes, como os castelos, as igrejas ou as casas nobres.

As casas possuem uma estrutura composta pelas paredes exteriores e algumas paredes interiores com função de suporte. O vigamento é, no entanto, uma parte fundamental da estrutura: com diferentes secções para diferentes fins, as vigas, vigotas e traves permitem a edificação dos pisos e da cobertura, além de reforçarem as paredes. As vigas, cujas funções mais específicas determinam os diferentes tipos de encaixe que determina de modo fulcral a sua eficiência, pode encaixar directamente nas paredes, perfurando-as um pouco (entrega), ou trespassa-as, existindo ainda o caso em que simplesmente assentam sobre cachorros (blocos de pedra fixos nas paredes que actuam como reforços complementares). Por vezes, as paredes exteriores não se desenvolvem linearmente em altura, diminuindo em socalcos à medida que se sobe, compensando a excentricidade das cargas que se vai registando.

As argamassas em Penedono são de uso recente, posterior ao séc. XVIII, sobretudo devido à falta de calcários na região, o que por esse facto impossibilitou a produção de cal, sendo esta considerada um produto de luxo a que só algumas bolsas teriam acesso; assim, geralmente as pedras da alvenaria ficavam à vista (fig. 73). Também as cantarias da fenestração, feitas de grandes pedras que poderiam ficar mais ou menos em



Fig. 73 - Uma das poucas paredes com reboco de cal existentes em Penedono

¹⁸ Sobre a arquitectura tradicional na região de Penedono, consultar: AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004; TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa & BELÉM, Margarida da Cunha, *Diálogos de Edificação*, Centro Regional de Artes Tradicionais, 1998; CMP, "Tipologia Arquitectónica" in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, pp48-50; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de & GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992

bruto nas casas populares, ou serem trabalhadas nas casas mais nobres, ficavam à vista, onde ganhavam algum destaque.

Os tipos de alvenaria de pedra utilizados nas paredes dos edifícios eram:

- Alvenaria de pedra seca ou insossa – técnica de construção que dispensa o uso de argamassa na ligação das pedras entre si, onde o travamento das pedras irregulares é obtido mediante o encaixe cuidadoso de pedras; pela irregularidade das pedras, é necessário muitas vezes encascar (introduzir pedras pequenas – escassilhos – nos interstícios das pedras maiores, para as fixar melhor); esta técnica é a mais comum, surgindo sobretudo nos edifícios populares, embora contudo, nos últimos tempos, se tenha assistido ao enchimento das juntas entre as pedras com rebocos de cimento Portland, por forma a garantir uma maior segurança das paredes e nível de conforto interior (*fig. 74 e 75*).
- Alvenaria de pedra aparelhada – constituída por pedras irregulares assentes com argamassa, escolhendo-se para fazer os paramentos as pedras rijas de melhor aspecto e que se aparelham numa das faces; as arestas podem ser aperfeiçoadas de modo a que assentem melhor e possuam melhor aspecto na face visível do paramento; esta técnica é, contudo, pouco utilizada na área estudada (*fig. 76*).
- Alvenaria de silharia – técnica de construção que dispensa o uso de argamassa na ligação das pedras entre si, em que as pedras são regulares (paralelepípedos) e aparelhadas, sendo dispostas em camadas que se vão travando por si; a alvenaria de silharia era utilizada somente pelos edifícios mais nobres, como solares e igrejas, devido aos seus elevados (*fig. 77*).

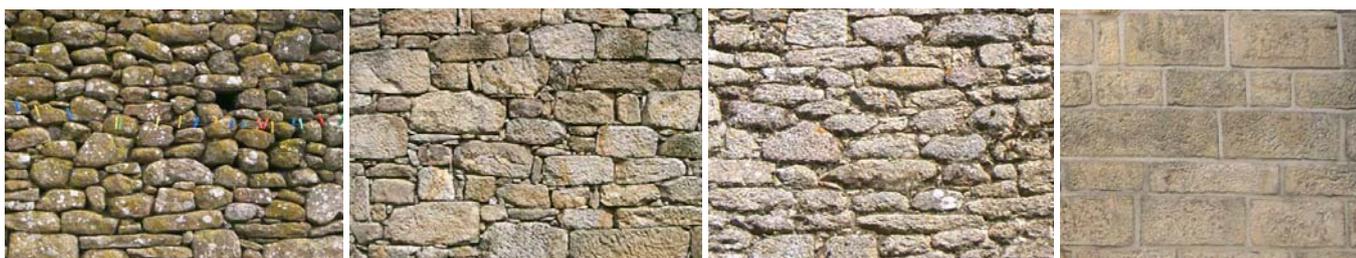


Fig. 74, 75, 76 e 77 - Paredes de alvenaria de: pedra seca irregular, pedra seca com 1 face regular, pedra aparelhada e silharia mista

As paredes interiores, usadas sobretudo em pisos superiores pelo facto de serem leves, assentam sobre vigas estruturais de madeira de grande espessura que servem de suporte a esta, de encaixe para o soalho, de travamento de toda a estrutura e, por vezes, de transição para a parede de alvenaria que fica inferiormente. Estas paredes não-portantes poderiam seguir 3 tipos:

- Taipa de fasquio – técnica de construção de paredes interiores não-portantes, composta de uma estrutura em ripado de

madeira, com prumos mais resistentes na vertical e travados por ripas diagonais (cruzadas) e, por fim, por tábuas horizontais (fasquio) com pouco espaçamento entre si, sendo depois preenchido com argamassa de cal; o acabamento consiste num reboco de estuque de cal e pintura (fig. 78).

- Taipa de rodízio – técnica de construção de paredes interiores não-portantes, composta de uma estrutura em ripado de madeira, com prumos mais resistentes na vertical e travados por ripas diagonais (cruzadas) e, por fim, por tábuas horizontais (fasquio) com algum espaçamento entre si, sendo depois preenchido com argamassa de cal e blocos de pedra ou tijolo; o acabamento consiste num reboco de estuque de cal e pintura (fig. 79).

- Tabique – técnica de construção de paredes interiores não-portantes, composta de uma estrutura em ripado de madeira, com prumos mais resistentes na vertical e travados por tábuas horizontais (fasquio) com algum espaçamento entre si, sendo depois preenchido com argamassa de cal e pedaços de pedra, tijolo e madeira; o acabamento consiste num reboco de estuque de cal e pintura (fig. 80).



Fig. 78, 79 e 80 - Paredes de alvenaria de taipa de: fasquio, de rodízio e de tabique

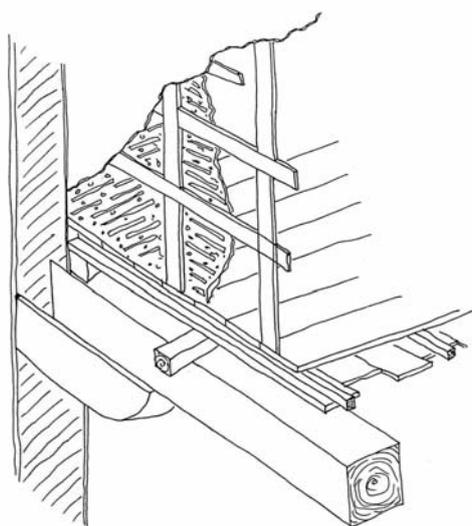


Fig. 81 - Pormenor construtivo de uma parede de tabique

Extensas matas de pinheiros, de castanheiros, de carvalhos e outras variedades nativas cobriam uma grande percentagem do território beirão, o que as torna num material de eleição para complementar o granito nas construções. A madeira era usada nos pavimentos interiores dos pisos superiores, em paredes interiores não-portantes, no revestimento de tectos das casas abastadas, nas cancelas, portas, caixilharias e guardas de varandas, nas estruturas dos telhados e, por vezes, em algumas construções especiais, como por exemplo nos espigueiros.

O chão dos pisos térreos é revestido com lajetas de pedra ou cerâmicas sobre uma betonilha rude soalho, em terra batida, ou de soalho (mais raramente), ao passo que os pisos superiores são sempre de soalho de madeira: após a colocação de vigas estruturais vencendo o vão, é assente perpendicularmente sobre estas barrote, os quais são por sua vez cobertos também perpendicularmente pelas tábuas que cobrem todo o chão (fig. 81). Quanto aos tectos, poderão ser simplesmente os sis-

temas utilizados em bruto (o pavimento do andar superior ou a estrutura da cobertura), ou poderá existir um forro de madeira.

O telhado, cujo número de águas poderia variar, tem como estrutura base uma asna em madeira que funciona como módulo repetido ao longo da cobertura. Esse módulo compreende uma linha (viga), um pendural (vigamento vertical que se estende desde a cabeceira até à linha), escoras (peças verticais que ajudam ao jogo de descargas de forças e travamento da estrutura), pernas (vigamento oblíquo com as mesmas funções das escoras), um nível (viga que fixa a distância entre pernas opostas), madres (vigas colocadas sobre as pernas e onde vão assentar as varas) e varas (vigas mais pequenas onde se colocam as ripas que servem de suporte às telhas). Um pau de cabeceira vai agregar esse módulo, sendo este uma grande viga que se desenvolve em comprimento ao longo da cobertura, onde assenta o ponto de encaixe das pernas, no ponto onde estas se cruzam. A asna vai depois encaixar no frechal, trave colocada num dente das paredes exteriores que vai servir para distribuir as cargas de modo uniforme pelas paredes. As coberturas são geralmente de telha de canudo (ou meia cana) cerâmica de barro vermelho, introduzida pelos romanos (*fig. 82 e 83*).

Fig. 82 - Pormenor construtivo de uma cobertura

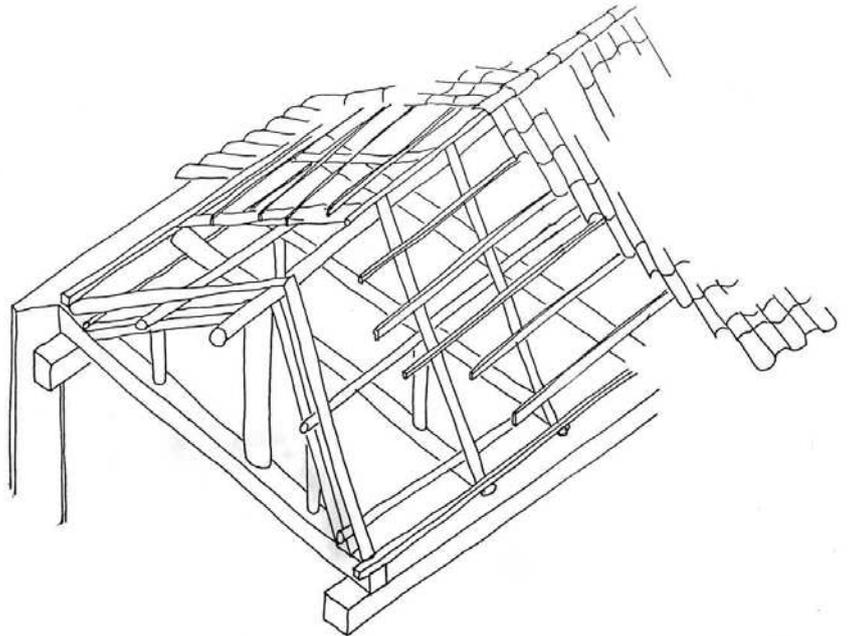
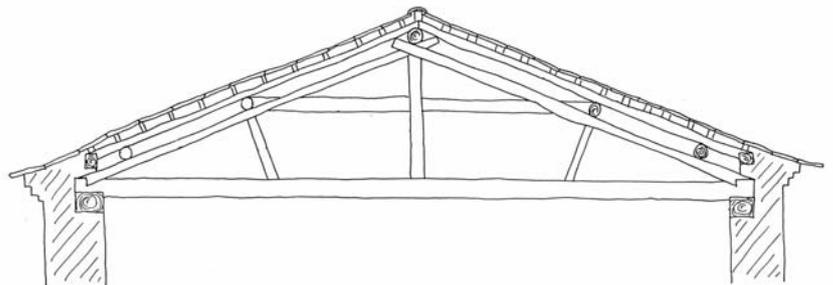


Fig. 83 - Pormenor construtivo de uma asna



Para os detalhes arquitectónicos, foi estudada uma casa em ruínas, da qual se fez um levantamento dos sistemas construtivos e materiais utilizados e que serviu de protótipo para as restantes casas envolventes, que seguem maioritariamente este exemplo na sua composição, e mesmo o castelo poderia ter seguido, como foi anteriormente referido, este mesmo modelo, daí que os desenhos de detalhes não se circunscrevam a um único edifício claramente identificado, mas antes sirvam como arquétipo para todas as edificações. Contudo, houve necessidade de desenhar alguns elementos importantes do castelo.

As descrições anteriores referem-se às casas que rodeiam o castelo, mas o mesmo registo dos materiais e sistemas construtivos adapta-se perfeitamente para o castelo, que segue no seu todo as mesmas características construtivas da arquitectura tradicional de Penedono: assim, os paramentos são de alvenaria de pedra aparelhada, constituída por pedras irregulares assentes com argamassa, embora por vezes parece ter zonas onde a paramento é de alvenaria de pedra seca ou insossa (tal deve-se, em princípio, à degradação das argamassas, que desapareceram de inúmeras zonas). O chão do piso térreo seria revestido com lajetas de pedra ou de soalho (visto existirem neste caso mais posses que permitem edificar de modo a obter-se maior segurança, conforto e valor estético), ao passo que os pisos superiores seriam certamente de soalho de madeira.

Interiormente, existiram parede com o mesmo tipo de alvenaria das muralhas, como se pode verificar nos arranques das paredes de que ainda se encontram vestígios. Contudo, parece existirem igualmente indícios de que algumas destas paredes se prolongariam pelos pisos superiores, como é revelado em arranques de paredes existentes na muralha nordeste – poderiam, eventualmente, colocar-se a hipótese de essas paredes terem sido exteriores, pertencendo a um hipotético pátio que, em minha opinião, poderia situar-se no canto norte do castelo: com efeito, para além de ser a parte mais soalheira do edifício, foram também encontrados arcos parcialmente emparedados que poderiam ter tido algum fim específico, e o facto da cisterna se encontrar nessa parte do castelo a um nível intermédio faz supor que efectivamente este estaria a céu aberto, embora existam marcas de um piso ou simples passadiço ao nível superior (infelizmente, e devido à lacuna de dados, tudo não passa de pura especulação, embora assente em algumas evidências). As restantes paredes interiores, não-portantes, poderiam ser de taipa de fasquio ou de tabique (taipa de rodízio), existindo no entanto a possibilidade de poderem ter sido somente de madeira. Existiam também escadas de pedra, como se pode vislumbrar em alguns vestígios ainda existentes encastrados nas muralhas (*fig. 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99 e 100*).



Fig. 85, 86 e 87 - Fenestração a vários níveis; parede de alvenaria de pedra aparelhada; vestígios de paredes no chão e na muralha do castelo



Fig. 88, 89, 90 e 91 - Vestígios de reboco de cal em paredes interiores; vestígios de uma escada na muralha; vestígios de um arco e uma escada na muralha; vestígios de uma escada numa das torres

A madeira seria também utilizada no revestimento dos tetos, nas caixilharias, e, juntamente com o ferro, em portas, cancelas, guardas e em algumas construções especiais que porventura pudessem ter existido, como por exemplo caramachões ou matacães. Quanto à cobertura, existe sempre a dúvida se esta seria plana e utilizável, mas em minha opinião, tal aspecto é pouco provável que tivesse sucedido: atendendo a exemplos estrangeiros e mesmo portugueses, como o castelo de Guimarães, suponho que existiria um telhado, cujo número de águas poderia variar, e que teria como estrutura base uma composição de asna em madeira ao longo da cobertura. A cobertura, que seria eventualmente mais alta que o próprio adarve nalguns pontos, era certamente de telha de canudo (ou meia cana) cerâmica de barro vermelho.



Fig. 92, 93, 94 e 95 - Cachorros apoiando soalho; vestígios dos frechais de pavimentos elevados de soalho



Fig. 96, 97 e 98 - Vestígios das entregas de pavimentos elevados de soalho

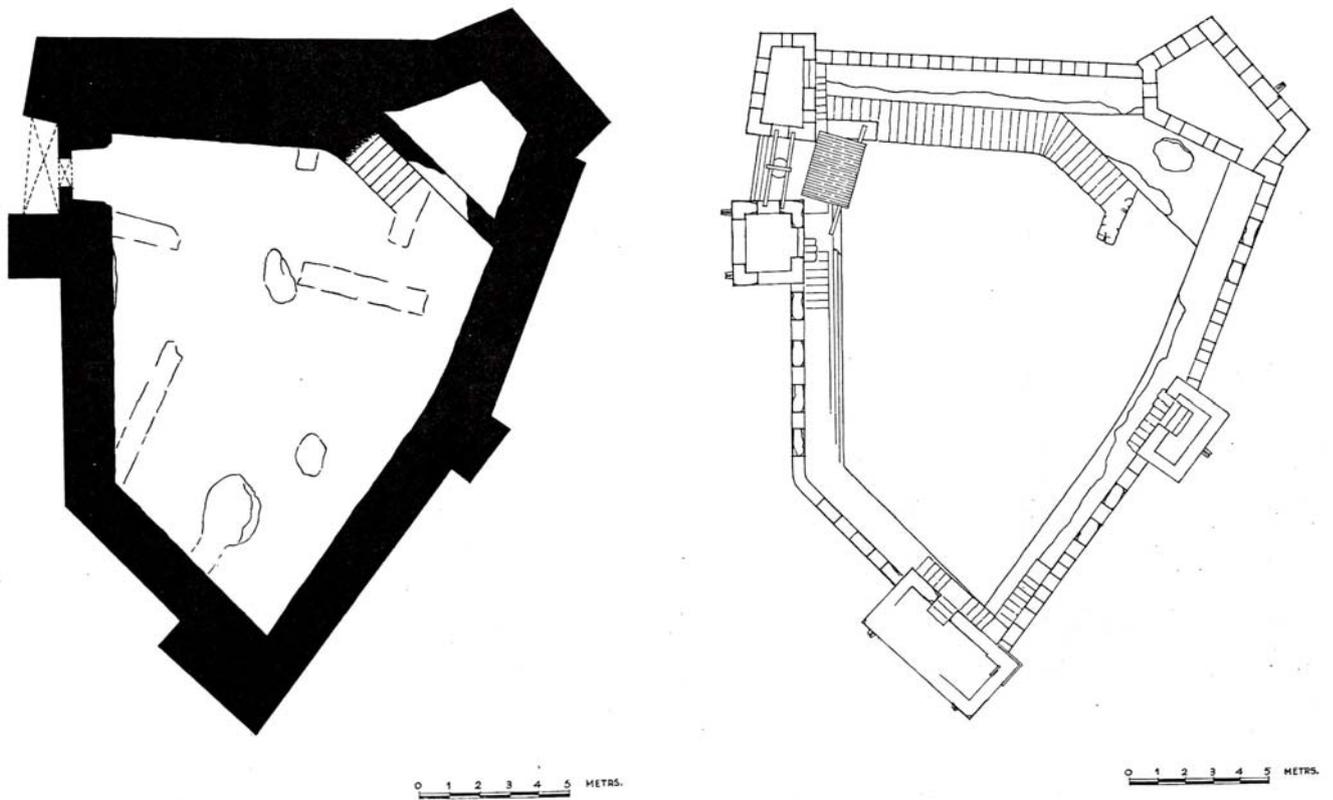


Fig. 99 e 100 - Plantas da DGEMN mostrando o estado do castelo antes das suas obras de intervenção

6. Fontes Documentais

Livros

AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004

AAVV, *Atlas de Portugal*, Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1988

AAVV, *Á Descoberta de Portugal*, Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1982

ALVES, Alexandre, *Penedono - Apontamentos de História e de Arte*, Câmara Municipal de Penedono, Penedono, 2000

AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses*, Livros Horizonte, Lisboa, 1988

CMP, *Plano de Pormenor de Penedono*, Câmara Municipal de Penedono, Penedono, 1994

COSTA, Lucília Verdelho da, *Alfredo de Andrade (1839-1915) – da Pintura à invenção do Património*, Vega, Lisboa, 1997

COSTA, Lucília Verdelho da, *Ernesto Korrodi (1889-1944) – Arquitectura, Ensino e Restauro do Património*, Editorial Estampa, Lisboa, 1997

COELHO, Maria Eduarda Leal (coord.), *Dar Futuro ao Passado*, IPPAR, Lisboa, 1993

DIAS, Pedro, *A Viagem das Formas*, Editorial Estampa, Lisboa, 1995

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.), *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb: 500-1500* (actas do congresso), Edições Colibri, Lisboa, 2002

GIL, Júlio & CABRITA, Augusto, *Os Mais Belos Castelos de Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa, 2002

GOMES, Rita Costa, *Castelos da Raia* 2 vols (vol1: Beira; vol2: Trás-os-Montes), IPPAR, Lisboa, 2002/2003

MONTEIRO, João Gouveia, *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média: presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Edições Colibri, Lisboa, 1999

MOREIRA, Rafael (dir.), *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Edições Alfa, Lisboa, 1989

NETO, Maria João Pereira, *Memória, Propaganda e Poder - O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2001

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de & GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992

NUNES, António Lopes Pires, *O Castelo estratégico português e a Estratégia do castelo em Portugal*, Estado Maior do Exército, Lisboa, 1988

PAULINO, Francisco Faria (coord.), *A Arquitectura Militar na Expansão Portuguesa* (catálogo da exposição), Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1994

PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa* 3 vols., Circulo de Leitores e Autores, Lisboa, 1995

SERRÃO, Vítor (dir.), *História da Arte em Portugal* 10 vols., Edições Alfa, Lisboa, 1986

SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*, IPPAR, Lisboa, 2002

SOUSA, Júlio Rocha e, *Antiga Vila de Penedono*, Éden Gráfico S.A., Viseu, 2001

SOUSA, Júlio Rocha e, *Castelo de Penedono*, Éden Gráfico S.A., Viseu, 2001

TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa & BELÉM, Margarida da Cunha, *Diálogos de Edificação*, Centro Regional de Artes Tradicionais, Guimarães, 1998

TOMÉ, Miguel, *Património e restauro em Portugal (1920-1995)*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002

Artigos

BARROCA, Mário Jorge, “Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)” in *Portvgalia*, FLUP, Porto, 1990, pp88-136, nr11-12

BARROCA, Mário Jorge, “Os castelos” in *Nos Confins da Idade Média* (catálogo da exposição – dir. de FONSECA, Luís Adão da), Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, 1992

BARROCA, Mário Jorge, “A Ordem do Templo e a Arquitectura Militar Portuguesa do Séc. XII” in *Portvgalia*, FLUP, Porto, 1996, pp171-209, nr17-18

BARROCA, Mário Jorge, “Castelos Medievais Portugueses - Origens e Evolução (Séc. IX-XIV)” in *La Fortaleza Medieval: Realidad y Simbolo*, Alicante, 1998, pp13-30

BARROCA, Mário Jorge, “A Ordem do Hospital e a Arquitectura Militar Portuguesa (Séc. XII a XIV)” in *III Congresso de Arqueologia Peninsular*, ADECAP, Porto, 2001

BARROCA, Mário Jorge, “História Militar de Portugal - Iª Parte - 1096-1325” in *Nova História Militar de Portugal - Idade Média* (coord. MATTOSO, José), Círculo de Leitores, Lisboa, 2001

CUSTÓDIO, Jorge, “Salvaguarda do Património – Antecedentes Históricos: de Alexandre Herculano à Carta de Veneza” in *Dar Futuro ao Passado* (cat. de exposição), IPPAR, Lisboa, 1993, pp33-71

DGEMN, “Castelo de Penedono” in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* nr.73, DGEMN, Lisboa, 1953

MONTEIRO, João Gouveia, “A arte militar em Portugal nos finais da Idade Média: estrutura de uma investigação” in *Colóquio Panorama e Perspectivas Actuais da História Militar em Portugal* (Actas), Comissão Portuguesa de História Militar, Lisboa, 1991

MONTEIRO, João Gouveia, “Reformas góticas nos castelos portugueses ao longo do século XIV e primeira metade do século XV” in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos “Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)”*, Câmara Municipal de Palmela, Palmela, 2000, pp659-666

Dissertações

BUCHO, Domingos José Caldeira Almeida, *Herança Cultural e Práticas do Restauro Arquitectónico em Portugal Durante o Estado Novo (Intervenção nas fortificações do distrito de Portalegre)*, dissertação de doutoramento, Universidade de Évora, 2000

MESQUITA, Marieta Dá, *Arquitectura e Renovação – Aspectos do Restauro Arquitectónico em Portugal no século XIX*, dissertação de doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, 1993

RODRIGUES, Paulo Alexandre Rodrigues Simões, *Património, Identidade e História: o valor e o significado dos monumentos nacionais no Portugal de oitocentos*, dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1998

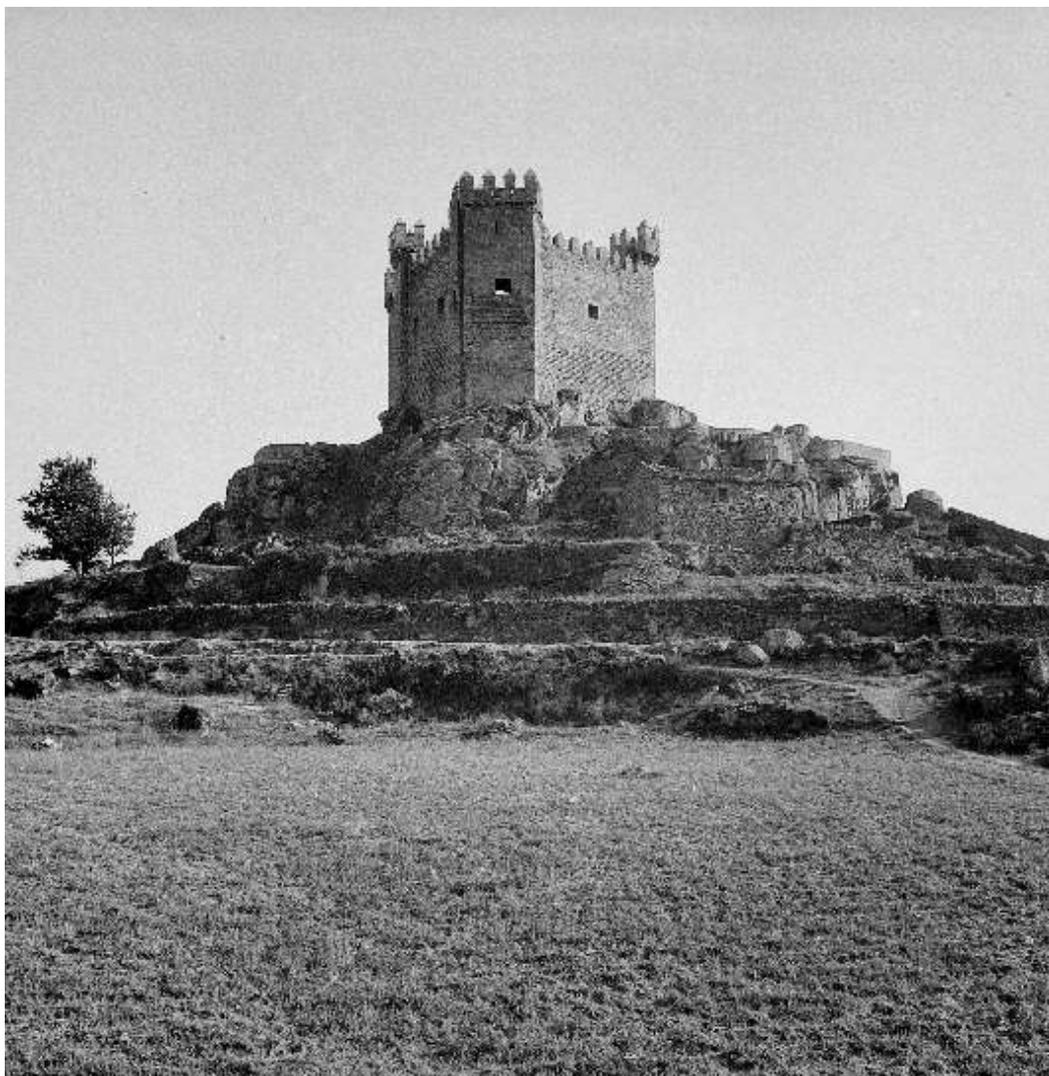
ROSAS, Lúcia Maria Cardoso, *Restauro e conservação em Portugal dos edifícios medievais – As suas obras desde finais do séc. XIX aos meados do séc. XX*, dissertação de doutoramento, Universidade do Porto, 1996

SANTOS, Joaquim Rodrigues, «Este antigo castelo tinha recordações de glória...» - *A Imagem do castelo medieval na imprensa periódica ilustrada em Portugal no séc. XIX*, dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 1996

SANTOS, Joaquim Rodrigues, *Gigantes de Pedra – Património de defesa nas mãos da ENATUR*, trabalho de licenciatura (História da Arquitectura Portuguesa, 5º ano), Universidade de Coimbra, 1996

7. Fontes das imagens

Fig. 10	AAVV, <i>Atlas de Portugal</i> , Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1988
Fig. 11-12, 14	AAVV, dir. de Paulo Pereira, <i>História da Arte Portuguesa</i> 3 vols., Circulo de Leitores e Autores, Lisboa, 1995
Fig. 13	MONTEIRO, João Gouveia, <i>Os castelos portugueses dos finais da Idade Média: presença, perfil, conservação, vigilância e comando</i> , Edições Colibri / FLUC, Lisboa, 1999
Fig. 18-20, 44	GOMES, Rita Costa, <i>Castelos da Raia</i> 2vols. (vol.1 Beira; vol.2II Trás-os-Montes), IPPAR, Lisboa, 2002/03
Fig. 29	CMP, <i>Plano de Pormenor de Penedono</i> , CMP, Penedono, 1994
Fig. 32	GIL, Júlio & CABRITA, Augusto, <i>Os Mais Belos Castelos de Portugal</i> , Editorial Verbo, Lisboa, 2002
Fig. 1, 16, 22-28, 33-34, 37-39, 41-43, 46-70, 72-77, 80-98	Joaquim Rodrigues dos Santos
Fig. 2-9, 45	SANTOS, Joaquim Rodrigues, « <i>Este antigo castelo tinha recordações de glória...</i> » - <i>A Imagem do castelo medieval na imprensa periódica ilustrada em Portugal no séc. XIX</i> , dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 1996
Fig. 31, 40, 71, 99-100	Arquivo da DGEMN
Fig. 15, 17, 21, 30	Arquivo da DGEMN, trabalhado por Joaquim Rodrigues dos Santos
Fig. 35-36	AAVV, <i>Arquitectura Popular em Portugal</i> , Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004
Fig.	SILVA, José, Custódio Vieira da, <i>Paços Medievais Portugueses</i> , IPPAR, Lisboa, 2002
Fig. 78-79	TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa & BELÉM, Margarida da Cunha, <i>Diálogos de Edificação</i> , Centro Regional de Artes Tradicionais, 1998



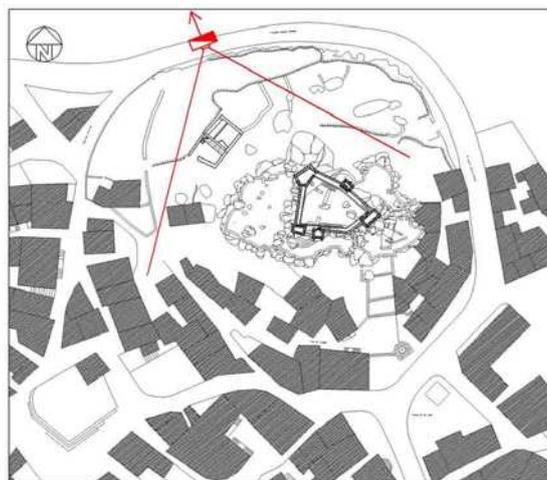
Notas:

Vista noroeste do castelo, onde se pode perceber que o edifício na sua proximidade, que hoje se encontra em ruínas, ainda estava em relativamente bom estado.

As obras da DGEMN efectuadas na década de 40 do séc. XX já estavam finalizadas.

Nome:

Vista noroeste do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS
 Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
 00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
 UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

Década de 40 -
séc. XX

04



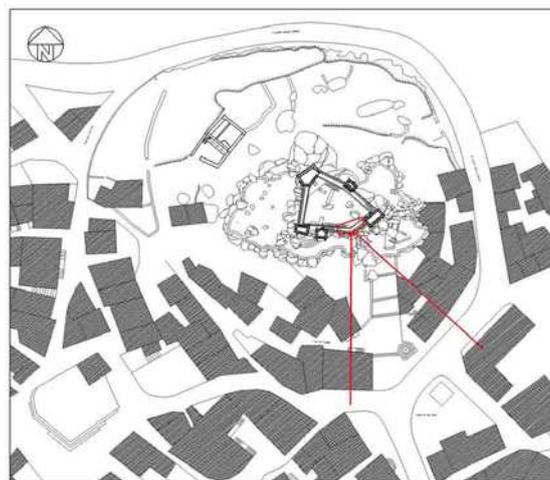
Notas:

Largo 25 de Abril sem os arranjos dos espaços públicos actualmente existentes e com o pelourinho a ser restaurado.

Notar que a generalidade das casas estão rebocadas, ao invés do que sucede na actualidade.

Nome:

Largo 25 de Abril – vista do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo

Frente

Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1953

07



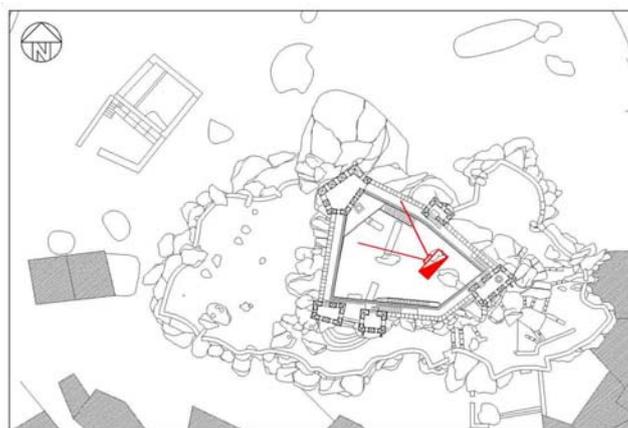
Notas:

Antes das obras da DGEMN nos anos 40 do séc. XX, existia 1 escada por onde se acedia ao adarve no ponto situado sobre a entrada.

Notar que a escada actual se encontra em posição diferente da anterior, e que os vestígios de muros no primeiro nível aparentam ser maiores que actualmente.

Nome:

Cisterna antes das obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

08



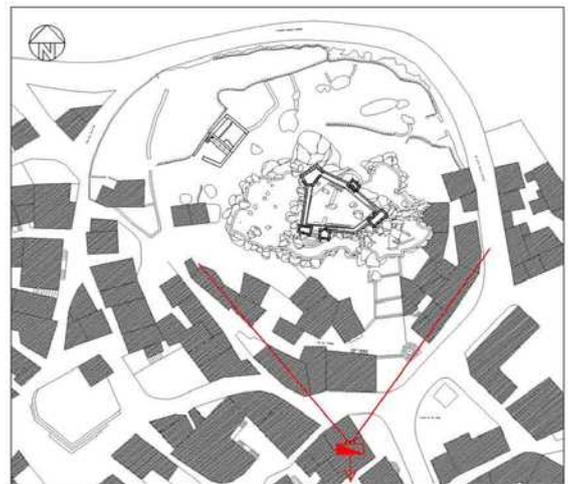
Notas:

A vista sobre Penedono e o castelo demonstram o carácter rural patente na vila em meados do séc. XX, onde as casas mais afastadas do centro não apresentam as paredes rebocadas.

O castelo impõe-se sobre a povoação, apresentando-se altaneiro, e já se encontra com as obras da DGEMN finalizadas.

Nome:

Vista sul do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo

Frente

Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

01

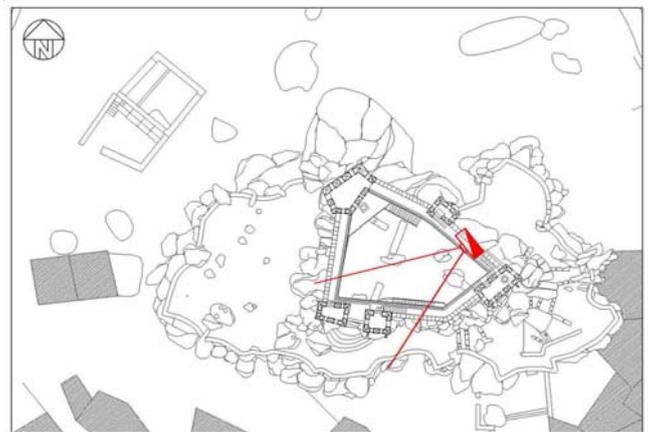


Notas:

Notar a ausência da patine nas ameias reconstruídas em meados do séc. XX, assim como a sua perfeição volumétrica.

Nome:

Vista dos torreões que flanqueiam a entrada, durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

24



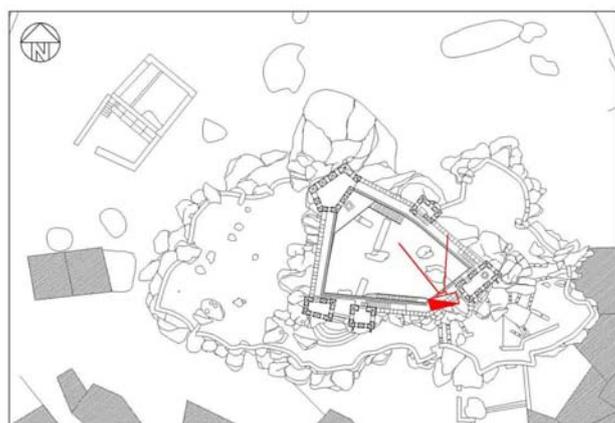
Notas:

Na parte interior da muralha nordeste, reparar que 1 dos vãos estava em condições muito precárias, sustentando-se com auxílio de escoras.

Os paramentos em torno do vão também se encontram em mau estado de conservação.

Nome:

Paramento interior da muralha nordeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

20



Notas:

Entre as torres que flanqueiam a entrada do castelo, funcionava a sineira.

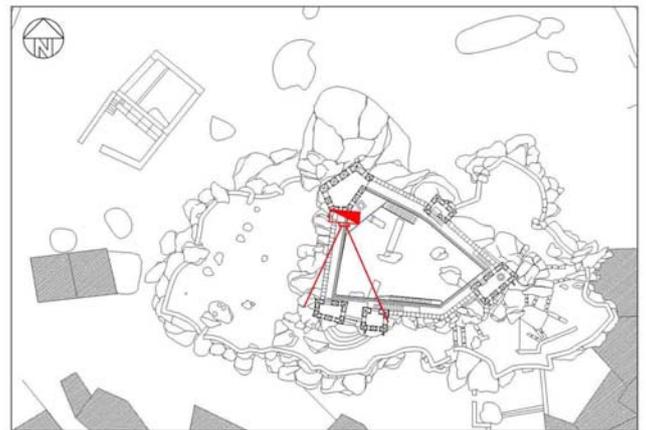
Junto à sineira existia um barracão que foi posterior-mente demolido aquando as obras da DGEMN.

Notar o final da escada por onde se acedia ao adarve, a partir do primeiro nível do castelo.

Pode-se igualmente reparar na ausência de patine nas ameias reconstruídas, e o estado de degradação do adarve.

Nome:

Vista interior da parte superior das torres que flanqueiam a entrada, a partir de norte



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

21

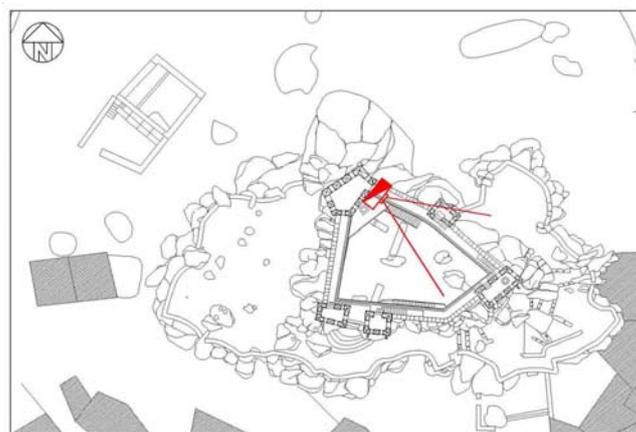


Notas:

Notar a ausência de patine nas ameias reconstruídas, e o estado de degradação do adarve, no qual falta 1 trecho sobre 1 vão.

Nome:

Vista interior da parte superior da torre nascente



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

22



Notas:

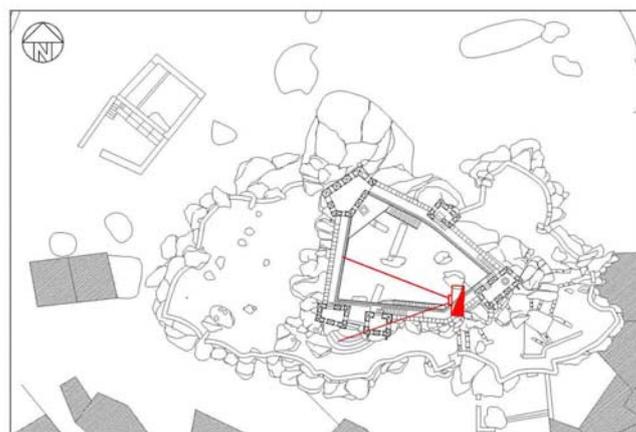
Vista do barracão que foi posteriormente demolido aquando as obras da DGEMN.

Notar a escada por onde se acedia ao adarve, a partir do primeiro nível do castelo.

Pode-se igualmente reparar na ausência de patine nas ameias reconstruídas, e o estado de degradação do adarve.

Nome:

Vista interior da parte superior das torres que flanqueiam a entrada, a partir de nascente



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

23



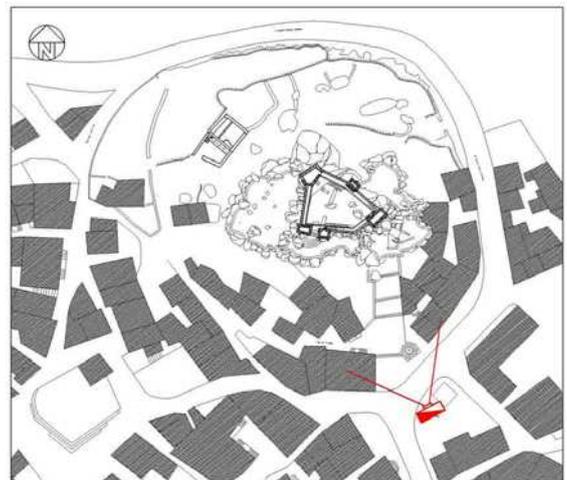
Notas:

O castelo, bem como o pelourinho, já se apresentam após finalizadas as obras da DGEMN.

Notar as casas na envolvente com reboco.

Nome:

Vista sul do castelo, a partir do largo 25 de Abril



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1953

02



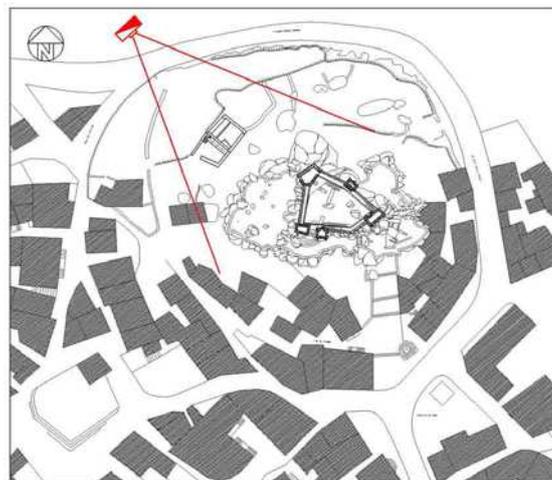
Notas:

Vista noroeste do castelo, onde se pode perceber que o edifício na sua proximidade, que hoje se encontra em ruínas, ainda estava em relativamente bom estado.

As obras da DGEMN efectuadas na década de 40 do séc. XX já estavam finalizadas.

Nome:

Vista noroeste do castelo



<p align="center">JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal 00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com</p>		<p>Legenda:</p> <p align="center"> </p> <p align="center">Baixo Frente Cima</p>	
<p> CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS UFBA - IPHAN - UNESCO</p>		<p>Fonte: Arquivos da DGEMN</p>	
<p> REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE PENEDONO - VISEU - PORTUGAL</p>		<p>Data: 1953</p>	<p>03</p>

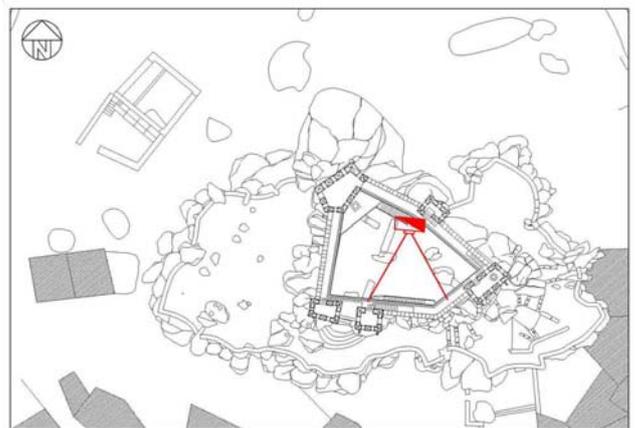


Notas:

Construção da nova escada de acesso ao adarve, feita com blocos monolíticos de granito.

Nome:

Vista interior do paramento sul da muralha durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1953

18



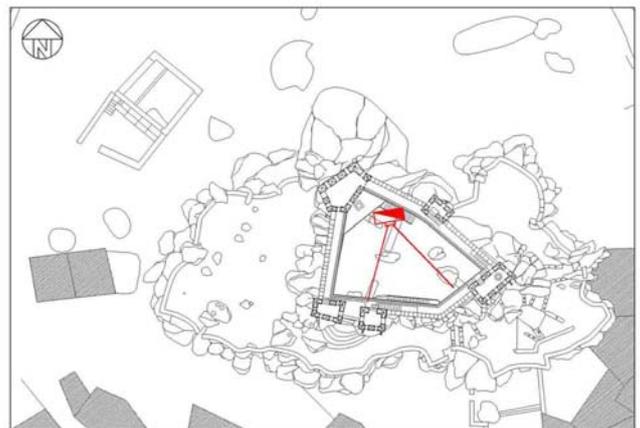
Notas:

Vista interior do paramento sul da muralha antes da construção da nova escada de acesso ao adarve.

Notar vestígios de 1 escada na parede, que parece ter sido tapada.

Nome:

Vista interior do paramento sul da muralha antes das obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1953

17

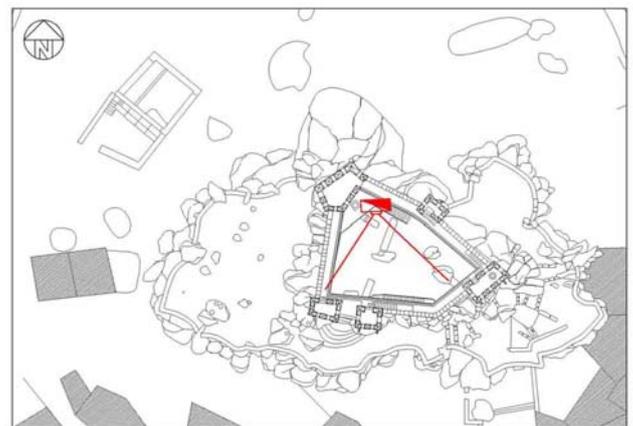


Notas:

Vista do paramento sul depois das obras de intervenção da DGEMN, onde se pode perceber a nova escada de acesso ao adarve.

Nome:

Vista interior da totalidade do paramento sul da muralha



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1953

19



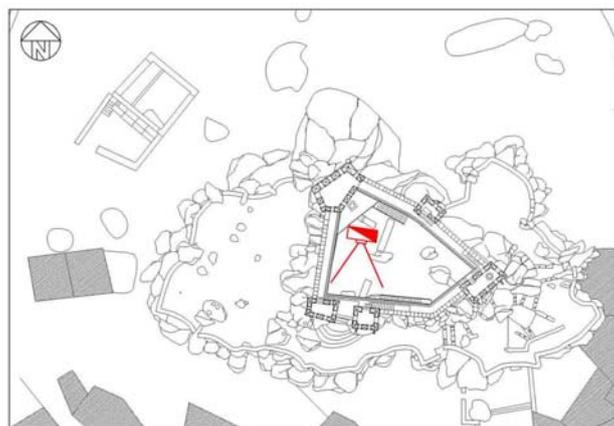
Notas:

O corrimão no adarve – na parte superior da fotografia – não é contínuo, apenas existe nos locais onde a passagem é mais estreita.

Notar o corte no paramento e perfil de 1 escada, na parte esquerda da fotografia, possivelmente vestígios de 1 acesso anterior que foi tapado.

Nome:

Vista interior da entrada do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

43



Notas:

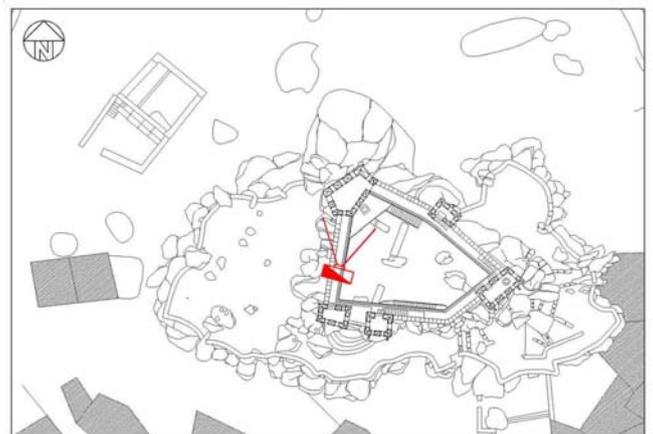
É perceptível o corrimão precário ao longo do adarve, que não garante o mínimo de segurança exigível.

Notar a existência de vegetação crescendo na superfície do adarve e, sobretudo, na calha de escoamento de águas pluviais.

Também nos paramentos se pode observar o crescimento de musgo e líquenes.

Nome:

Vista da entrada sul da torre noroeste, ao nível do adarve



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

48



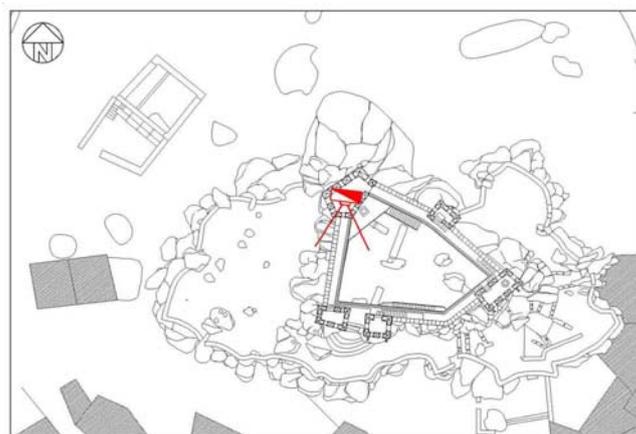
Notas:

Notar a existência de limos na parte de dentro da torre.

Ao fundo pode-se observar a inexistência de acesso ao topo da torre ocidental da entrada.

Nome:

Vista a partir do interior da entrada sul da torre noroeste, ao nível do adarve



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

49



Notas:

É perceptível o corrimão precário ao longo do adarve, que não garante o mínimo de segurança exigível.

Notar a existência de vegetação crescendo na superfície do adarve e, sobretudo, na calha de escoamento de águas pluviais.

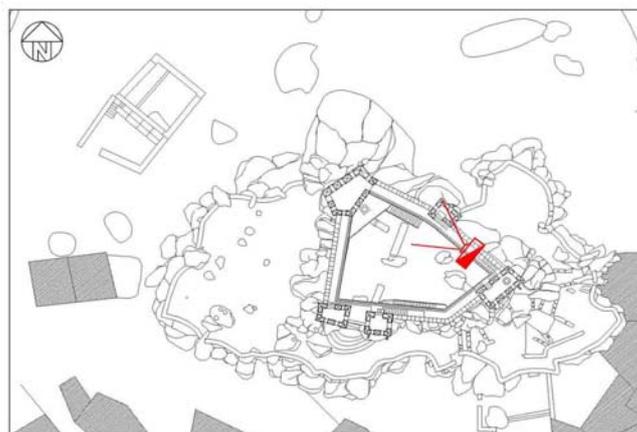
Também nos paramentos se pode observar o crescimento de líquenes.

A escada de acesso à torre nordeste é estreita e não tem qualquer tipo de protecção.

Ao fundo pode-se observar a inexistência de acesso ao topo da torre nordeste.

Nome:

Vista do adarve sobre a muralha nordeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

50



Notas:

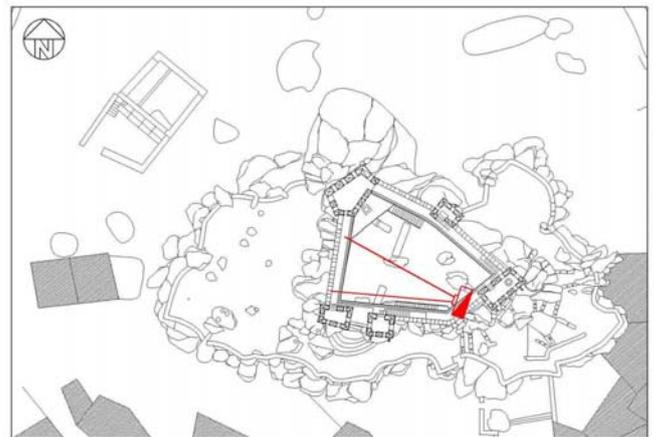
É perceptível o corrimão precário ao longo do adarve, que não garante o mínimo de segurança exigível.

Notar a existência de vegetação crescendo na superfície do adarve e, sobretudo, na calha de escoamento de águas pluviais.

Também nos paramentos se pode observar o crescimento de líquenes.

Nome:

Vista do adarve e respectivas ameias sobre a muralha poente



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

51



Notas:

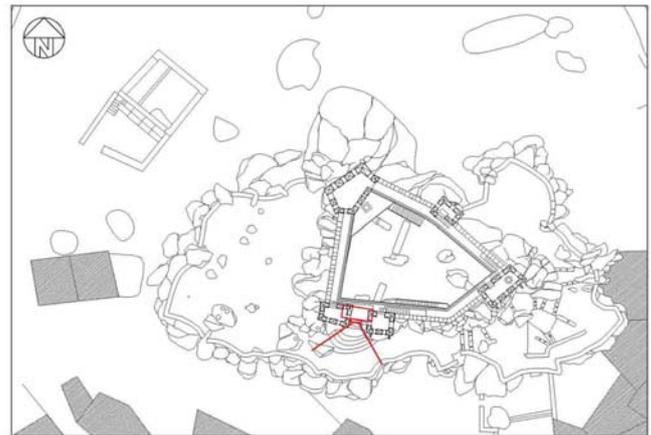
Existência de ervas nos degraus da escada de acesso à porta do castelo.

Inacessibilidade ao castelo por parte de deficientes motores.

Notar a falta de enquadramento do holofote.

Nome:

Vista da entrada do castelo e do holofote de iluminação adjacente



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

85



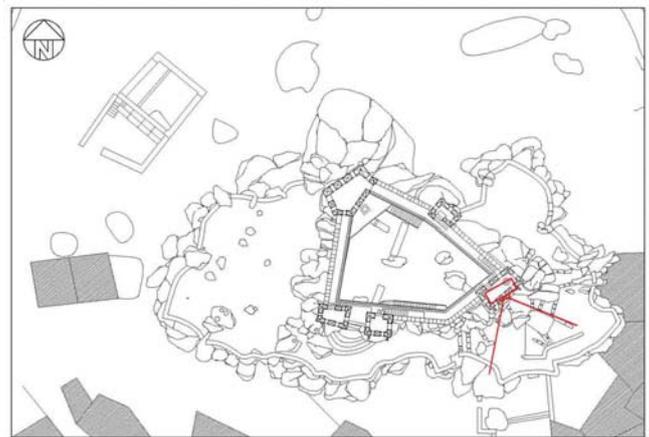
Notas:

Notar a falta de enquadramento do holofote.

Não existem acessibilidades para deficientes motores.

Nome:

Vista da entrada da barbacã e do holofote de iluminação adjacente



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

54



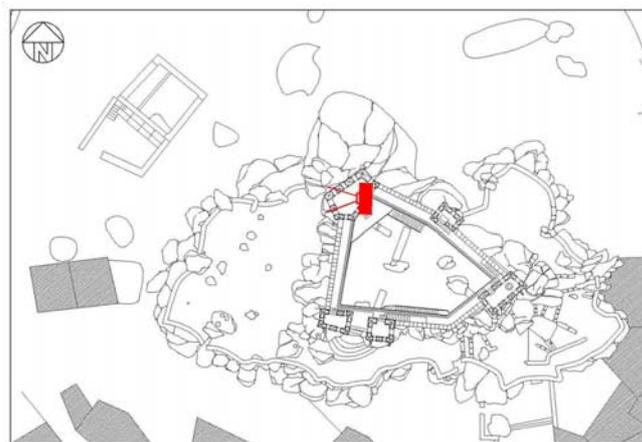
Notas:

Existência de uma laje em betão armado, construída pela DGEMN na década de 40 do séc. XX. A laje estava escondida por um forro de madeira, que entretanto se degradou e caiu em parte.

Notar a existência de limos nos paramentos.

Nome:

Vista do tecto da torre noroeste ao nível do adarve



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

58



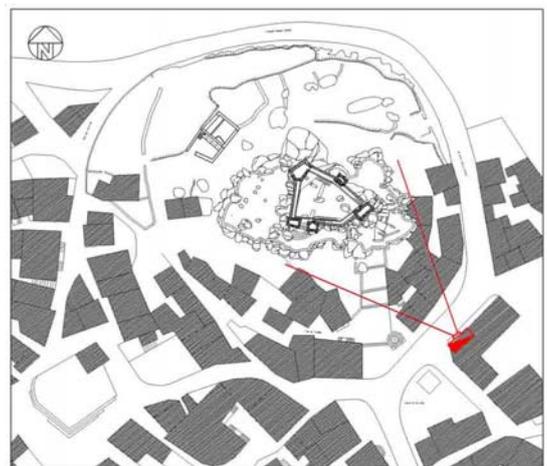
Notas:

Notar a inexistência de coroamento das torres que flanqueiam a entrada do castelo, sendo igualmente possível verificar a degradação das ameias ao longo do adarve da muralha sul.

O coroamento da torre nascente já estava reconstruído pela DGEMN, notando-se perfeitamente a inexistência de patine nas suas ameias.

Nome:

Vista sudeste do castelo durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



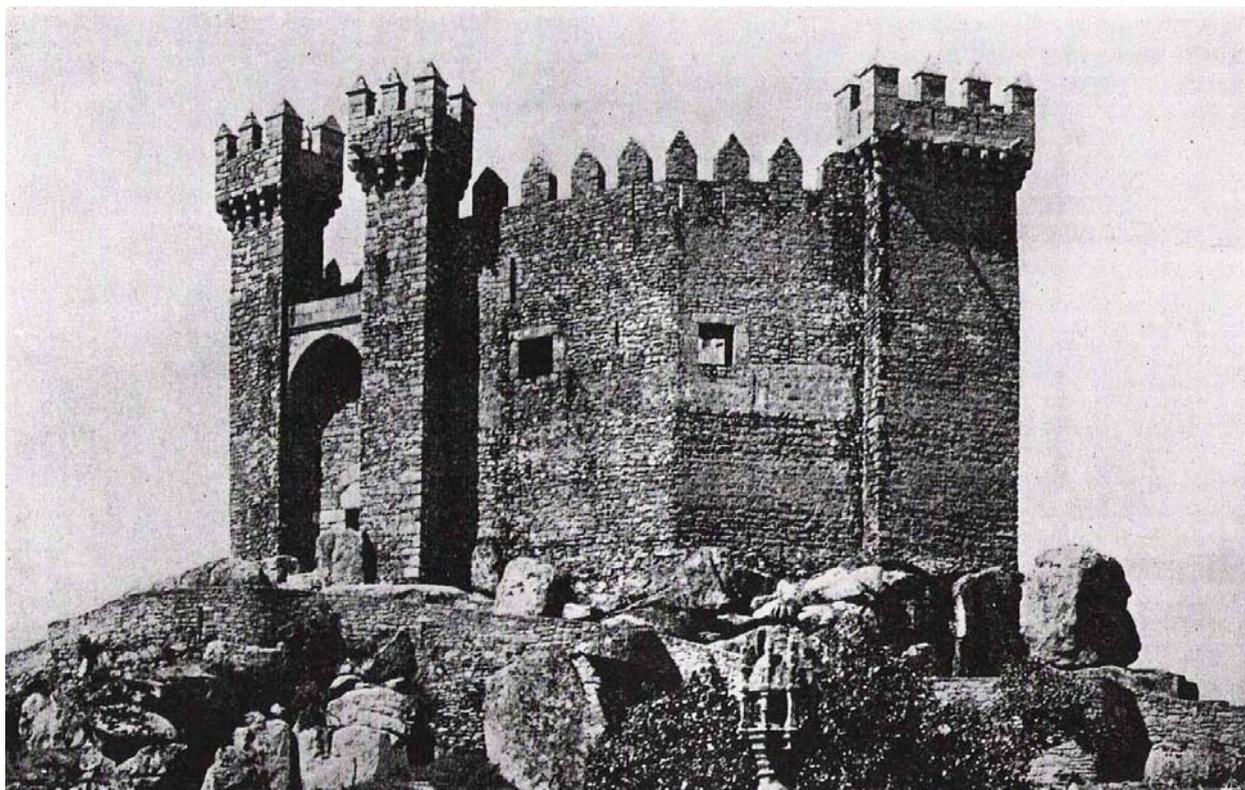
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

05

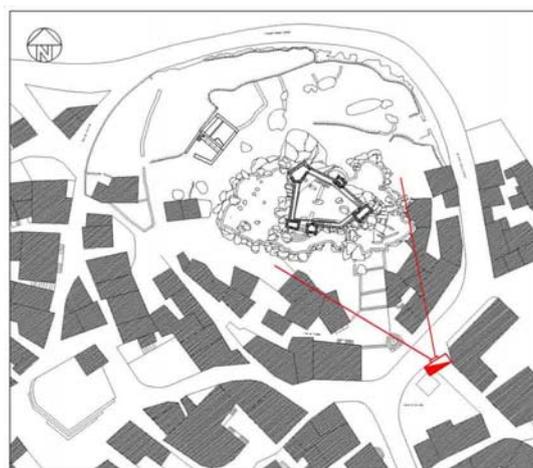


Notas:

Notar a inexistência de patine nas ameias reconstruídas pela DGEMN na década de 40 do séc. XX.

Nome:

Vista sudeste do castelo depois das obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



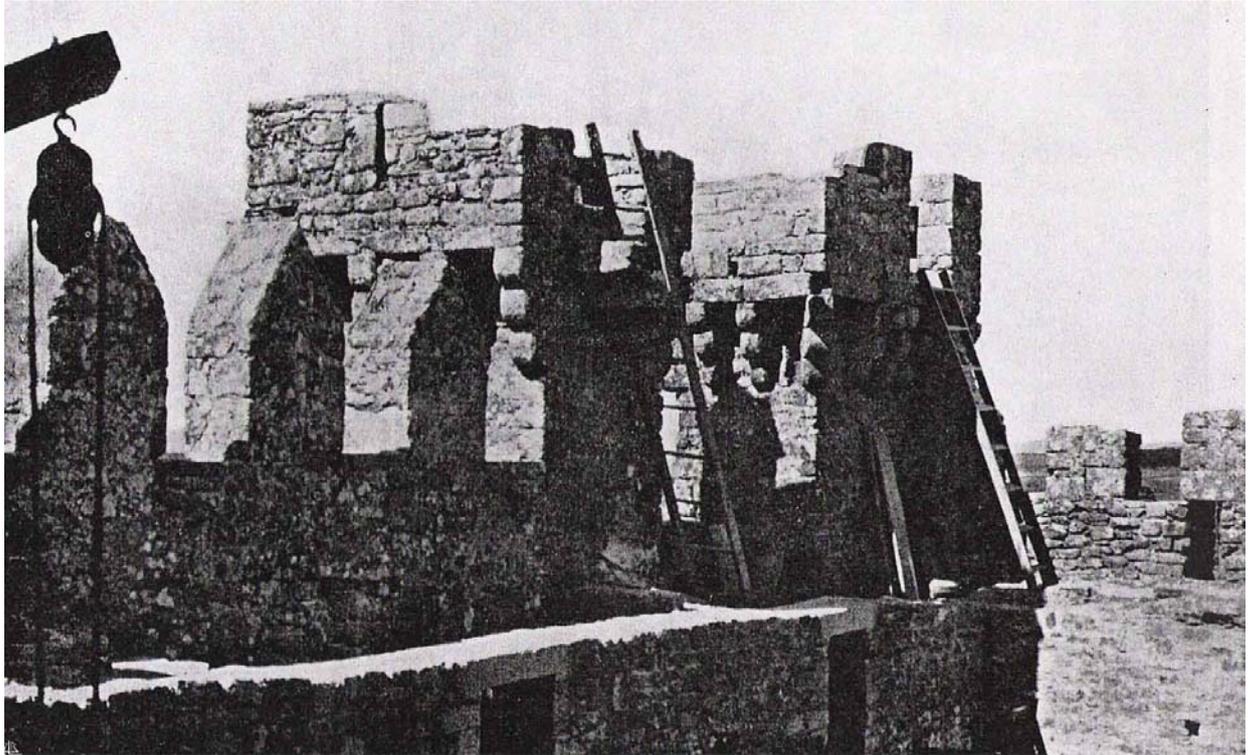
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

06



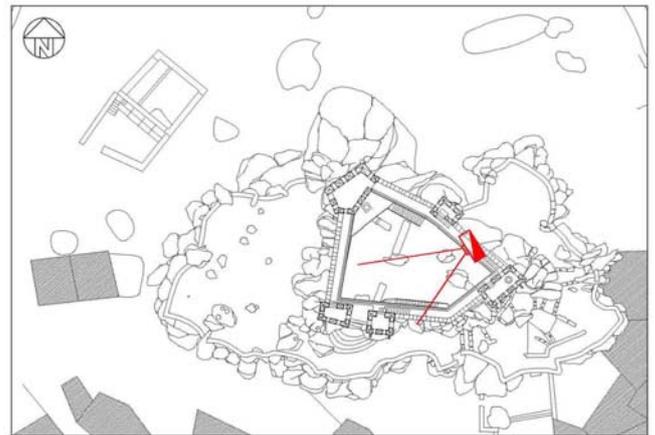
Notas:

Inexistência de coroamento das torres que flanqueiam a entrada do castelo, sendo possível verificar que as ameias ao longo do adarve da muralha sul já foram reconstruídas.

Notar que o adarve foi regularizado, mas ainda não tinha recebido o pavimento final.

Nome:

Vista interior da parte superior das torres que flanqueiam a entrada do castelo, durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

09



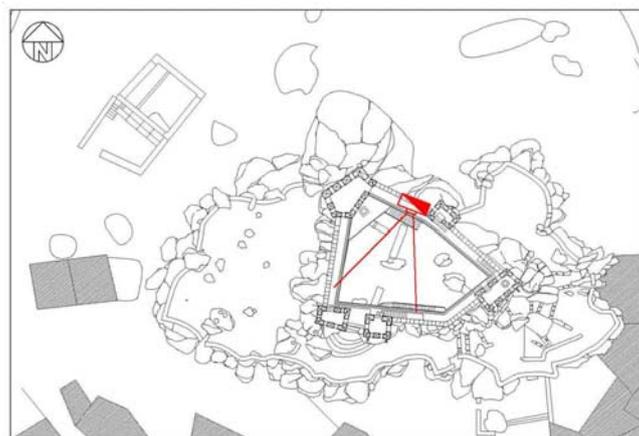
Notas:

Notar a inexistência de patine nas ameias reconstruídas pela DGEMN na década de 40 do séc. XX.

Apenas existe corrimão ao nível do adarve nos pontos onde a sua passagem é mais estreita, não garantindo no entanto a segurança mínima exigível.

Nome:

Vista interior da parte superior das torres que flanqueiam a entrada do castelo, depois das obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



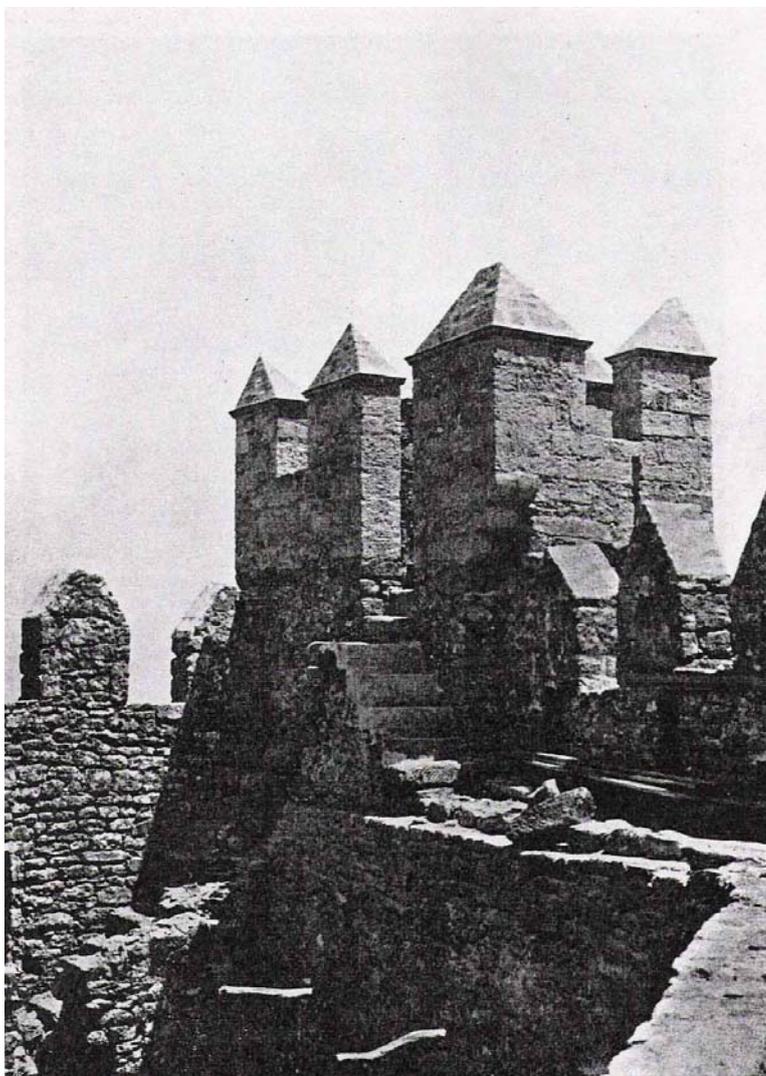
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

10



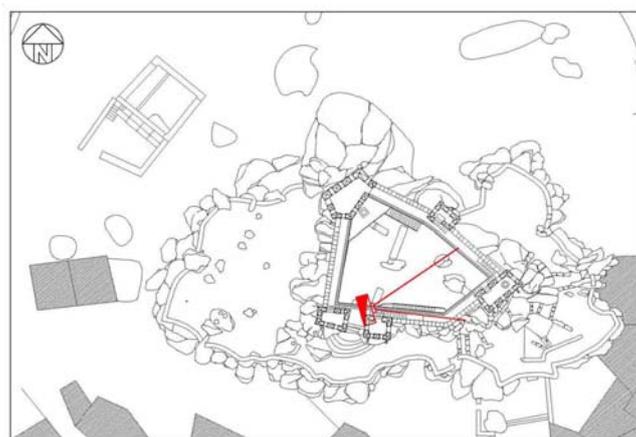
Notas:

O adarve junto à torre nascente está em estado de degradação avançado, tendo mesmo ruído numa zona onde existia escada interior e muralha e 1 vão.

Notar que o coroamento dessa torre já está concluído.

Nome:

Vista interior para a torre nascente, durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

11

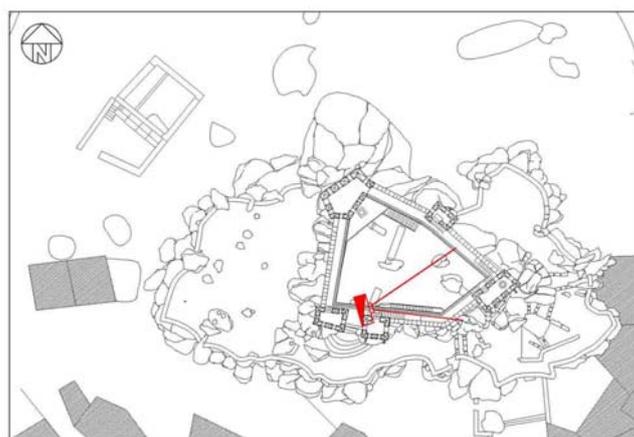


Notas:

O adarve junto à torre nascente já se encontra reconstruído.

Nome:

Vista interior para a torre nascente, depois das obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



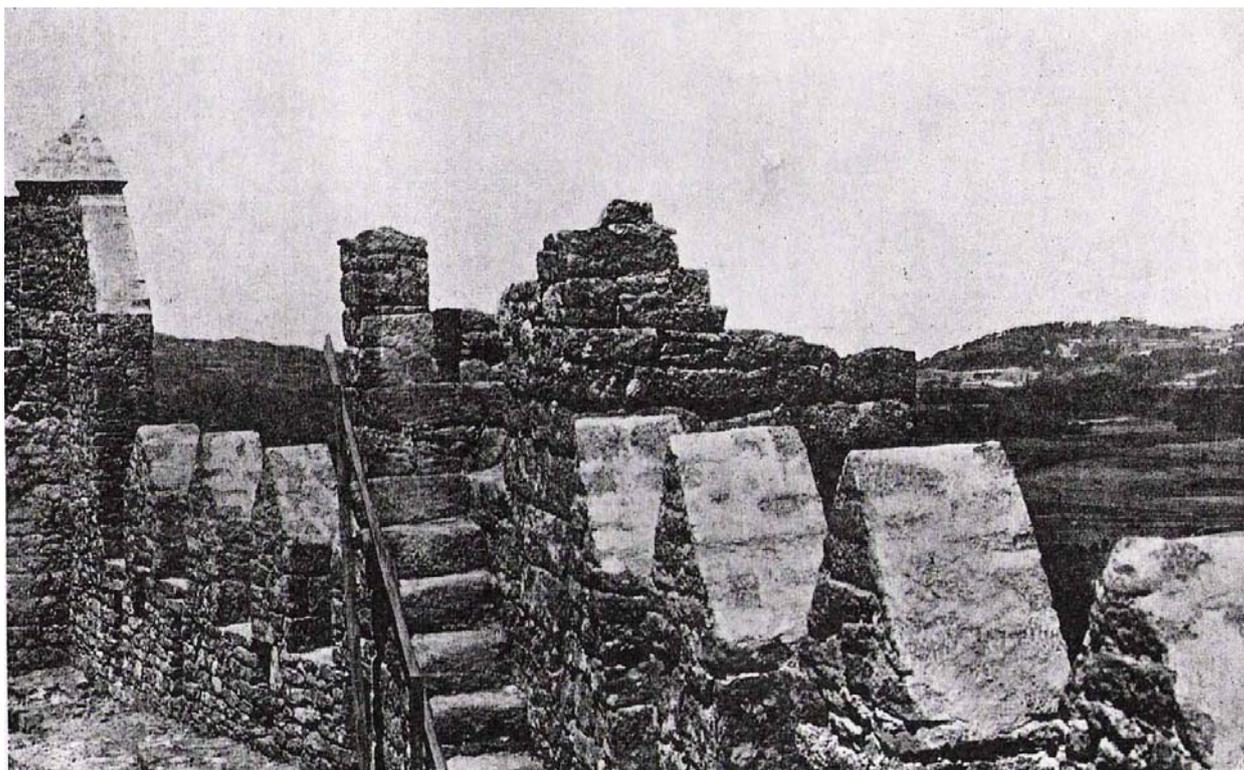
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

12

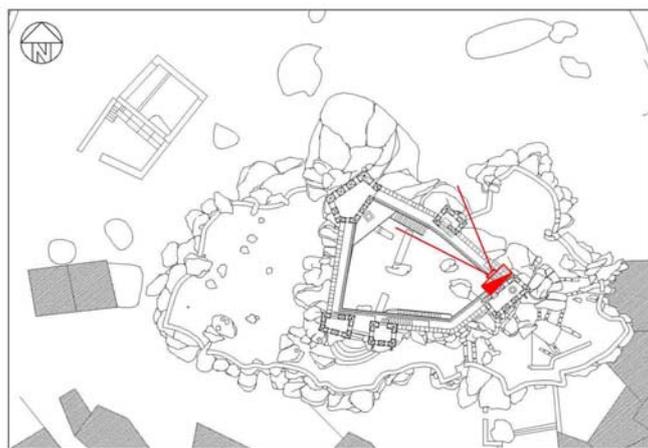


Notas:

Inexistência de coroamento da torre, sendo possível verificar que as ameias ao longo do adarve da muralha nordeste já foram reconstruídas.

Nome:

Vista interior para a torre nordeste, durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



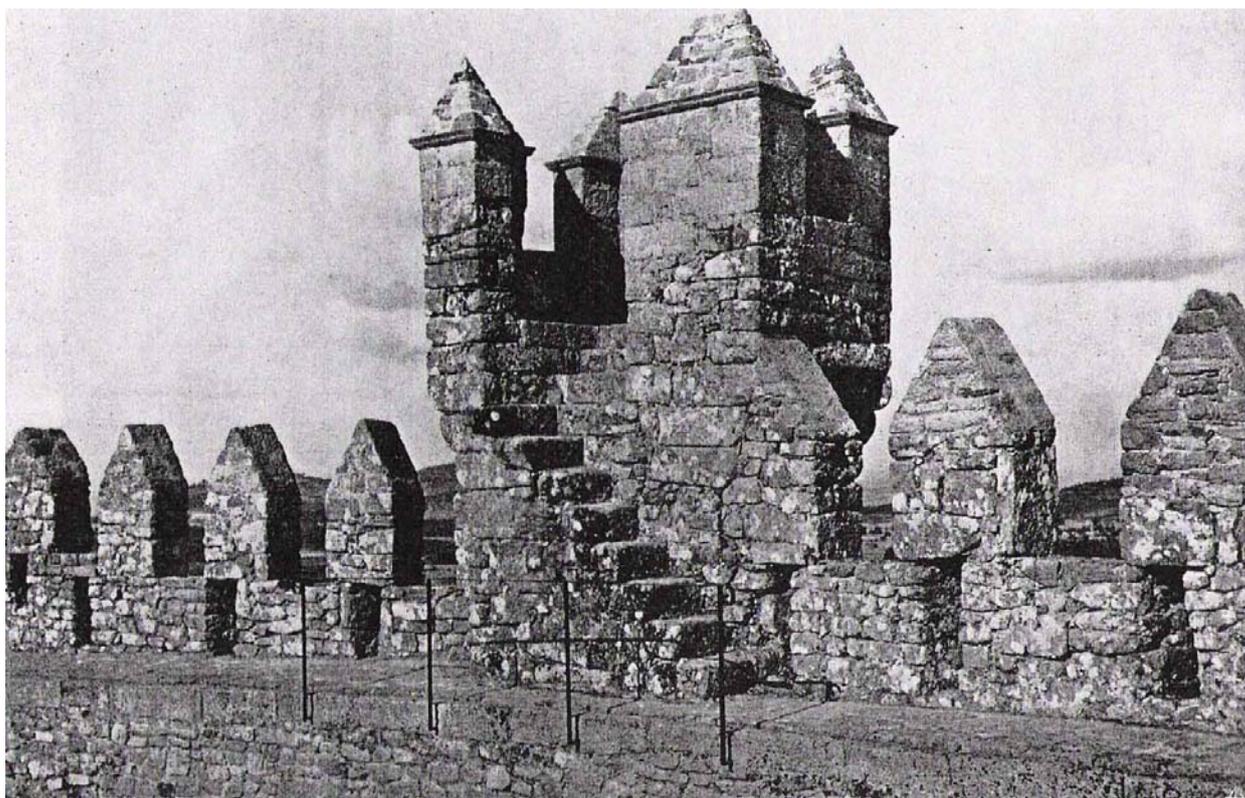
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

13

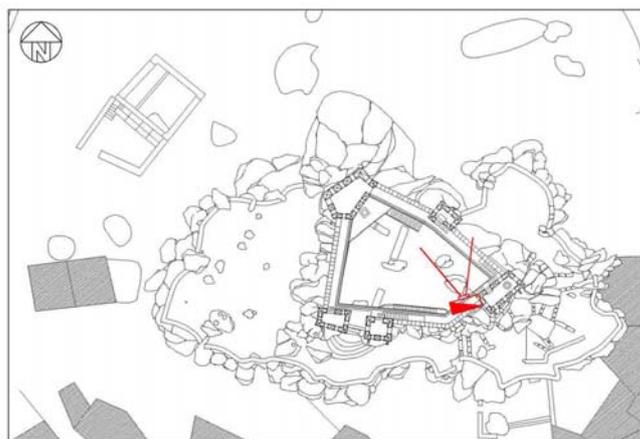


Notas:

Notar que o coroamento da torre nordeste já se encontra concluído.

Nome:

Vista interior para a torre nordeste, depois das obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



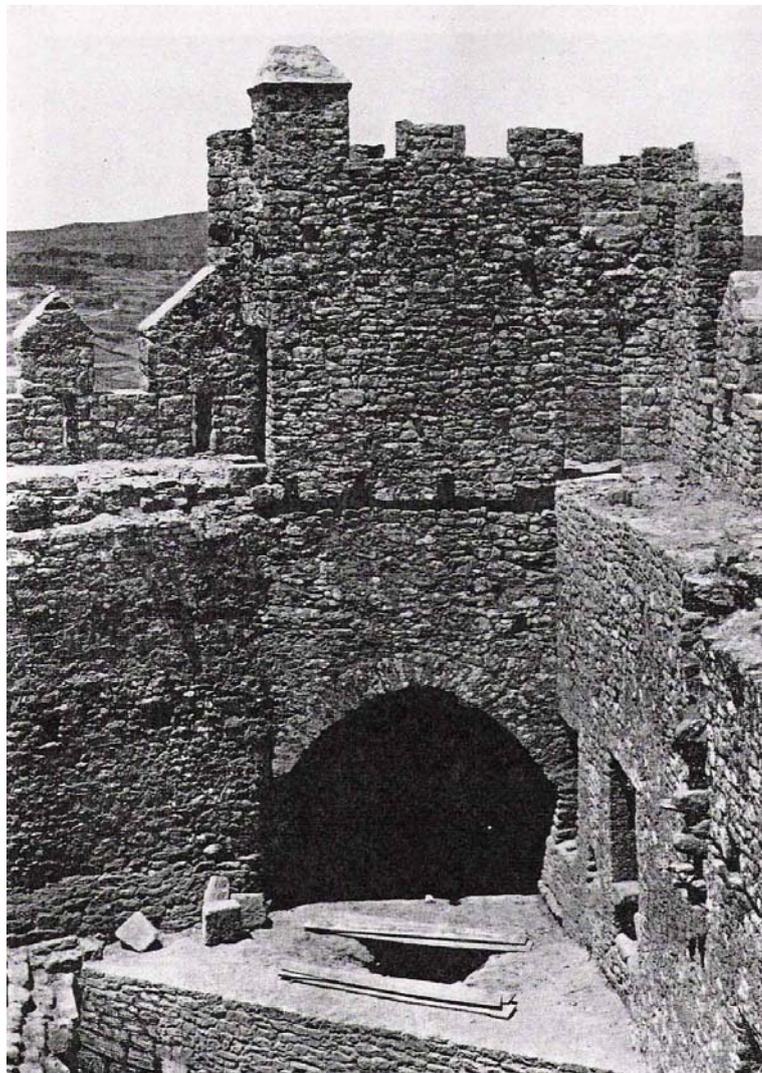
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

14



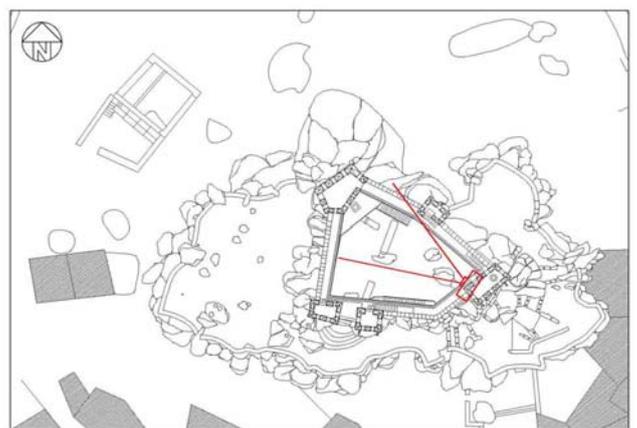
Notas:

Inexistência de coroamento da torre, sendo possível verificar que as ameias ao longo do adarve da muralha nordeste já foram reconstruídas.

O adarve encontra-se degradado, e a entrada da cisterna está completamente desprotegida.

Nome:

Vista interior para a torre noroeste e cisterna, durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



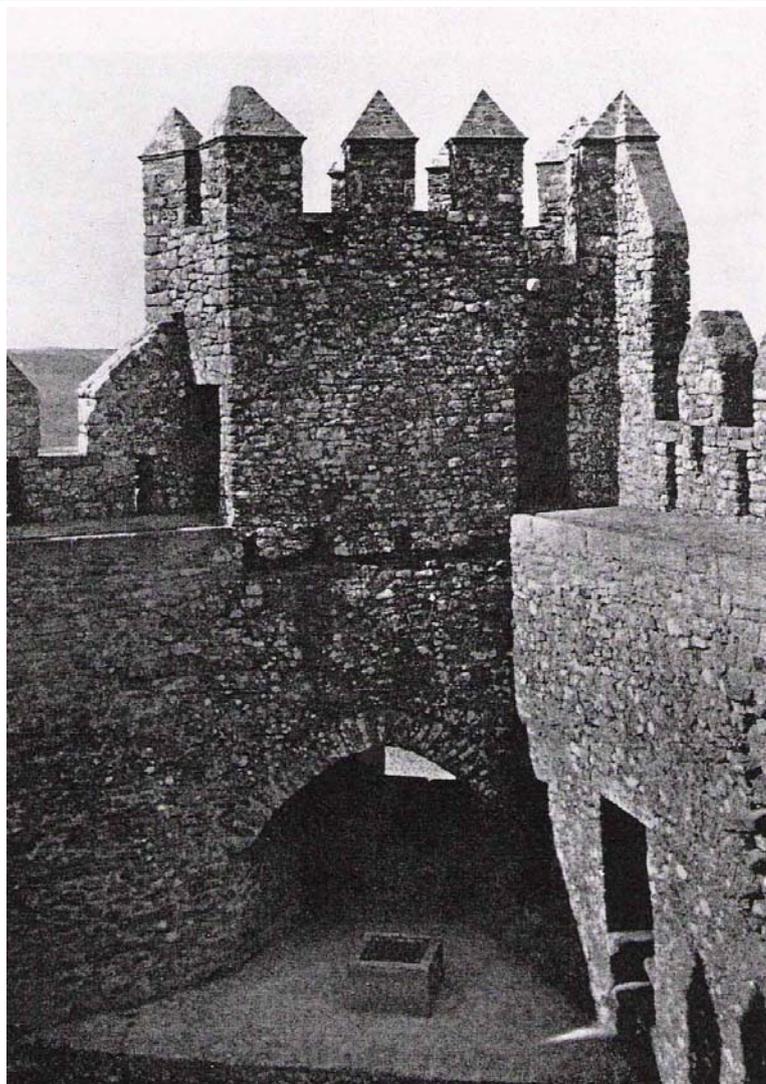
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

15



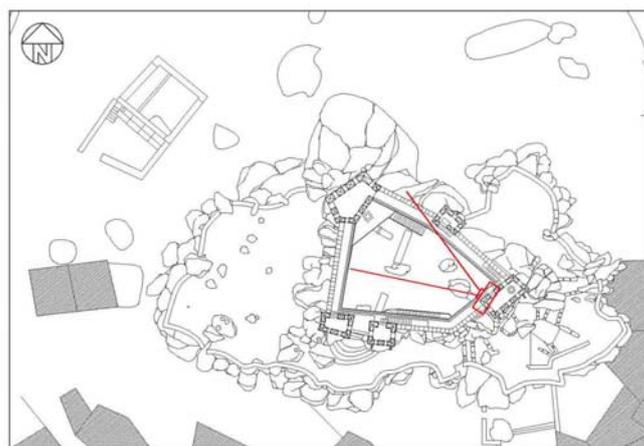
Notas:

O coroamento da torre nordeste já se encontra reconstruído, bem como o adarve adjacente.

Também o pavimento sobre a cisterna foi regularizado, tendo sido construído um muro novo de protecção em torno da entrada da cisterna.

Nome:

Vista interior para a torre noroeste e cisterna, durante as obras



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1940

16



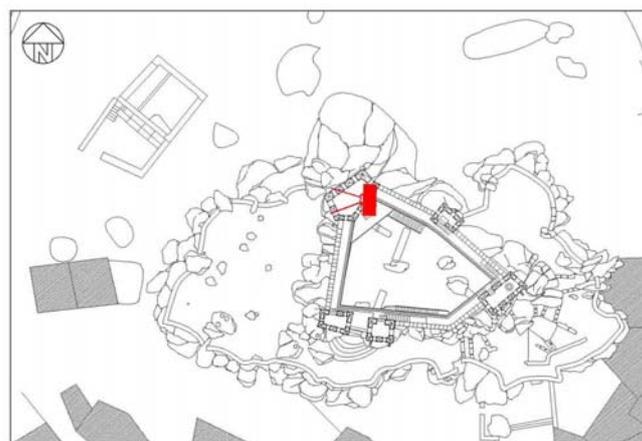
Notas:

Forro de madeira assente sobre cachorros de pedra encastrados nas paredes, que esconde a existência de uma laje em betão armado, construída pela DGEMN na década de 40 do séc. XX.

Notar a existência de limos nos paramentos.

Nome:

Vista do tecto da torre noroeste ao nível intermédio



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

59



Notas:

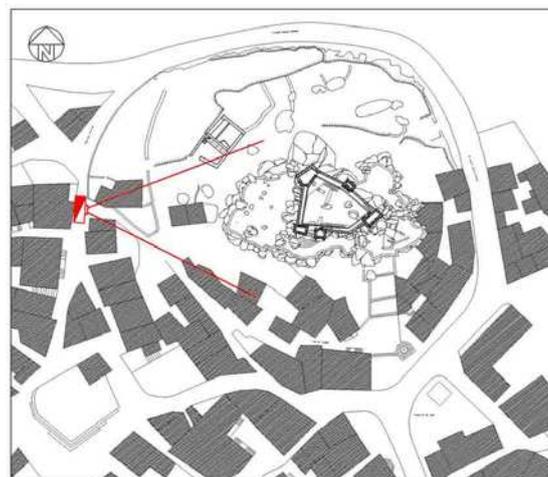
Notar que a rua é sinuosa, estreita e o pavimento desta é constituído por calçada de granito.

A torre noroeste do castelo apresenta manchas de musgos e de líquenes.

Existência de edifícios arruinados nas proximidades do castelo.

Nome:

Vista ponte do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

36



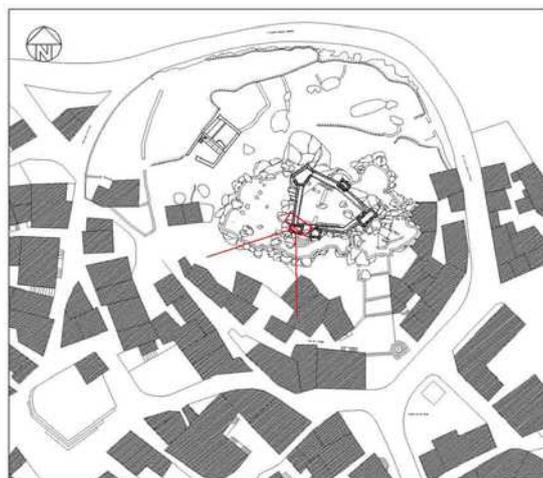
Notas:

Existem construções encostadas à barbacã, assim como quintais particulares.

Notar a existência de edifícios arruinados.

Nome:

Vista dos edifícios adjacentes à barbacã, do lado sudoeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

55



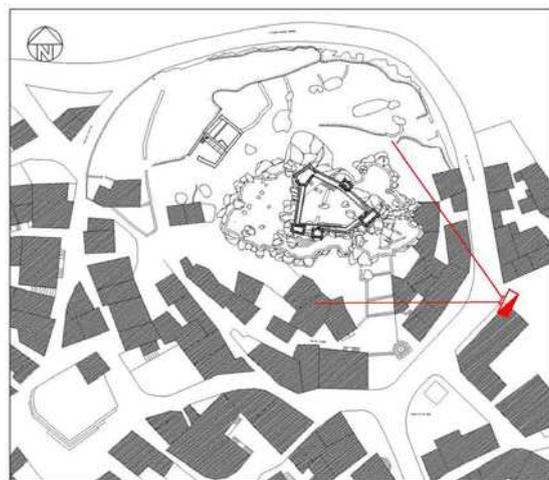
Notas:

Existem construções encostadas à barbacã, assim como quintais particulares.

Notar a dissonância de materiais e linguagem arquitectónica nos edifícios.

Nome:

Vista dos edifícios adjacentes à barbacã, do lado sudeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

35

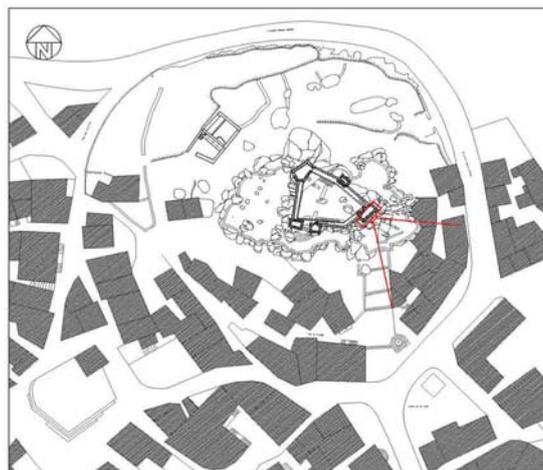


Notas:

Existem construções encostadas à barbacã, assim como quintais particulares.

Nome:

Vista dos edifícios adjacentes à barbacã do lado sudeste, a partir do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

56

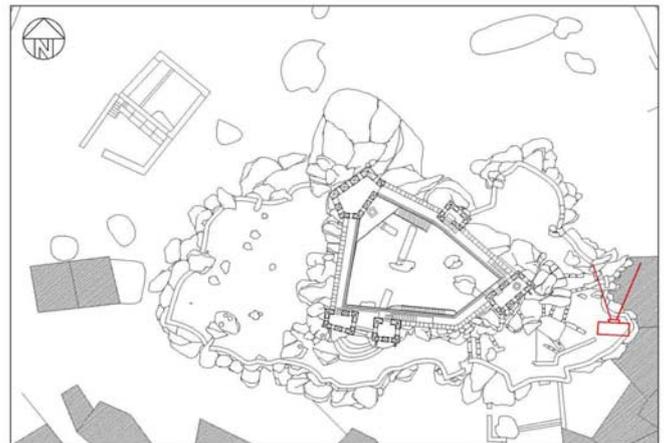


Notas:

Notar a irregularidade do telhado na zona do encosto às pedras sobre as quais assenta a barbacã.

Nome:

Pormenor do encosto dos edifícios adjacentes à barbacã, do lado sudeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

57

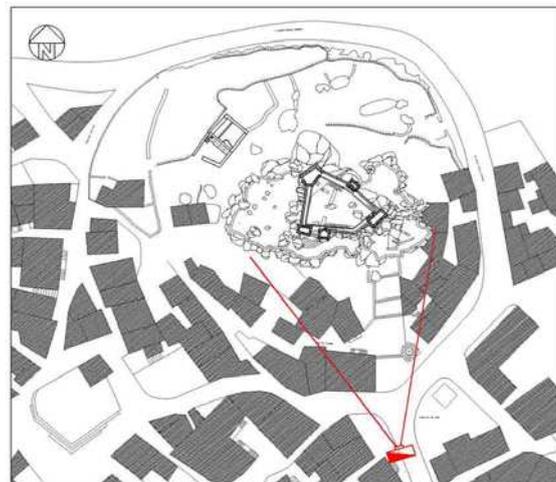


Notas:

Notar a existência nas muralhas de manchas predominantemente de líquenes, e algumas de musgo.

Nome:

Vista sul do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

33



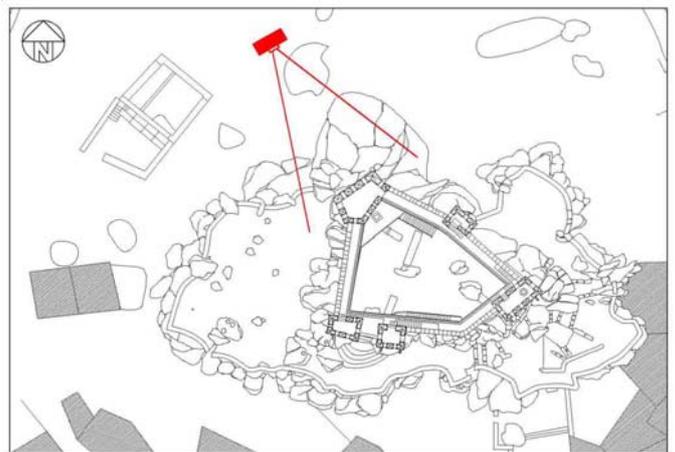
Notas:

Notar a existência nas muralhas de manchas de musgo.

O reboco aparenta estar degradado em algumas partes dos paramentos da muralha.

Nome:

Vista nordeste do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

34



Notas:

O castelo ergue-se altaneiro sobre a vila, assente num afloramento rochoso granítico.

Notar que a povoação apresenta 1 maior número de edifícios rebocados em relação às fotografias da década de 40 do séc. XX, sendo a sua linguagem arquitectónica algo descaracterizada relativamente ao que existia anteriormente.

Nome:

Vista sul do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

25



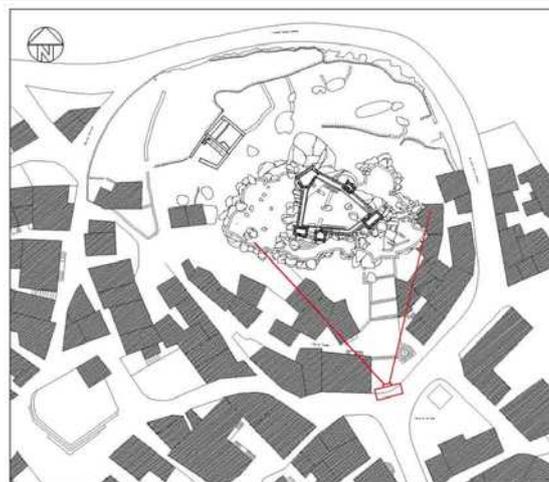
Notas:

Consegue perceber-se perfeitamente o complexo formado pelo castelo e sua barbacã.

Notar que ainda não foi construído o complexo desportivo nos terrenos ao fundo da fotografia.

Nome:

Vista aérea da parte sul do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

29

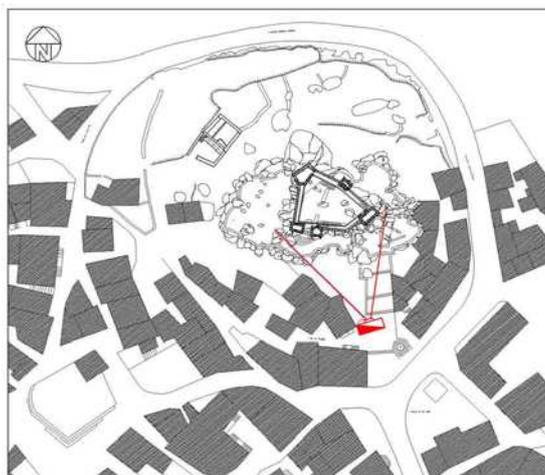


Notas:

Existência nas muralhas do castelo e da barbacã de amplas manchas de líquenes.

Nome:

Vista sul do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

30



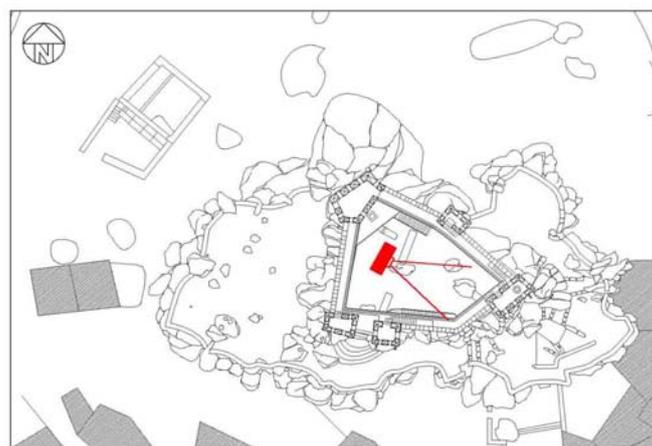
Notas:

Existência nas muralhas de amplas manchas de musgo e plantas.

Notar a existência de vestígios de 1 pavimento intermédio no paramento da muralha.

Nome:

Vista interior do paramento nascente da muralha



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

32



Notas:

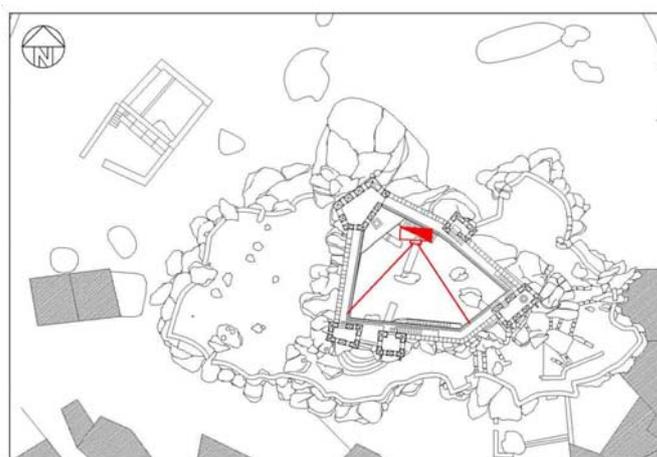
Existência nas muralhas de manchas de musgo.

Notar que o corrimão do adarve apenas existe em locais onde a passagem é estreita.

Imediatamente abaixo dos vãos superiores existem vestígios de um piso intermédio superior (aparentam ser os espaços da entrega de vigamento).

Nome:

Vista interior do paramento sul da muralha



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

31



Notas:

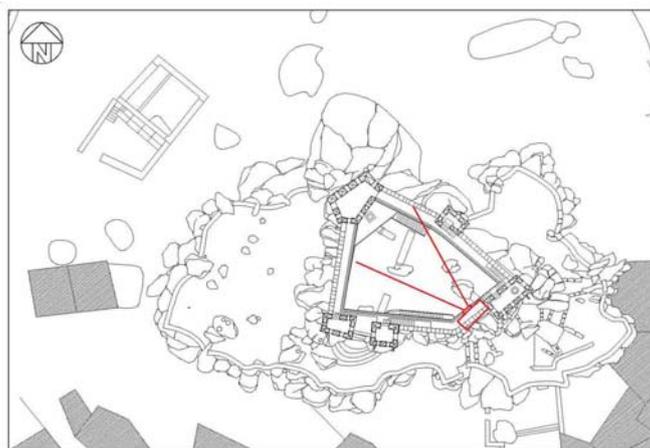
Existência nas muralhas de manchas de musgo e de líquenes.

Os pavimentos apresentam infestação de plantas.

Notar a existência de vestígios de 1 pavimento intermédio no paramento da torre.

Nome:

Vista interior da torre nordeste do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS
 Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
 00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
 UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

44

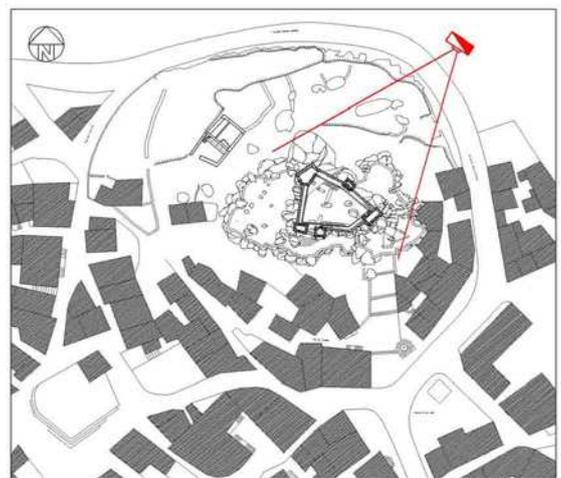


Notas:

No Inverno, como é perceptível, existe ocorrência de neve, tornando a amplitude térmica na região bastante elevada.

Nome:

Vista nordeste do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Fonte:

Arquivos da DGEMN



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
UFBA - IPHAN - UNESCO



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

27

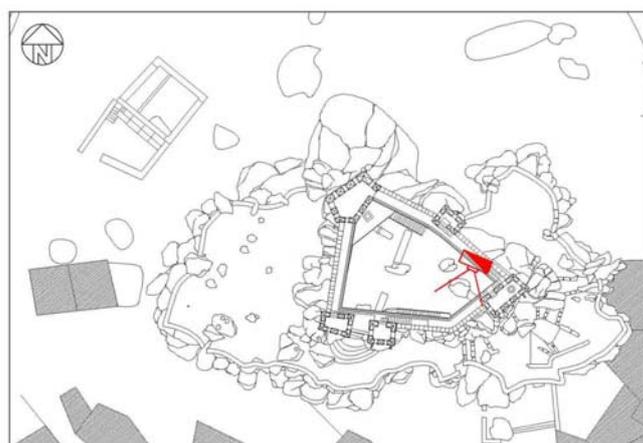


Notas:

Pode-se perceber o estado descuidado do chão do castelo, onde cresce vegetação silvestre.

Nome:

Vista interior do chão do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

70



Notas:

A parte superior esquerda do edifício cedeu.

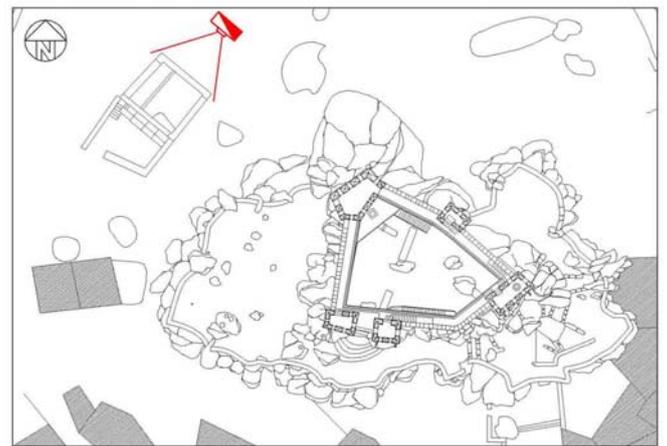
A alvenaria é de pedra seca irregular.

O paramento apresenta algumas manchas de musgo e líquenes.

Notar a aparente existência de 1 vão que parece ter sido posteriormente tapado.

Nome:

Vista da parede nordeste da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

96



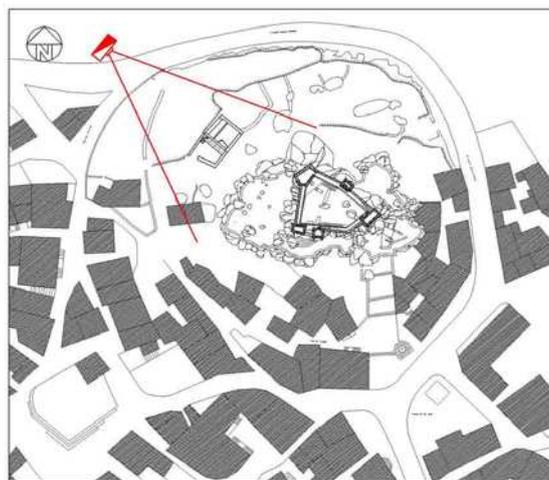
Notas:

Notar a existência nas muralhas da torre nordeste de manchas de musgo e de líquenes.

Em primeiro plano pode-se aperceber o estado da ruína.

Nome:

Vista poente do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS
 Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
 00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
 UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

37



Notas:

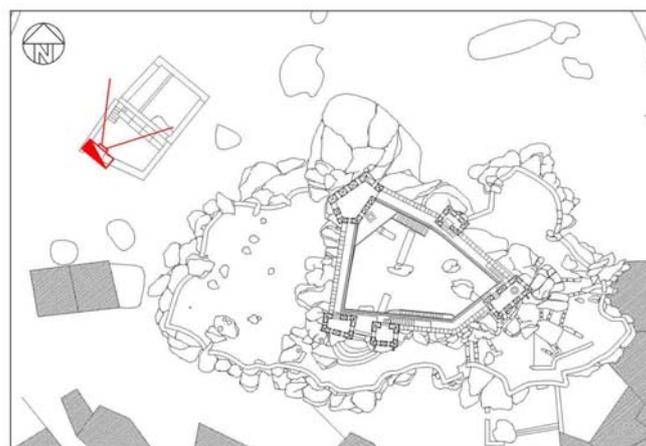
O chão apresenta vestígios da queda de pedras do edifício.

Os paramentos apresentam algumas manchas de musgo e líquenes.

Notar a invasão por parte de vegetação silvestre.

Nome:

Vista da entrada da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

97



Notas:

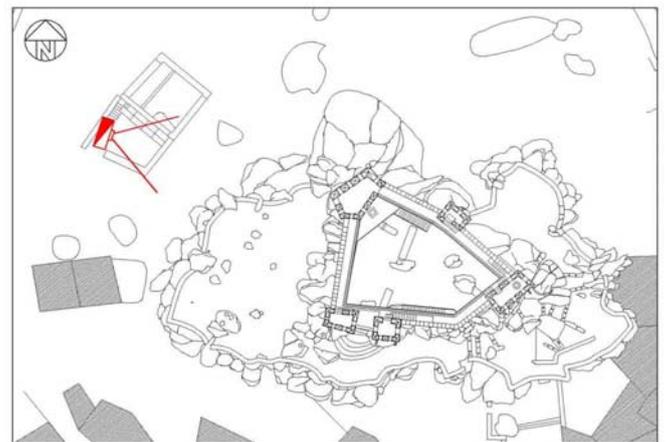
O chão apresenta vestígios da queda de pedras do edifício.

Os paramentos apresentam algumas manchas de líquenes.

Notar a invasão por parte de vegetação silvestre, e a existência de lixo.

Nome:

Vista do pátio da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

98



Notas:

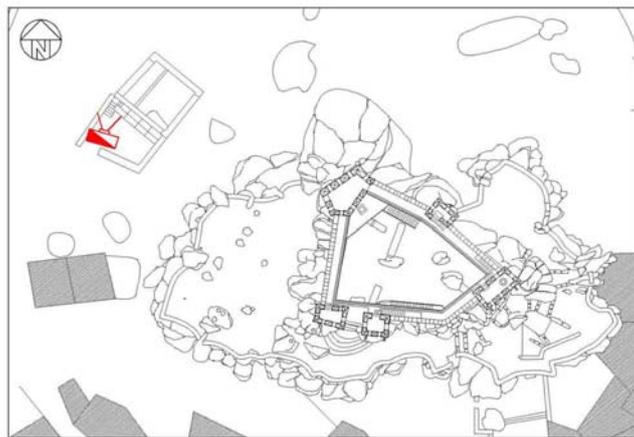
O chão apresenta vestígios da queda de pedras do edifício.

A escada, feita de blocos monolíticos de granito assentes em embasamento de pedra seca irregular, apresenta algumas manchas de líquenes.

Notar a invasão por parte de vegetação silvestre, e a existência de lixo.

Nome:

Pormenor da escada de acesso à parte superior da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo Frente Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

99



Notas:

A única viga subsistente da antiga cobertura em telhado apresenta-se em muito mau estado.

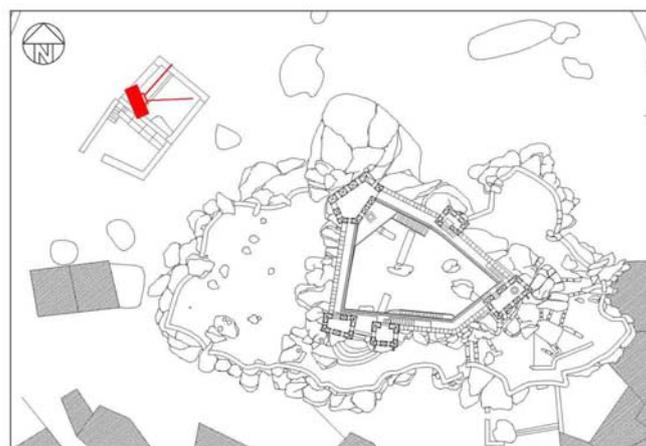
É possível reparar que a parte superior esquerda do edifício cedeu.

A alvenaria é de pedra seca irregular.

Notar a invasão por parte de vegetação silvestre.

Nome:

Pormenor de 1 viga do telhado



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

100



Notas:

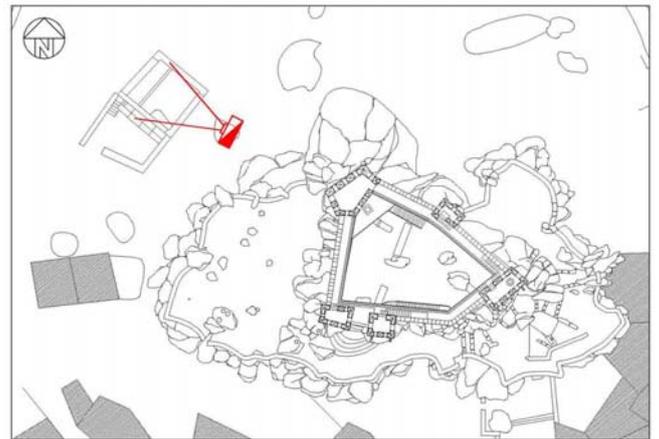
A única viga subsistente da antiga cobertura em telhado apresenta-se em muito mau estado.

Ambas as paredes laterais do edifício cederam.

Notar a invasão por parte de vegetação silvestre.

Nome:

Vista sudeste da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

95

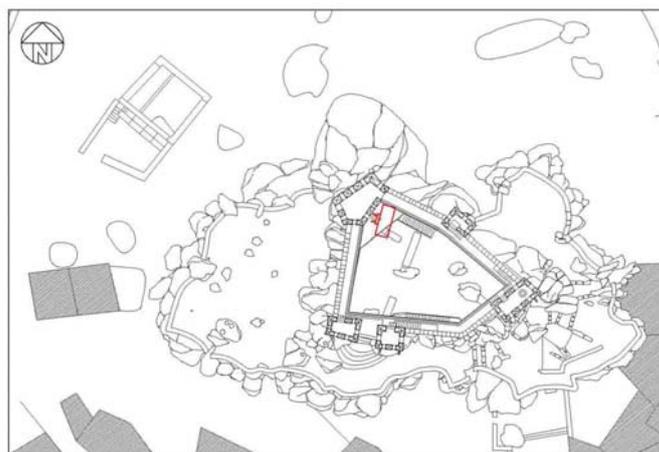


Notas:

O interior da cisterna encontra-se cheio de lixo.

Nome:

Vista do interior da cisterna do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

69



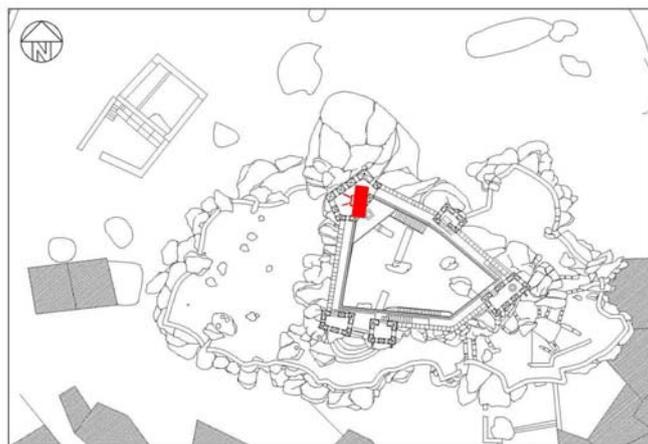
Notas:

Forro de madeira que esconde a existência de uma laje em betão armado, construída pela DGEMN na década de 40 do séc. XX.

Notar a existência de limos nos paramentos e na própria madeira.

Nome:

Vista interior do tecto da torre noroeste, ao nível intermédio



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

60



Notas:

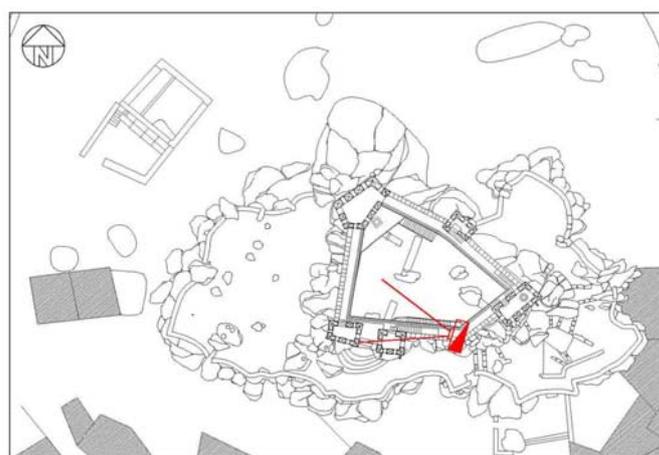
É perceptível o corrimão precário ao longo do adarve, que não garante o mínimo de segurança exigível.

Notar a existência de vegetação crescendo na superfície do adarve e, sobretudo, na calha de escoamento de águas pluviais.

Também nos paramentos se pode observar o crescimento de líquenes e de musgos.

Nome:

Vista do adarve sobre a muralha sul do castelo, com a actual escada de acesso a este



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

47



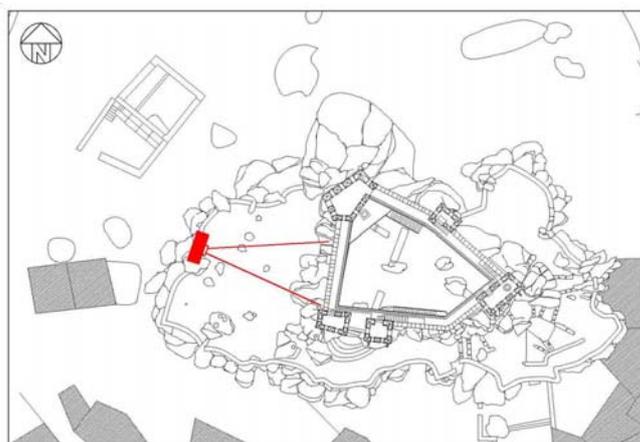
Notas:

São perceptíveis no paramento da muralha a existência de cortes verticais que se assemelham aos de vãos posteriormente tapados.

Notar a existência de manchas de musgo no coroamento da muralha.

Nome:

Vista exterior da parte superior da muralha poente do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

68



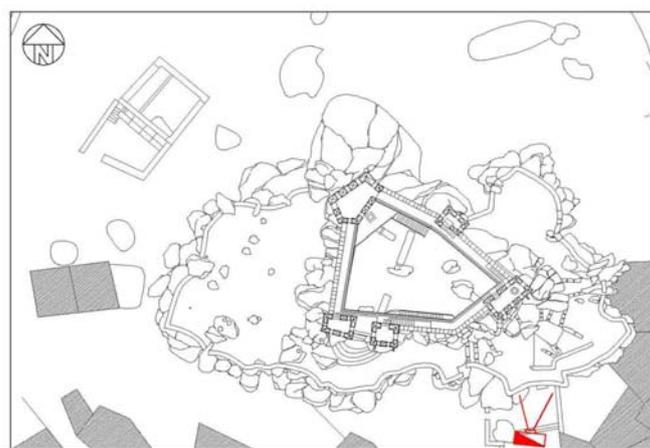
Notas:

A porta da barbacã, instalada durante as obras da DGEMN na década de 40 do séc. XX, é constituída por pranchas verticais de madeira presas mediante travessas metálicas horizontais.

Notar a existência de manchas de líquenes na muralha, bem como de ervas no pavimento de calçada.

Nome:

Vista exterior da entrada da barbacã



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

39



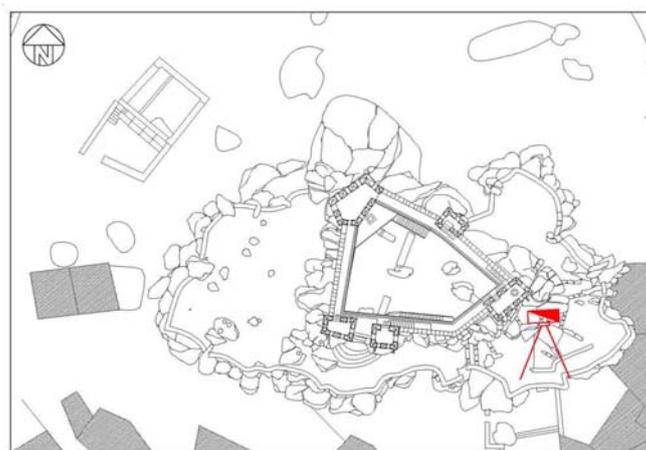
Notas:

Inexistência de corrimão de segurança em torno da vala da entrada.

Notar a existência de manchas de líquenes e musgo na muralha, bem como de ervas no chão.

Nome:

Vista interior da entrada da barbacã



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

40



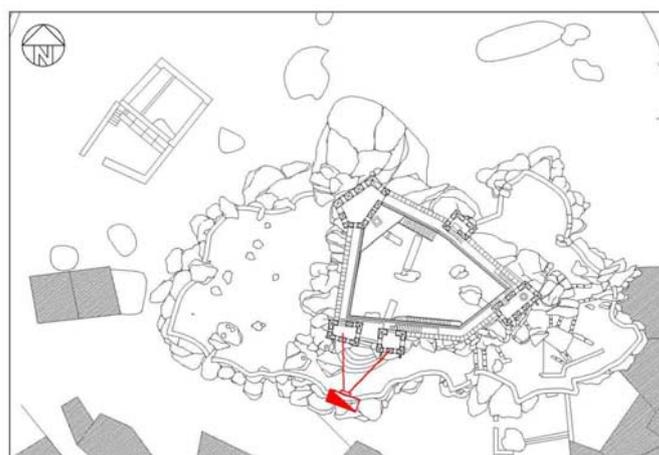
Notas:

Não existem condições de acessibilidade para deficientes motores.

Notar a existência de manchas de líquenes na muralha, bem como de ervas nos degraus.

Nome:

Vista exterior da entrada do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal
00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS
UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

42



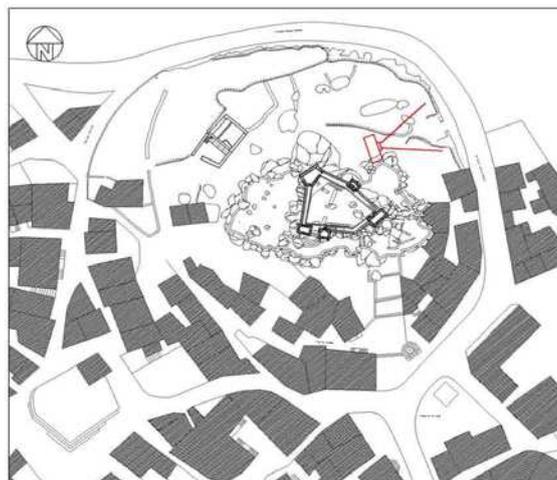
Notas:

Entrada completamente degradada.

Anteriormente dava acesso a vários edifícios que assentavam na colina e rodeavam o castelo, tendo sido quase todos demolidos.

Nome:

Vista da entrada nascente na colina do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo

Frente

Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

90



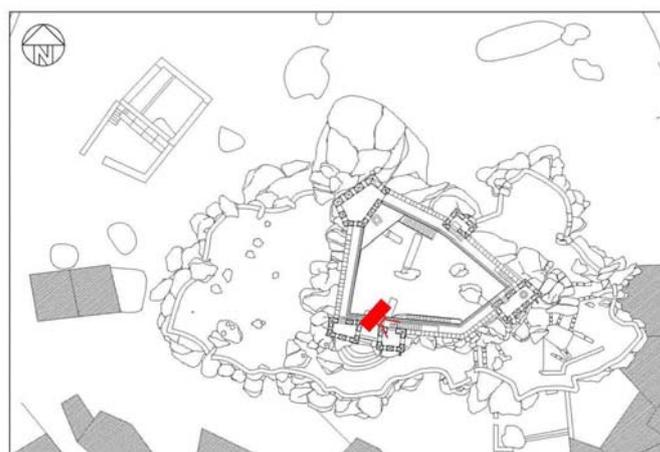
Notas:

Vestígios da escada que dava acesso ao topo da torre direita que flanqueia a entrada do castelo.

Notar a presença de vastas manchas de musgo e líquenes.

Nome:

Vista de vestígios na torre direita que flanqueia a entrada do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

61



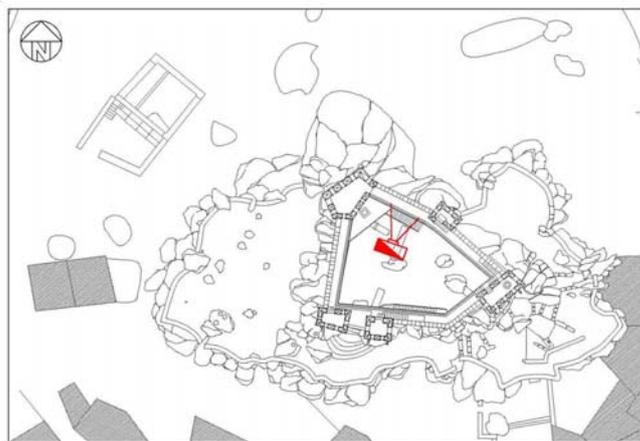
Notas:

Vestígios de 1 escada sob um meio arco encastrado na muralha nordeste.

Notar a presença de ervas na escada erigida pela DGEMN na década de 40 do séc. XX.

Nome:

Vista de vestígios na torre direita que flanqueia a entrada do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



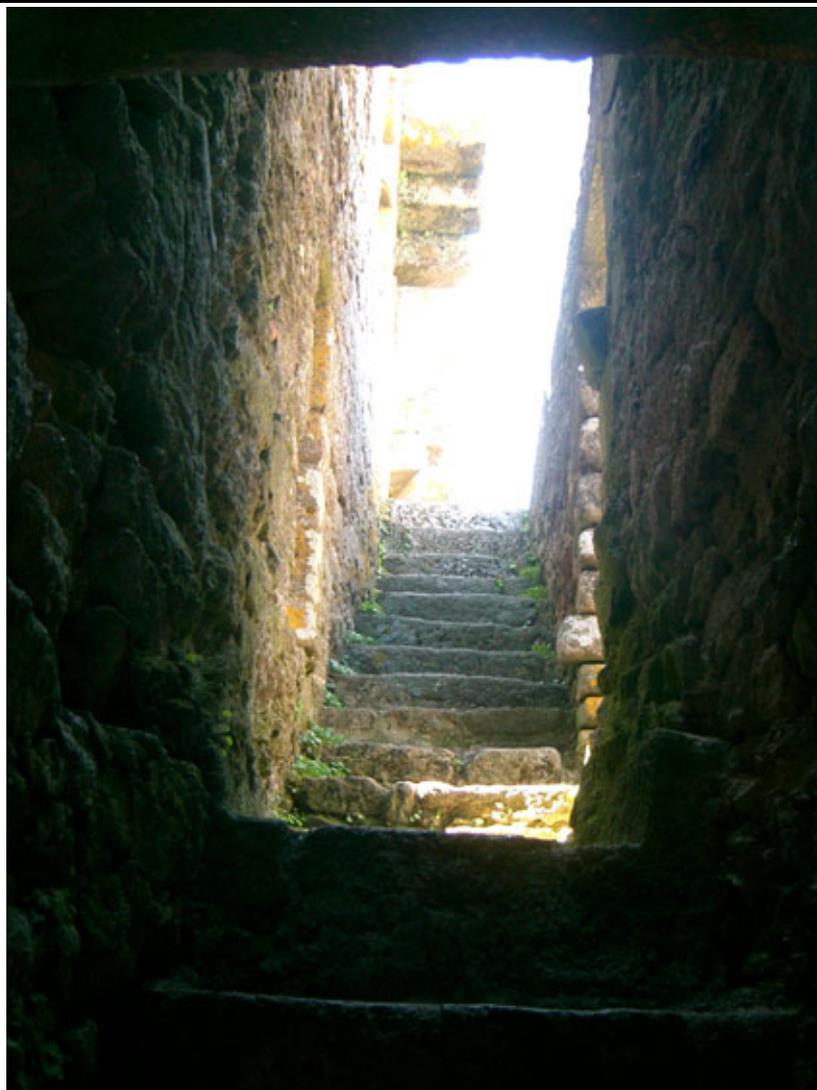
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

62



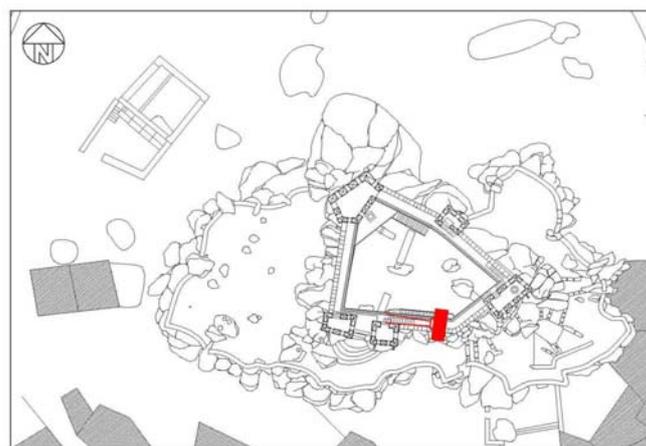
Notas:

A escada é bastante estreita e apresenta degradação da argamassa nos seus paramentos.

Notar a presença de ervas na escada.

Nome:

Vista da escada no interior da muralha sul que acede ao adarve



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

45

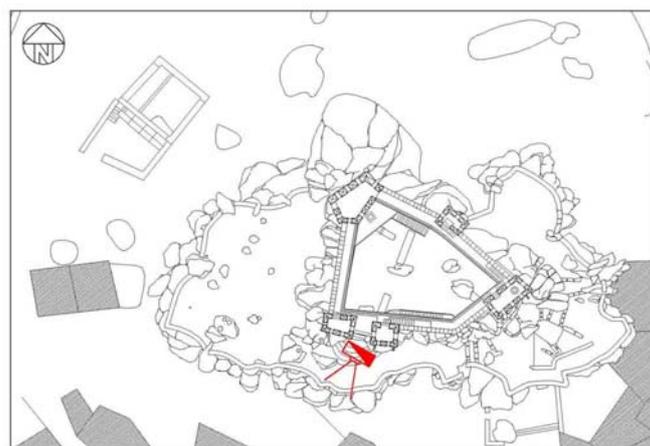


Notas:

Notar a falta de enquadramento do holofote.

Nome:

Vista do holofote adjacente à entrada do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

86

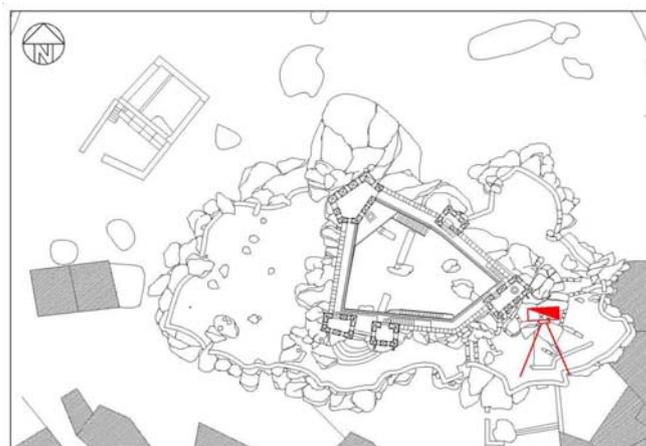


Notas:

Notar a existência de ervas no paramento da muralha.

Nome:

Vista interior de 1 vão na muralha sul



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

46

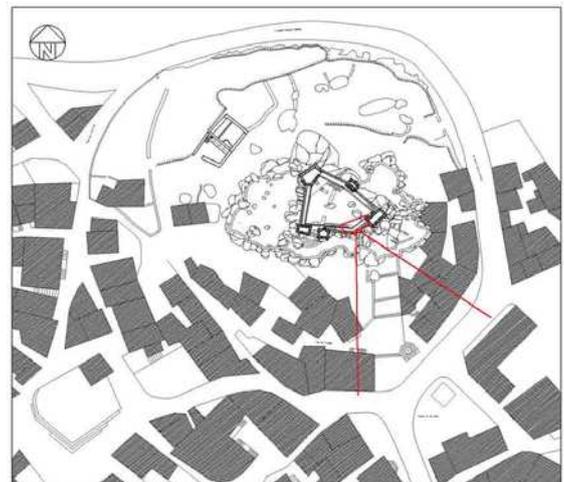


Notas:

Notar que foi retirado o primitivo reboco à maior parte dos edifícios do largo.

Nome:

Vista do largo 25 de Abril, a partir do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

53

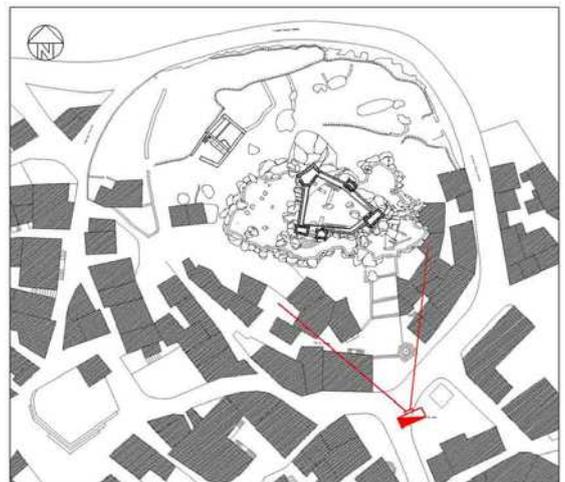


Notas:

Iluminação nocturna do castelo desadequada, com focos no meio da muralha e partes do castelo escuras.

Nome:

Vista sul do castelo, à noite



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo

Frente

Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

87

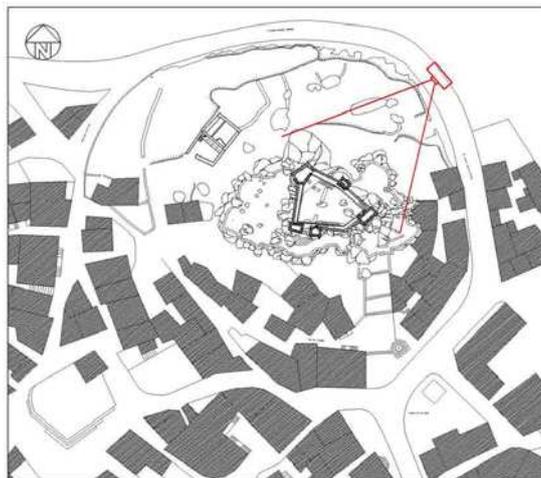


Notas:

Iluminação nocturna do castelo desadequada.

Nome:

Vista nordeste do castelo, à noite



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

88

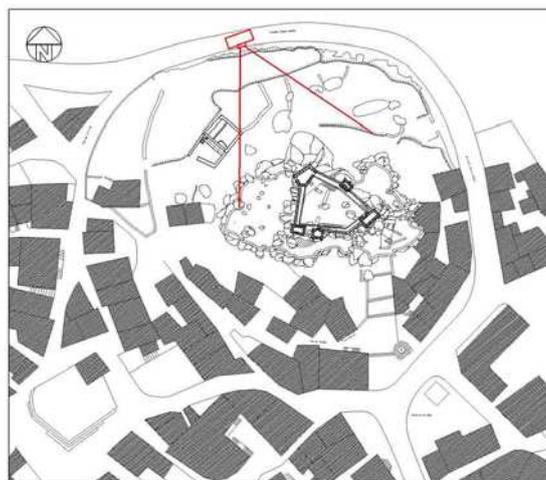


Notas:

Iluminação nocturna do castelo desadequada, com iluminação desigual que não explora as suas potencialidades.

Nome:

Vista noroeste do castelo, à noite



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

89

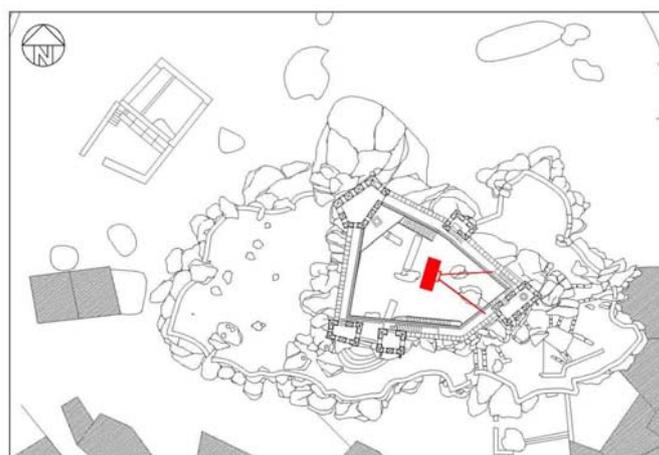


Notas:

Enorme mancha de musgo e ervas na parte superior da muralha da torre nascente, na parte interior.

Nome:

Vista interior da muralha da torre nascente



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

79

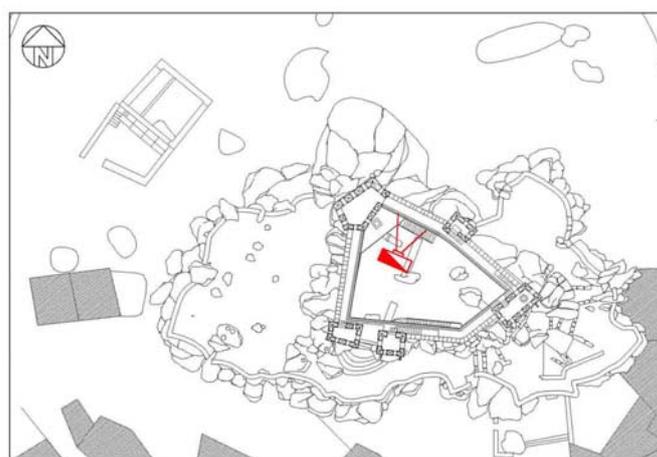


Notas:

Ervas e musgo num paramento da muralha do castelo.

Nome:

Pormenor de vegetação num paramento da muralha do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

82

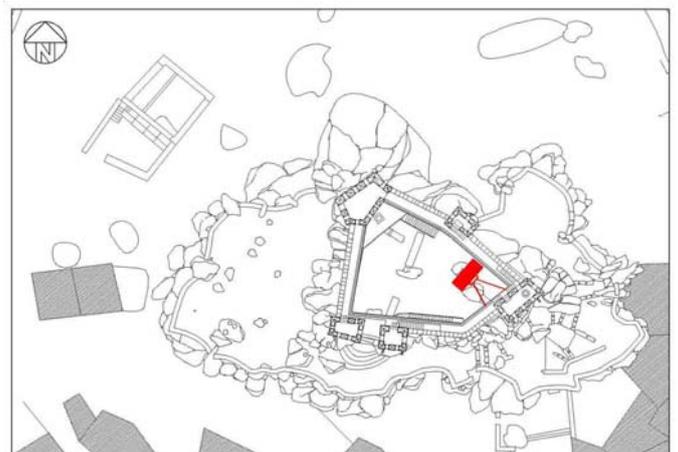


Notas:

Musgo num paramento da muralha do castelo.

Nome:

Pormenor de musgo num paramento da muralha do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

81

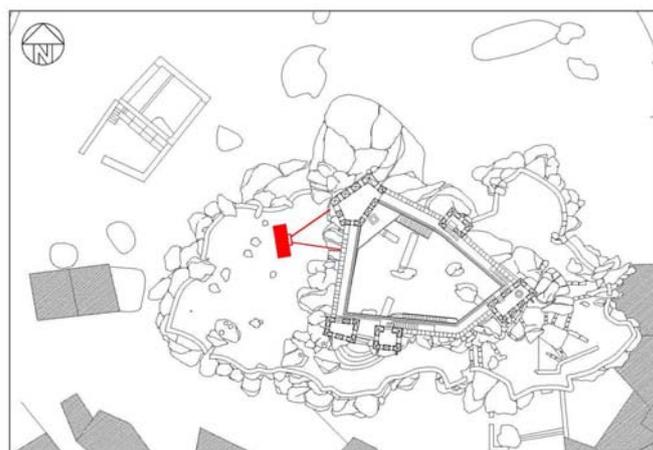


Notas:

Musgo na parte superior do paramento da torre noroeste do castelo.

Nome:

Pormenor de musgo num paramento da torre noroeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

80

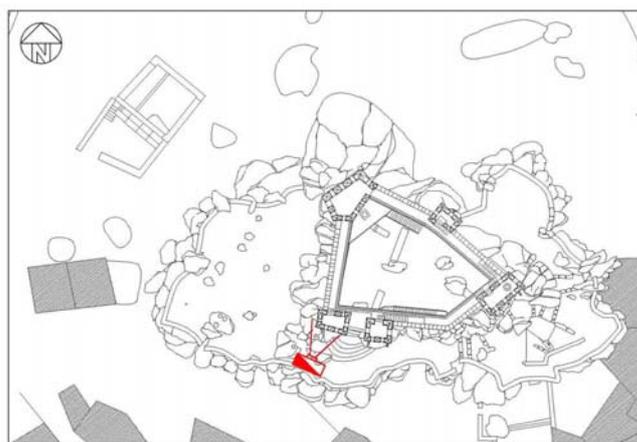


Notas:

Líquenes no paramento da torre esquerda que flanqueia a entrada do castelo.

Nome:

Pormenor de líquenes num paramento da muralha do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

78

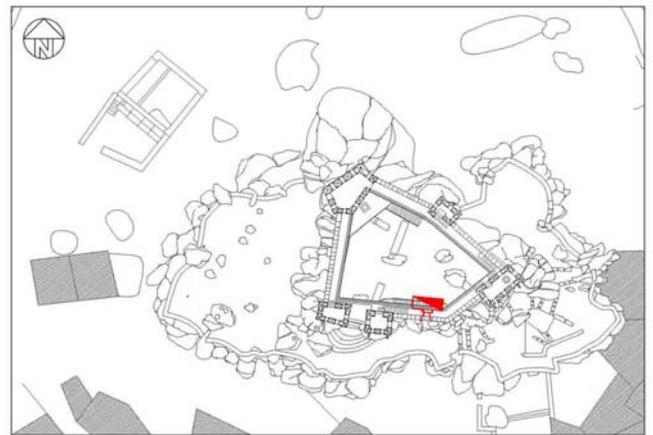


Notas:

Desagregação de argamassa na muralha do castelo.

Nome:

Pormenor da desagregação de argamassa na muralha do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

84

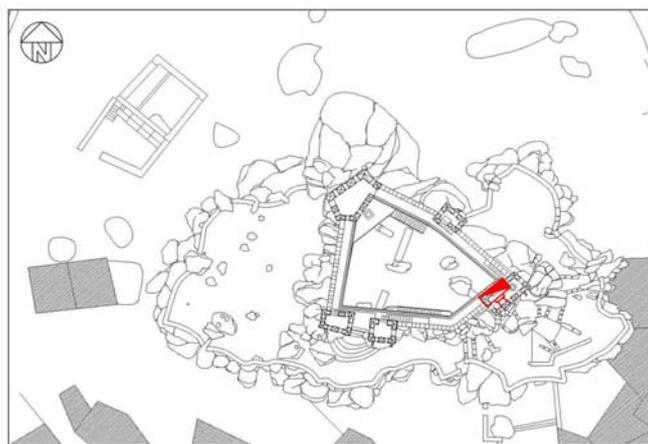


Notas:

Argamassa utilizada pela DGEMN, com cimento Portland na sua composição.

Nome:

Pormenor da argamassa utilizada pela DGEMN nas obras da década de 40 do séc. XX



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



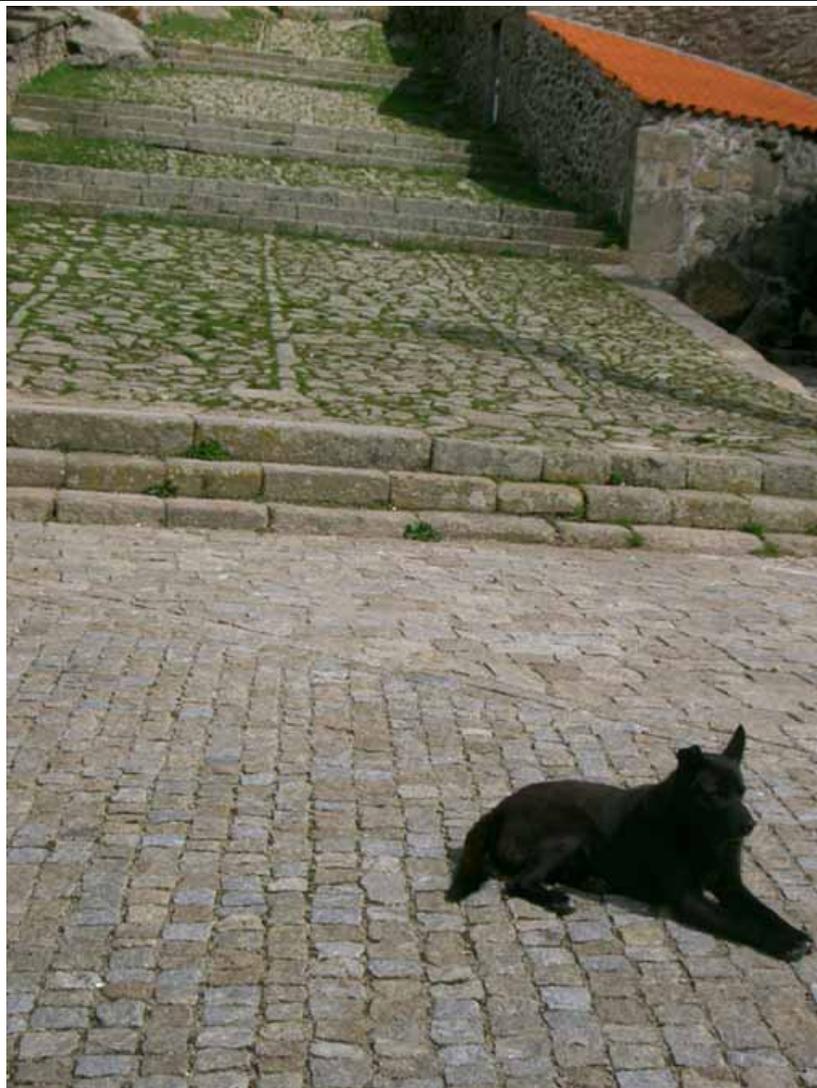
REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

83

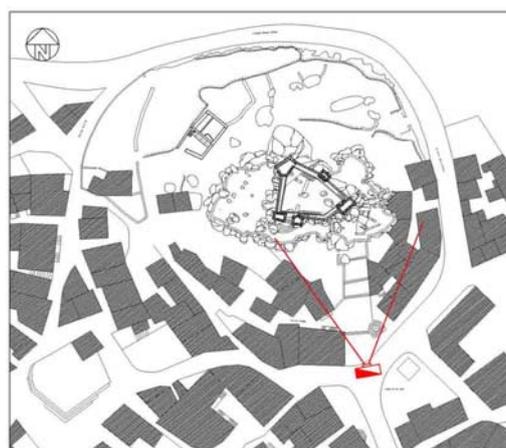


Notas:

Pavimento de calçada no acesso ao castelo.

Nome:

Acesso ao castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

38



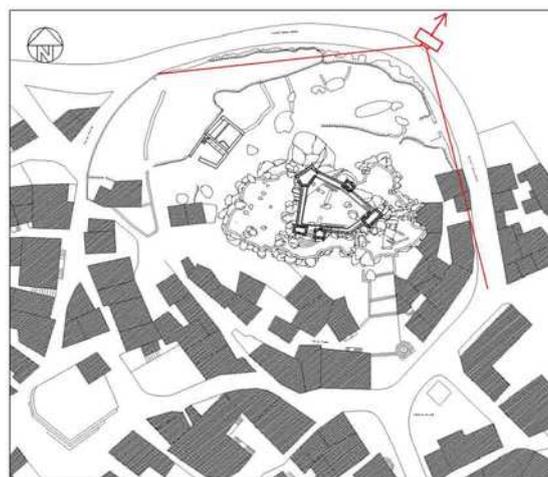
Notas:

Consegue-se perceber a “ilha” onde está implantado o castelo.

Podemos igualmente perceber a malha urbana irregular da parte de vila mais próxima ao castelo.

Nome:

Vista aérea do castelo, pela parte nordeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

28



Notas:

O castelo ergue-se altaneiro sobre a vila, assente num afloramento rochoso granítico.

Nome:

Vista sul do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Arquivos da DGEMN



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

1996

26



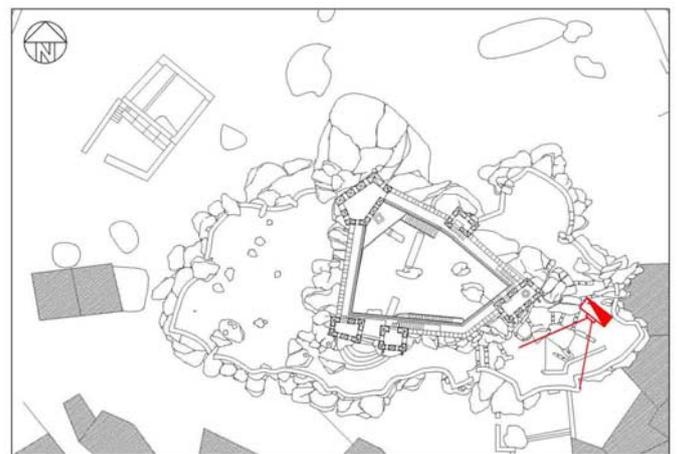
Notas:

O fosso na entrada na barbacã não possui qualquer tipo de corrimão de protecção.

A parede é de silharia, o que aparenta ser 1 intervenção mais recente (talvez englobada nas obras da DGEMN).

Nome:

Vista do fosso da entrada na barbacã



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

41



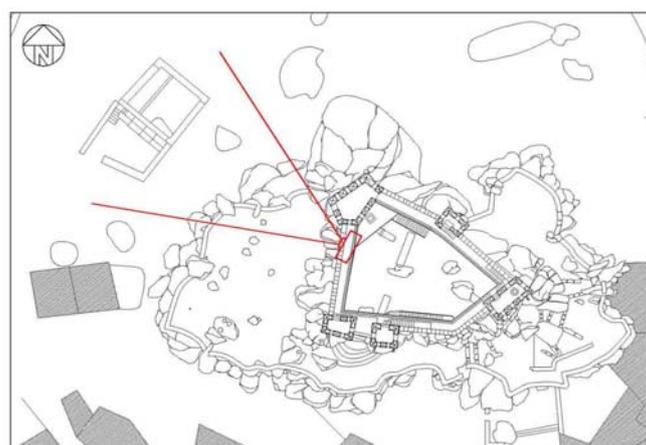
Notas:

O edifício está completamente arruinado, sem a cobertura e com as paredes laterais derrubadas.

A vegetação silvestre invadiu o edifício.

Nome:

Vista da ruína, a partir do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

91



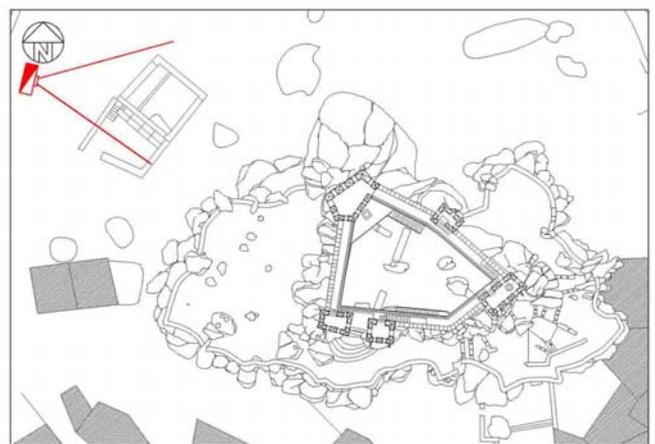
Notas:

A cobertura e as paredes laterais do edifício encontram-se derrubadas.

A vegetação silvestre invadiu o edifício.

Nome:

Vista ponte da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

92



Notas:

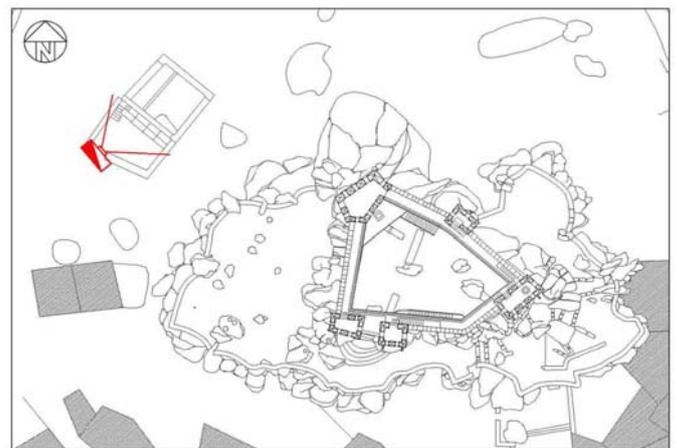
Existe 1 acesso ao interior da casa no primeiro nível, e outro na nível superior.

O edifício possui 2 anexos laterais, cuja cobertura é constituída por lajes de pedra granítica que constituem uma varanda.

A vegetação silvestre invadiu o edifício.

Nome:

Vista da fachada sudoeste da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

94



Notas:

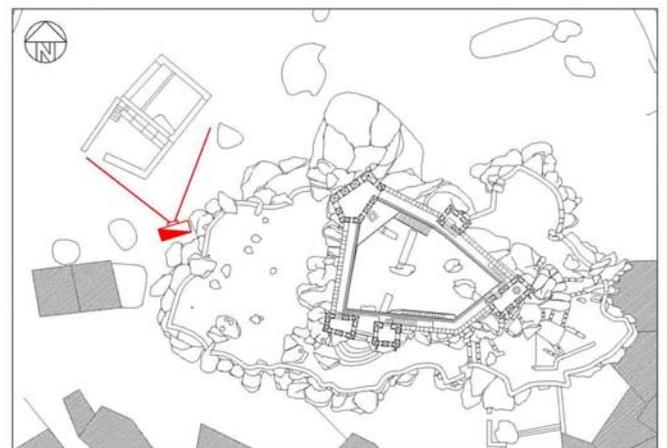
A cobertura e as paredes laterais do edifício encontram-se derrubadas.

Existe 1 pequeno pátio precedendo a casa.

A vegetação silvestre invadiu o edifício.

Nome:

Vista sul da ruína



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

93



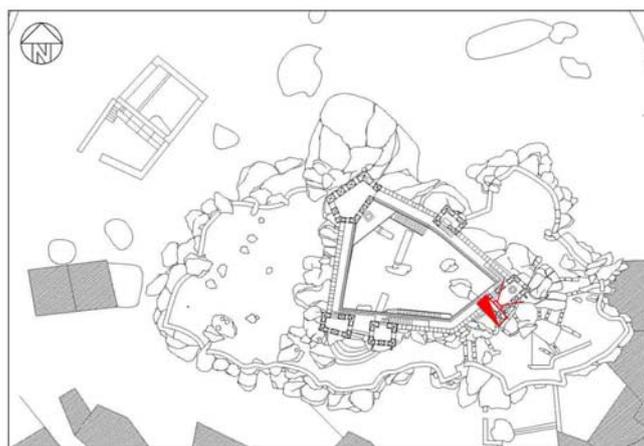
Notas:

Suporte da bandeira realizado nas obras da DGEMN na década de 40 do séc. XX, sobre a torre nascente do castelo.

Não existiu muita preocupação estética aquando da sua concretização.

Nome:

Vista do suporte da bandeira, sobre a torre nascente do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

67

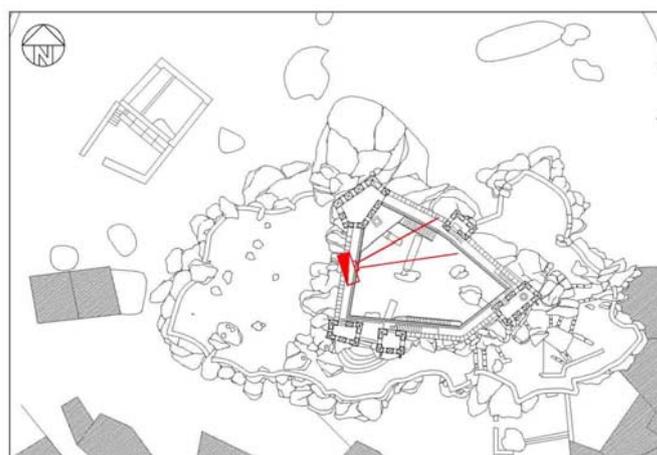


Notas:

Notar a presença de manchas de líquenes.

Nome:

Vista interior da torre nordeste do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

52



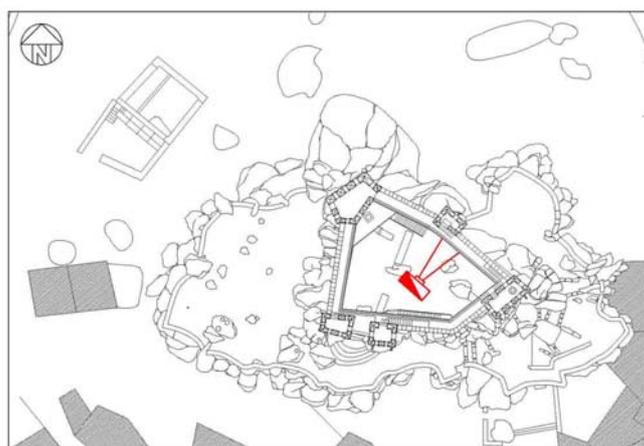
Notas:

Vestígios de 1 escada e de 1 arco encastrados no interior da muralha nordeste.

Notar a presença de manchas de musgo e de ervas no chão.

Nome:

Vestígios de 1 escada e 1 arco no interior da muralha nordeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

65



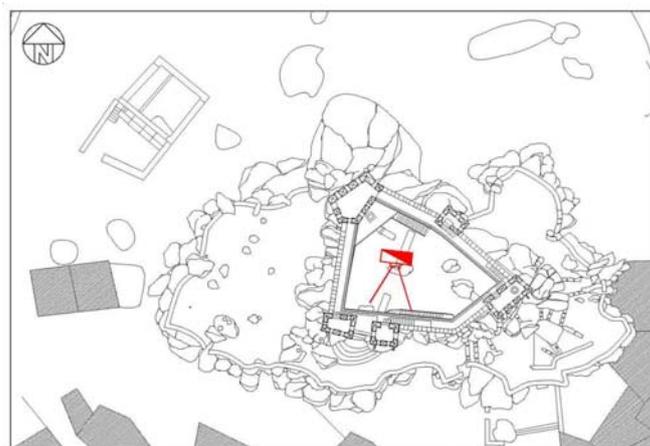
Notas:

Vestígios de 1 escada encastrada no interior da muralha sul, que parece ter sido tapada.

Notar o corte no paramento, e a diferença na cor da pedra e reboco.

Nome:

Vestígios de 1 escada encastrada na muralha sul



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

66



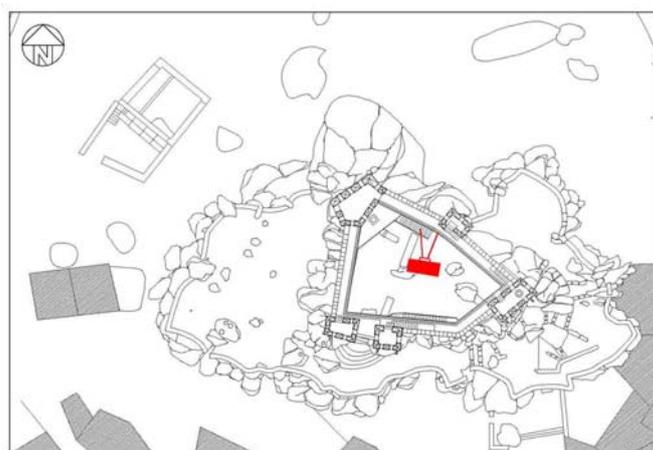
Notas:

Vestígios de 1 parede encastrada na parte superior do interior da muralha nordeste.

Notar algumas manchas de musgos, líquenes e ervas.

Nome:

Vestígios de 1 parede encastrada na parte superior do interior da muralha nordeste



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

64



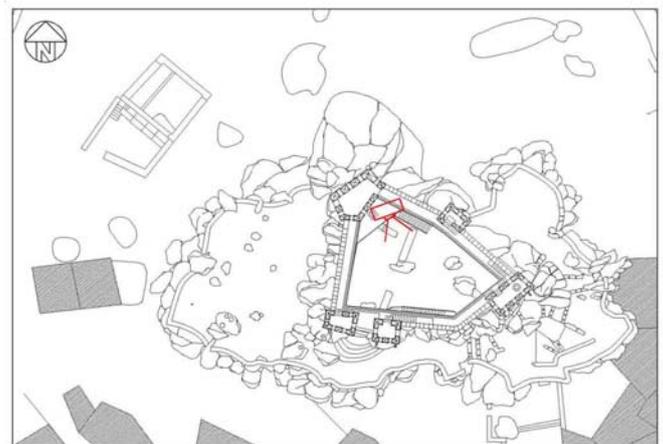
Notas:

Vestígios de paredes no chão, no interior do castelo.

Notar que o chão está coberto de ervas.

Nome:

Vestígios de paredes no chão, no interior do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

63



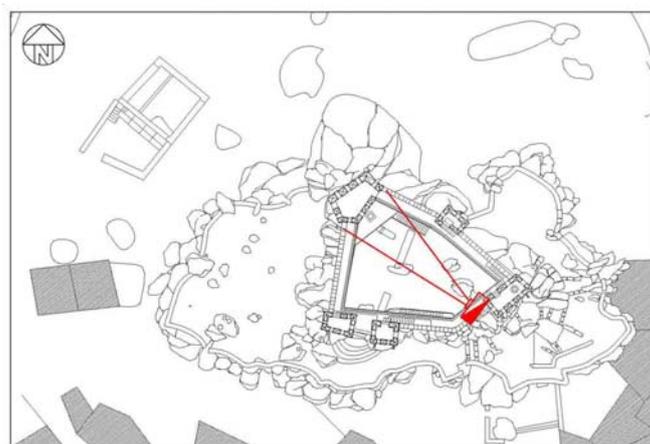
Notas:

Vestígios no paramento interior da torre noroeste de 1 pavimento intermédio superior ou de 1 cobertura.

Notar a existência de ervas no adarve e nas zonas da muralha junto aos cantos superiores.

Nome:

Vestígios no paramento interior da torre noroeste de 1 pavimento intermédio superior ou de 1 cobertura



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

71



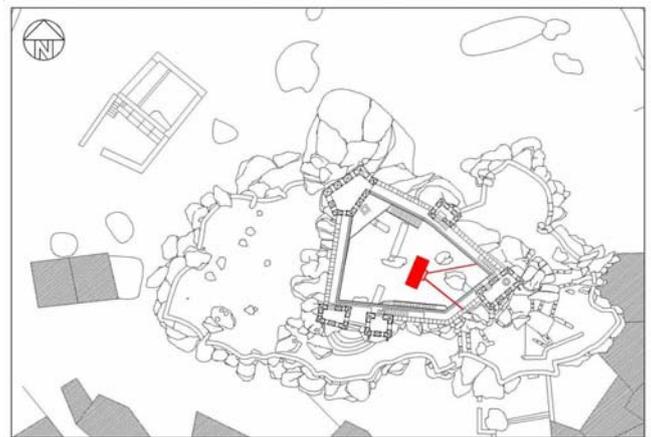
Notas:

Vestígios no paramento interior da torre nascente de 1 pavimento intermédio.

Notar a existências de algumas ervas na área junto ao canto da muralha.

Nome:

Vestígios no paramento interior da torre nascente de 1 pavimento intermédio



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

72



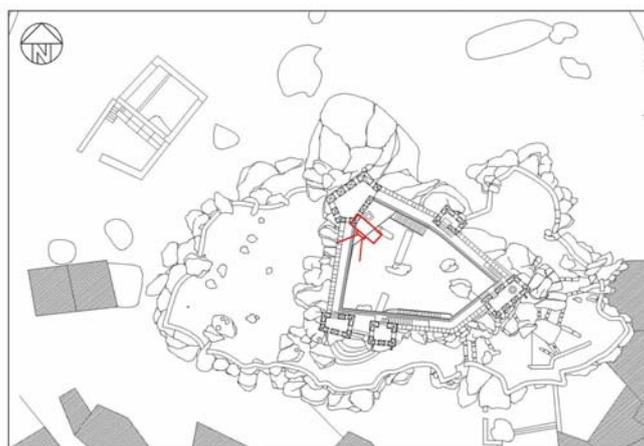
Notas:

Vestígios no paramento interior da muralha poente de 1 pavimento intermédio.

Notar a existências de algumas ervas nessa área.

Nome:

Vestígios no paramento interior da muralha poente de 1 pavimento intermédio



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

73

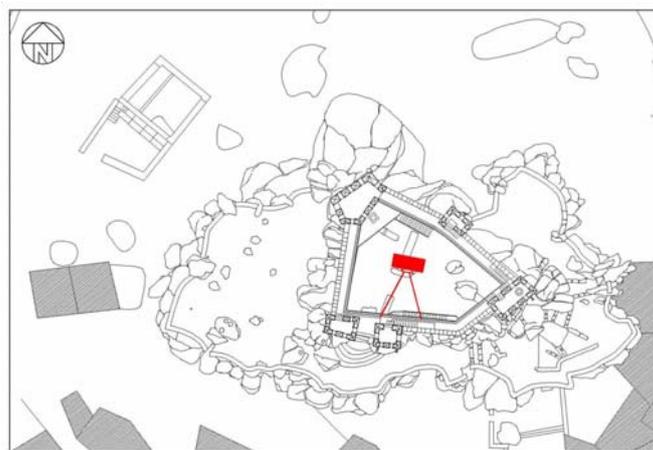


Notas:

Vestígios no paramento interior da muralha sul de 1 pavimento intermédio (aparentam ser os espaços da entrega de vigamento).

Nome:

Vestígios no paramento interior da muralha sul de 1 pavimento intermédio



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

74

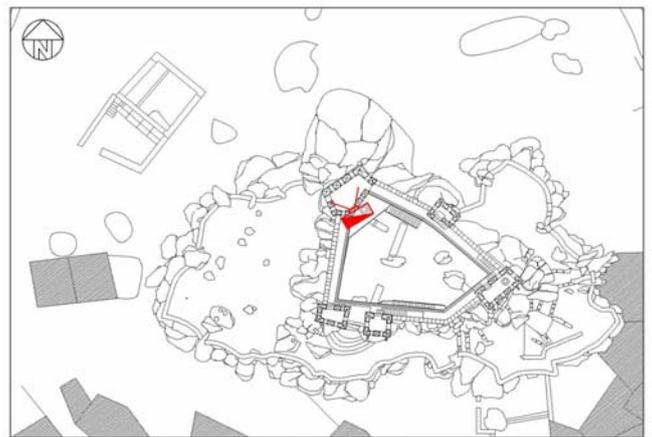


Notas:

Vestígios no interior do nível intermédio da torre sul de 1 pavimento elevado (aparentam ser os espaços da entrega de vigamento).

Nome:

Vestígios no interior do nível intermédio da torre noroeste de 1 pavimento elevado



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

75



Notas:

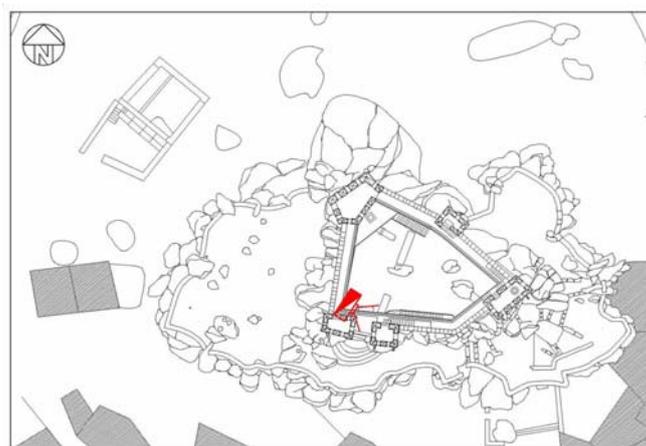
Vestígios de 1 pavimento elevado ao nível do adarve, entre as torres que flanqueiam a entrada no castelo (aparentam ser os espaços da entrega de vigamento).

Notar a enorme quantidade de líquenes nos paramentos da torre direita.

Existência de vegetação crescendo na superfície do adarve e, sobretudo, na calha de escoamento de águas pluviais.

Nome:

Vestígios de 1 pavimento elevado ao nível do adarve, entre as torres que flanqueiam a entrada do castelo



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

76

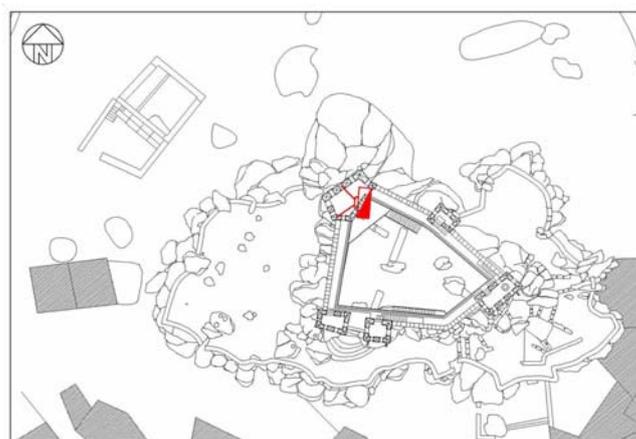


Notas:

Vestígios de reboco – possivelmente reboco de cal – no interior da torre noroeste, no nível intermédio.

Nome:

Vestígios de reboco no interior da torre noroeste, no nível intermédio



JOAQUIM RODRIGUES dos SANTOS

Rua Jorge de Almeida Monteiro, nr.2 - 2540-105 Bombarral - Portugal

00 351 964597414 * joaquimr.santos@gmail.com

Legenda:



Baixo



Frente



Cima



CECRE - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS

UFBA - IPHAN - UNESCO

Fonte:

Joaquim R. dos Santos



REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ÁREA ENVOLVENTE

PENEDONO - VISEU - PORTUGAL

Data:

2006

77

(Diagnóstico)

Por: **Joaquim Rodrigues dos Santos**

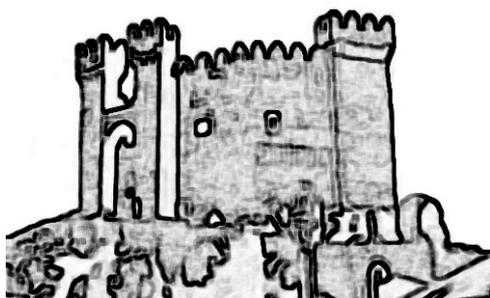


Fig. 1 – Castelo de Penedono

1. Introdução

No processo de diagnóstico – que sucede ao do levantamento cadastral –, indispensável para que se possa levar a bom termo o projecto de reabilitação do castelo de Penedono e espaço envolvente, surge uma vasta quantidade de informações que permitem diagnosticar problemas de que o objecto de estudo padece. Mais do que determinar os danos, os agentes e as causas que o castelo e o espaço envolvente comportam, a presente análise pretende indiciar eventuais opções de intervenção que poderão ser determinantes na fase seguinte, de projecto.

Como tal, optou-se por dividir o diagnóstico em diversas etapas, a saber:

- primeiramente, e num âmbito regional, abordou-se a localização de Penedono a nível geográfico, relacionando a vila com diversos elementos estruturantes da geografia portuguesa;
- seguidamente, estudaram-se diversas condicionantes a que Penedono está sujeito, como sejam o clima, o relevo, a morfologia urbana e as condições sócio-económicas da região;
- por fim, procedeu-se ao diagnóstico mais exaustivo relacionado directamente com o objecto de estudo em si, com o auxílio de desenhos rigorosos analíticos dos diversos danos existentes, segundo componentes que incidem directamente no castelo e no pequeno edifício adjacente adjacente que se pretende recuperar (designado como “ruína”), mas também nos terrenos que envolvem o castelo (por analogia, designados como “ilha”) e na própria estrutura urbana envolvente que, logicamente, qualifica e interfere directamente com o castelo e vice-versa.

Pretende-se que, no final da presente fase, exista uma panóplia de informação que, como ferramenta auxiliar, possibilite o desenvolvimento do projecto de intervenção, o qual dará resposta a toda a problemática diagnosticada.

2. Localização geográfica



Fig. 2 - Mapa de Portugal com a localização de Penedono

Penedono é sede do concelho homónimo, situando-se a uma latitude de 40,95° Norte, a uma longitude de 7,32° Oeste e a uma altitude de aproximadamente 100m acima do nível médio do mar, em pleno planalto da Nave e na proximidade da serra do Serigo.

O município, cuja área é de aproximadamente 125km², pertence ao distrito de Viseu, o qual se inscreve na província da Beira Alta – embora a localização da vila fique quase na fronteira com a província de Trás-os-Montes e Alto Douro. Como tal, assume todas as características de uma vila do interior norte de Portugal, com a particularidade de distar cerca de 40km com Espanha, visto situar-se na zona raiana.

As distâncias entre Penedono (*fig. 2*) e as principais referências urbanas em Portugal são:

- ca. 70km a nordeste de Viseu (capital de distrito)
- ca. 150km a nascente do Porto (“capital regional” no norte)
- ca. 430km a nordeste de Lisboa (capital de Portugal)

Por outro lado, existem duas características geográficas próximas que condicionam fortemente o clima em Penedono, a cordilheira da serra da Estrela e a bacia do rio Douro. As distâncias destes a Penedono são:

- ca. 20km a sul do rio Douro (2º maior bacia hidrográfica em Portugal)
- ca. 50km a norte da cadeia montanhosa da serra da Estrela (a mais alta em Portugal continental, com 1991m de altura)

3. Condicionantes locais

3.1. Relevo

Embora as altas montanhas sejam raras, Portugal é dos países mais acidentados da Europa, devendo esse aspecto à conjugação de 2 factores: por um lado, a existência de extensas cadeias montanhosas e, por outro, o atravessamento do território por numerosos rios, que sulcam o território em vales. A feição geral do relevo da Beira Alta e da região de Penedono¹ em especial, é planáltica (planalto da Nave), rodeada por montanhas e sulcada por profundos vales (*fig. 3, 4, 6, 7 e 8*). O relevo granítico é facilmente reconhecível pelos seus blocos arredondados, por vezes suspensos em posições espectaculares,

¹ Sobre as características geo-morfológicas, climáticas e biológicas da Beira Alta e da região de Penedono, consultar: AAVV, *Atlas de Portugal*, Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1988; AAVV, *Á Descoberta de Portugal*, Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1982

formando frequentemente formas bizarras, embora se encontrem manchas localizadas de xistos metamorizados – o castelo de Penedono encontra-se, aliás, situado sobre uma colina de afloramentos rochosos graníticos de grandes dimensões, vulgarmente designados como afloramentos ciclópicos (fig. 5).



Fig. 3 e 4 - Paisagem planáltica e agreste da Beira Alta, respectivamente próximo a Pinhel e a Castelo Rodrigo



Fig. 5 e 6 - Afloramento granítico próximo a Monsanto, e vale do curso superior do rio Côa



Fig. 7 e 8 - Ribeiros correndo em pequenos vales próximos respectivamente a Trancoso e a Penedono

Não existe quase policultura devido à pobreza do solo, bastante agreste, e a divisão das propriedades é essencialmente baseada no minifúndio (*fig. 9*). Abundam os pomares (sobretudo espécies vegetais que vão da batata ao castanheiro, do centeio às oliveiras e amendoeiras, da videira às pomóideas, do carvalho ao pinheiro e à noqueira, da cerdeira aos míscaros) em detrimento do cultivo cerealífero e de vegetais, e da criação de gado (feito sobretudo para subsistência própria), embora não seja raro encontrar vacas, cabras e ovelhas apascentando-se pelos campos ao lado de coelhos selvagens, lebres, perdizes, raposas, texugos, cobras ou lobos². Ao agreste dos planaltos e encostas pedregosas das serranias, contrapõe-se a existência de alguns vales bastante férteis que, quando a dimensão o permite, se torna intensamente explorado a nível agrícola (*fig. 10*).



Fig. 9 e 10 - Terreno agrícola próximo a Marialva, e vale fértil próximo a Meda

É na região com as características anteriormente descritas que se situa a pequena vila raiana de Penedono. Assente num cabeço rochoso, o seu castelo domina senhorialmente o velho casario que o envolve e que se acolheu reverentemente sob protecção das suas muralhas, adornando teatralmente e de modo cenográfico a paisagem em redor. O edifício ergue-se a 115m de altitude, num monte pedregoso de afloramentos graníticos ciclópicos e numa zona de grande interesse paisagístico (*fig. 11*), em plena serra de Serigo, dominando em redor um vastíssimo panorama apenas limitado, ao longe, pelos mais elevados relevos das Beiras e de Além-Douro e das terras espanholas, visualizando-se pontualmente vilas alcandoradas.

² AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004

Fig. 11 - Vista aérea do castelo de Penedono, vislumbrando-se o afloramento granítico sobre o qual se implanta e edifício



3.2. Clima

O território de Portugal continental está situado na zona de transição entre o anticiclone subtropical (anticiclone dos Açores) e a zona de depressões subpolares continentais europeias, com algumas influências mediterrânicas. Os factores que mais condicionam as condições climáticas em Portugal são a latitude, a orografia, a influência do oceano Atlântico e a continentalidade, existindo como tal variações significativas nos elementos climáticos, nomeadamente na temperatura do ar e na quantidade de precipitação³. A temperatura média anual do ar em Portugal (*fig. 12*) situa-se entre a mínima de 7º e máxima de 18º (as temperaturas médias do ar situam-se no Verão entre mín. 16ºc e máx. 34ºc, e no Inverno entre mín. 2ºc e máx. 12ºc).

Em Penedono, a temperatura média anual do ar em situa-se entre a mínima de 12ºc e máxima de 14ºc. No Verão, a temperatura média do ar é de 29ºc, existindo cerca de 60 dias anuais com temperaturas superiores a 30ºc (*fig. 13 e 14*); no Inverno, a temperatura média do ar é de 2ºc, existindo cerca de 80 dias anuais com temperaturas inferiores a 0ºc (*fig. 15 e 16*).

³ AAVV, *Perfil Climático de Portugal Continental*, Instituto de Meteorologia, Lisboa, 2005

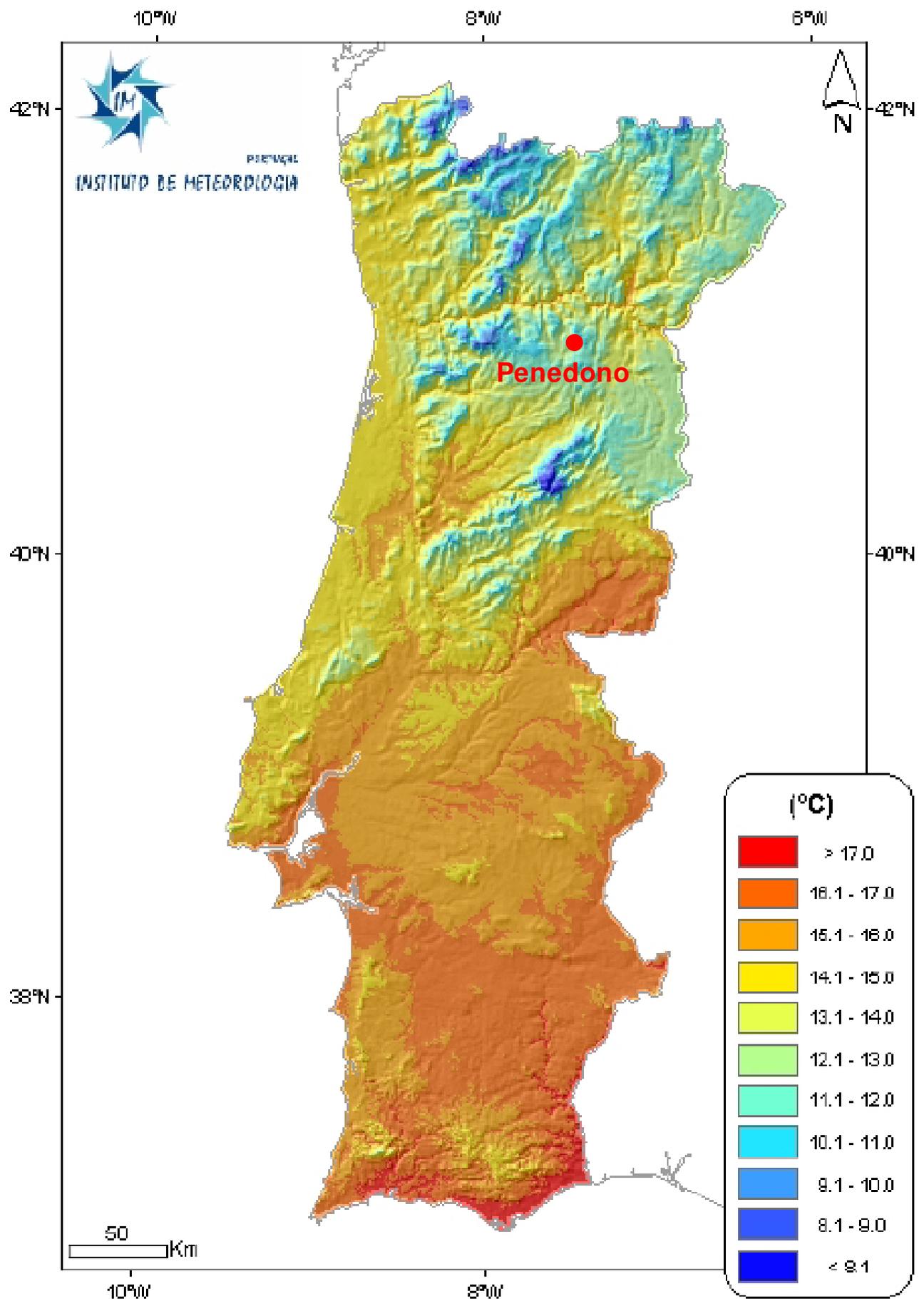


Fig. 12 - Mapa com a temperatura média anual do ar em Portugal

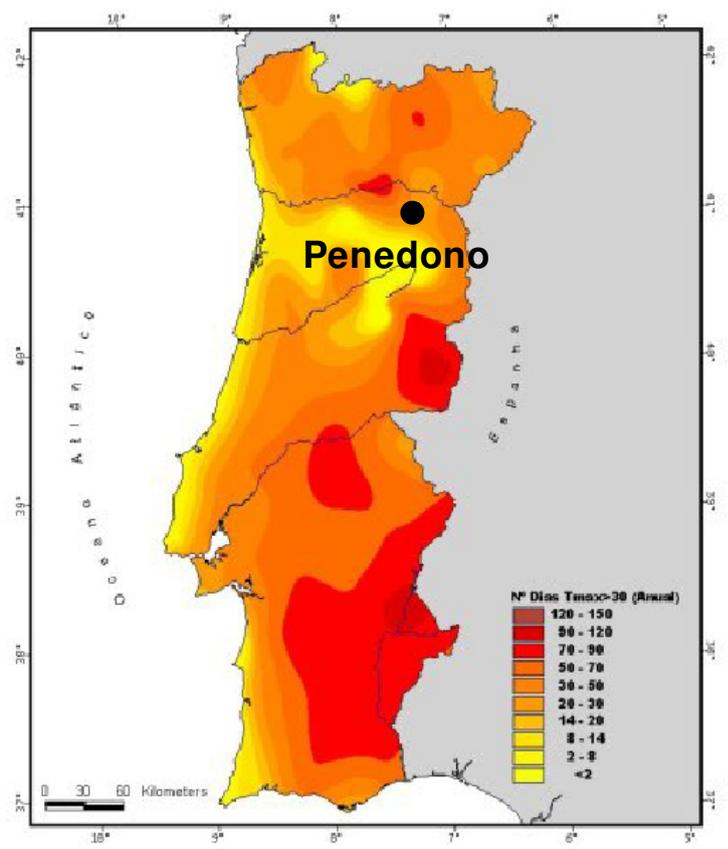
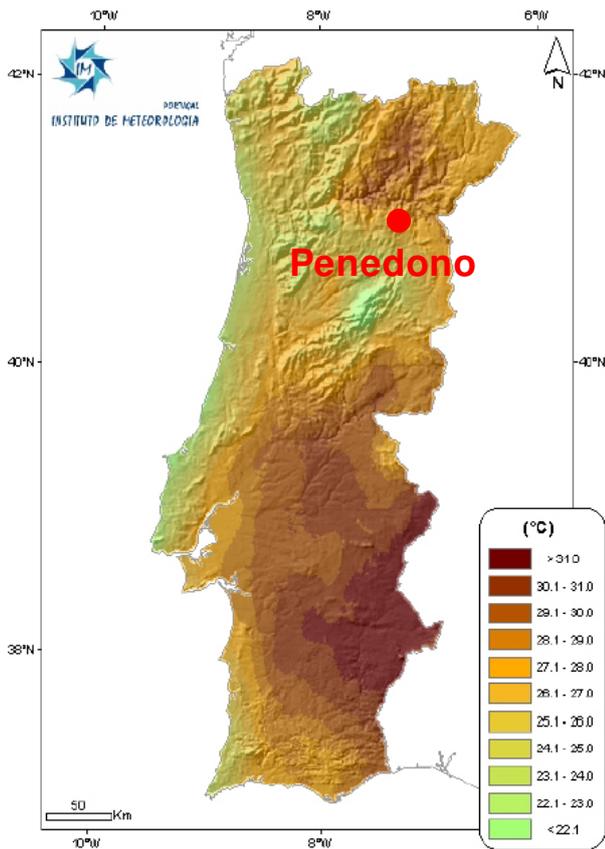


Fig. 13 e 14 - Mapas com a temperatura média do ar em Portugal no Verão

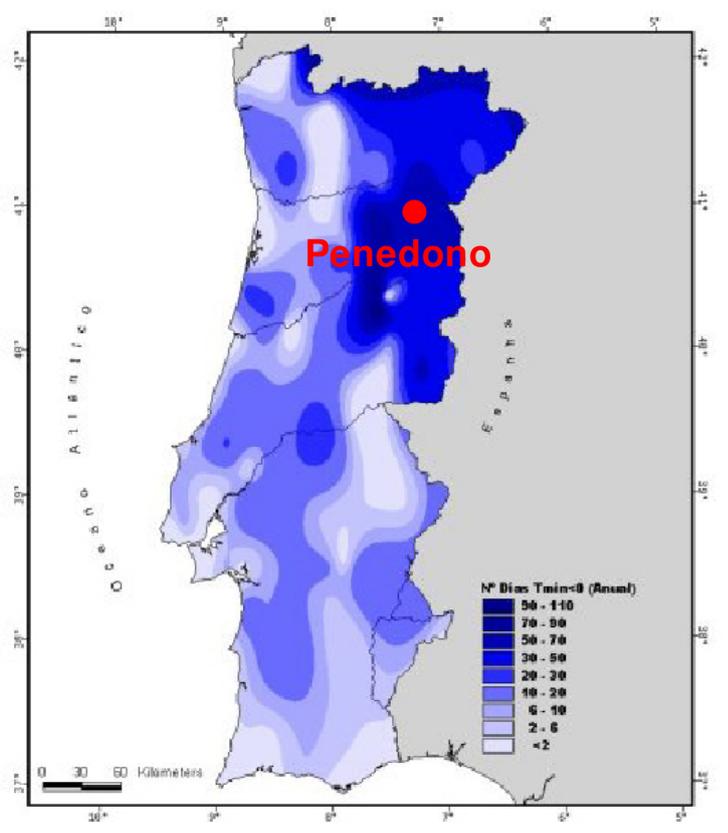
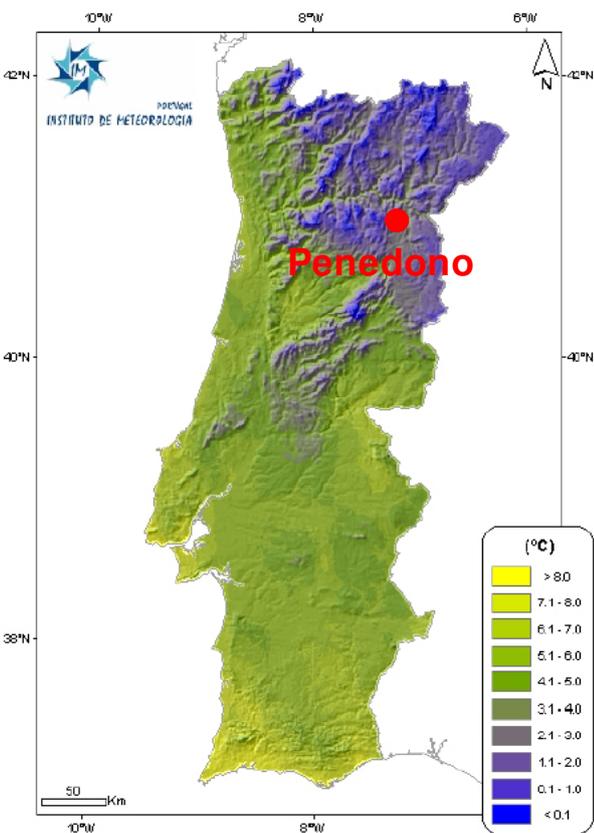
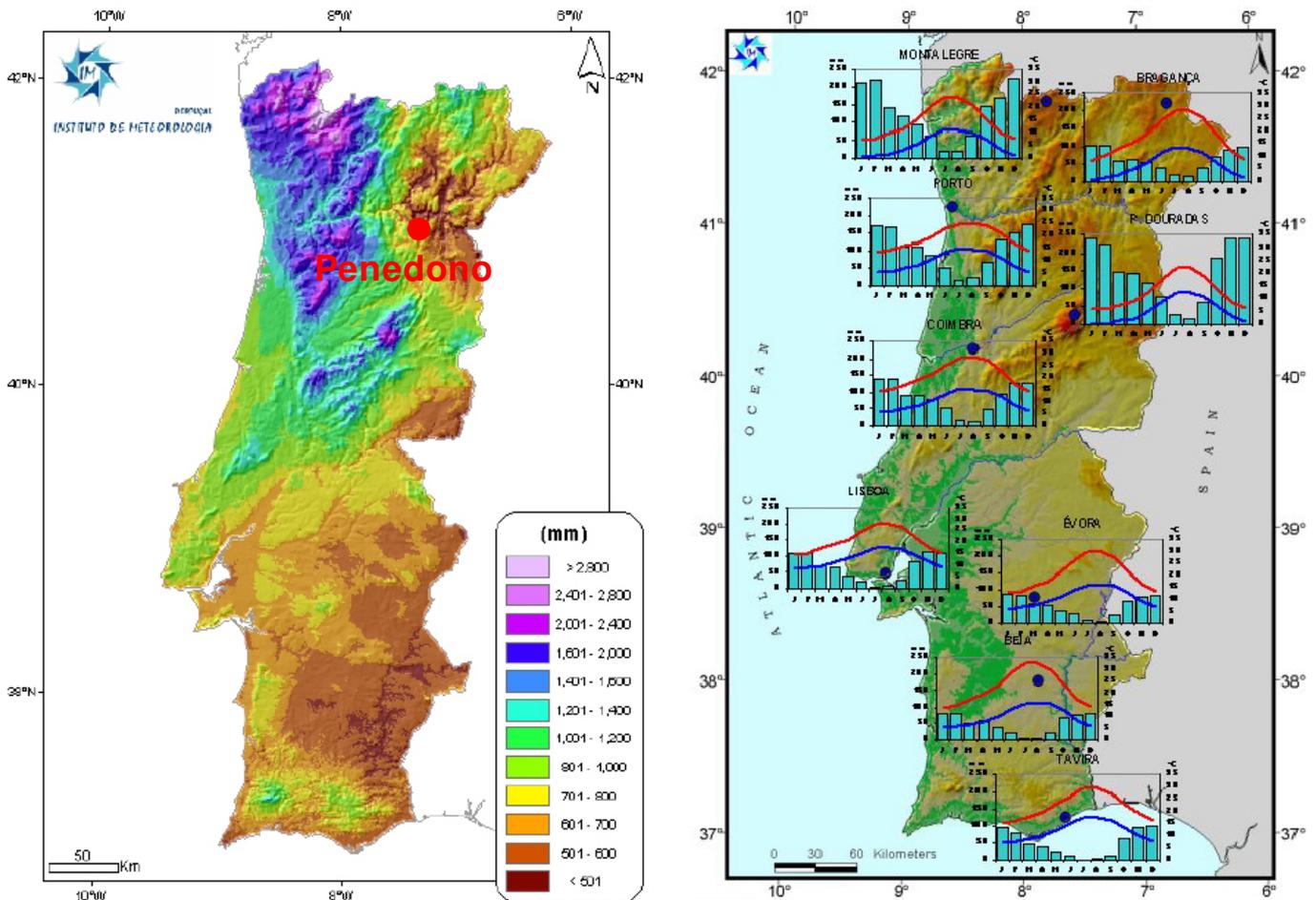


Fig. 15 e 16 - Mapas com a temperatura média do ar em Portugal no Inverno

A precipitação média anual em Portugal continental é de cerca de 900mm, apresentando grande variabilidade espacial, com os maiores valores a norte de Portugal, e os menores a sul. Em média, cerca de 42% da precipitação anual ocorre durante o Inverno (Dezembro a Fevereiro), enquanto os valores mais baixos ocorrem durante o Verão (Junho a Agosto), correspondendo apenas a 6% do total de precipitação anual. As estações de transição – Primavera (Março a Maio) e Outono (Setembro a Novembro) – apresentam uma distribuição interanual muito variável⁴ (fig. 17 e 18). Em Penedono, a precipitação média anual varia entre os 700mm e os 800mm, onde a presença de cordilheiras montanhosas (serras de Sta. Helena e da Lapa) rodeando a área está na origem desses valores apreciáveis de precipitação anual.

Fig. 17 e 18 - Mapas com os índices de precipitação média anual em Portugal



A região de Penedono apresenta então um clima rigoroso tipicamente continental, com Invernos frios, chuvosos e com neve, geada e granizo (fig. 19), e onde os Verões são quentes e secos (fig. 20). A temperatura no Inverno chega frequentemente aos valores negativos ($<0^{\circ}\text{C}$), com humidade do ar a ultrapassar os 80%; no Verão as temperaturas ultrapassam frequen-

⁴ AAVV, *Perfil Climático de Portugal Continental*, Instituto de Meteorologia, Lisboa, 2005

temente os 35°C e humidade do ar inferior a 55%. A humidade relativa média anual está compreendida entre os 65 e os 75%, sendo os meses de Inverno os que apresentam maior média de humidade relativa.

A importância sobre os conhecimentos dos valores de temperatura do ar e de precipitação são fundamentais para se diagnosticarem e resolverem problemas no castelo decorrentes dessas condições climatéricas. Com efeito, a intensa precipitação que se faz sentir no Inverno, associada às temperaturas negativas, pode causar problemas com a gelividade, ou seja, a água que se infiltra nos poros da pedra e nas argamassas, quando exposta a temperaturas abaixo de 0°C, tem tendência a congelar e a expandir-se em termos volumétricos, causando a fissuração da pedra ou a desagregação das argamassas de cal, muito mais permeáveis do que o granito, principal material construtivo utilizado no edifício analisado. Mas outros problemas surgem também, sendo analisados no ponto 4.



Fig. 19 e 20 – Castelo de Penedono no Inverno e no Verão

Os ventos dominantes na região de Penedono seguem a orientação noroeste - sudeste, e o facto do castelo se implantar sobre um local elevado relativamente à envolvente torna-o vulnerável a uma maior intensidade dos ventos (*fig. 21, 22 e 23*). Quando estes se deparam com o castelo, têm tendência a subir ou a contorná-lo lateralmente, intensificando-se nos pontos de contorno superior, nordeste e sudoeste – ao nível do adarve, os ventos costumam ser bastante mais fortes do que na restante envolvente do castelo. Esse facto vai acarretar inevitavelmente consequências sobre os materiais construtivos do castelo.

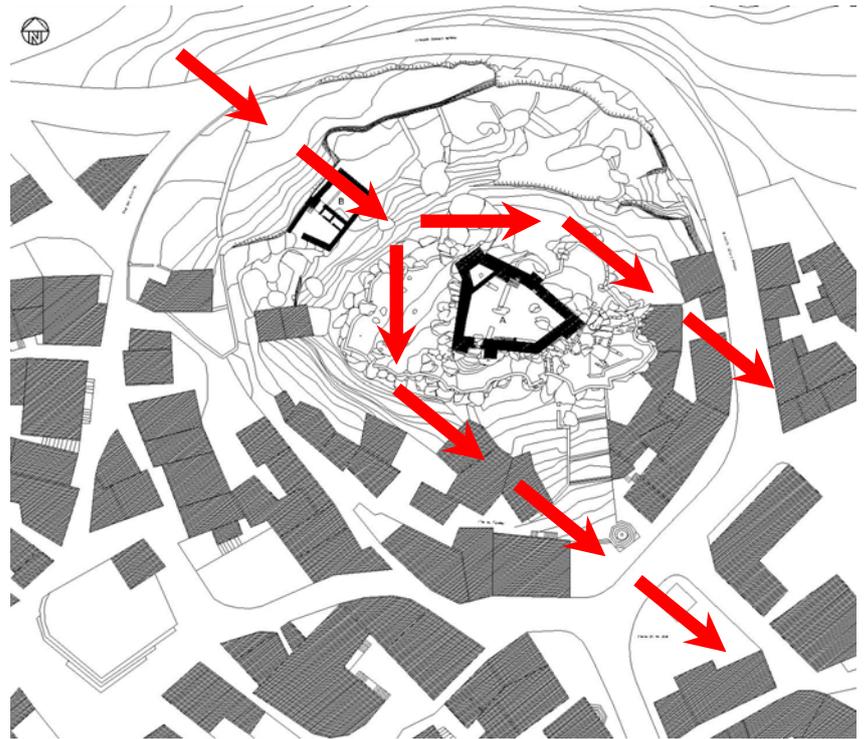
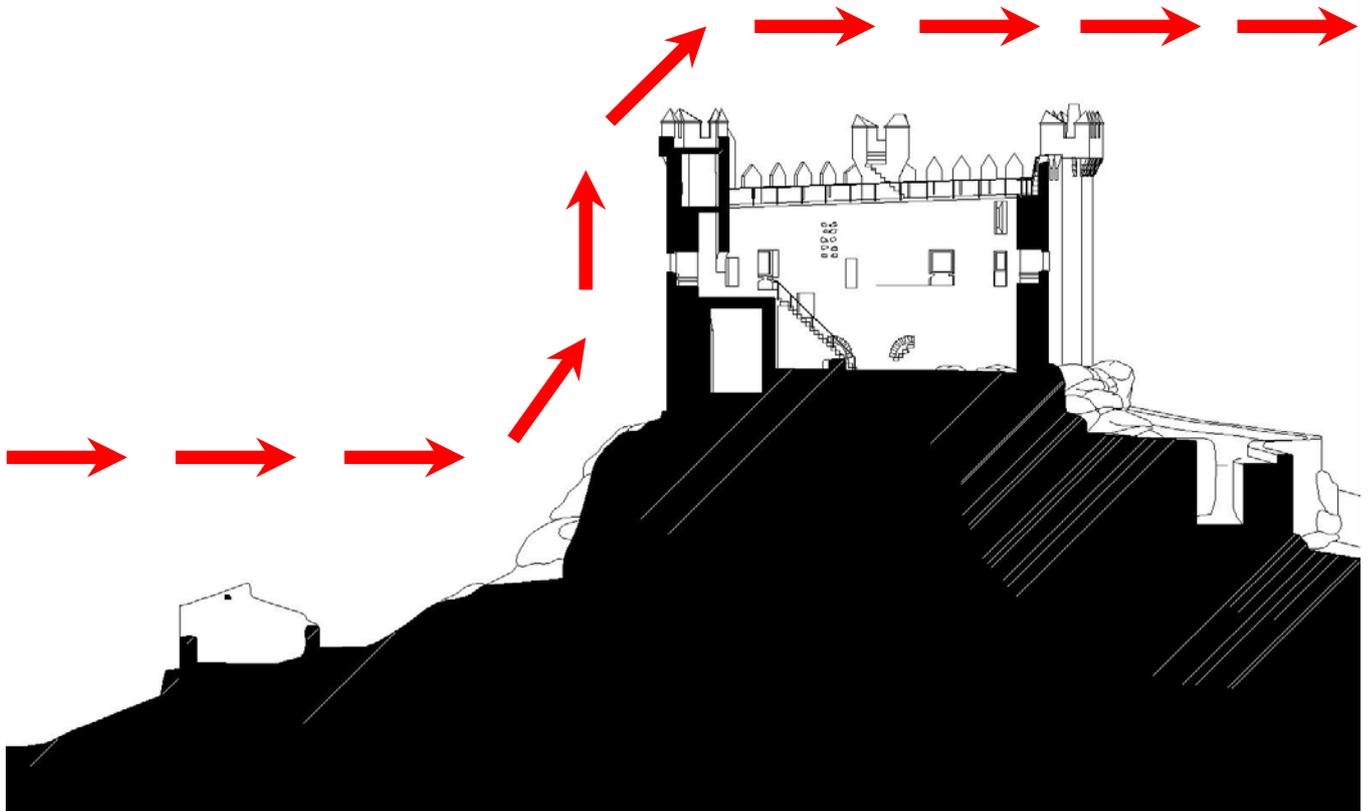


Fig. 21 e 22 - Desenhos esquemáticos mostrando a acção do vento sobre o castelo e a ruína



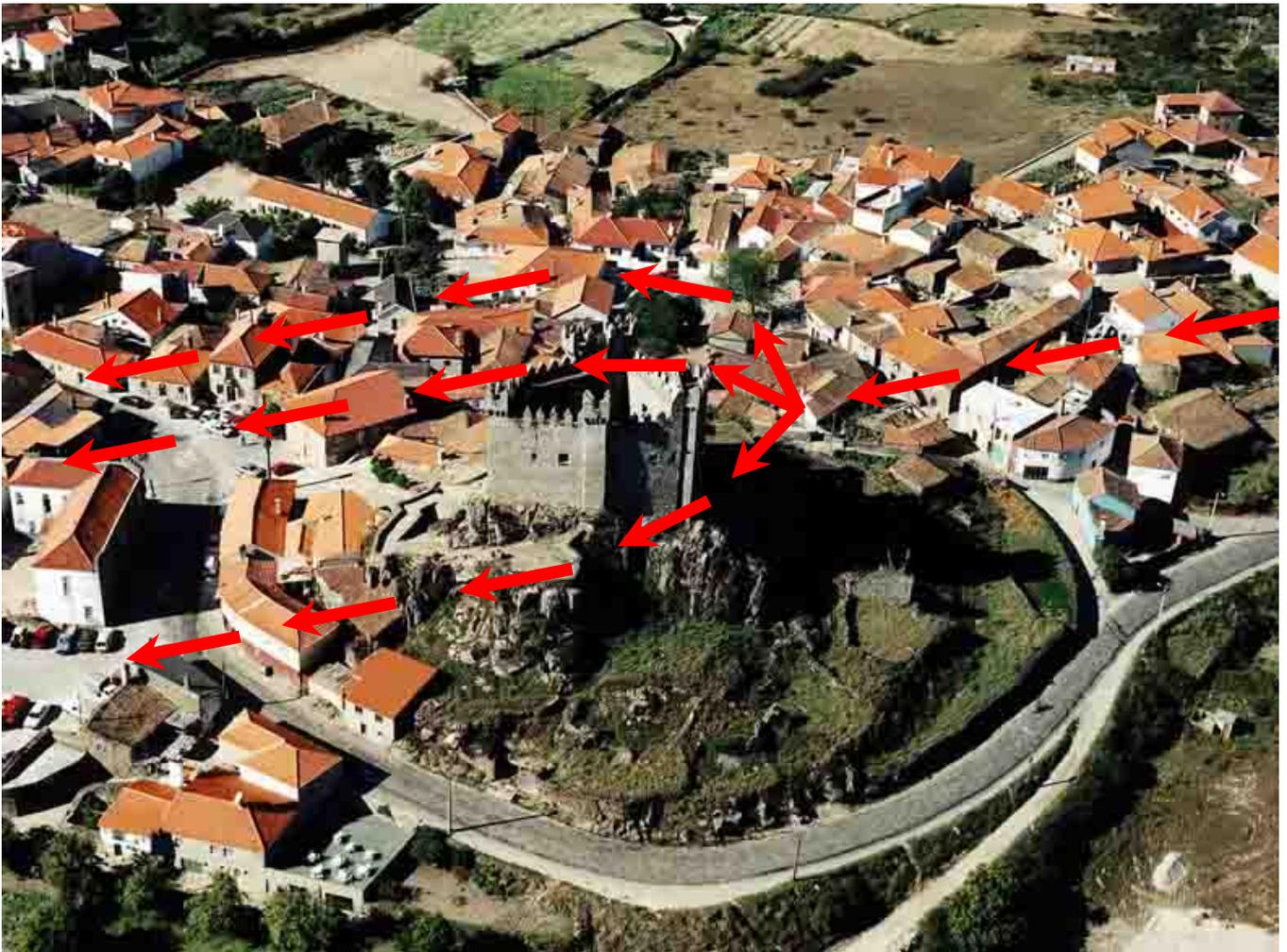


Fig. 23 - Fotografia com esquema mostrando a acção do vento sobre o castelo e a ruína

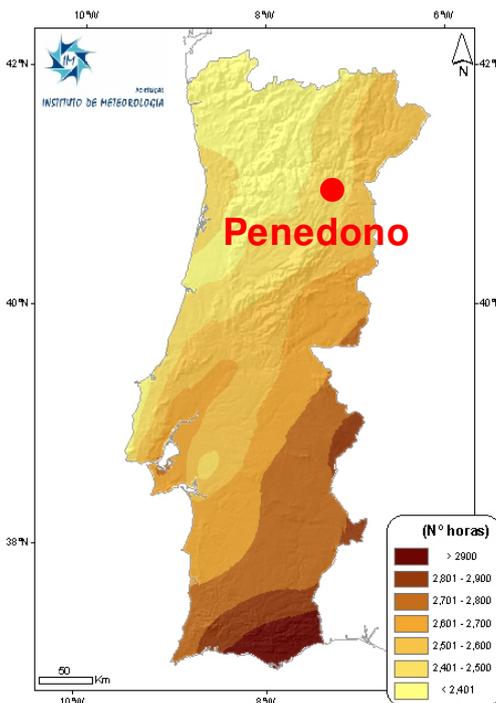


Fig. 24 - Mapa com o índice de insolação média anual em Portugal

Quanto à insolação, o valor médio anual decresce, em termos gerais, de sul para norte e com a altitude. Os menores valores da insolação verificam-se no noroeste de Portugal continental (nas terras altas do Entre Douro e Minho), e os maiores valores na parte sul (Algarve e Alentejo interior). Penedono apresenta valores de 2400 a 2500 horas anuais de insolação. Como Portugal fica situado acima do trópico de Câncer, o Sol encontra-se sempre no sector meridional, ou seja, está sempre localizado a sul, advindo daí preocupações fundamentais para a orientação dos edifícios, os quais procuram situar-se favoravelmente em relação ao Sol, virando-se para o sul, nascente e poente, mais soalheiros, e evitando o norte, de onde provêm os ventos dominantes e onde o Sol nunca incide.

No solstício de Verão, o Sol atinge uma inclinação máxima de 76° , existindo até 15 horas e meia diárias de insolação; no solstício de Inverno, o Sol nunca ultrapassa a inclinação máxima de 29° , sendo a insolação diária de cerca de 9 horas e meia (fig. 24, 25, 26, 27 e 28).

Fig. 25 - Carta solar de Penedono

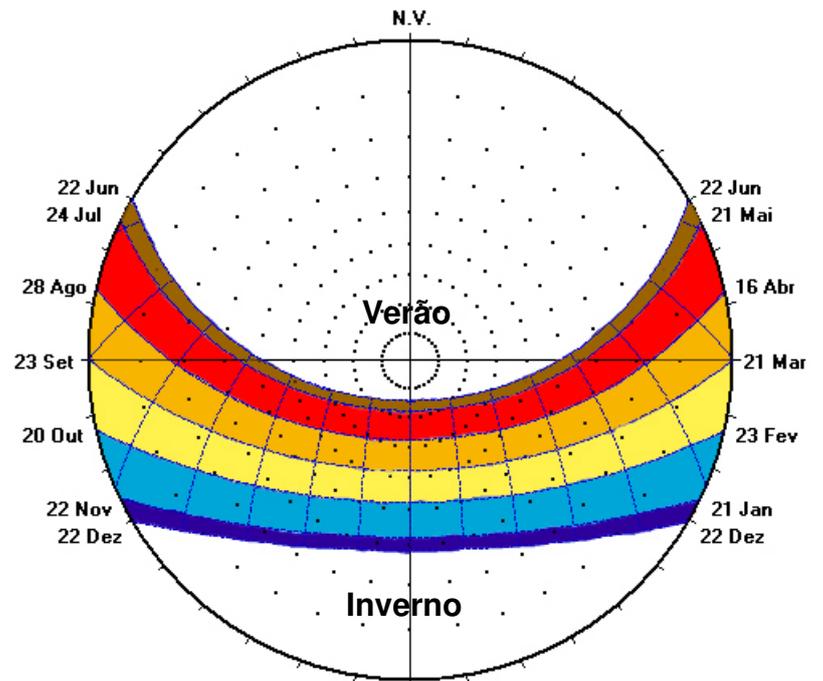
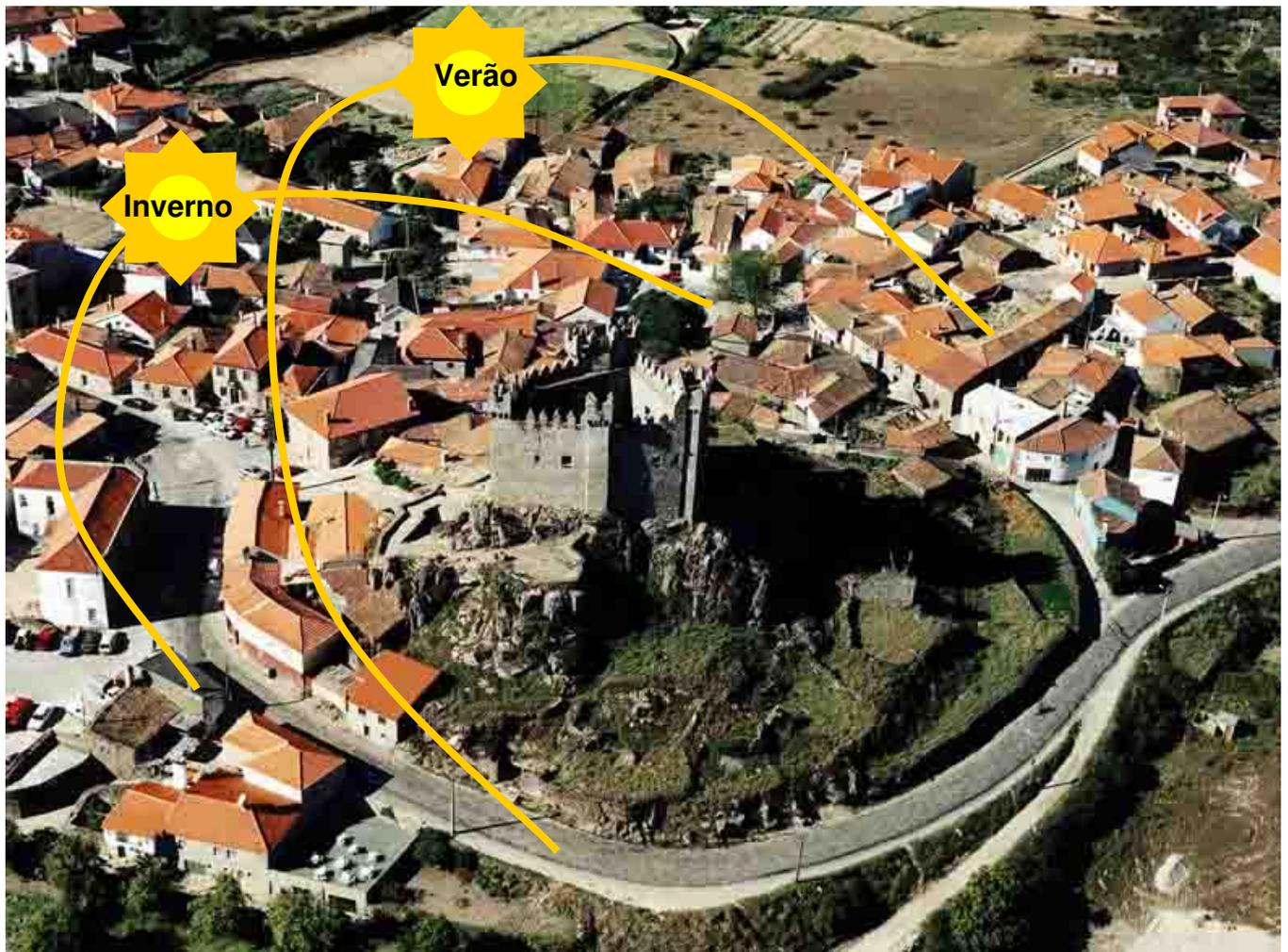
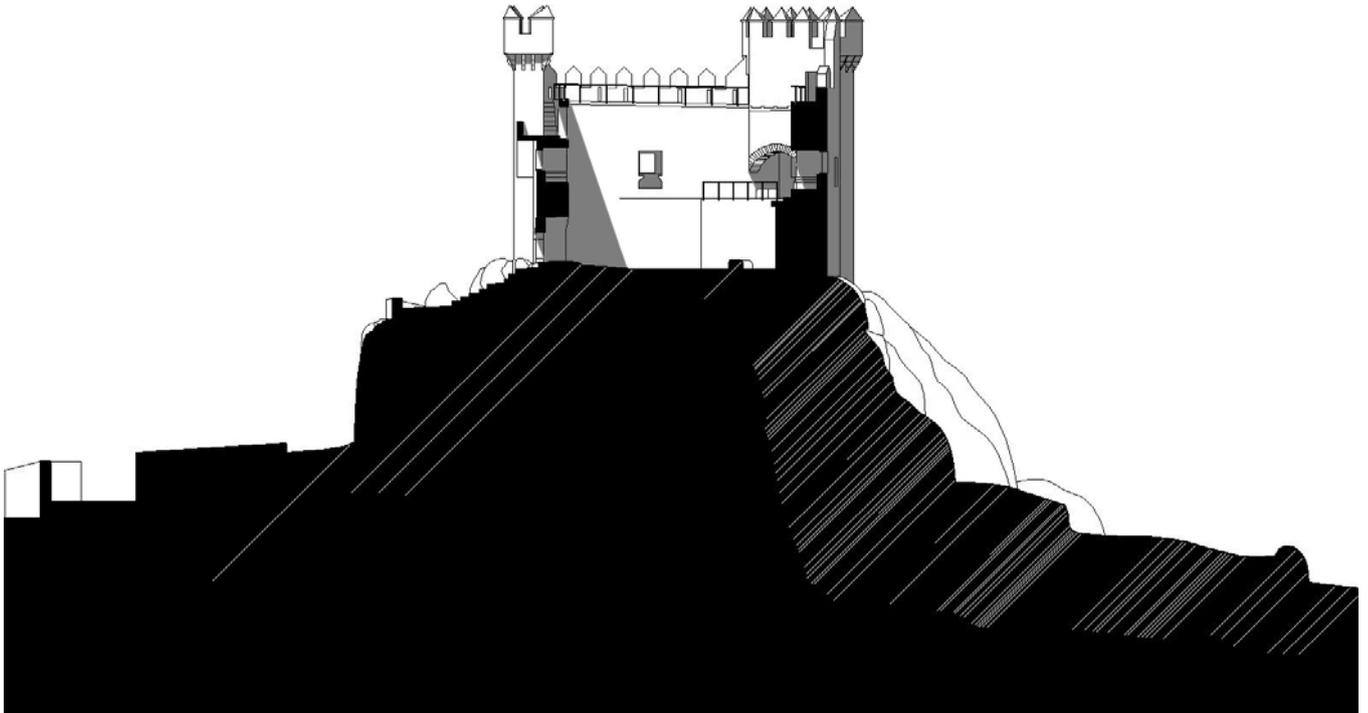


Fig. 26 - Fotografia com esquema mostrando a insolação sobre o castelo e a ruína





Verão
Sol com ca. 76°
de inclinação



Inverno
Sol com ca. 29°
de inclinação

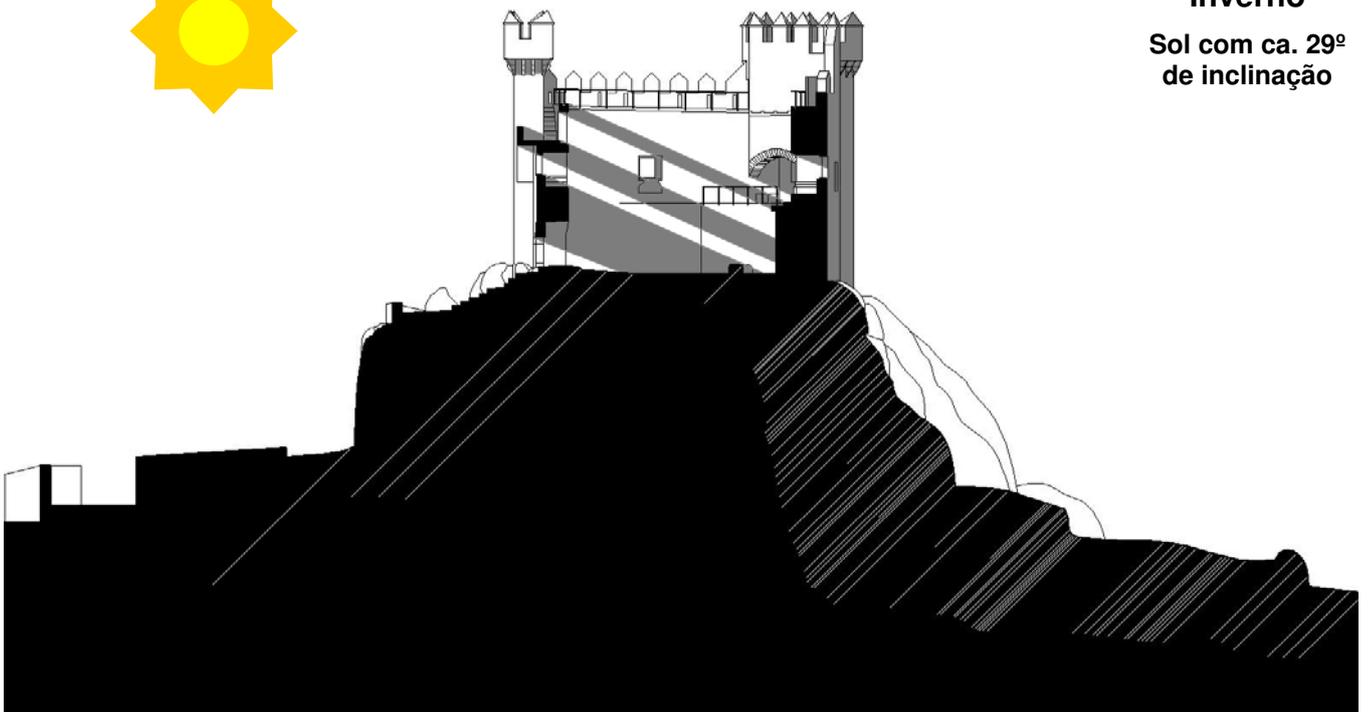


Fig. 27 e 28 - Desenhos esquemáticos mostrando a inclinação do Sol e o sombreamento provocado no castelo

Analisando as cartas solares sobre o castelo, onde a incidência solar é necessariamente diferente consoante a orientação de cada fachada deste, verifica-se que tal facto acarreta consequências no modo como os materiais reagem às adversidades climáticas existentes: assim, a fachada sul é a que possui maior insolação, encontrando-se exposta durante todo o ano ao longo de quase todo o dia (*fig. 29 e 30*); pelo contrário, a fachada nordeste é a que tem menor insolação, encontrando-se exposta ao Sol apenas durante a manhã, com a particularidade de, no Inverno, possuir somente 1 hora e meia de insolação (*fig. 31 e 32*); quanto à fachada poente, tanto no Verão como no Inverno, a sua exposição ao Sol faz-se durante praticamente toda a tarde (*fig. 33 e 34*).

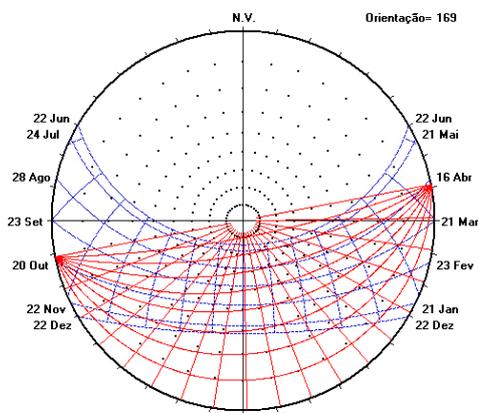


Fig. 29 e 30 - Carta solar e fotografia da fachada sul do castelo

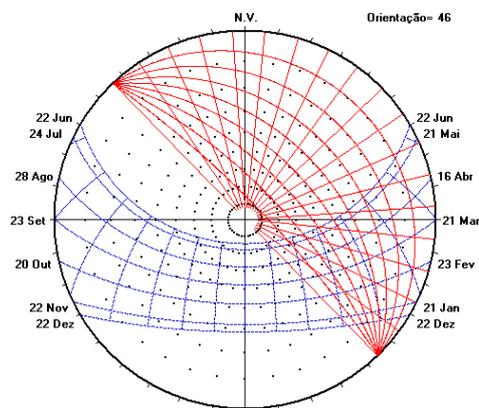


Fig. 31 e 32 - Carta solar e fotografia da fachada nordeste do castelo

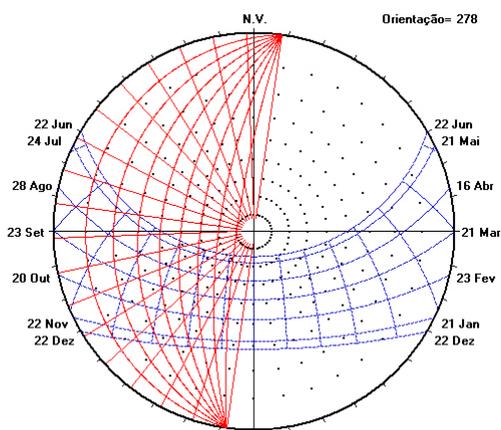


Fig. 33 e 34 - Carta solar e fotografia da fachada poente do castelo

Já a ruína, cuja planta é rectangular, segue o mesmo padrão da carta solar relativa à fachada nordeste do castelo, ou seja: a fachada nordeste da ruína é a que tem menor insolação, encontrando-se exposta ao Sol apenas durante a manhã, com a particularidade de, no Inverno, a incidência solar dar-se somente ao nascer do Sol; a fachada sudeste encontra-se exposta ao Sol durante toda a manhã e metade da tarde, ao passo que na fachada sudoeste a insolação é feita durante cerca de metade da manhã e durante toda a tarde; por fim, a fachada noroeste encontra-se exposta ao Sol apenas durante a tarde, com a particularidade de, no Inverno, a incidência solar dar-se somente ao pôr do Sol.

3.3. Morfologia sócio-económica

Relativamente à caracterização sócio-económica de Penedono, o fluxo migratório registado ao longo dos últimos anos tem sido responsável pelo acentuado decréscimo populacional que se verifica em todo o município, afectando sobretudo as camadas mais jovens da população. Sujeita a este processo, a população residente no aglomerado – na sua maioria oriunda da comunidade de residência – é actualmente uma população duplamente envelhecida (*fig. 35*). Os grupos etários mais baixos não são significativos no conjunto dos seus habitantes, sendo que um número elevado de residentes se encontra reformado ou em situação de quase reforma⁵. Num município com uma área de aproximadamente 125km², a sua população é de cerca

⁵ CMP, “Quadro Histórico da Vila de Penedono” in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, p26

de 3450 habitantes – dos quais 1082 vivem na vila de Penedono –, o que perfaz uma densidade populacional de 27,5 hab/km².



Fig. 35 – Idosos reformados convivendo na Praça 25 de Abril

A população activa em Penedono encontra-se sobretudo no sector terciário, contrariando a tendência verificada a nível concelhio para o predomínio no sector agrícola. Para além do sector dos Serviços – em parte pertencendo institucionalmente ao Estado –, a população não dispõe de outras alternativas em termos de emprego. De uma forma geral, são escassas as possibilidades de obtenção de um melhor nível de vida. Trata-se sobretudo de uma situação que afecta o nível de aspirações da população, tendo consequências para a sua valorização e condicionando o desenvolvimento local, registando-se numerosos aspectos arcaicos ao nível laboral, construtivo e mesmo vivencial em Penedono (*fig. 36 e 37*). As limitações que presidem ao seu quotidiano e a ausência de alternativas impedem, na maioria dos seus habitantes, a sua fixação, nomeadamente a fixação de camadas populacionais mais jovens e até dos próprios emigrantes, podendo eventualmente dar lugar à desertificação da zona.



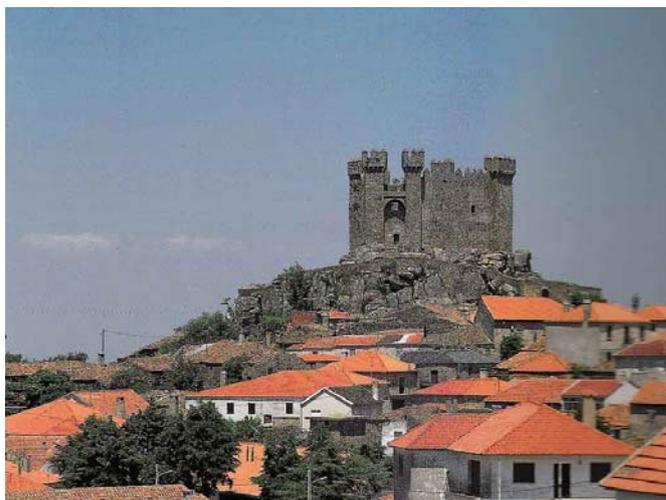
Fig. 36 e 37 - Aspectos de construções arcaicas próximas ao castelo e de técnicas ancestrais de cultivo em Penedono

4. Diagnóstico

4.1. Envolvente urbana

Penedono mantém relativamente inalterado o perfil medievo do seu centro histórico (*fig. 38, 39, 40, 41, 42 e 43*), já que as obras de restauro e edificações procuram respeitar o traço arquitectónico e o material granítico da região, nele se integrando de forma coerente e harmoniosa, segundo um Plano de Pormenor elaborado neste âmbito pela Câmara Municipal de Penedono, e que tem produzido resultados relativamente aceitáveis que se destacam à vista⁶.

Fig. 38 e 39 - Comparação de uma fotografia de 1940 com uma actual, de uma vista geral de Penedono



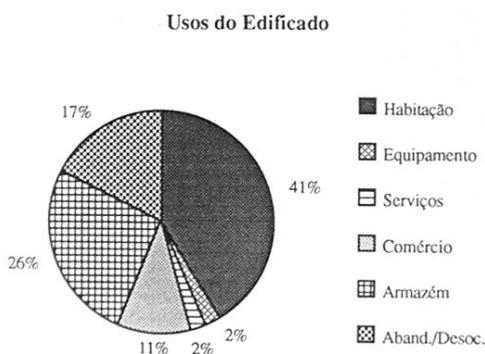
⁶ CMP, “Caracterização Urbanística e Arquitectónica” in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, p29



Fig. 40 e 41 - Comparação de uma fotografia de 1970 com uma actual, da Praça 25 de Abril e castelo



Fig. 42 e 43 - Comparação de uma fotografia de 1940 com uma actual, da Praça 25 de Abril vista do castelo



Fonte: Levantamento/PLURAL./Diâmetro1992

Fig. 44 - Gráfico com os usos do edificado da zona envolvente ao castelo

Dos edifícios envolventes ao castelo, cerca de 3/4 encontram-se ocupados permanentemente, enquanto os restantes se encontram devolutos ou, em menor número, são residências secundárias e de curta estadia para férias. Incidindo a análise apenas nos edifícios ocupados, quase metade tem função habitacional, 1/4 destina-se a garagens e armazéns, e os restantes dividem-se entre o comércio ou os serviços. Relativamente à cêrcea dos edifícios, cerca de 3/5 deles possuem apenas 1 piso, apresentando os restantes 2 pisos (rés-do-chão e 1º andar). O seu estado é, em geral, bom e regular em cerca de metade deles, mas em aproximadamente 1/4 é preocupante o seu mau-estado de conservação⁷ (fig. 44, 45, 46, 47 e 48).

⁷ CMP, "Caracterização Urbanística e Arquitectónica" in *Plano de Pormenor de Penedono*, CMP, Penedono, 1994, pp36-39



Fig. 45 - Análise do estado dos edifícios na envolvente do castelo

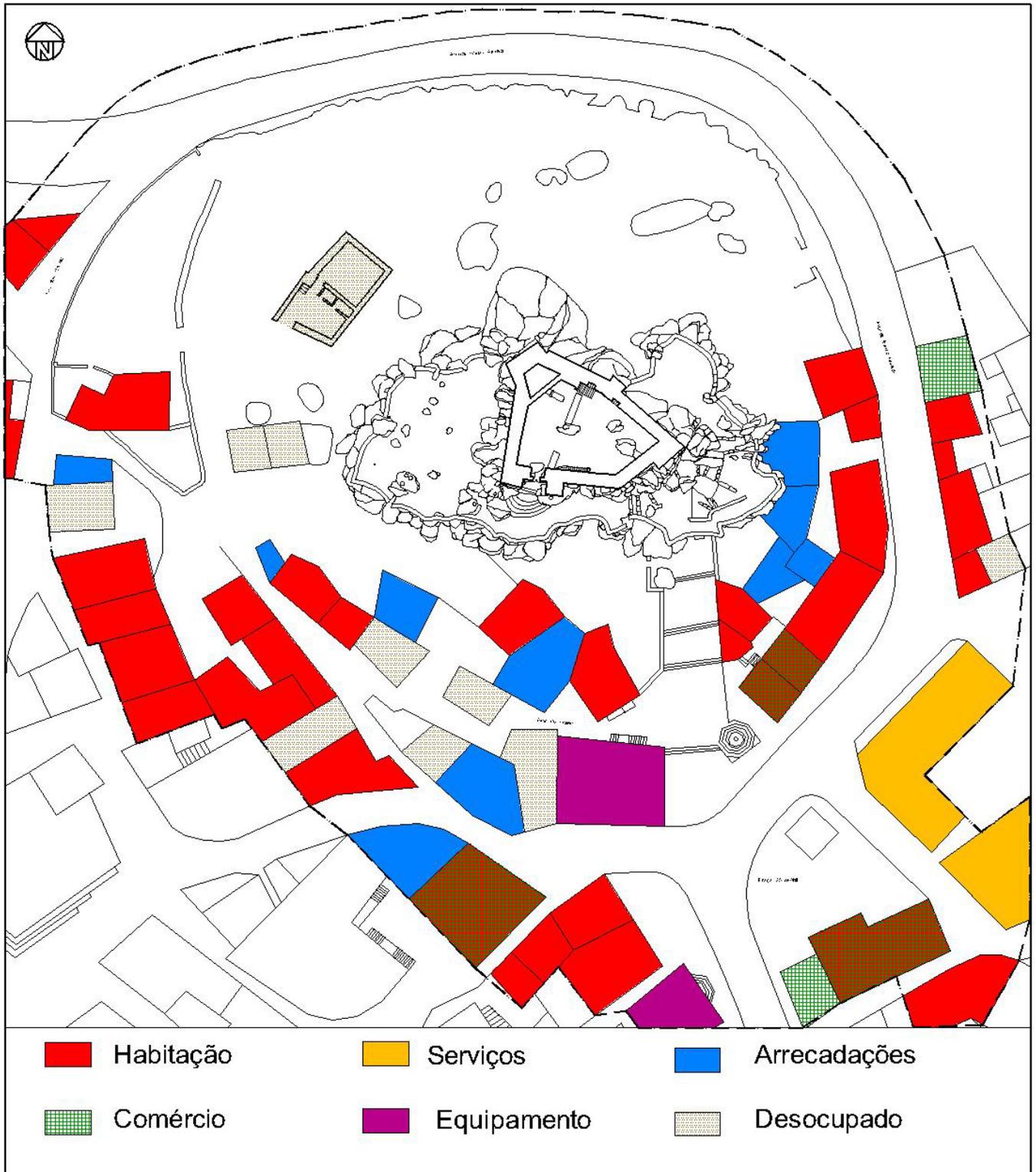


Fig. 46 - Análise das funções dos edifícios na envolvente do castelo

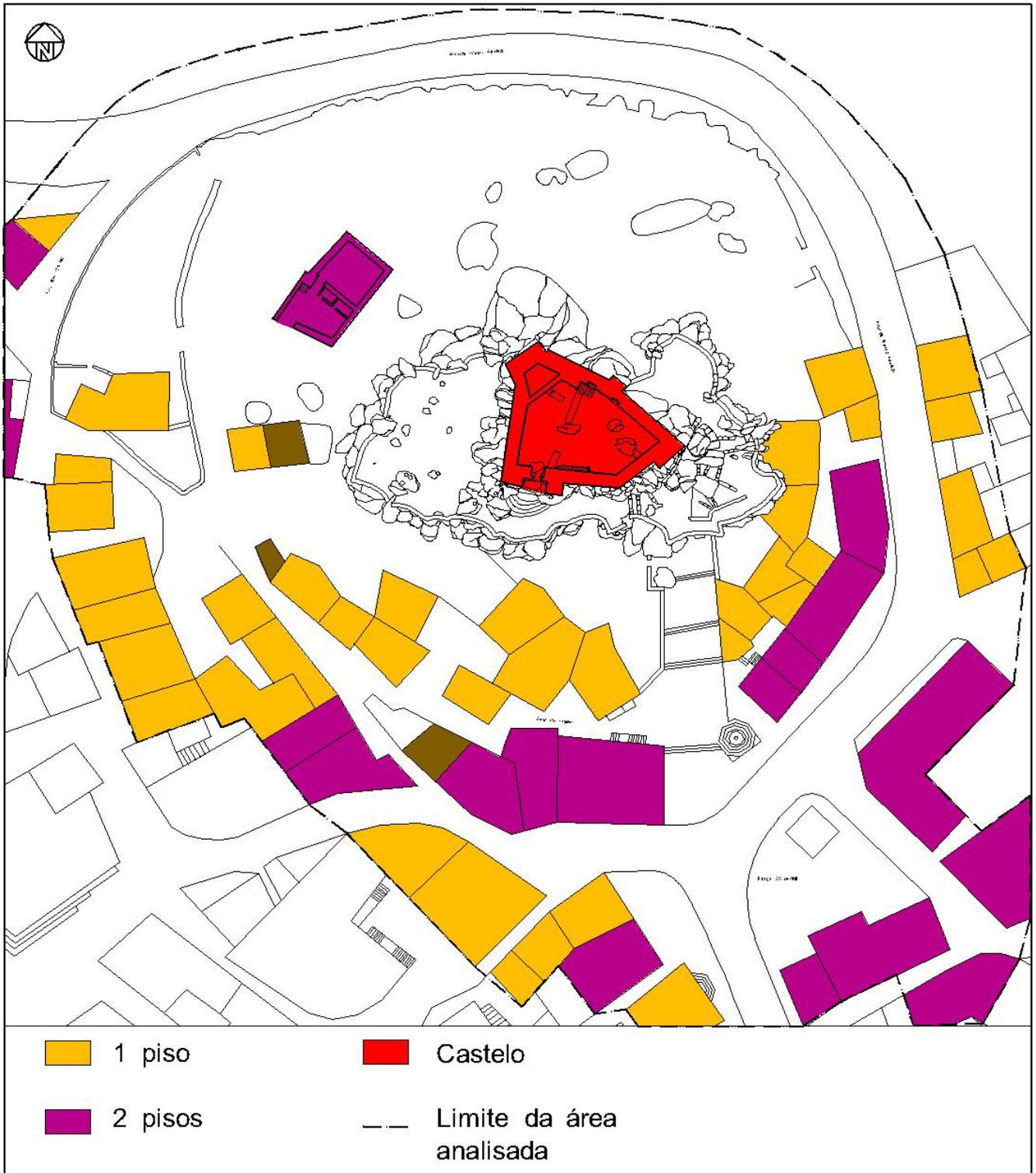


Fig. 47 - Análise do número de pisos dos edifícios na envolvente do castelo

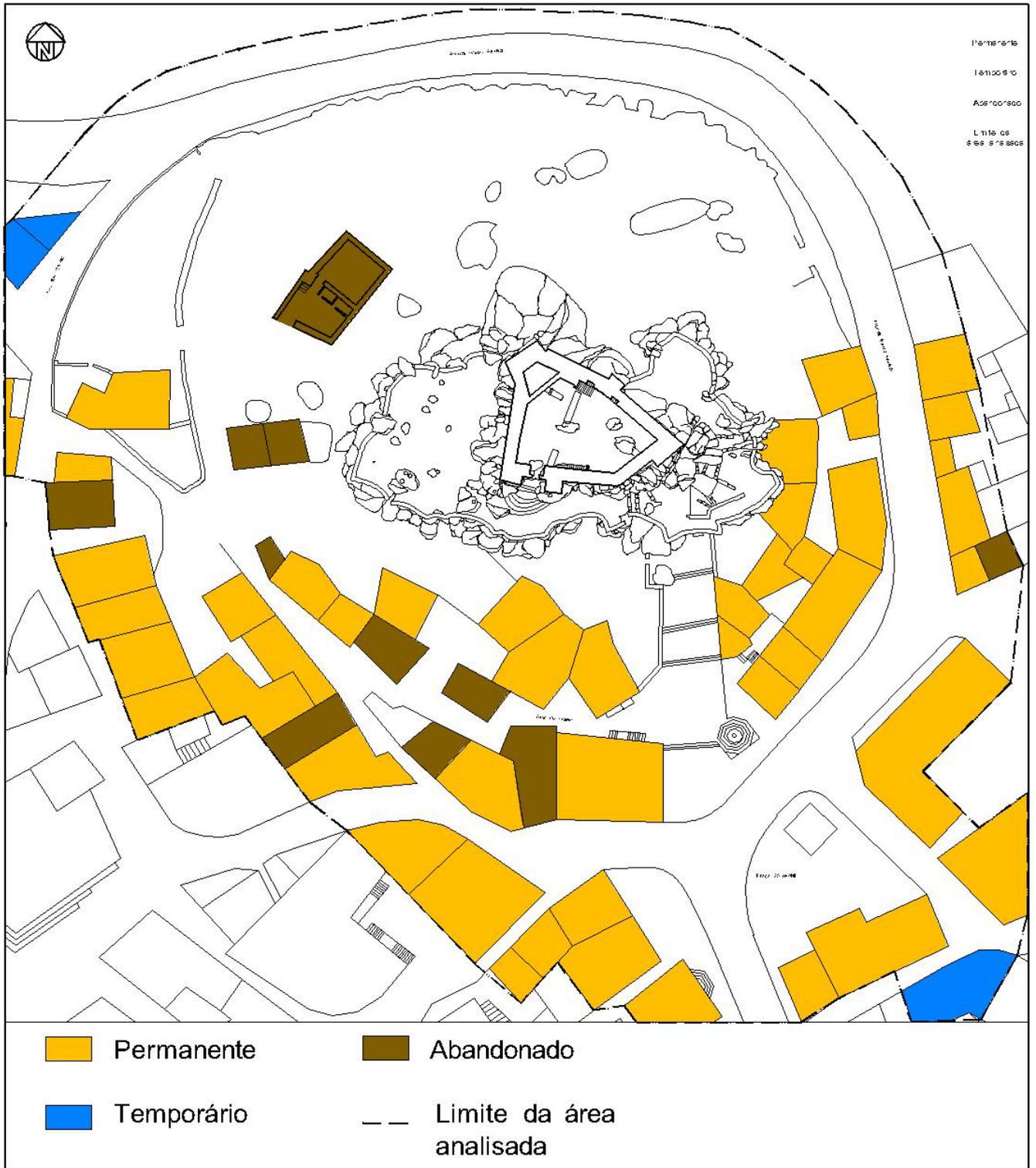


Fig. 48 - Análise do carácter de permanência funcional dos edifícios na envolvente do castelo

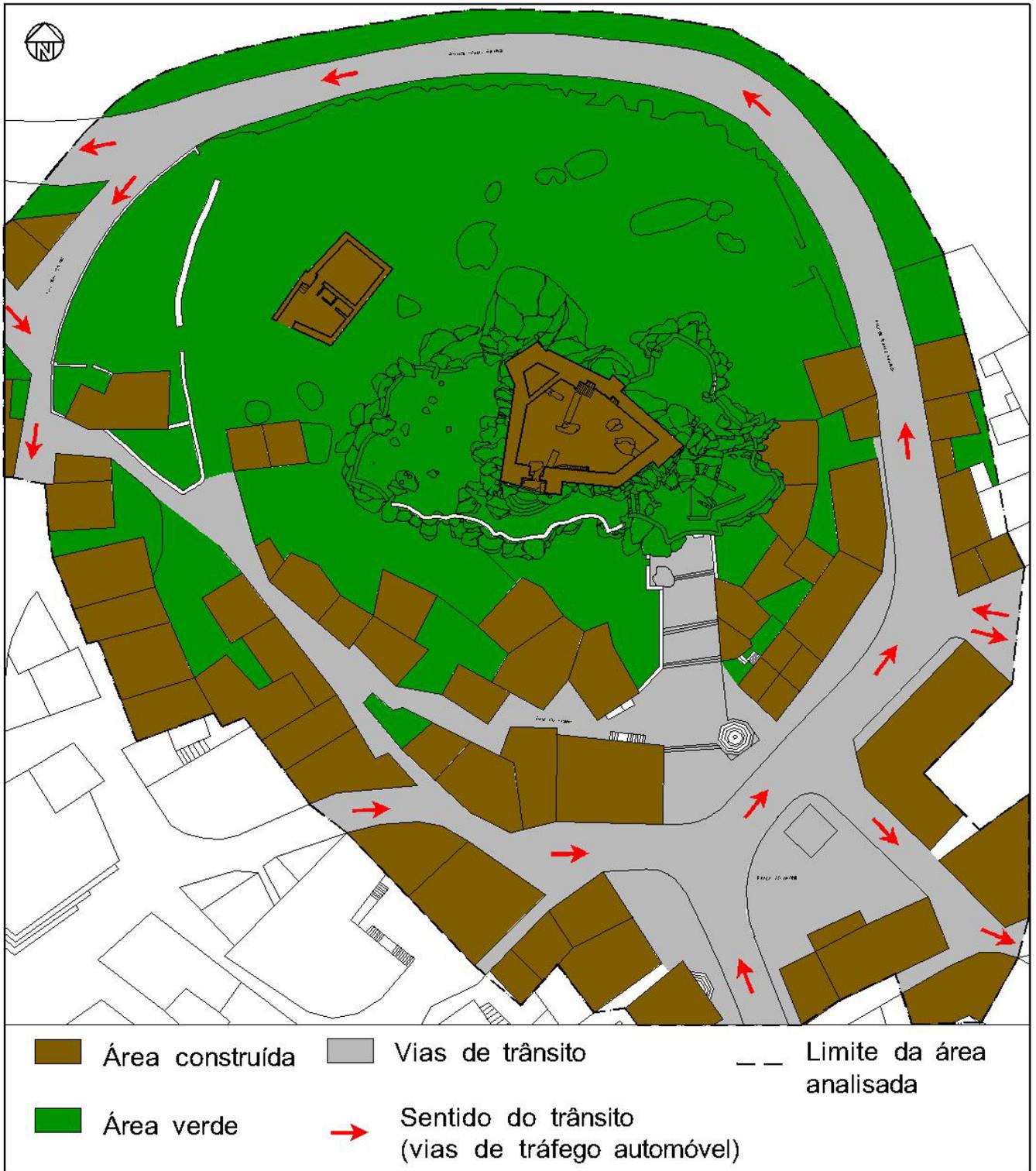


Fig. 49 - Análise das relações “construção / espaço verde / rede viária” na envolvente do castelo

Apesar do índice de construção nas faces nascente, sul e poente do castelo ser relativamente elevada, ainda assim existem enormes áreas de espaço verde em seu redor, sobretudo na face norte, cuja colina não foi praticamente ocupada por construções. O sistema viário é composto por vias de tráfego automóvel (cujos sentidos de trânsito são quase todos de um único sentido) e por vias exclusivamente pedonais. Estes factos devem-se ao carácter das ruas pré-existentes, bastante irregulares, estreitas e algumas com inclinações bastante acentuadas, o que dificultou ou impossibilitou o trânsito automóvel em parte dessas vias (*fig. 49*).



Fig. 50 - Edifício popular de aparelho grosseiro



Fig. 51 - Edifício onde existiu colapso de parte da cobertura

Relativamente aos edifícios – e ao próprio espaço envolvente do castelo –, existem numerosos problemas e de diversos aspectos: primeiramente, torna-se necessário referir que a causa principal para a degradação dos edifícios é exactamente a forma como estes foram construídos: com efeito, exceptuando as casas mais nobres situadas no Largo 25 de Abril e que foram sempre sendo utilizadas ao longo dos tempos, as restantes habitações populares eram construídas mais toscamente, com pedras de pior qualidade (mais irregulares e sem arestas que pudessem encaixar de forma mais perfeita umas nas outras) e sem recurso às argamassas, por estas terem elevados custos (*fig. 50*). Também a mão-de-obra não seria tão especializada e a própria configuração dos terrenos (em lotes menos propícios para as edificações) contribuíram para a menor qualidade da construção popular. Aliado ao facto de estas casas serem desconfortáveis, escuras, acanhadas e insalubres, não admira que sejam facilmente trocadas pelas comodidades garantidas das edificações segundo os processos modernos de construção, que são também mais fáceis de construir, mais baratos e mais rápidos.

As lesões mais comuns que se encontram são logicamente aquelas que afectam os materiais com menor durabilidade, que neste caso é a madeira. Assim, é vulgar encontrarem-se casas com a cobertura muito danificada, devido ao facto da estrutura que suporta as telhas ser integralmente de madeira. Esta madeira, quando não é regularmente tratada e quando o telhado não foi construído segundo os preceitos necessários a uma boa edificação (quando existem infiltrações de água entre as telhas ou quando não existe uma boa ventilação no desvão), fica propensa a sofrer ataques de fungos que se desenvolvem em ambientes húmidos ou de insectos xilófilos como as térmitas, que provocam o apodrecimento da madeira e enfraquecimento desta, o que gera a cedência das estruturas (*fig. 51*).

Mas também as próprias pedras sofrem ataques de elementos exteriores para além dos danos infligidos pelo próprio tempo e condições atmosféricas, como por exemplo os musgos e ervas parasitas, que concorrem para o desagregamento das argamassas e, nalguns casos, das próprias paredes, quando as

raízes das plantas exercem demasiada pressão sobre as pedras (fig. 52 e 53). Em alguns casos extremos, existe mesma a ruína completa do edifício, como se pode verificar em vários edifícios na envolvente do castelo, de que é exemplar a ruína situada a noroeste deste.

Fig. 52 e 53 - Paredes infestadas com musgos e ervas daninhas



Existem alguns edifícios de construção mais recente na área estudada, que utilizam elementos dissonantes e que são inestéticos devido à forma, volumetria e elementos construtivos utilizados, totalmente desenquadrados da realidade local. Nestes exemplares, os materiais utilizados são a alvenaria de tijolo rebocada e pintada (por vezes em cores berrantes), as caixilharias de alumínio ou pvc, e o sistema construtivo adoptado rege-se segundo uma estrutura de betão armado (fig. 54 e 55). Felizmente, e devido a um particular esforço por parte da Câmara Municipal de Penedono, tem-se assistido a um saudável saneamento destes casos na área do casco histórico, não só através de regras restritivas que impõe condições draconianas às novas construções, como também à recuperação e correcção de casos existentes, reenquadrando-os esteticamente na envolvente e dotando-os de melhores condições de conforto e salubridade.



Fig. 54 e 55 - Edifícios dissonantes na área envolvente do castelo



Fig. 56 e 57 - Exemplos de utilização de materiais de construção dissonantes em edifícios tradicionais

Assim, na zona envolvente do castelo apenas se encontram 2 casos onde o edifício destoa completamente da envolvente, quer ao nível estético, quer ao nível construtivo – ainda que este último não seja determinante, pois a CMP permite a utilização de novos sistemas construtivos e novos materiais, desde que devidamente enquadrados na estética local. Estes 2 edifícios situam-se 1 a sudeste do castelo, quase logo à saída do Largo 25 de Abril, e outro a poente do castelo, pouco depois de começar o casario para quem vem no sentido norte-sul. Contudo, existe ainda o facto de se encontrarem edifícios antigos que, embora mantendo o seu carácter tradicional, introduziram materiais dissonantes em obras de reparação e de ampliação, originando situações onde a estética prevalecente é gravemente prejudicada (*fig. 56 e 57*).

Outra interferência grave é, logicamente, as casas degradadas e em ruínas, que afectam esteticamente todo o local, pois torna-se desagradável percorrer as ruas do casco antigo entre edifícios arruinados, que transmitem uma sensação de insegurança e afastam potenciais visitantes. Por outro lado, urge reparar não só as fachadas destes edifícios, mas também as suas coberturas: com efeito, o castelo funciona também como miradouro, e do alto das suas ameias vislumbra-se frequentemente casas cujos telhados cederam, perturbando desse modo uma panorâmica que poderia ser muito agradável (*fig. 58*). Aliás, o aspecto do castelo enquanto miradouro facultou o aparecimento novas problemáticas, como o sejam a visualização da inestética expansão da vila para noroeste e, sobretudo, pela percepção brutal do novo complexo desportivo de Penedono, construída em terrenos que até à pouco tempo eram considerados como *non aedificandi* para protecção visual do castelo. Apesar de ser um edifício interessante, a sua escala volumétrica maciça, com grande área de implantação sem analogia com o existente em Penedono, chocam violentamente com o castelo e a sua envolvente próxima, prejudicando ambos os edifícios. (*fig. 59*).



Fig. 58 e 59 - Edifícios degradados e em ruína na envolvente do castelo, e complexo desportivo de Penedono

Mas também os edifícios que se encontram esteticamente enquadrados, na sua generalidade, na envolvente, possuem componentes que contribuem para a poluição visual e degradação do meio em que se inserem, ao adoptarem sem quaisquer tipos de cuidados elementos perturbadores da estética, como o sejam os ar-condicionados, a publicidade sem critérios de enquadramento, e os toldos das casas de restauração (*fig. 60*).

Por fim, e ainda relativo à área envolvente ao castelo, existe um problema que urge resolver – e que, por sinal, é extensivo a quase todos os centros históricos: o problema dos automóveis! Em Penedono, a rua principal atravessa o Largo 25 de Abril, fronteiro ao castelo; tal facto não se apresenta como problemático, pois essa rua desde tempos imemoriais que tem precisamente esse fim. O problema põe-se com o estacionamento destes ao longo da via, sobretudo no largo mencionado, perturbando assim a estética que se pretende vigente e que urge resolver, evitando que os automóveis possam então estacionar nesse largo (*fig. 61*).

Fig. 60 e 61 - Existência de ar-condicionados, toldos e publicidade desenquadrada; problema do estacionamento de automóveis



4.2. Castelo

A incúria do Homem foi a principal causa para os danos existentes no castelo de Penedono; com efeito, não fora o caso deste ter sido abandonado ainda em finais do séc. XVII, talvez as vivências de seus possíveis moradores mantivessem, por necessidade, o edifício conservado – pelo menos até ao despontar das primeiras preocupações patrimoniais, em finais do séc. XIX, que por obrigação o manteriam em bom estado de conservação. Mas quis o destino que tal não sucedesse desse modo e, como tal, o castelo foi abandonado e sofreu as agruras do rigoroso clima que se faz sentir no interior beirão. Não foram problemas de assentamento de fundações a causa para a sua ruína, visto as fortes paredes do castelo assentarem directamente em cima de um afloramento granítico; foram sim o inóspito clima que fustigou o desamparado castelo que, sem os seus protectores humanos que deveria de abrigar condignamente, vergou-se ao implacável poder da chuva, do Sol, do vento, da neve e dos outros elementos climáticos.

E foram precisamente os aspectos climáticos, anteriormente analisados, em conjugação com outros (menores) de índole humana, que motivaram danos específicos para cada parte do castelo, condicionado pela sua orientação de implantação. Interessa, como tal, destringir separadamente cada parte do castelo, procurando compreender quais os danos existentes, quais os agentes que provocaram o dano e quais as causas para tal. Na falta de qualquer tipo de pavimento ou cobertura, a análise de diagnóstico reservou-se às muralhas externas do castelo, ou seja, às 3 fachadas exteriores e interiores, respectivamente a sul, poente e nordeste.

Em primeiro lugar, elaborou-se um quadro de Dano/Agente/Causa geral para todo o castelo, a partir do qual iriam ser diagnosticados todos os problemas existentes. Como já foi mencionado, sabe-se de antemão, após observação *in loco* e de fotografias, que a grande maioria das causas têm origem nas condições climáticas existentes. O quadro dividiu-se em “danos estruturais”, em “danos biológicos” e em “danos humanos”; por sua vez, estes dividiam-se respectivamente em “área com danos estruturais” e “área com desagregação das argamassas de assentamento”, em “microflora”, “vegetação de pequeno porte” e “apodrecimento da madeira”, e em “presença de lixo depositado”; cada subdivisão era ainda mais esmiuçada, com o intuito de se conhecer o melhor possível toda a dinâmica do dano analisado.

O quadro de Dano/Agente/Causa apresenta-se então do seguinte modo (*fig. 62*):

Fig. 62 - Quadro de Dano/Agente/Causa para o castelo de Penedono

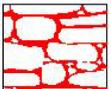
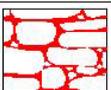
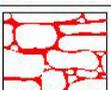
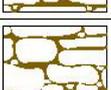
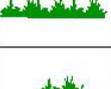
LOCALIZAÇÃO	DANO	AGENTE	CAUSA	OBSERVAÇÕES	
	A1	Área com danos estruturais	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água	A exposição à acção das águas pluviais degradou as argamassas
	A2	Área com danos estruturais	Infiltração descendente	Acumulação de água	A água penetrou através da superfície horizontal da parte superior da muralha ou dos vãos na parede
	A3	Área com danos estruturais	Infiltração ascendente	Acumulação de água	A água penetrou por capilaridade mediante o contacto da muralha com o solo
	B1	Área com desagregação das argamassas de assentamento	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água	A exposição à acção das águas pluviais degradou as argamassas
	B2	Área com desagregação das argamassas de assentamento	Infiltração descendente	Acumulação de água	A água penetrou através da superfície horizontal da parte superior da muralha ou dos vãos na parede
	B3	Área com desagregação das argamassas de assentamento	Infiltração ascendente	Acumulação de água	A água penetrou por capilaridade mediante o contacto da muralha com o solo
	B4	Área com desagregação das argamassas de assentamento	Homem ou qualidade dos materiais	Argamassa de qualidade deficiente	A qualidade da argamassa deve-se aos maus materiais componentes ou má aplicação da técnica construtiva
	C1	Microflora	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água	A exposição à acção das águas pluviais fomentou o desenvolvimento de microflora
	C2	Microflora	Infiltração descendente	Acumulação de água	A água penetrou através da superfície horizontal da parte superior da muralha ou dos vãos na parede
	C3	Microflora	Infiltração ascendente	Acumulação de água	A água penetrou por capilaridade mediante o contacto da muralha com o solo
	D1	Vegetação de pequeno porte	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água e presença de elementos reprodutores da flora	A exposição à acção das águas pluviais fomentou o desenvolvimento de vegetação
	D2	Vegetação de pequeno porte	Infiltração descendente	Acumulação de água e presença de elementos reprodutores da flora	A água penetrou através da superfície horizontal da parte superior da muralha ou dos vãos na parede
	D3	Vegetação de pequeno porte	Infiltração ascendente	Acumulação de água e presença de elementos reprodutores da flora	A água penetrou por capilaridade mediante o contacto da muralha com o solo
	D4	Vegetação de pequeno porte	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água e deposição de poeira e de elementos reprodutores da flora	A acumulação de água e deposição de poeira nas superfícies horizontais fomentou o desenvolvimento de vegetação
	D5	Vegetação de pequeno porte	Contacto com o solo	Acumulação de água e proximidade ao solo	A vegetação desenvolveu-se na área de contacto da muralha com o solo
	E1	Apodrecimento da madeira	Infiltração por contacto com as paredes húmidas envolventes	Acumulação de água	A madeira apodreceu devido à água acumulada que propiciou o desenvolvimento de microflora
	F1	Presença de lixo depositado	Homem	Vandalismo e falta de manutenção	O lixo encontra-se acumulado no fundo da cisterna, cujo acesso dificulta a sua remoção



Fig. 63 - Fachada sul do castelo de Penedono

Em relação à fachada exterior sul (*fig. 63 e 64*), já se verificou que esta é a que possui maior tempo de insolação, estando também abrigada dos fortes ventos que se fazem normalmente sentir vindos do quadrante noroeste. Estes aspectos reflectem-se nos danos existentes:

- existem 2 áreas com danos estruturais provocados por acumulação de água, cuja causa é a infiltração por incidência pluvial; a exposição à acção das águas pluviais degradou as argamassas de assentamento, o que provocou a perda de coesão entre os blocos de pedra, que poderá levar à progressiva deterioração da muralha, perda de materiais construtivos estruturais e, a prazo, colapso desta;
- existem também diversas áreas onde é preocupante a desagregação das argamassas de assentamento, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial e a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo da muralha (ameias e merlões), do adarve, do balcão superior sobre a entrada, da fenestração e das seteiras; esta degradação progressiva das argamassas de assentamento poderá levar ao aparecimento de danos estruturais;
- a microflora surge em grande parte da superfície da muralha, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo da muralha (ameias e merlões), do adarve, do balcão superior sobre a entrada, da fenestração e das seteiras, e a infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo; torna-se necessário mencionar que a gran-

Fig. 64 - Mapeamento de danos na fachada sul do castelo de Penedono

de maioria desta microflora é composta por líquenes, os quais se reproduzem em ambiente sem qualquer tipo de poluição, com grande exposição ao Sol, com acumulação de água moderada e em locais protegidos do vento, devido à sua fragilidade.



A fachada exterior poente (*fig. 65 e 66*) é a mais exposta aos fortes ventos provenientes de noroeste. Como tal, é também a que mais frequentemente é varrida pela chuva lançada pelo vento contra a sua superfície, mas por outro lado seca mais rapidamente precisamente pela exposição aos ventos dominantes e à insolação durante toda a tarde até ao pôr do Sol. Assim, os danos existentes são:

- existem 2 áreas com danos estruturais provocados por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, e a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas de uma parte do topo da muralha (ameias e merlões);



Fig. 65 - Fachada poente do castelo de Penedono

- existem diversas áreas onde é evidente a desagregação das argamassas de assentamento, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial e a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo da muralha (ameias e merlões), do adarve, da fenestração e das seteiras; verifica-se ainda que a superfície mais degradada é precisamente a superfície noroeste da torre que flanqueia a fachada, a qual é mais fustigada pelos ventos e precisamente por isso as argamassas cederam mais rapidamente;
- a microflora surge sobretudo na superfície sudoeste da torre que flanqueia a fachada, sendo provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo da muralha (ameias e merlões), do adarve, da fenestração e das seteiras, e a infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo; enquanto que a microflora na parte inferior da superfície mencionada é composta por líquenes (onde os ventos não são tão fortes e existe relativa exposição solar), já na parte superior existem sobretudo musgos, os quais se reproduzem em ambientes com exposição ao Sol, com acumulação de água e em locais protegidos do vento, embora tenham maior resistência ao vento que os líquenes e por isso mesmo surgem na parte superior onde, ainda que possua algum abrigo, não deixam de ser perceptíveis ventos fortes;
- misturada com a microflora surge ainda vegetação de pequeno porte, provocada por acumulação de água, cuja

Fig. 66 - Mapeamento de danos na fachada poente do castelo de Penedono

causa é a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo da muralha (ameias e merlões) e do adarve, mas também a presença de elementos reprodutores da flora.



A fachada exterior nordeste (*fig. 67 e 68*) é a menos exposta à insolação, o que impreterivelmente confere especificidades nos seus danos:

- existem 4 áreas com danos estruturais provocados por acumulação de água, das quais 3 foram causadas por infiltração por incidência pluvial, e 1 por infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas de uma janela;
- existem diversas áreas na parte superior da muralha onde se vislumbra a desagregação das argamassas de assentamento, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial e a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo da muralha (ameias e merlões), do adarve, da fenestração e das seteiras; a causa para existir um maior número de danos estruturais referentes à degradação das argamassas de assentamento poderá

ser o facto de que, devido à insuficiente exposição solar, as argamassas poderão estar constantemente húmidas, o que acelera a sua degradação e fragiliza-a face às constantes agressões do meio ambiente;

- a microflora surge nas partes mais abrigadas da superfície da muralha, sendo provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial e a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo da muralha (ameias e merlões), do adarve, da fenestração e das seteiras; face à falta de incidência do Sol, os líquenes quase não se desenvolveram nesta fachada, predominando então os musgos que não necessitam de tanta exposição à luz solar quanto os líquenes.

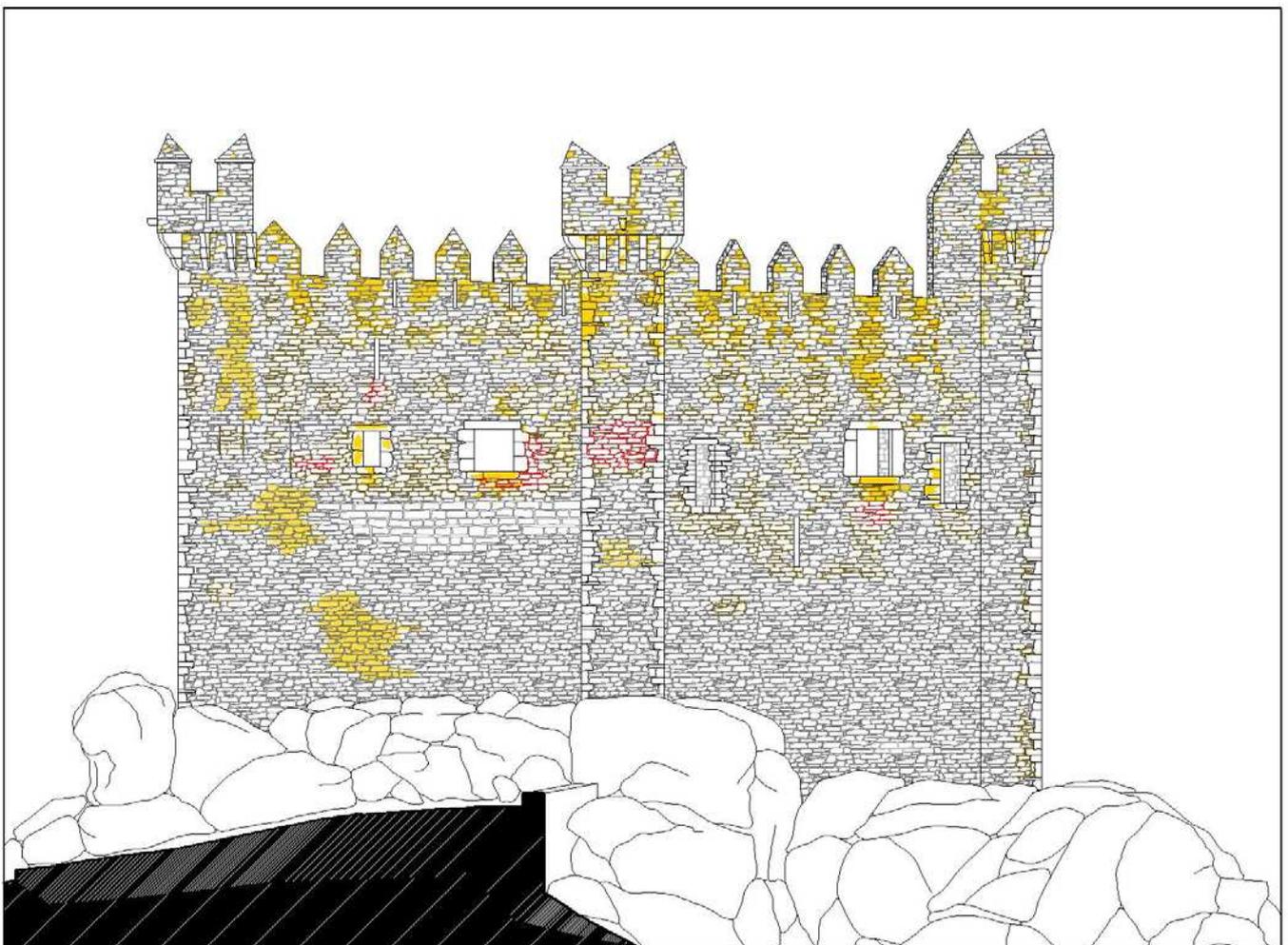


Fig. 67 - Mapeamento de danos na fachada nordeste do castelo de Penedono

Fig. 68 - Fachada nordeste do castelo de Penedono



Em relação à fachada interior sul (*fig. 69*), esta possui afinidades com a fachada exterior nordeste, na medida em que a incidência solar é praticamente inexistente, que provocam problemas semelhantes:

- existem 3 áreas com danos estruturais provocados por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial e, sobretudo, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas de vãos;
- existem diversas áreas onde é evidente a desagregação das argamassas de assentamento, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo; de referir que, sob as escadas pelas quais se acede ao adarve, existe desagregação da argamassa de assentamento, possivelmente pela sua má qualidade decorrente da má composição dos seus materiais ou da má aplicação das técnicas construtivas;
- a microflora surge sobretudo na parte superior da muralha na zona onde existe incidência solar perto do ocaso, sendo a sua proliferação provocada por acumulação de água cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo; a grande maioria da microflora é composta por musgos, face à pouca exposição ao Sol;

- misturada com a microflora surge ainda vegetação de pequeno porte, provocada por acumulação de água, cuja causa é a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade; por outro lado, encontra-se vegetação de pequeno porte nas superfícies horizontais existentes na muralha (canal de escoamento das águas, adarve, fenestração, degraus da escada) cujo desenvolvimento foi fomentado pela acumulação de água, de poeira e de elementos reprodutores da flora; mas também nas zonas de contacto da muralha com o solo desenvolveu-se vegetação de pequeno porte devido à acumulação de água e à própria existência do solo.

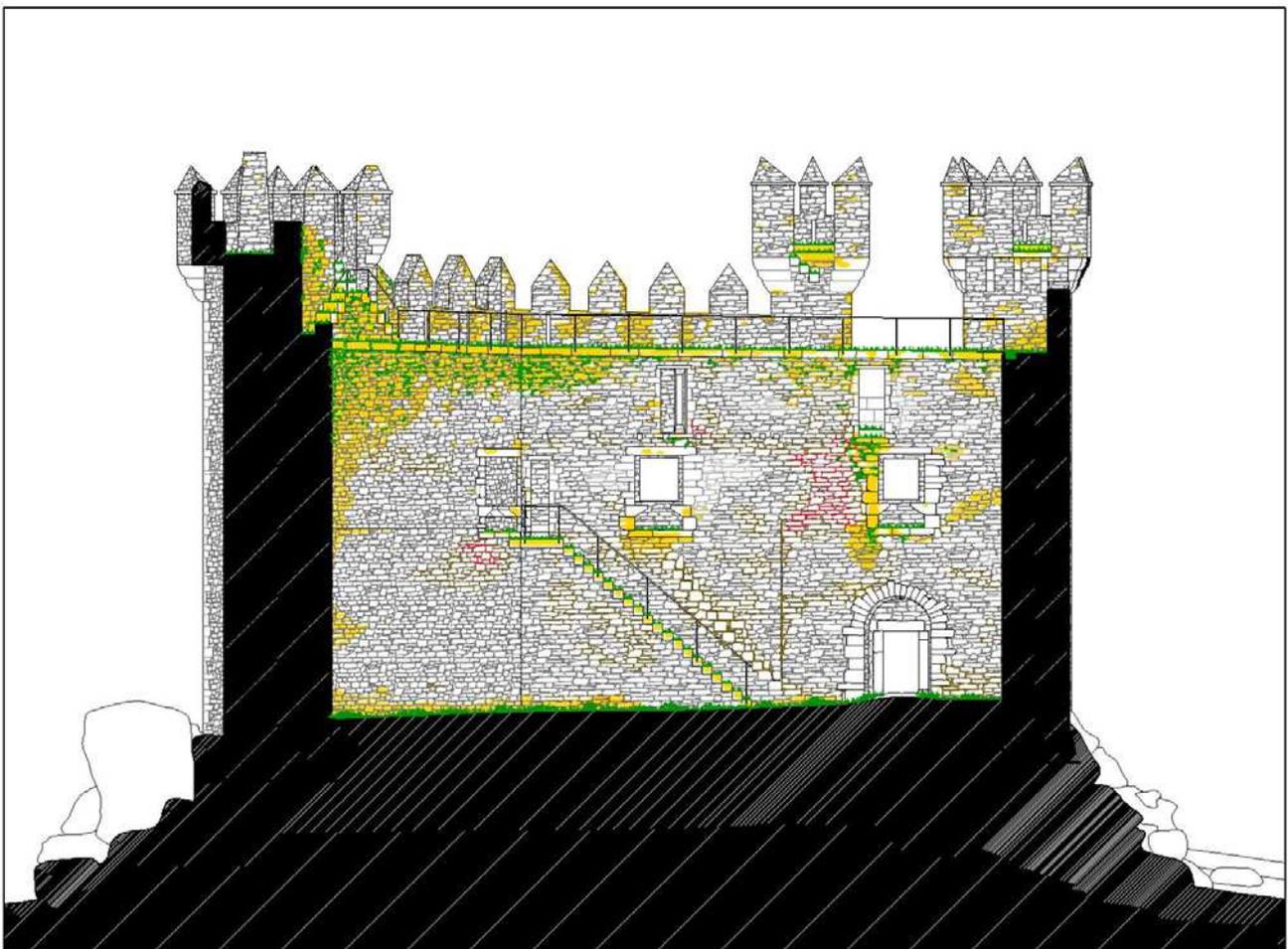


Fig. 69 - Mapeamento de danos na fachada interior sul do castelo de Penedono

A fachada interior poente (*fig. 70*) é a que se encontra mais abrigada dos ventos dominantes, mas também possui insolação somente ao nascer do Sol e durante uma pequena parte da manhã. Os danos existentes são:

- existe somente 1 área com danos estruturais provocados por acumulação de água, cuja causa é a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas de uma parte do topo da muralha (ameias e merlões);
- existem diversas áreas na parte inferior e na parte superior da muralha, com desagregação das argamassas de assentamento, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve, da cisterna e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo; verifica-se que a superfície mais degradada é a área inferior da muralha, onde anteriormente existiu uma escada demolida na década de 40 do séc. XX pela DGEMN, e que poderá ter provocado uma fragilização dessas argamassas;
- a microflora surge sobretudo na superfície da cisterna, sendo provocada por acumulação de água cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve, da cisterna e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade; a microflora é composta por musgos, que resistem bem em locais abrigados e com relativamente pouca exposição ao Sol;
- misturada com a microflora surge ainda vegetação de pequeno porte, provocada por acumulação de água, cuja causa é a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade; encontra-se vegetação de pequeno porte nas superfícies horizontais existentes na muralha (canal de escoamento das águas, adarve, fenestração, degraus da escada) cujo desenvolvimento foi fomentado pela acumulação de água, de poeira e de elementos reprodutores da flora, e nas zonas de contacto da muralha com o solo desenvolveu-se vegetação de pequeno porte devido à acumulação de água e à própria existência do solo.



Fig. 70 - Mapeamento de danos na fachada interior poente do castelo de Penedono

Por fim, relativamente à fachada interior nordeste (*fig. 71*) esta encontra-se frequentemente bem ensolarada na parte superior e está igualmente protegida do vento noroeste. Na análise deste alçado, estudou-se as únicas partes do castelo que ainda se encontram cobertas, situadas na torre noroeste e incluindo a cisterna:

- existem 2 áreas com danos estruturais provocados por acumulação de água, cuja causa é a infiltração por incidência pluvial e, sobretudo, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais de 1 vão e do adarve;
- existem diversas áreas da muralha com desagregação das argamassas de assentamento, provocada por acumulação de água e cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo;



Fig. 71 - Mapeamento de danos na fachada interior nordeste do castelo de Penedono

- a microflora surge sobretudo na parte superior da muralha, com maior intensidade nos seus extremos, sendo provocada por acumulação de água cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve, da cisterna e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade; a microflora é composta por musgos e, no nível mais elevado, por líquenes, que se desenvolvem face à soalheira exposição solar; contudo, surge uma outra forma de microflora nas zonas cobertas da torre noroeste, composta por limos que se desenvolvem com maior intensidade nas superfícies húmidas, abrigadas dos ventos e pouco expostas ao Sol;
- misturada com a microflora surge vegetação de pequeno porte, provocada por acumulação de água, cuja causa é a infiltração por incidência pluvial, a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais do adarve e da fenestração, e a infiltração ascendente por capilaridade; encontra-se vegetação de pequeno porte nas superfícies horizontais existentes na muralha (canal de escoamento das águas, adarve, fenestração, degraus

da escada) cujo desenvolvimento foi fomentado pela acumulação de água, de poeira e de elementos reprodutores da flora, e nas zonas de contacto da muralha com o solo desenvolveu-se vegetação de pequeno porte devido à acumulação de água e à própria existência do solo.

- a cobertura de madeira das zonas cobertas da torre noroeste, onde existe bastante acumulação de água proveniente de infiltrações diversas, encontra-se bastante apodrecida devido ao forte ataque de agentes biológicos, como o sejam os limos e fungos;
- o fundo da cisterna encontra-se cheio de lixo depositado, causado por vandalismo e falta de manutenção; a remoção do lixo acumulado é difícil devido ao acesso ser muito restritivo, e este facto fomenta a deterioração dos materiais com os quais está em contacto.

Outros danos existentes no castelo são referentes a acções propositadas por parte das entidades responsáveis pelo monumento, como o sejam o uso do betão de modo algo indiscriminado (*fig. 72*) que contribui para formar interferências estéticas no castelo, ainda que esteja vagamente disfarçado por materiais mais consentâneos com os originais. É difícil entender até que ponto as obras da DGEMN (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) nos anos 40 do séc. XX poderão ou não ter deturpado o edifício, pois são perceptíveis nas paredes do castelo arranques de escadas, arcos e outros elementos que indiciam ter existido ali algo diferente do que observamos actualmente. Ainda aquando das obras da DGEMN, em plena ditadura fascista, as opções nacionalistas dos governantes portugueses determinaram a existência da bandeira nacional hasteada numa das torres do castelo, vincando fortemente a importância que os castelos tiveram na formação de Portugal e manutenção da independência. Para esse fim, foi construído um elemento de suporte ao mastro da bandeira numa das torres, a qual ficou assim desfigurada para quem a visita. Seria evitável tal situação se se tivessem estudado formas alternativas para a colocação da mesma (*fig. 73*).



Fig. 72 e 73 - Suporte da bandeira nacional e presença do betão armado na torre noroeste

Relativamente à iluminação, verifica-se que os holofotes usados são antigos, não se adequando já às novas tecnologias disponíveis em termos de iluminação de edifícios e monumentos arquitectónicos, que em muito os valorizam. Assim, para além de inestéticos a nível de *design*, a sua colocação descuidada gera algum desconforto e sensação de desorganização que deveria de ser evitada, provocando mais dano no castelo do que valorizando-o (*fig. 74 e 75*).



Fig. 74 e 75 - Iluminação do castelo de Penedono

4.3. Ruína

À imagem do castelo, também a ruína poderia não o ser se não fosse o abandono a que foi votado, muito mais recentemente, o espartano edifício habitacional (*fig. 76 e 77*). Mas quis o destino que as pedras voltassem ao chão, e assim a ancestral habitação é hoje uma mera ruína, onde ainda subsistem estoicamente alguns trechos de parede (*fig. 78, 79, 80, 81, 82 e 83*).



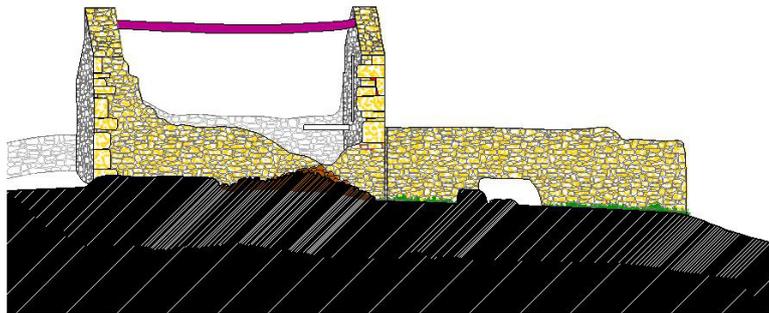
Fig. 76 e 77 - Casa em 1953, ainda de pé, e actualmente, já em ruínas



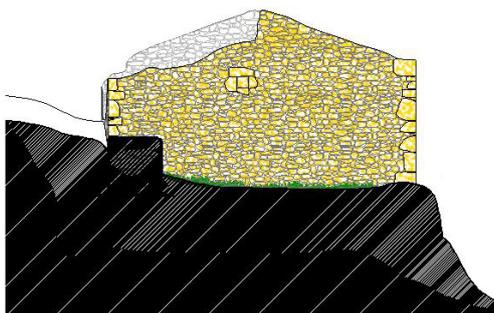
Fig. 78, 79, 80, 81, 82 e 83 - Vistas da ruína



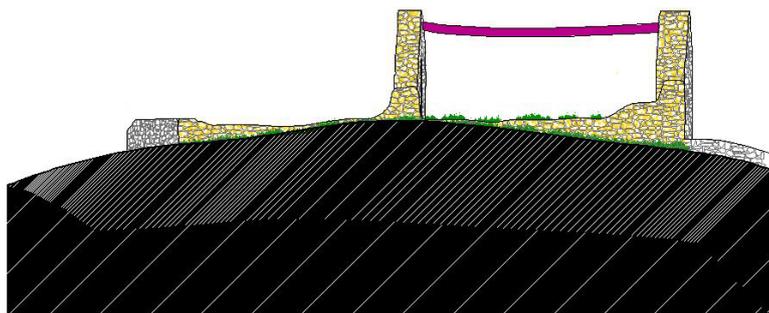
ALÇADO SUDESTE



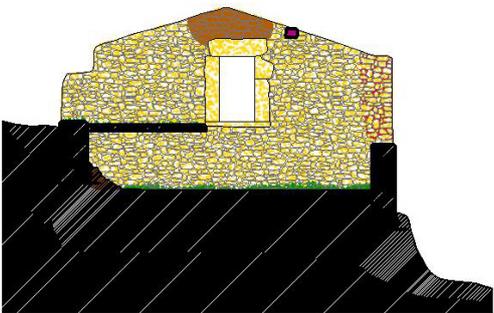
ALÇADO NOROESTE



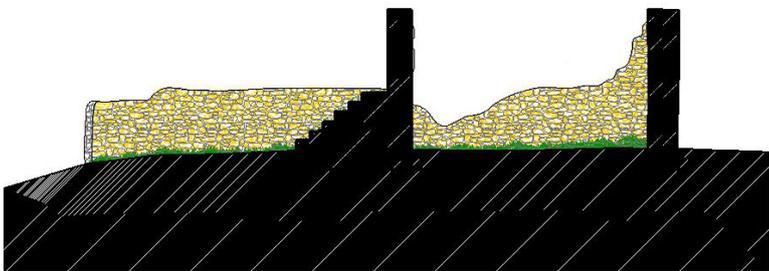
ALÇADO NORDESTE



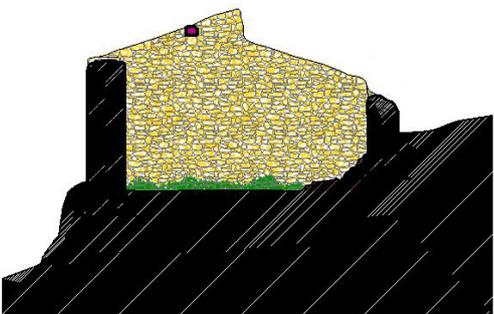
ALÇADO SUDESTE



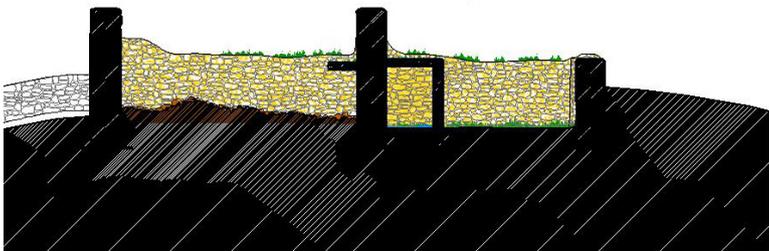
ALÇADO INTERIOR SUDESTE



ALÇADO INTERIOR NOROESTE



ALÇADO INTERIOR NORDESTE



ALÇADO INTERIOR SUDESTE

Fig. 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90 e 91 - Mapeamento de danos nas fachadas exteriores e interiores da ruína

O facto do edifício se ter convertido numa ruína torna ainda mais delicada a análise aos danos nele existentes (*fig. 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90 e 91*), segundo o quadro de Dano/Agente/Causa (*fig. 92*):

- existem áreas com danos estruturais causados por acumulação de água, devido às infiltrações por incidência pluvial;
- na parte superior da fachada sudoeste, sobre a porta, existe deformação da parede devido a um empuxo localizado, supondo-se que tenha sido causado pela derrocada da cobertura do edifício arruinado, o qual terá provocado a deformação;
- em praticamente todas as superfícies existe microflora que resultou da acumulação de água que fomentou o seu desenvolvimento, mediante infiltrações por incidência pluvial;
- a vegetação de pequeno porte está presente em algumas superfícies horizontais da ruína e, sobretudo, na zona de contacto dos muros com o solo, devido à acumulação de água, da deposição de poeira e de elementos reprodutores da flora e da própria proximidade com o chão;
- existe ainda uma viga de madeira sobrance da cobertura, a qual está em rápido processo de apodrecimento devido à acumulação de água infiltrada por exposição às intempéries e que favorecer o florescimento de microflora;
- a presença de lixo acumulado também é notada, causada por vandalismo e falta de manutenção;
- por fim, a acumulação, contra o que ainda resta das paredes, de materiais construtivos procedentes do arruinamento do edifício, causado pela falta de manutenção da casa, poderão provocar ainda mais danos nas estruturas subsistentes.

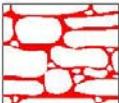
LOCALIZAÇÃO	DANO	AGENTE	CAUSA	OBSERVAÇÕES	
	A1	Área com danos estruturais	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água	A exposição à acção das águas pluviais degradou as argamassas
	A2	Deformação da parte superior da fachada	Empuxo localizado	Derrocada da cobertura	A derrocada da cobertura do edifício arruinado terá provocado a deformação da parte superior da fachada, ao nível da cumeeira
	B1	Microflora	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água	A exposição à acção das águas pluviais fomentou o desenvolvimento de microflora
	C1	Vegetação de pequeno porte	Infiltração por incidência pluvial	Acumulação de água e deposição de poeira e de elementos reprodutores da flora	A acumulação de água e deposição de poeira nas superfícies horizontais fomentou o desenvolvimento de vegetação
	C2	Vegetação de pequeno e médio porte	Contacto com o solo	Acumulação de água e proximidade ao solo	A vegetação desenvolveu-se na área de contacto do muro com o solo
	D1	Apodrecimento da madeira	Infiltração por exposição às intempéries	Acumulação de água	A madeira apodreceu devido à água acumulada que propiciou o desenvolvimento de microflora
	E1	Presença de lixo depositado	Homem	Vandalismo e falta de manutenção	O lixo encontra-se acumulado por toda a ruína
	F1	Acumulação de materiais construtivos procedentes do arruinação do edifício	Homem	Falta de manutenção	Os materiais que ruíram encontram-se depositados contra o que ainda resta das paredes

Fig. 92 - Quadro de Dano/Agente/Causa para a ruína

5. Fontes Documentais

5.1. Fontes impressas (edições consultadas)

Livros

AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004

AAVV, *Atlas de Portugal*, Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1988

AAVV, *Á Descoberta de Portugal*, Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1982

AAVV, *Perfil Climático de Portugal Continental*, Instituto de Meteorologia, Lisboa, 2005

AAVV, *Trincas em edifícios*, IPT/ EPUS/ PINI, S. Paulo, 1989

ABREU, Alexandre Cancela d', CORREIA, Teresa Pinto & OLIVEIRA, Rosário, *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental*, DGOTDU, Évora, 2004

ALVES, Alexandre, *Penedono - Apontamentos de História e de Arte*, Câmara Municipal de Penedono, Penedono, 2000

BRAGA, Márcia, *Conservação e Restauro, Madeira/ Pintura sobre madeira/ Douramento/ Estuque/ Cerâmica/ Azulejo/ Mosaico*, Editora rio, Rio de Janeiro, 2003

BRAGA, Márcia, *Conservação e Restauro, Pedra/ Pintura Mural/ Pintura em tela*, Editora rio, Rio de Janeiro, 2003

CABAÇA, Sónia, *Humidade ascendente em paredes de edifícios antigos - Processo de reabilitação e prevenção*, Construlink, Lisboa, 2002

CASTRO, Elda, *A conservação de monumentos em pedra : estado actual dos conhecimentos*, LNEC, Lisboa, 1984

CMP, *Plano de Pormenor de Penedono*, Câmara Municipal de Penedono, Penedono, 1994

HENRIQUES, Fernando M. A., *Humidade em paredes*, LNEC, Lisboa, 1994

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de & GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992

OLIVEIRA, Mário Mendonça de, *Tecnologia da Conservação e da Restauração – Roteiros de estudos*, EDUFBA, Salvador, 2002

PUCCIONI, Silvia, *Restauração estrutural, uma metodologia de diagnóstico*, FAU-UFRJ, Rio de Janeiro, 1997

SOUSA, Júlio Rocha e, *Antiga Vila de Penedono*, Éden Gráfico S.A., Viseu, 2001

TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa & BELÉM, Margarida da Cunha, *Diálogos de Edificação*, Centro Regional de Artes Tradicionais, Guimarães, 1998

Artigos

DGEMN, "Castelo de Penedono" in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* nr.73, DGEMN, Lisboa, 1953

ARAVIS, "Estudo e Diagnóstico de Necessidades de Formação Profissional Agrária nos Concelhos de Viseu e Penedono" (texto policopiado), ARAVIS, Viseu, 2001

KANAN, Maria Isabel Correa, «Tecnologia do restauro arquitetônico: argamassas e tintas à base de cal» in *Anais do 3º Simpósio Brasileiro de Tecnologia das Argamassas*", Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003

5.2. Fontes das imagens

Fig. 2	AAVV, <i>Atlas de Portugal</i> , Selecção do Reader's Digest, Lisboa, 1988, trabalhada por Joaquim Rodrigues dos Santos
Fig. 44	CMP, <i>Plano de Pormenor de Penedono</i> , CMP, Penedono, 1994
Fig. 1, 3-10, 20-22, 25, 27-37, 39, 41, 43, 45-75, 77-92	Joaquim Rodrigues dos Santos
Fig. 11, 19, 38, 40, 42, 76	Arquivo da DGEMN
Fig. 23, 26	Arquivo da DGEMN, trabalhada por Joaquim Rodrigues dos Santos
Fig. 12-18, 24	ARAVIS, "Estudo e Diagnóstico de Necessidades de Formação Profissional Agrária nos Concelhos de Viseu e Penedono" (texto policopiado), ARAVIS, Viseu, 2001

REABILITAÇÃO DO CASTELO DE PENEDONO E ESPAÇO ENVOLVENTE

(Memória Descritiva)

Por: **Joaquim Rodrigues dos Santos**

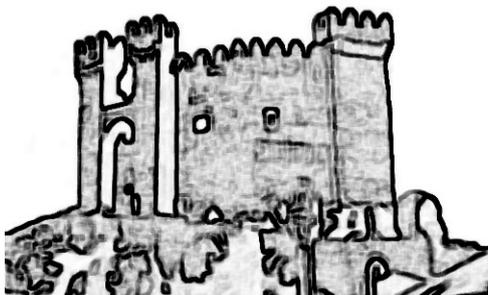


Fig. 1 – Castelo de Penedono

1. Programa preliminar da intervenção a projectar

A população de Penedono, apesar do orgulho que nutre pelo paço acastelado, sente alguma frustração e angústia pelo facto de reconhecer maior potencial ao velho edifício e que não é aproveitado para o bem comum do monumento e da própria povoação, que poderia receber maiores benefícios. Assim, existe uma vontade comum de potenciar ainda mais o valor cultural e turístico do paço acastelado, e é nesse âmbito que surge a proposta de intervenção no edifício e espaço envolvente, procurando responder aos anseios da população para o seu futuro, e tendo como objectivos subjacentes:

- Consolidação e conservação do castelo, diagnosticando e aplicando soluções para resolução dos problemas patenteados por diversas patologias evidentes – degradação da argamassa dos diversos paramentos, existência de diversas infestantes (ervas, líquenes, musgos e limos);
- Resolução dos problemas de segurança do castelo para os utentes, bem como das acessibilidades por parte de deficientes motores;
- Proposta de funções alternativas para o castelo, de índole cultural, como a função museológica e funções lúdicas esporádicas, podendo ser introduzidas estruturas contemporâneas de carácter efémero e que sejam, sobretudo, reversíveis;
- Reajustamento da iluminação nocturna do castelo, explorando as potencialidades proporcionadas pelo jogo de volumes do edifício e da colina;
- Adaptação de um edifício em ruínas, nos terrenos adjacentes ao castelo, para centro de interpretação complementar do castelo, dedicado à vida no paço acastelado durante a Idade Média e com uma temática referente ao célebre “Magriço” e às suas aventuras, suprimindo algumas necessidades como a existência de instalações sanitárias, um pequeno espaço de vendas, um bar, e um espaço multimídia;

- Criação de um percurso cultural em torno do castelo ligando o monumento e o edifício actualmente em ruínas;
- Proporcionar o arranjo paisagístico dos espaços envolventes, nomeadamente da colina onde o monumento se implanta, contribuindo para a criação de um espaço verde de lazer atractivo e de fácil usufruto e explorando o conjunto cenograficamente.

A proposta de intervenção permite abordar e debater diversas questões muito pertinentes relativamente ao Património Arquitectónico, nomeadamente:

- Analisar a evolução da mentalidade e a aplicação prática das teorias patrimoniais defendidas por diversos teóricos, mediante o estudo de intervenções paradigmáticas em edifícios patrimoniais, discernindo os princípios pelos quais se pautavam os seus principais intervenientes e procurando compreender as políticas de intervenção feitas desde o séc. XIX, com base no caso particular nas profícuas intervenções em castelos medievais.
- Perceber a constante necessidade da Sociedade “produzir História”. Actualmente, o castelo é sinónimo de prestígio, procurando-se preservar estas relíquias do passado e potenciar o seu factor turístico. A revivificação dos castelos medievais faz-se mediante novas utilidades funcionais, através da realização de actividades onde o castelo se torna elemento cénico, ou com programas onde se pretende que o vasto e riquíssimo património histórico-cultural seja mantido sob diversas vertentes.
- Compreender que a reabilitação dos edifícios de modo a que estes voltem a possuir uma função – ainda que tal custe a sua alteração em muitos aspectos, nomeadamente a sua alteração ou a introdução de obra nova –, vai fazendo surgir um pouco por todo o lado museus regionais e centros interpretativos que permitem uma nova utilidade funcional dos edifícios antes obsoletos, mas corre também o risco de se transformar os edifícios num produto comercial que augura uma visão mercantilista do Património Arquitectónico.
- Entender as novas orientações que apontam para os casos em que os castelos que se apresentam em estado avançado de degradação ou que possuem espaços amplos ao ar livre, os quais proporcionam a possibilidade de se poderem realizar actividades lúdicas e de lazer num local onde as ruínas do castelo, depois de conservadas e estabilizadas, se tornam num cenário romântico atractivo, ajardinando-se espaços, construindo-se equi-

pamentos de apoio e patrocinando-se actividades culturais e recreativas dentro dos recintos murallados, como por exemplo as cada vez mais concorridas Feiras Medievais.

- Estudar os novos programas onde a existência de um castelo funciona como um elemento central da vida das populações autóctones, que se pretende conservar e recuperar dentro dos possíveis. Desse modo, mais do que se proceder a uma musealização dos edifícios em si, pretende-se efectuar quase uma paragem no tempo, onde o vasto e riquíssimo património histórico-cultural seria mantido em diversas vertentes, contrariando-se assim a gradual desertificação humana e o declínio das actividades económicas tradicionais ao ser potenciado o factor turístico. Para além do património arquitectónico em si, são igualmente protegidas as populações residentes e os seus ancestrais hábitos comunitários, bem como o património natural envolvente.

2. Intenções para uma intervenção na envolvente

A zona envolvente ao castelo é, como foi referido, a zona histórica da vila de Penedono, e como tal, está sob a alçada de um Plano de Pormenor da área histórica que protege o carácter pitoresco da vila. Em pontos gerais, esse plano existente da área urbana degradada de Penedono – que complementa, de certo modo, o Plano Director Municipal de Penedono – pretende ordenar a área em torno do castelo que corresponde ao centro da vila e encerra diversos valores históricos e arquitectónicos, por forma a não deixar evoluir situações que se revelem conflituosas, salientando alguns aspectos de importância fundamental para o equilíbrio e enquadramento das componentes urbanísticas e arquitectónicas, com vista à sua recuperação, valorização estética e integração no meio. Como tal, fornece um conjunto de normas orientadoras e de pistas para intervenções nos respectivos domínios, constituindo uma base legal que torne possível a implementação de medidas que viabilizem os planos de intenções propostos, de modo a evitar a degradação do património arquitectónico existente e corrigindo as intervenções anárquicas alheias às características do local. O programa prevê ainda a salvaguarda e valorização do património local, que compreende os projectos de musealização do castelo de Penedono e criação de um itinerário cultural.

O Plano de Pormenor da área urbana degradada de Penedono, é bastante mais incisivo e rigoroso quanto aos seus objectivos e concretização dos mesmos, tendo mesmo produzido resultados muito satisfatórios nos últimos anos, promovendo uma real reabilitação urbana e requalificação dos espaços pú-

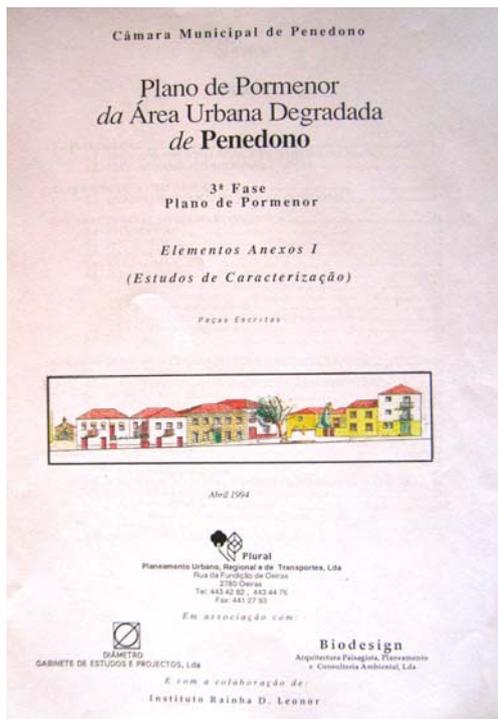


Fig. 2 – Capa do Plano de Pormenor de Penedono

blicos e devolvendo um carácter pitoresco que foi sendo perdido ao longo dos tempos. No entanto, o plano é muito castrativo ao nível das intervenções arquitectónicas, na medida em que define elementos arquitectónicos a serem utilizados mediante fichas anexas (janelas, portas, guarda-corpos, beirados, cores das pinturas, publicidade, etc.) e promovendo uma homogeneidade que nunca existiu na vila. Além disso, adoptou um critério deveras duvidoso que consta em remover os rebocos dos edifícios, deixando a pedra à vista; com efeito, esta procura de texturas pitorescas provoca um falso histórico e uma ideia de “parque temático da Disney”, pois os edifícios eram geralmente rebocados (excepto os mais pobres), e os edifícios não foram construídos para que as suas alvenarias recebam o impacto directo dos elementos atmosféricos. Quanto ao castelo, o Plano de Pormenor define a função pretendida para o monumento nacional (espaço museológico e cultural), deixando antever os diversos passos a serem seguidos e os critérios porque se deve pautar o futuro projecto a ser elaborado, deixando no entanto espaço para a criatividade arquitectónica que, no entanto, será sempre validada ou não pela Câmara municipal de Penedono e pelo IPPAR. Ainda assim, o balanço do resultado do PP é positivo, pois permitiu regradar as intervenções que foram sendo feitas, e corrigiu algumas dissonâncias que existiam e que descaracterizavam o espaço urbano. Os pontos mais importantes no que concerne à sua aplicabilidade na área abordada são:

- Promover uma maior vivência humana do local com a comunidade residente e com visitantes ocasionais;
- Incentivar o aproveitamento das potencialidades culturais e paisagísticas para fins turísticos, introduzindo novas actividades na área;
- Salientar aspectos de importância fundamental para o equilíbrio e enquadramento das componentes urbanística e arquitectónica, com vista à sua recuperação, valorização estética e integração no meio;
- Evitar a degradação do Património existente e corrigir eventuais intervenções anárquicas alheias às características do local;
- Organizar o espaço público envolvente mediante utilização de processos de regularização, reabilitação dos edifícios degradados ou em ruína, valorização dos espaços com o enriquecimento de pavimentos, zonas verdes e mobiliário urbano;
- Definição dos usos do edificado, bem como de equipamentos e actividades dinamizadoras;
- Reabilitação dos edifícios de maior valor arquitectónico e urbanístico com potencialidades para albergar os equipamentos definidos;

- Substituição e melhoramento das redes de infraestruturas urbanas (água, saneamento, telecomunicações, viária).

A proposta de intenção de musealização do castelo de Penedono e criação de um itinerário cultural define diversos parâmetros, onde a concretização dessas realizações deveria de processar-se em função de um enunciado de objectivos de prioridades, faseamento e calendarização, tornando-se necessário executar elementos base indispensáveis com vista a:

- Beneficiação e criação de condições de segurança adequadas no percurso de visita proposto ao público no interior do castelo;
- Enumeração de serviços e zonas de apoio – zona de recepção e posto de vendas, área de depósito e de apoio ao pessoal, instalações sanitárias para os visitantes, sinalização e áreas de estacionamento rodoviário;
- Criação de um centro interpretativo no castelo, instalação de um serviço de cafetaria e de zonas de animação cultural e de lazer;
- Campanha de divulgação nos meios de comunicação social e propaganda nas vias rodoviárias e localidades da região, e edição de folhetos desdobráveis de carácter genérico e relativos ao projecto de musealização do castelo de Penedono

A título de complemento, torna-se necessário mencionar quais as directrizes do Plano Director Municipal de Penedono, aprovado pelo Parlamento de Portugal como Decreto Regulamentar 225/94. Este constitui o instrumento definidor das linhas gerais da política de ordenamento e de gestão do território sob jurisdição municipal. Constituem objectivos do PDM, entre outros, a concretização de uma política de ordenamento do território que garanta as condições para um desenvolvimento sócio-económico equilibrado, e a definição dos princípios e regras de uso, ocupação e transformação do solo que consagrem uma utilização racional do espaço. Os normativos de protecção do património cultural, da estrutura natural e ambiental e, bem assim, os destinados a assegurar a implantação e instalação de equipamentos e infra-estruturas de interesse público prevalecem sobre as prescrições de ocupação e utilização do solo. Em função do uso dominante do solo, são consideradas classes de espaços que se encontram identificadas, consoante os casos, na carta de ordenamento e na carta de condicionantes, e foi elaborado todo um regulamento para as intervenções nas diversas áreas, englobando logicamente o casco histórico de Penedono. Relativamente ao castelo de Penedono e espaço envol-

vente, o PDM de Penedono regula todo um conjunto de procedimentos, com vista à preservação não só do monumento, mas do entorno que o caracteriza.



Fig. 3 – Castelo de Penedono e espaço envolvente

O PDM de Penedono assume-se como um plano indicativo muito geral, criado para regular a actividade urbanística e arquitectónica de todo o município, não especificando áreas e, neste caso, não abordando a área do castelo de Penedono e espaço adjacente. Contudo, essa limitação do PDM é reconhecida e assumida enquanto tal, na medida em que remete para um Plano de Pormenor as intervenções relacionadas com esta área especial. Ainda assim, o PDM possui diversos pontos aplicáveis à área mencionada, destacando-se os seguintes artigos:

- Os projectos dos edifícios deverão recorrer a soluções arquitectónicas e estéticas harmoniosas, incluindo os materiais, texturas e cores a aplicar no exterior dos mesmos, adequadas a uma correcta integração no meio ambiente em que se vão inserir, compatibilizando os valores de ordem cultural e tradicional próprios da região;
- Os núcleos antigos devem ser sujeitos a programas ou acções de reabilitação e estudos ou planos que privile-

giem o princípio da conservação das características da construção da região e do espaço construído em geral, devendo no entanto torná-los funcionais;

- A altura total dos edifícios deverá sempre tomar como referência a altura total dominante do conjunto em que se inserem, não sendo invocável a eventual existência de edifícios que excedam a altura total dominante. Não podem ser licenciadas obras ou acções que prejudiquem as características dominantes do quarteirão a que respeitem ou dos quarteirões fronteiros, ou que alterem significativamente a imagem das localidades e sítios. Os alinhamentos quer da fachada principal ou anterior quer da fachada de tardoz ou posterior e dos muros de vedação confinantes com a via pública deverão sempre tomar como referência os alinhamentos dos edifícios ou muros de vedação vizinhos ou dominantes, não sendo invocável a eventual existência de alinhamentos que ultrapassem os referidos, e atender às características de cada rua;

- Não são permitidas demolições de edifícios na área abrangida, salvo nos casos que ofereçam manifesto perigo para a segurança de pessoas e bens, a determinar previamente em vistorias pelas entidades competentes. Nos casos de ruína, o proprietário é obrigado a executar as obras de limpeza e de reabilitação dos edifícios no prazo máximo de um mês. Caso não se verifique o disposto na alínea anterior, a Câmara Municipal é obrigada a realizar essas obras e os encargos financeiros serão, obrigatoriamente suportados pelo proprietário. Em pequenas intervenções de reparação e ou melhoramentos e sempre que houver necessidade de substituir os materiais de construção por motivos de degradação, quer os respeitantes à estrutura do edifício, quer os respeitantes aos revestimentos de exteriores, incluindo caixilharias, adoptar-se-ão materiais da mesma espécie, por forma a garantir a continuidade da imagem do conjunto;

- Nas novas construções e ou reconstruções deverão ser respeitadas as características morfológicas e tipológicas da envolvente. Nas fachadas existentes é interdita a alteração do dimensionamento dos vãos (janelas e portas) salvo em condições especiais para instalação ou adaptação funcional;

- Nos edifícios, só é permitida a utilização das cores tradicionalmente mais usadas, nos panos de fachada, podendo no entanto ser indicadas outras na altura do licenciamento. No preenchimento dos vãos de portas e janelas só é permitida a utilização de caixilharia de madeira a vista ou pintada, ferro pintado ou alumínio termo-

lacado, seja qual for a natureza das funções a que o edifício se destine. Fica interdito o uso de qualquer revestimento que produza efeito de imitação de outro material de construção. O revestimento das coberturas de edifícios, novos ou ampliados, deverá ser de telha cerâmica à cor natural com beirado;

- Sempre que possível, devem ser removidas todas as infra - estruturas eléctricas e telefónicas do exterior e racionalizada a colocação de infra-estruturas de comunicação;

- Os elementos do património classificado, ou em vias de classificação, beneficiam da delimitação de zonas de protecção destinadas a preservar a ambiência arquitectónica, paisagística, histórica e etnográfica. As condições de intervenção nas áreas de protecção deverão ser fixadas em plano de pormenor ou em plano de salvaguarda e valorização. Nestes espaços deve ser privilegiada a protecção e conservação dos valores existentes e dos que possam vir a surgir no futuro. Todos estes sítios referidos e respectivas zonas de protecção não poderão ser objecto de quaisquer intervenções sem parecer prévio favorável da Câmara Municipal e da direcção regional do IPPAR.

Fig. 4 – Projecto para o espaço envolvente do castelo de Penedono



Foi então em conjugação com as intenções previstas nos actuais regulamentos que se propõe a presente intervenção sobre o entorno do castelo, tendo em vista inseri-lo no contexto urbano – actualmente ele é uma espécie de “limbo” dentro da vila, onde nada acontece – e qualificar ainda mais a envolvente, ao permitir o seu usufruto perimetral exterior, resgatando caminhos perdidos no decorrer dos séculos, promovendo percursos culturais privilegiados e permitindo a possibilidade de pessoas portadoras de deficiências motoras todo o usufruto que actualmente lhes é negado.

Assim, e face às normas reguladoras existentes, a proposta rege-se por um critério minimalista, mas extremamente delicado de intervenção, baseado sobretudo em 4 pontos:

- Primeiramente, propõe-se um re-arranjo do acesso ao castelo a partir do Largo 25 de Abril, nomeadamente da escadaria de acesso a este, inserindo na parte lateral do percurso, junto aos edifícios existentes, uma escadaria rampeada para deficientes motores, nivelando a parte superior destas com um patamar ao nível da entrada do castelo, sem que contudo se descaracterize esta. Os materiais utilizados continuarão a ser o calçada de granito, embora na rampa este deixe de ser grosseiro para passar a ser regularizado e de menores dimensões. Num terreno lateral ao caminho de acesso ao castelo, propõe-se um espaço de lazer, com a inserção de um relvado, de algumas oliveiras e de mesas e bancos monolíticos de pedra granítica e perfis de aço Corten. O actual largo possui um palco de qualidade duvidosa e que praticamente nunca é utilizado, existindo na prática como um mero elemento de mobiliário urbano que não tem razão de existir. Como tal, propõe-se a sua substituição por um castanheiro português, uma árvore frondosa de grande porte – o município de Penedono é considerado a “capital da castanha” em Portugal – que, para além da sua simbologia, vem recuperar uma característica das antigas povoações, a do largo principal em torno de uma árvore de grandes dimensões, que humaniza a escala do espaço, lhe dá vivacidade com a sua mudança de aspecto consoante as estações do ano, e se torna o local privilegiado de encontro das populações, onde os idosos se sentam à sua sombra a jogar dominó, carta ou a contarem as suas experiências de vida, as mulheres fazem rendas e falam da vida das outras pessoas, e as crianças jogam futebol e correm em torno dela;
- Actualmente, os terrenos da vertente norte do castelo encontram-se sem ocupação humana e nunca são vividos, face à inexistência de percursos atravessando-os, e porque a estrada perimetral em torno do castelo encontra-se a uma cota mais baixa relativamente a estes, o

que afasta qualquer possibilidade de relação entre as pessoas e os terrenos imediatamente adjacentes ao castelo. Como tal, e em virtude da existência de um ancestral caminho cruzando estes terrenos (de que só restam vestígios dos seus pontos de início), procurou-se resgatar este percurso como forma de possibilitar às pessoas a proximidade mais íntima com o castelo e com os magníficos afloramentos rochosos que o sustentam, percebendo-o melhor exteriormente, e sendo, ao mesmo tempo, um novo espaço de estar natural da vila. Por outro lado, criar-se-á um novo percurso mais íntimo e orgânico, um pouco mais afastado do castelo, respeitando as pré-existências, abrindo espaços de estar e contemplação, variando as suas dimensões e explorando um novo leque de apreensão do monumento. Esta proposta de intervenção, quiçá a mais simples e íntima com o espaço, pautar-se-á pela utilização de materiais “pobres”: o caminho resgatado será de saibro compactado, acompanhando as curvas de nível, e o novo percurso a criar será igualmente de saibro compactado, mas com espaços pontuais relvados, os quais terão um mobiliário urbano muito simples, compostos por bancos de pedra granítica paralelepípedicos e perfis de aço Corten inseridos em pontos estratégicos. Toda a vegetação silvestre será mantida – quando existe algo que está bem, o melhor é deixá-la manter-se –, e apenas serão plantadas alguns sobreiros (árvore típica da floresta portuguesa) em locais onde se pretende controlar pontos de vista.

- Complementando a visita ao castelo e à ruína, e unindo estes dois espaços fisicamente separados, mas funcionalmente unos, propõe-se a criação de um percurso cultural de interpretação do castelo e do espaço envolvente a este, aproveitando algumas vias já existentes na vila, bem como as novas vias propostas na encosta norte da colina do castelo. Para além de uma clara diferenciação dos pavimentos – actualmente os passeios e caminhos são de calçada rude de granito –, propõe-se a marcação do percurso cultural mediante a utilização de uma calçada à imagem da utilizada na nova rampa proposta, de acesso a deficientes motores ao castelo. O percurso será pontuado com painéis explicativos das temáticas a estudar.

- Por fim, é necessário rever a iluminação do castelo e dos novos percursos em torno de si. A actual iluminação do monumento é equivocada, no sentido em que pretende pura e simplesmente iluminar o edifício sem tirar partido das suas possibilidades artísticas e pitorescas, limitando-se a apontar focos de luz para o meio das muralhas. Assim, e partindo do entorno, propõe-se a inser-

ção de *leads* de cor âmbar nos novos caminhos propostos na encosta norte da colina do castelo, onde a sua luz rasante, para além de evitar a inserção demasiado agressiva de elementos verticais estranhos, ajuda a criar um ambiente mais íntimo, ao mesmo tempo que a luz permite apropriar apenas o espaço adjacente sem contudo comprometer a iluminação do monumento. Ao invés do que sucede actualmente, a barbacã e, sobretudo, os grandes rochedos graníticos onde assenta o castelo, serão iluminados com focos de vapor de sódio de cor alaranjada, que permitem realçar o tom da pedra, e ao mesmo tempo criam uma percepção mais sublime destes grandes produtos da natureza, poderosos e magníficos, demonstrando que o castelo não flutua no ar, mas sim que ele assenta firmemente sobre uma massa indomável da natureza. Quanto ao edifício em si, ele seria iluminado por focos de vapor metálico de cor branca morna, permitindo por um lado recuperar um pouco os seus tons originais (o castelo era originalmente rebocado com argamassa de cal), e por outro lado destacá-lo e contrastar com a mole de pedra onde assenta. Como tal, a iluminação far-se-ia gradualmente, aumentando de baixo para cima – o efeito de sombra da parte inferior aumentaria o contraste com os blocos de granito – e culminando com o destaque mais cuidado daquilo que realmente impressiona mais no edifício: o arco que marca a entrada do castelo, os merlões que coroam as muralhas, e as poderosas torres que pontuam o edifício.

3. A intervenção de restauro no castelo

O castelo, enquanto monumento nacional português, automaticamente usufrui de protecção especial por parte das devidas entidades; porém, e até ao momento, as acções tomadas apenas tomaram em conta o restauro pontual de parcelas do edifício mais degradadas e manutenção mínima deste, descuidando as reais potencialidades que o castelo nos oferece em termos culturais. Ainda assim, e baseado no diagnóstico preliminar do edifício, importa fundamentalmente conservar a matéria obra de arte, e para tal torna-se necessário descrever, uma vez mais, os principais problemas detectados.

A incúria do Homem foi a principal causa para os danos existentes no castelo de Penedono; com efeito, não fora o caso deste ter sido abandonado ainda em finais do séc. XVII, talvez as vivências de seus possíveis moradores mantivessem, por necessidade, o edifício conservado – pelo menos até ao despontar das primeiras preocupações patrimoniais, em finais do séc. XIX, que por obrigação o manteriam em bom estado de conservação. Mas quis o destino que tal não sucedesse desse

modo e, como tal, o castelo foi abandonado e sofreu as agruras do rigoroso clima que se faz sentir no interior beirão. Não foram problemas de assentamento de fundações a causa para a sua ruína, visto as fortes paredes do castelo assentarem directamente em cima de um afloramento granítico; foram sim o inóspito clima que fustigou o desamparado castelo que, sem os seus protectores humanos que deveria de abrigar condignamente, vergou-se ao implacável poder da chuva, do Sol, do vento, da neve e dos outros elementos climáticos.

Fig. 5 – Mapeamento de danos na fachada sul do castelo de Penedono



E foram precisamente os aspectos climáticos analisados em conjugação com outros (menores) de índole humana, que motivaram danos específicos para cada parte do castelo, condicionado pela sua orientação de implantação. No geral, e dependendo das áreas analisadas, os problemas identificados foram:

- Áreas com danos estruturais provocados por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, por infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo do edifício e por infiltração ascendente por capilaridade, junto à base

das muralhas e mediante o contacto com o solo; a exposição à acção das águas pluviais degradou as argamassas de assentamento, o que provocou a perda de coesão entre os blocos de pedra, que poderá levar à progressiva deterioração da muralha, perda de materiais construtivos estruturais e, a prazo, colapso desta;

- Áreas onde é preocupante a desagregação das argamassas de assentamento, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, por infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo do edifício e por infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo; esta degradação progressiva das argamassas de assentamento poderá levar ao aparecimento de danos estruturais;

- A microflora que surge em grande parte da superfície da muralha, provocada por acumulação de água, cujas causas são a infiltração por incidência pluvial, por infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo do edifício e por infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo; torna-se necessário mencionar que a microflora é composta por: líquenes, os quais se reproduzem em ambiente sem qualquer tipo de poluição, com grande exposição ao Sol, com acumulação de água moderada e em locais protegidos do vento, devido à sua fragilidade; musgos, os quais se reproduzem em ambientes com exposição ao Sol, com acumulação de água e em locais protegidos do vento, embora tenham maior resistência ao vento que os líquenes e por isso mesmo surgem na parte superior onde, ainda que possua algum abrigo, não deixam de ser perceptíveis ventos fortes

- Quanto à vegetação de pequeno porte, provocada por acumulação de água, as suas causas são a infiltração descendente com origem nas superfícies horizontais e inclinadas do topo do edifício e por infiltração ascendente por capilaridade, junto à base das muralhas e mediante o contacto com o solo, mas também a presença de elementos reprodutores da flora e o descuido do homem ao não limpar regularmente a poeira acumulada.

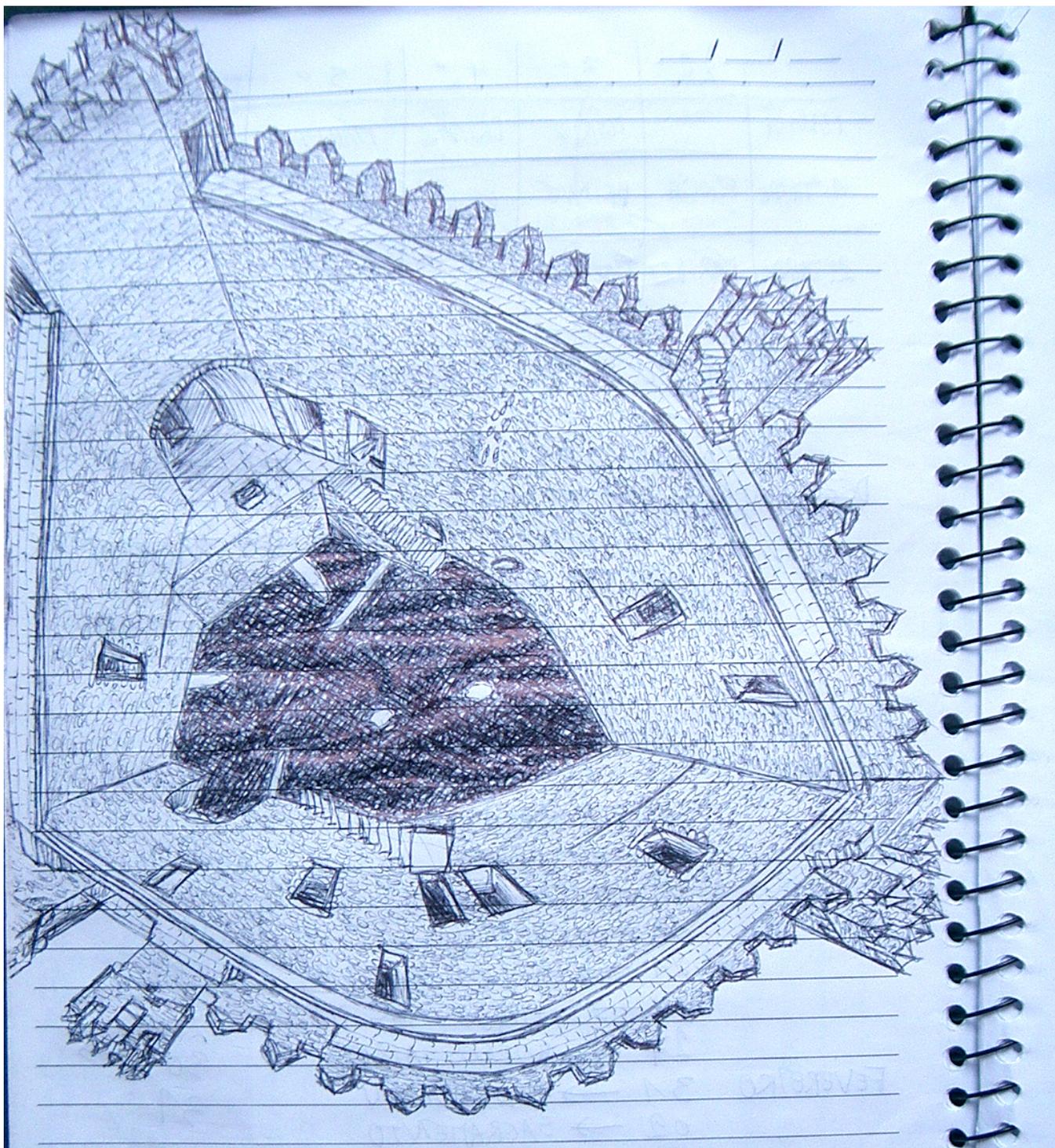


Fig. 6 – Esquisso em perspectiva aérea do interior do castelo de Penedono

Para solucionar estes problemas, propõem-se diversas opções, as quais poderão ser, no entanto, complementadas com auxílio de técnicos especializados nas diferentes áreas abordadas. Assim, propõe-se:

- Criação de janelas de estudo do impacto que os líquenes têm sobre a pedra. Com efeito, o facto de os líquenes actuarem sobre a pedra de granito que é bastante dura, minimiza os potenciais efeitos nocivos que estes

exercem; assim, em lugar de se eliminar pura e simplesmente todos os líquenes – que conferem ao castelo uma personalizada muito *sui generis* unanimemente reconhecida –, estudar-se-á do modo de agir, o qual poderá ser o controle dos efeitos dos líquenes sobre a pedra sem efectivamente serem retirados, a sua remoção parcial estratégica, ou a remoção total destes;

- Os musgos e vegetação de pequeno porte, pelo facto de actuarem directamente sobre as argamassas que ligam as pedras, causam danos maiores e mais rápidos sobre esse material mais frágil, sendo imperativo a sua remoção total. Tal far-se-á mediante a escovagem das superfícies com auxílio de água corrente sem pressão e escova de pelos ou, em casos mais extremos, pequenas espátulas, que possibilitarão igualmente a remoção das argamassas mais precárias que urge substituir. Caso existam áreas onde este procedimento não resulte em pleno, poder-se-á recorrer ao jacteamo de areia (o facto da superfície não apresentar por si só um valor enormemente artístico não justifica o microjacteamo, muito mais dispendioso e demorado);

- Seguidamente, torna-se necessário proceder ao refechamento das juntas de modo a voltar a consolidar as muralhas. Este refechamento será feita com argamassa de cal, à qual se poderá adicionar um pouco de pó de tijolo (técnica ancestral muito em voga na Europa desde os tempos do império romano e que persistiram em Portugal até ao advento do cimento Portland), que permite aumentar a impermeabilidade das argamassas, evitar a lixiviação rápida e aumentar a presa. Porém, torna-se imperioso que a nova argamassa não se destaque das remanescentes, daí que seja necessário aplicar um pequeno pigmento que a escureça – sem contudo deixar que se confunda, quando observada de perto, com a original – e, depois de aplicada, dever-se-á de aplicar, a uma escova húmida, umas pinceladas leves de modo a que a textura dos grãos de areia seja evidenciada;

- De modo a evitar o reaparecimento de microflora e vegetação de pequeno porte, será aplicado um herbicida do tipo “Primatol” da Bayer nas superfícies mais afectadas; a razão para se evitar a utilização geral destes químicos prende-se com razões ambientais, ou seja, utilizar-se-á nos sítios onde se considere mais premente;

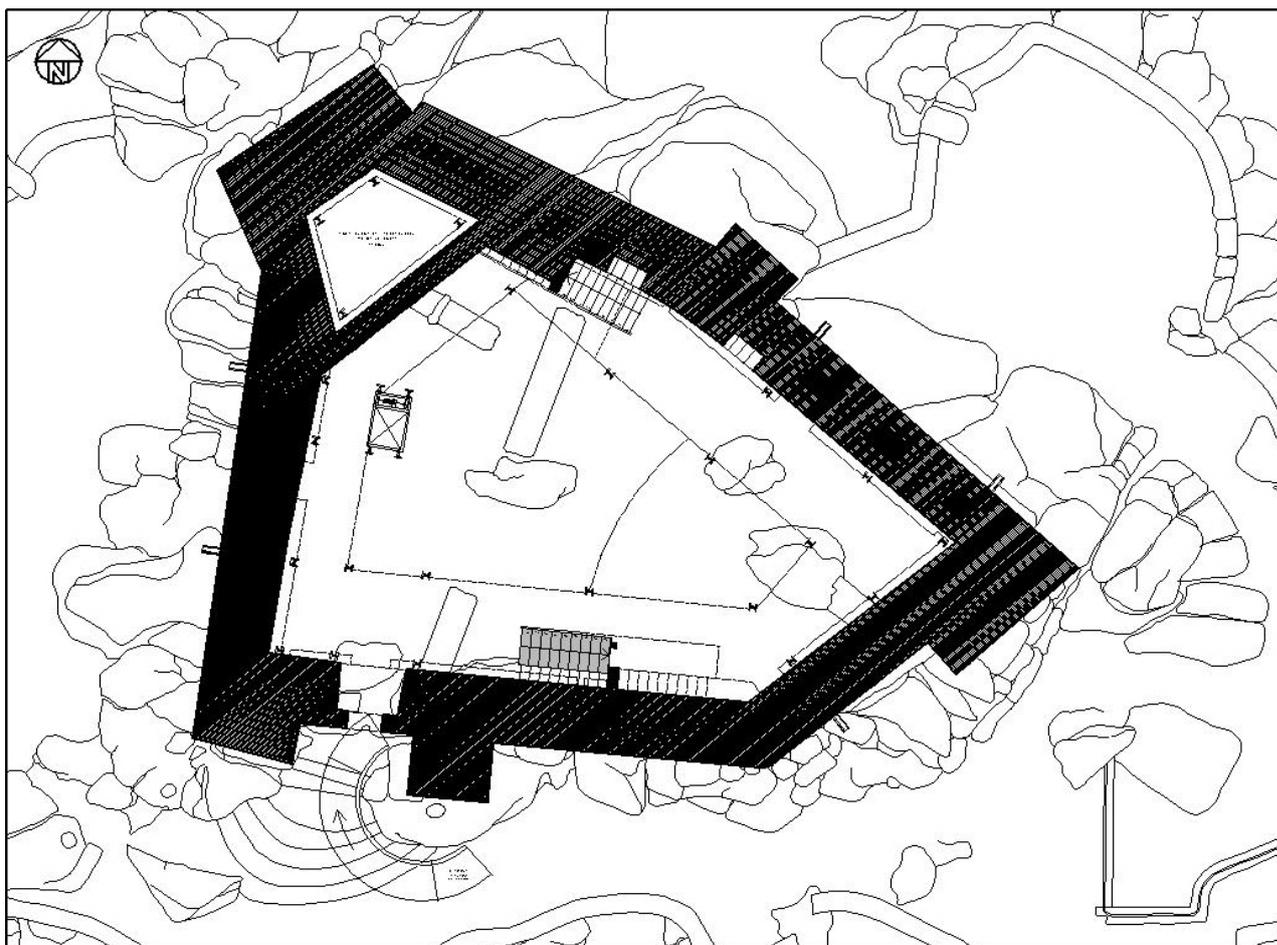
- A questão das infiltrações de água é a principal causa dos danos existente no edifício; como tal, propõe-se um novo sistema de escoamento das águas pluviais – que será descrito no ponto seguinte –, o qual será complementado com a aplicação, nas superfícies superiores do

edifício e nas outras onde subsistem problemas de infiltração de águas, de silicone líquida ou Paralóide B66, após testes preliminares sobre qual dos produtos é mais adequado a este caso.

4. A intervenção contemporânea de arquitectura

Uma das preocupações do actual executivo camarário é o estado de semi-abandono em que se encontra o castelo. Com efeito, um edifício onde a sua função se limita a ser ex-libris para ser visto ao longe facilita muito mais rapidamente a sua degradação, daí que exista a necessidade de que o edifício possa ser vivido pelas pessoas e se, como é o caso do castelo de Penedono, o interior do edifício não é por si só atracção suficiente, importa então atribuir-lhe novas funções ou potenciar as existentes. Como tal, existe a proposta de que o castelo adquira uma função cultural e didáctica, para além das simbólicas e históricas já existentes.

Fig. 7 – Planta proposta para o 1º nível do castelo de Penedono



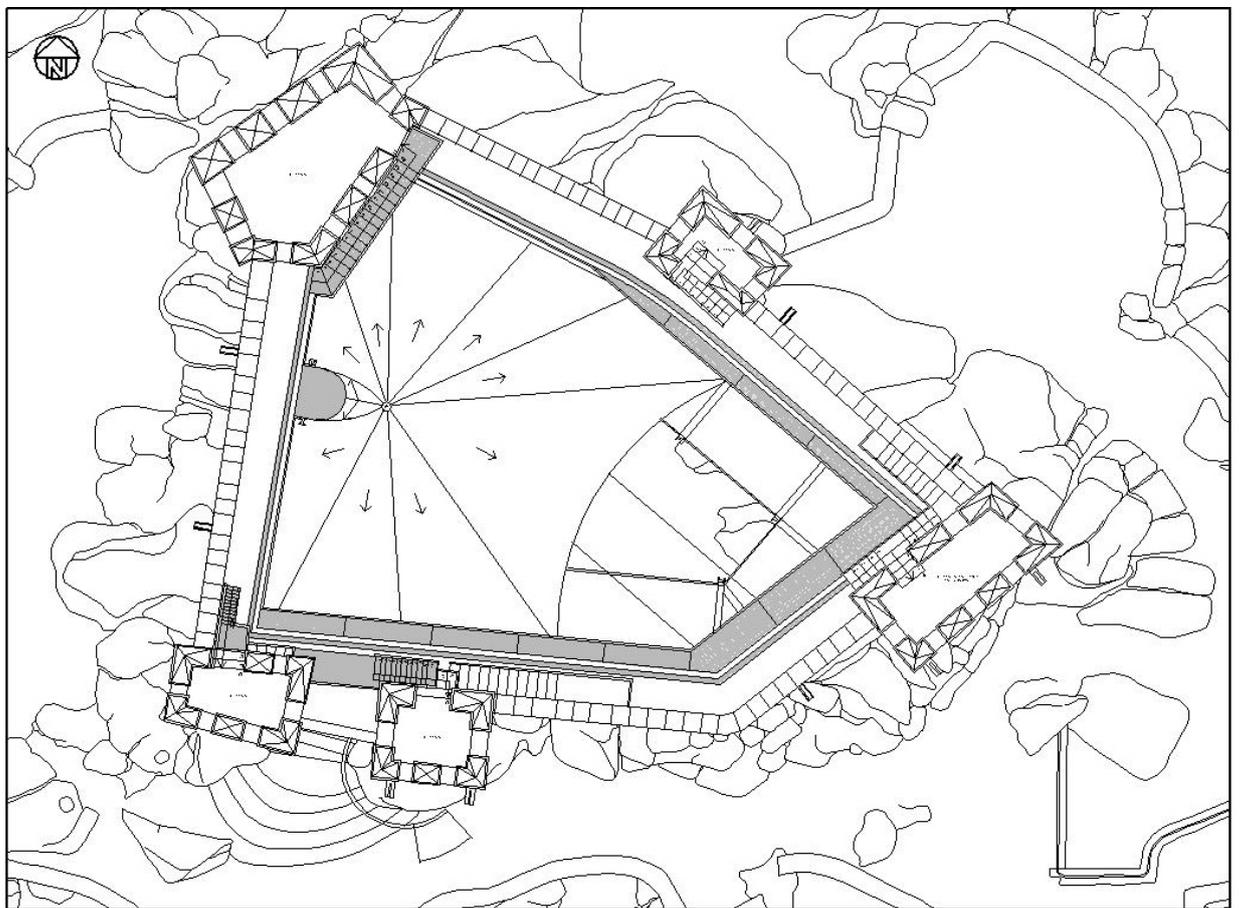
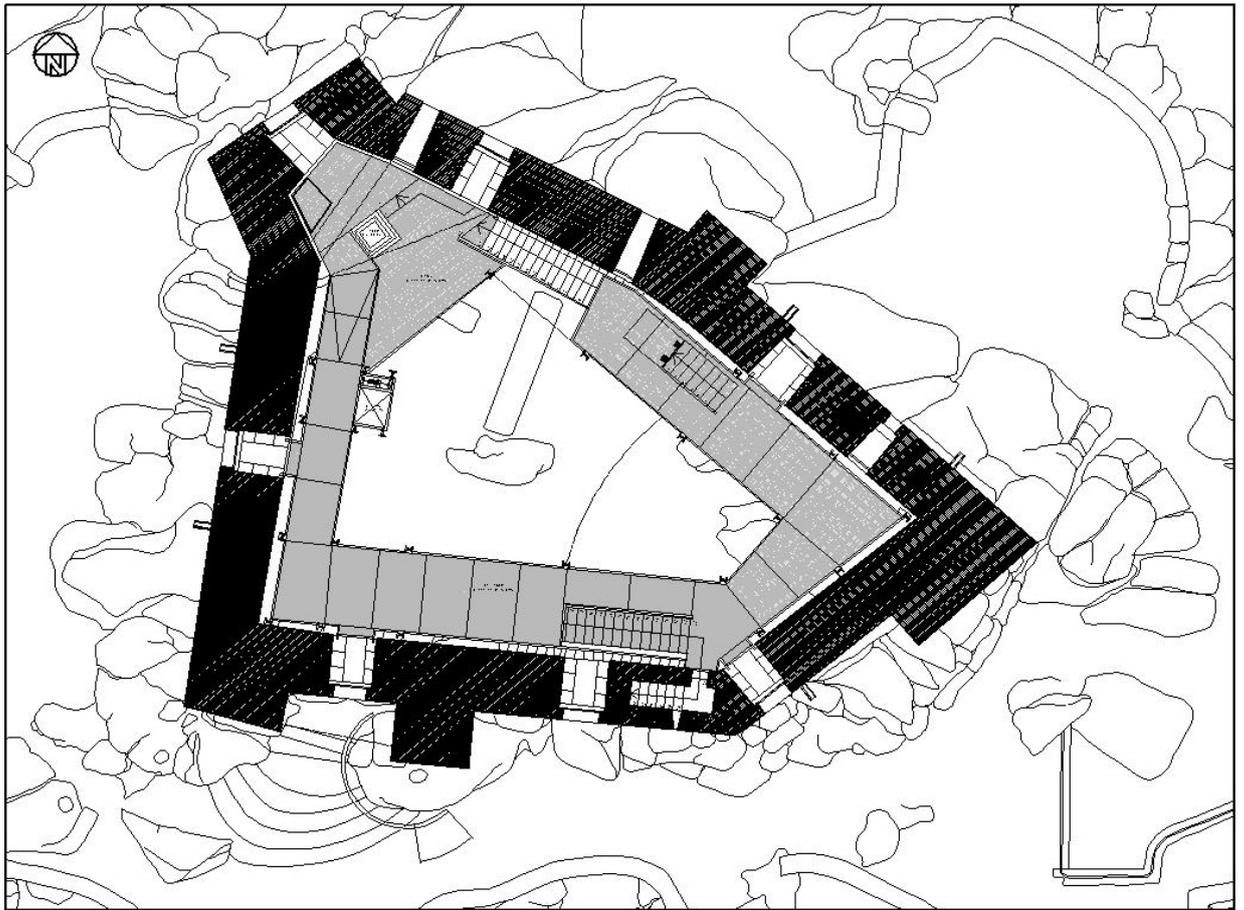


Fig. 8 e 9 – Plantas propostas para o 3º nível e para a cobertura do castelo de Penedono

Assim, pretende-se a resolução dos problemas de segurança do castelo para os utentes, bem como das acessibilidades por parte de deficientes motores, e propõe-se a possibilidade de funções de índole cultural, como a função museológica dedicada à vida do “Magriço” e funções lúdicas esporádicas, como o sejam exposições de pintura ou escultura de artistas locais, pequenos concertos de música ou recitais de poesia ou, como é actualmente usual, banquetes medievais e actividades memorativas de usos e costumes medievais. As novas formas arquitectónicas serão o mais reversíveis possível, de linguagem assumidamente contemporânea e com a particularidade, como opção de projecto, de terem um carácter efémero. Pode-se então dividir a intervenção arquitectónica nova em 5 partes:

- As acessibilidades aos deficientes motores (cadeirantes, idosos, crianças, acidentados) será garantida com a introdução de novas soluções técnicas capazes de fazer superar as dificuldades existentes sem que com isso se descaracterize o castelo como elemento cujo objectivo aquando a sua construção seria, evidentemente, dificultar o acesso ao inimigo. Assim, depois da inserção de uma rampa de acesso à barbacã, serão eliminados degraus actualmente existentes, procedendo-se à repavimentação do espaço da barbacã com saibro compactado que, para além de ser reversível (far-se-á o enchimento na zona de degraus, evitando a sua remoção), permite então essa acessibilidade até à entrada do castelo. A entrada deste é feita mediante uma escadaria que importa preservar e manter, daí que não faz qualquer sentido colocar rampas – a solução é instalar uma plataforma elevatória de escadas do tipo "Garaventa GSL Artira", com suporte e trilho simples e com um *design* consentâneo com a intervenção arquitectónica geral, onde o percurso orgânico contorna a rocha que delimita a entrada sem contudo lhe tocar, e permite que o utilizador entre na base das escadas e saia exactamente ao nível da porta do castelo. Quando não é usado, a plataforma situa-se ao nível do solo na base das escadas, não se destacando excessivamente enquanto elemento estranho ao local, e o suporte funcionará como corrimão para as pessoas com dificuldades motoras. Interiormente, no castelo, existirá um elevador panorâmico com pistão hidráulico do tipo "Alfabra A003", onde a caixa de corrida é completamente aberta e apoiada em estrutura de perfis em "H" de aço Corten. Este elevador permite o acesso aos diversos níveis que serão propostos para o castelo. A iluminação do elevador constará de um foco colocado na parte inferior da caixa de corrida, e outro na parte superior, que assim funcionarão como um jogo de luzes que permitem ver plataforma do

elevador deslocar-se. Para além de todos estes factos, importa mencionar que todas as (precárias) condições de segurança para os visitantes serão completamente reformuladas mediante alargamento de percursos e instalação de corrimões e guarda-corpos adequados;

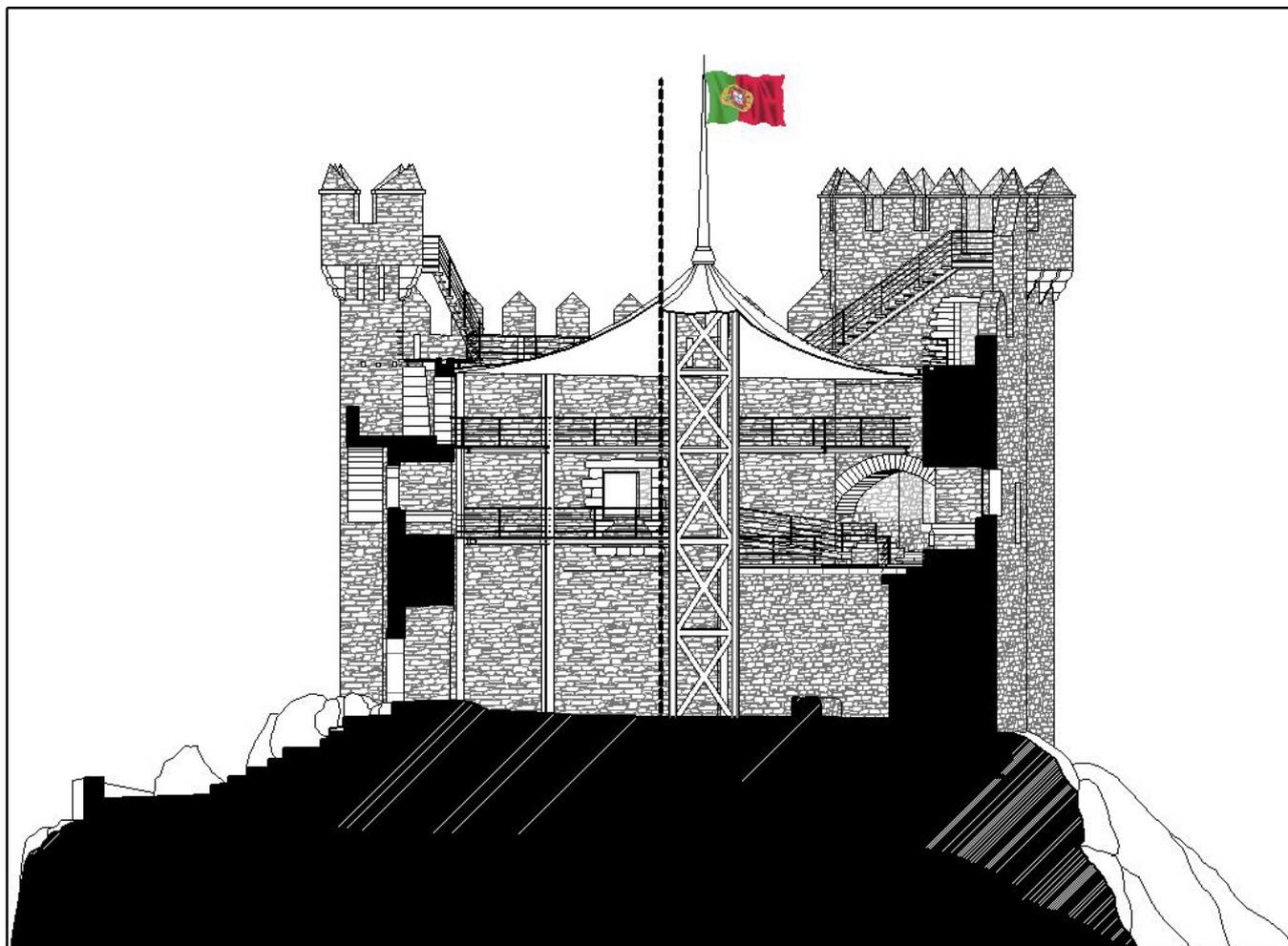


Fig. 10 – Corte proposto para a muralha poente do castelo de Penedono, mostrando o elevador panorâmico

- O pátio terá um novo pavimento em saibro compactado, que manterá assim o carácter rústico que se pretende manter e permite continuar a deixar visíveis vestígios de divisões interiores do castelo, além de que dificulta o crescimento de vegetação no seu interior e a regularização do piso permitirá aos cadeirantes a sua melhor deslocação. O pátio poderá então ser um espaço vazio tal como hoje se apresenta – mas melhor cuidado, obviamente –, mas poderá também albergar exposições de artistas locais mediante a colocação de painéis removíveis consoante um estudo de *design* adequado a cada exposição, poderá ser funcionar como espaço de plateia para pequenos eventos artísticos ou conferências, ou poderá continuar a ser palco do tradicional banquete medieval que todos os anos se comemora em Penedono;

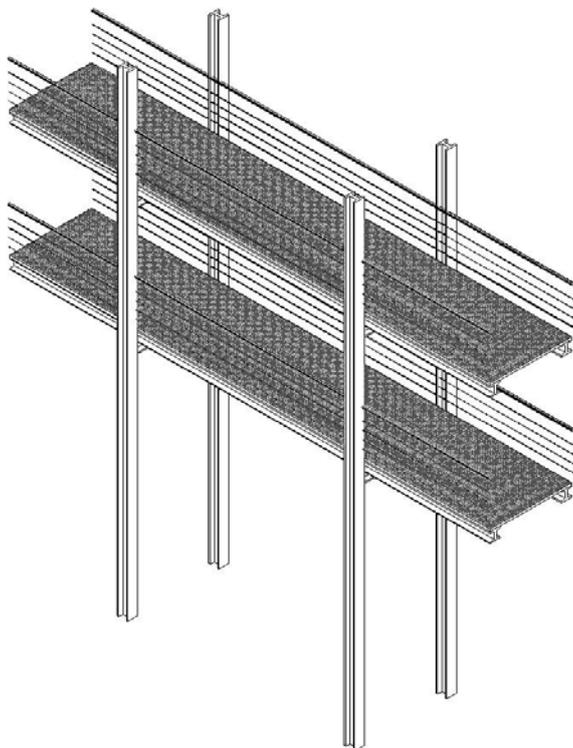
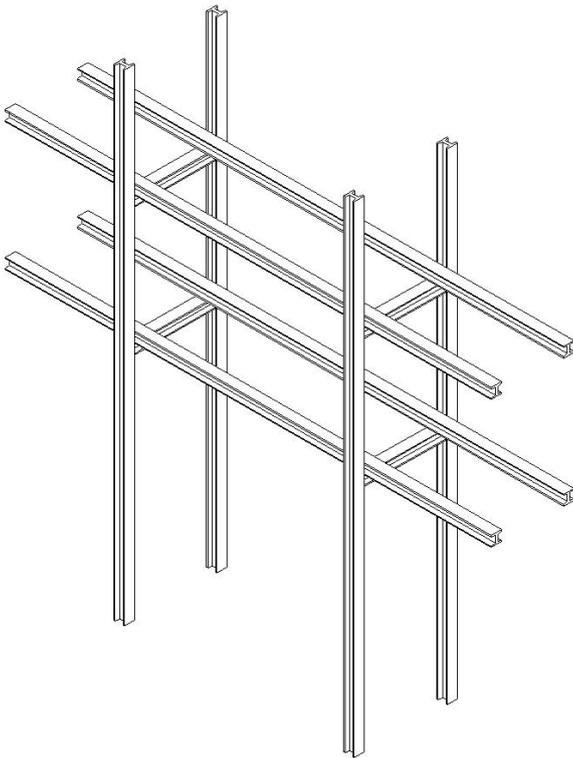


Fig. 11 e 12 – Perspectivas dos passadiços

• No perímetro interior do castelo, junto às muralhas, serão instalados passadiços de carácter efêmero o mais possível reversíveis, que facultarão uma diversidade de percursos de descoberta no castelo e o acesso aos diversos vãos existentes nos paramentos e que actualmente são inacessíveis, possibilitando uma multiplicidade de percursos que não se repetem e tornam mais emocionante o processo de (re)descoberta do edifício, para além de que foram pensados para serem acessíveis aos deficientes motores e foram aumentados os níveis de segurança dos visitantes. Os passadiços serão compostos por vigas verticais metálicas de aço Corten com perfil em "H", travadas transversalmente por vigas horizontais com as mesmas características. Sobre esta estrutura porticada assentarão longitudinalmente vigas horizontais com iguais características às anteriores (embora de menor secção), sobre as quais se colocará uma grade de ferro forjado com malha de 3x3cm e 3 cm de espessura onde circularão os visitantes. Nos locais onde não é possível a existência de vigas verticais, far-se-á a ancoragem à muralha, utilizando-se então um reboco de argamassa de cal para regularizar a superfície onde assentará a viga, seguido de uma plana de polímero Neoprene para evitar o contacto da viga em aço Corten com a superfície murária; a viga será soldada numa placa metálica, a qual posteriormente se aparafusará à muralha com parafusos em aço inox. Os perfis metálicos em "H", para além da função de suporte de toda a estrutura da passarela, permitem que se faça discretamente a distribuição de uma série de equipamentos indispensáveis, como a distribuição eléctrica, o escoamento das águas pluviais, a instalação de iluminação e o suporte da cobertura em lona tensionada. Os guardacorpos terão a menor presença possível, sendo compostos por um corrimão em ferro fundido com perfil filetado de 5x3cm suspenso nas vigas e em prumos verticais em aço Corten, sendo o restante guarda-corpo composto por 4 tirantes de aço entrelaçado com secção redonda de 0,5cm. As escadas metálicas seguem os mesmos preceitos e características de todo o passadiço. Naturalmente que o passadiço se destina essencialmente a criar um percurso para a exposição permanente patente no castelo, com temática relativa ao "Magriço". Essa exposição será composta por painéis de exposição em vidro laminado, com impressão de texto e fotos em cor branca possibilitando continuar a ver a textura da pedra por trás, e terão iluminação lateral embutida de minúsculas lâmpadas fluorescentes de cor branca morna. Os painéis serão instalados ao longo da superfície interior

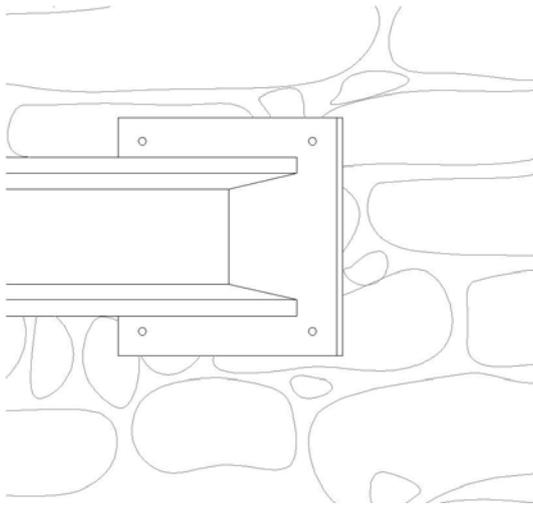
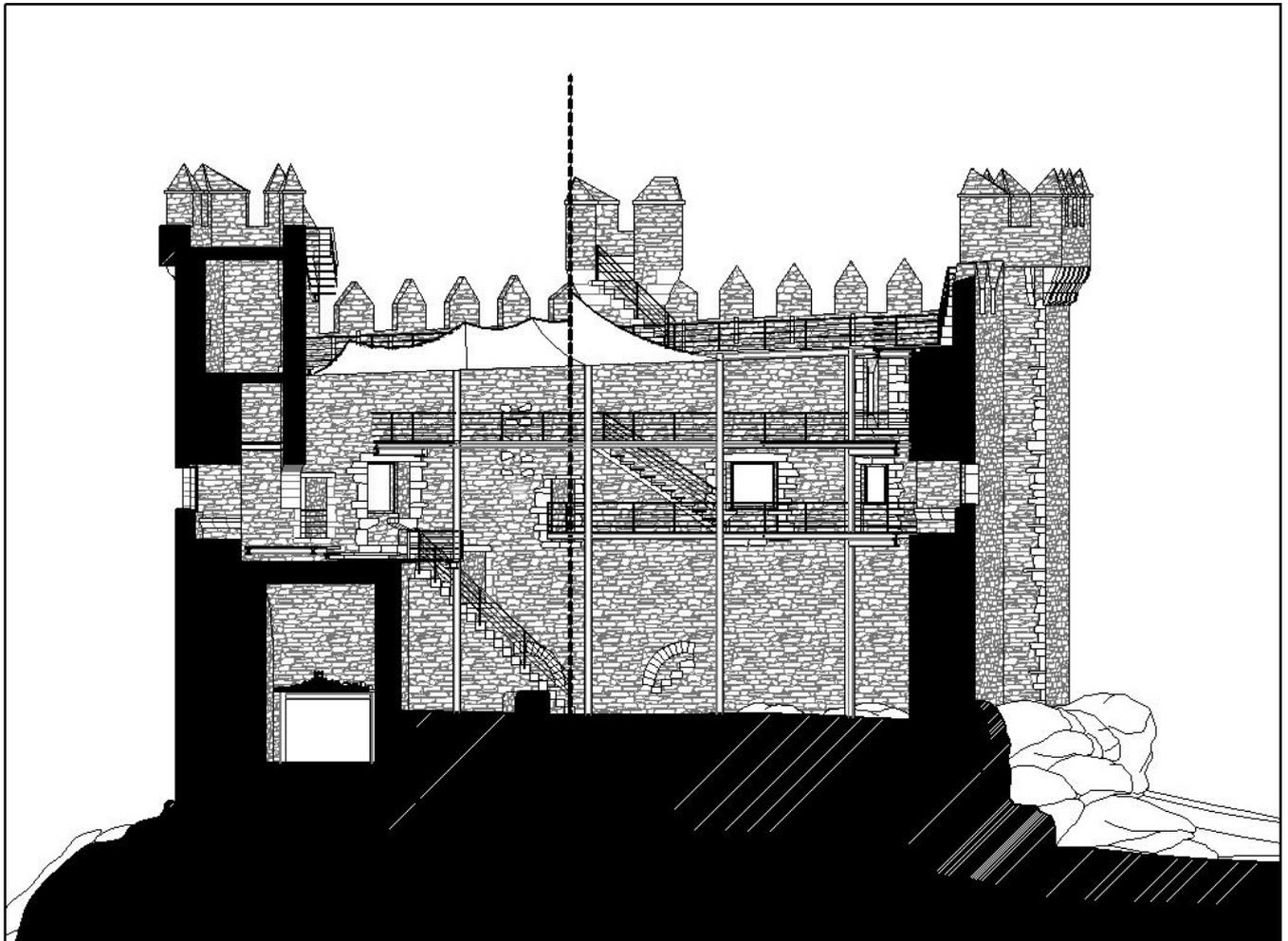


Fig. 13 – Pormenor da ancoragem das vigas à muralha

do castelo, e os vãos maiores do castelo serão fechados interiormente por um painel acrílico transparente, afastado 3cm da parede, e fixado interiormente nesta por parafusos de aço inox que permitam ser desaparafusados quando se queria proceder à limpeza do vão. Quanto à iluminação do passadiço, esta basear-se-á na inserção numa das faces da viga “H” de lâmpadas fluorescentes compactas de cor branca amarela, realçando a cor do aço Corten;

- A cisterna do castelo, que actualmente é um depósito de lixo acumulado que os visitantes deixam, adquirirá uma função lúdica: será uma “janela do tempo”, onde os visitantes olharão pela actual abertura da cisterna – devidamente protegida com vidro laminado – e vislumbrarão uma maquete de como seria o castelo e a vila de Penedono na Idade Média, observando o modelo de cima. Sob esta maquete estará a área técnica de apoio. Por outro lado, a área superior da cisterna, coberta segundo o mesmo sistema dos passadiços metálicos, servirá como palco de eventos culturais, cuja plateia será o pátio dos castelo e, eventualmente, poder-se-á utilizar o passadiço como balcões em 2 níveis;

Fig. 14 – Corte proposto para a muralha nordeste do castelo de Penedono, mostrando a cisterna e a maquete



- Por fim, o facto de se poderem ter vários acessos ao adarve permite que existam diversos percursos alternativos, servindo o caminho de ronda como miradouro sobre a vila de Penedono e do território adjacente. O caminho da ronda será aumentado com passadiços seguindo as características do passadiço interior, por forma a possibilitar a deslocação de deficientes motores e aumentar os níveis de segurança. Serão colocadas 3 escadas com características idênticas às do passadiço, embora de dimensões menores, as quais darão acesso a 3 torres actualmente inacessíveis. E no topo da torre maior será colocado um sistema de visionamento telescópico sobre a vila de Penedono, com *software* a ser desenvolvido tempo em conta contrapor a realidade actual com uma realidade virtual do que poderá ter sido a vila em épocas medievais. Por outro lado, pretende-se cobrir parcialmente o castelo, abaixo da linha do adarve e com uma altura cuja visibilidade exterior não seja apercebido, em face da perspectiva visual, com uma lona tencionada de membrana do tipo "Precontraint Fluotop T2 1502" (Ferrari) aplicada com suportes em cabos de aço, de modo linear nos bordos junto às muralhas e ao elevador, e livre sobre o pátio, possuindo elevação no mastro central de aço Corten com diâmetro de até 30cm, acoplado à estrutura do elevador. Esta lona, reversível em termos de intervenção, justifica-se perante diversas opções: a translucidez é a característica mais notável desses tecidos, permitindo uma difusão da luz, eliminando ofuscamentos e distribuindo a luz por todo o ambiente, com uma superfície interior altamente reflexiva que proporciona iluminação nocturna ambiente; os sistemas estruturais de membranas de lona tencionada ganham importância à medida em que o uso da iluminação natural se torna mais e mais desejável, visto que uma característica única desses sistemas é a sua capacidade de difundir a luz diurna balanceadamente, virtualmente sem sombras e dispersa no ambiente abaixo, e mesmo em dias de céu encoberto, essas coberturas produzem iluminação maior do que qualquer projecto normal de iluminação artificial; o uso das membranas tem importância significativa na conservação de energia, vista a economia proporcionada na iluminação natural e o bom nível de reflexão, se comparado especialmente ao vidro; a relação custo/benefício, devido ao facto de ser fruto de uma tecnologia sofisticada, levando-se em conta que estas estruturas podem vencer grandes vãos, ser totalmente dobradas, desmontadas e/ou transportadas de acordo com a necessidade; a variabilidade formal e geométrica, onde podem ser criadas inúmeras formas; devido ao facto de existir uma clima com amplitude térmica enorme, o facto de se cobrir o edifício permite o seu usufruto durante todo o ano; por fim, em termos de projecto, aumenta os previsíveis efeitos de surpresa dos visitantes, quando se passa de um local fechado para outro completamente aberto. O facto do castelo ser coberto parcialmente com

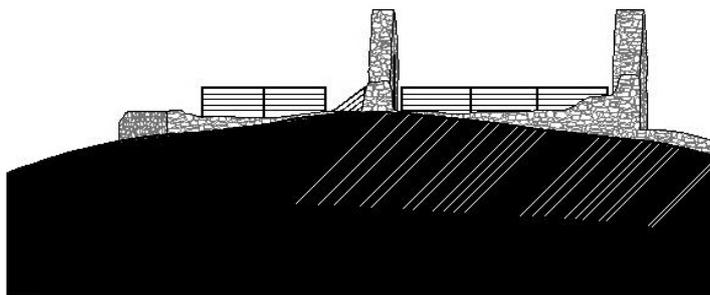
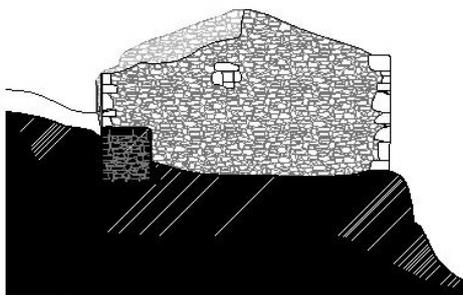
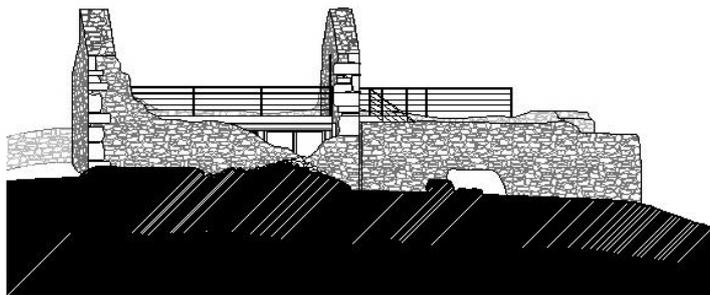
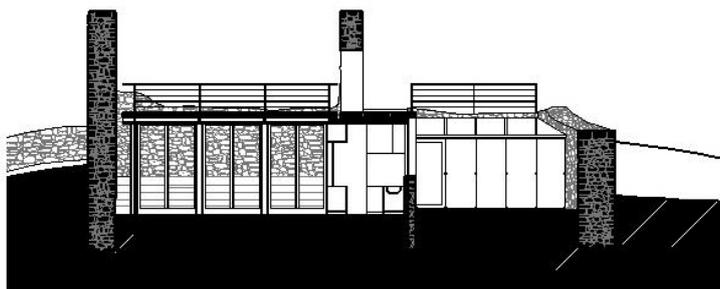
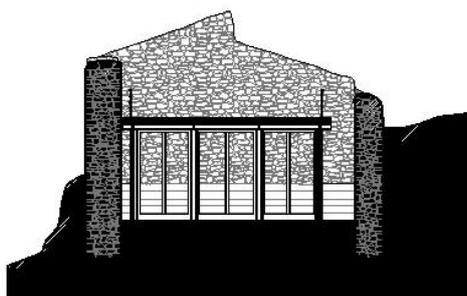
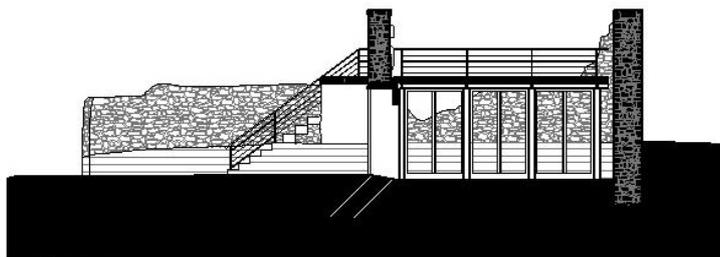
esta lona, permitindo que exista em determinados locais pontos de vista onde se vislumbre todos os níveis existentes no castelo. Porém, em caso de necessidade, esse vão pode ser coberto por uma estrutura de lona tencionada retráctil de membrana do tipo "Precontraint Fluotop 1002T2" (Ferrari) aplicada com suportes em cabos de aço, de modo linear nos bordos junto às muralhas onde correrão os carris em aço, e apoiadas no vão com auxílio de cabos de aço. Quando recolhida, esta esconde-se debaixo do último passadiço. As águas pluviais correrão na actual calha existente no caminho da ronda, mas serão depois encaminhadas para tubo de descarga de águas pluviais, de forma trapezoidal e em alumínio, embutidos nos perfis "H" do passadiço, descarregando então para fora do castelo ao nível do solo mediante novas goteiras que serão executadas com perfis em "U" de aço Corten. A iluminação do espaço interior do castelo será realizada mediante projectores aplicados no mastro principal que suporta a lona tencionada, com focos de vapor metálico de cor branca morna que incidirão sobre a membrana, a qual espalhará uniformemente a luz no seu interior.

5. A ruína enquanto complemento fundamental

As ruínas são obras que testemunham um tempo humano e histórico, mas possuem um aspecto bastante diferente relativamente ao que teria inicialmente, daí que Brandi afirme que devemos limitar-nos a vê-las como vestígios de um monumento mutilado, ainda que reconhecível. A ruína não possui valor estético porque perdeu o valor de obra de arte; no caso de uma obra de arte que tenha sido seriamente danificada e que tenha perdido sua unidade potencial de valor artístico, nenhuma reintegração deve ser permitida, porque isso iria facilmente resultar no domínio de uma "nova realidade" – uma obra nova – e na destruição da autenticidade do objecto histórico. Portanto, as reminiscências existentes devem ser preservadas como ruínas, e a intervenção não pode ser mais do que a consolidação e conservação do existente – caso contrário deixaria de ser ruína.

Como tal, é isso mesmo que se pretende aquando a intervenção na ruína: será realizada uma obra nova, aproveitando a ruína como pré-existência e utilizando-a mesmo em benefício visual e funcional do novo edifício a ser construído. Tal como foi referido, a função será a de complementar o espaço cultural do castelo, albergando um espaço multimedia onde existirão, entre outras possibilidades, uma viagem virtual em 3 dimensões ao castelo na Idade Média; está prevista também a existência instalações sanitárias, uma pequena copa/bar, e um posto de vendas de produtos associados ao espaço cultural em si. A filosofia projectual tomada como opção prevê a consolidação da ruína tal como ela se encontra actualmente, sendo a nova cons-

Fig. 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23 – Cortes e alçados propostos para a ruína



6. Conservação preventiva

A obra de arte compõe-se de materiais que podem sofrer alterações de diversos tipos e que, se forem nocivos para a matéria ou para a imagem, tornam necessário o seu restauro. Como tal, apelida-se de *conservação preventiva* a acção desti-

nada a prevenir estas mesmas alterações – pode-se mesmo considerar mais importante a conservação preventiva que tenta evitar que a obra de arte se degrade, do que o restauro da obra já degradada que, seguramente, nunca poderá recuperar completamente o valor artístico anterior. Para se efectuar essa intervenção de conservação preventiva, é necessário examinar a obra de arte do ponto de vista da eficácia da imagem que é transmitida, e do estado de conservação dos materiais que a constituem, sendo que esta investigação filosófica e científica determina a autenticidade da imagem e o estado de consistência da matéria constituinte da obra de arte; qualquer intervenção de restauro estará sempre condicionada por essa investigação. Para se efectuar uma intervenção de restauro, deve-se então determinar as condições necessárias para o desfrute da obra de arte a nível estético e histórico; seguidamente, deve-se investigar o estado de consistência dos materiais de que é composta a obra de arte e as condições ambientais que permitam a sua conservação ou a ameacem.

Como tal, sugerem-se diversas acções de conservação preventiva que deverão de ser seguidas pelos responsáveis do monumento, consoante o tipo de dano a evitar, a sua extensão e gravidade. Com efeito, para se fazer uma boa conservação é necessário que sejam estabelecidas rotinas periódicas de inspecção, identificando os problemas que possam surgir. Esses cuidados estabelecem-se para cada área específica:

- *Pátio do castelo* – em virtude do pavimento do castelo ser em saibro batido, existe a constante hipótese de crescer vegetação. Daí que se torne imperativo que decorra com a periodicidade quinzenal uma vistoria tentando apurar possíveis focos de crescimento de vegetação, tal como o acúmulo de água. No caso da existência de focos de vegetação, dever-se-á arrancá-la pela raiz com uma pequena espátula e voltar a compactar o saibro, de modo a dificultar o aparecimento de vegetação outra vez. Em áreas cujo problema é recorrente, poder-se-á pulverizar a terra com um herbicida, sob recomendação de algum técnico, e poder-se-á experimentar, em janelas de estudo, a espalhar cal ou sal pelo chão, visto estes produtos terem a capacidade de evitarem o crescimento de vegetação;
- *Muralhas* – relativamente à acção dos líquenes sobre a pedra, os musgos e vegetação de pequeno porte, pelo facto de actuarem directamente sobre as argamassas que ligam essas pedras, causam danos maiores e mais rápidos sobre esse material mais frágil, sendo imperativo a sua remoção total. Recomenda-se então que o responsável pela conservação preventiva faça uma vistoria mensal pelas muralhas de modo a poder perceber a existência de focos de microflora ou vegetação nos pa-

ramentos. No caso de serem detectados tais focos e que sejam facilmente acessíveis, recomenda-se a remoção imediata destes; tal far-se-á mediante a escovagem das superfícies com auxílio de água corrente sem pressão e escova de pelos ou, em casos mais extremos, pequenas espátulas, que possibilitarão igualmente a remoção das argamassas mais precárias que urge substituir. Torna-se ainda necessário proceder ao refechamento das juntas afectadas de modo a voltar a consolidar as muralhas. Este refechamento será feita com argamassa de cal, à qual se poderá adicionar um pouco de pó de tijolo (técnica ancestral muito em voga na Europa desde os tempos do império romano e que persistiram em Portugal até ao advento do cimento Portland), que permite aumentar a impermeabilidade das argamassas, evitar a lixiviação rápida e aumentar a presa. Porém, torna-se imperioso que a nova argamassa não se destaque das remanescentes, daí que seja necessário aplicar um pequeno pigmento que a escureça – sem contudo deixar que se confunda, quando observada de perto, com a original – e, depois de aplicada, dever-se-á de aplicar, a uma escova húmida, umas pinceladas leves de modo a que a textura dos grãos de areia seja evidenciada. No caso dos focos se situarem em áreas de difícil acesso, recomenda-se que se intervenha quando estes atinjam uma dimensão que os especialistas consideram preocupante, pois poderá não ser viável economicamente contratar empresas com andaimes especiais para retirar apenas alguns focos. Recomenda-se, para o caso dos líquenes, a criação de janelas de estudo do impacto que os líquenes têm sobre a pedra. Com efeito, o facto de os líquenes actuarem sobre a pedra de granito que é bastante dura, minimiza os potenciais efeitos nocivos que estes exercem; assim, em lugar de se eliminar pura e simplesmente todos os líquenes – que conferem ao castelo uma personalizada muito *sui generis* unanimemente reconhecida –, estudar-se-á do modo de agir, o qual poderá ser o controle dos efeitos dos líquenes sobre a pedra sem efectivamente serem retirados, a sua remoção parcial estratégica, ou a remoção total destes. De modo a evitar o reaparecimento de microflora e vegetação de pequeno porte, poderá ser aplicado um herbicida do tipo “Primatol” da Bayer nas superfícies mais afectadas; a razão para se evitar a utilização geral destes químicos prende-se com razões ambientais, ou seja, utilizar-se-á nos sítios onde se considere mais premente. A questão das infiltrações de água é a principal causa dos danos existente no edifício, contribuindo para a desagregação das argamassas e para danos nos paramentos mediante o facto das pedras poderem ficar sol-

tas, e tal deverá de ser inspeccionado semestralmente; como tal, para além do refechamento das juntas tal como foi anteriormente descrito, propõe-se um novo sistema de escoamento das águas pluviais – que será descrito no ponto seguinte –, o qual será complementado com a aplicação, nas superfícies superiores do edifício e nas outras onde subsistem problemas de infiltração de águas, de silicone líquida ou Paralóide B66, após testes preliminares sobre qual dos produtos é mais adequado a este caso. Depois, o silicone deverá de ser reforçado de 5 em 5 anos ou, no caso do Paralóide, de 20 em 20 anos. Antes da época das chuvas, deverá de existir uma inspeção geral a todo o sistema de drenagem das águas pluviais, de forma a garantir que o mesmo não esteja entupido por algum tipo de entulho, ou se os materiais de que o sistema se compõe não estão degradados. De igual forma deverá de se proceder após a época das chuvas, permitindo vislumbrar danos que a chuva – ou neve – possa ter causado ao sistema e evitando assim o aumento dessa degradação;

- *Passadiço* – o passadiço faz parte da nova intervenção, e como tal, deverá de ter 2 níveis de conservação preventiva: a conservação do monumento através do monitoramento das acções que a nova estrutura exerce sobre a pré-existente, e a conservação da própria estrutura nova. Assim, os responsáveis pela manutenção do edifício deverão de monitorizar quais as acções que o passadiço exerce na muralha, sobretudo nos pontos em que a muralha o sustenta – fendas ou deformação do paramento, por exemplo. Nesses casos, dever-se-á proceder a uma re-análise da estrutura e tentar corrigi-la de modo a que não comprometa a integridade do monumento. Por outro lado, e pelo facto da nova estrutura ser metálica e instalada ao ar livre, é importante verificar se os óxidos que possam ser formados pelo metal não corroem os materiais do castelo. Caso tal suceda, importa que os responsáveis procedam de modo a eliminar a fonte de corrosão (tratamento do metal com algum produto específico) ou, no caso de tal ser impraticável, procederem ao tratamento da própria pedra em si com silicone líquida ou Paralóide B66. Também a própria estrutura em si tem de ser monitorizada semestralmente, de modo a evitar a sua deterioração por oxidação, ou mesmo por cargas mal distribuídas que comprometam a própria integridade física do passadiço, o que deverá passar sempre pela análise de técnicos especializados em caso de necessidade;

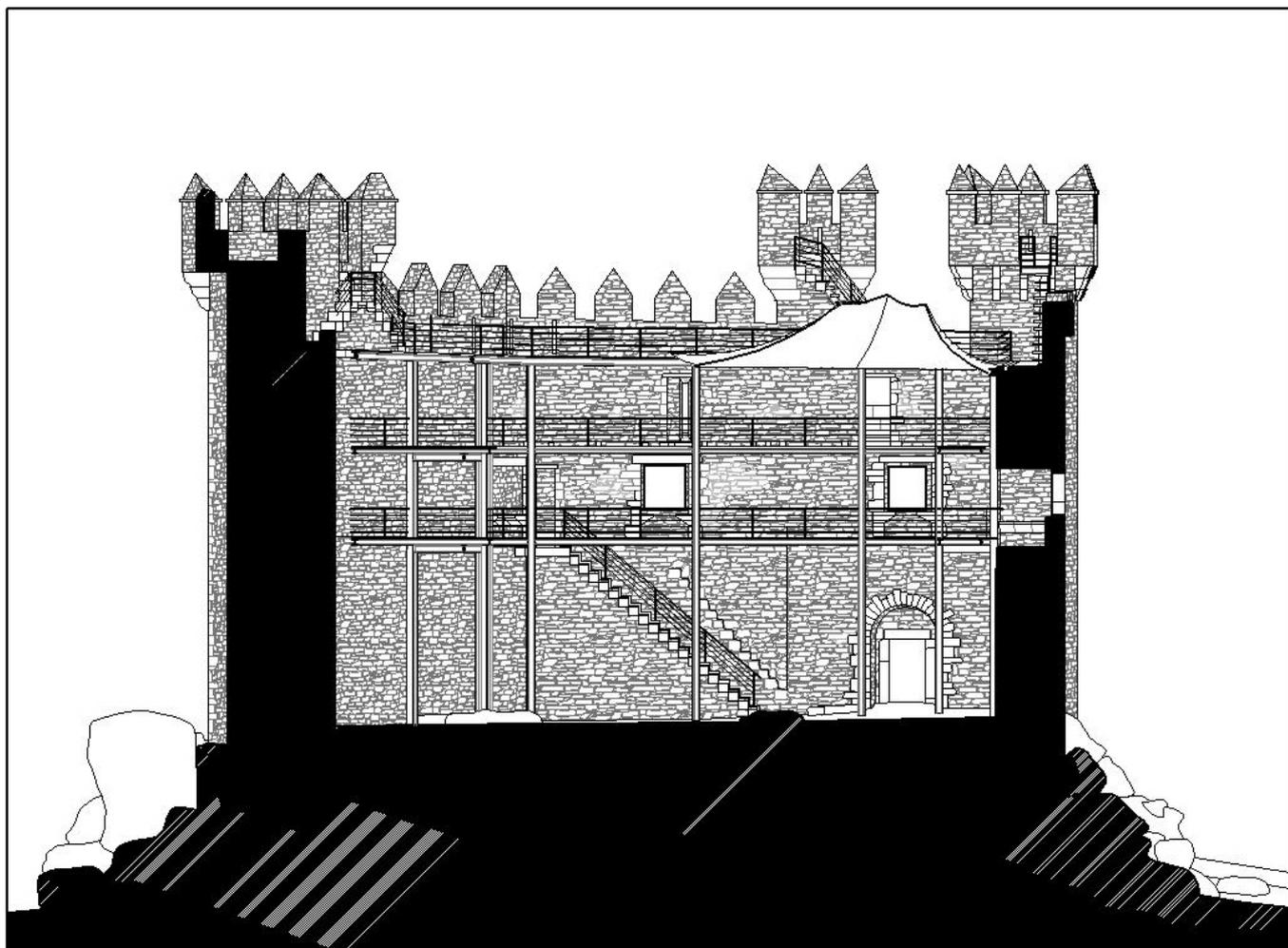


Fig. 24 – Corte proposto para a muralha sul do castelo de Penedono, mostrando a lona tensionada e os passadiços

- *Lona tensionada* – devido às suas características próprias, a lona tensionada carece de cuidados especiais, pois a membrana, relativamente frágil, está sujeita a diversos tipos de condicionantes que influenciam a evolução do seu estado de conservação e que têm de ser quase constantemente vigiadas. Resulta um aspecto importante para qualquer sistema construtivo, sendo muito especial neste, onde estrutura e fechamento se fundem num material só, e é fundamental manter as características físico-químicas iniciais, ao longo da vida útil da membrana. Neste sentido, devem-se realizar lavagens periódicas com água e sabão neutro (recomenda-se uma lavagem a cada 6 meses), a fim de evitar possíveis ataques químicos da contaminação atmosférica e urbana, a seus materiais constituintes. No caso das membranas de poliéster-PVC, elas têm evoluído notavelmente sua performance a partir do uso de Tedlar e do PVDF, que evitam os efeitos foréticos; de qualquer maneira, todas as membranas devem prever limpezas periódicas que dependerá do material utilizado. Quanto à reparação eventual, a depender da importância do dano, é possível ser reparada *in loco*, seja com adesivos apro-

priados, seja com sistema de soldas térmicas portáteis, mas sempre efectuadas por peritos nessa área. Quanto às estruturas suportes e ancoragem, elas são afectadas pelas regras de manutenção da construção, especialmente os elementos metálicos (protecção à corrosão, limpeza, etc.). A manutenção é simples e necessária para garantir uma vida útil mais longa;

- *Iluminação e instalação eléctrica* – passar uma instalação eléctrica por um edifício que nunca a suportou acarreta sempre riscos, devido essencialmente à diferente de materiais que, quer se queira quer não, irá ser sempre um ponto de vulnerabilidade. Daí que seja importante que os responsáveis procedam à análise dos pontos onde esta passa, de modo a verificarem danos causados pela matéria da instalação eléctrica, como a perda de argamassas em torno dos fios. Por outro lado, e em face das características do passadiço metálico, a própria electricidade poderá por em risco o metal do passadiço, pela razão de poder passar sempre alguma electricidade para essa estrutura que acelera a degradação do metal. Mas também as próprias lâmpadas de iluminação têm de ser verificadas de 3 em 3 dias, para ver se estão em boas condições, sendo necessário substituí-las sempre que tal não aconteça;

- *Limpeza geral* – apesar de parecer uma redundância, é a partir da limpeza que se começa a conservação preventiva; com efeito, se é verdade que a natureza do próprio lixo poderá provocar danos no monumento ou na obra nova, incentivando até ao desleixo de quem é responsável pelo edifício – e pelos próprios visitantes –, por outro lado ela poderá também esconder outros danos que, de outro modo, poderiam ser mais facilmente identificados. Como tal, recomenda-se que se proceda à limpeza diária e sempre que necessário do edifício.

7. Fundamentação teórica da intervenção

Na actualidade, e em matéria de preservação do património cultural, é incontornável debruçarmo-nos sobre a «Teoria do Restauro» de Cesare Brandi, desenvolvida ao longo da sua experiência como responsável no Istituto Centrale del Restauro (ICR), em Roma, baseando-se em pesquisas conduzidas no campo estético e crítico e com experiências efectuadas no ICR. Brandi tentou dar resposta à necessidade de se disciplinar as intervenções no património, visto estas causarem, por vezes, maiores prejuízos às obras de arte do que a própria acção do tempo, ainda que pretendessem precisamente proteger esse mesmo património.

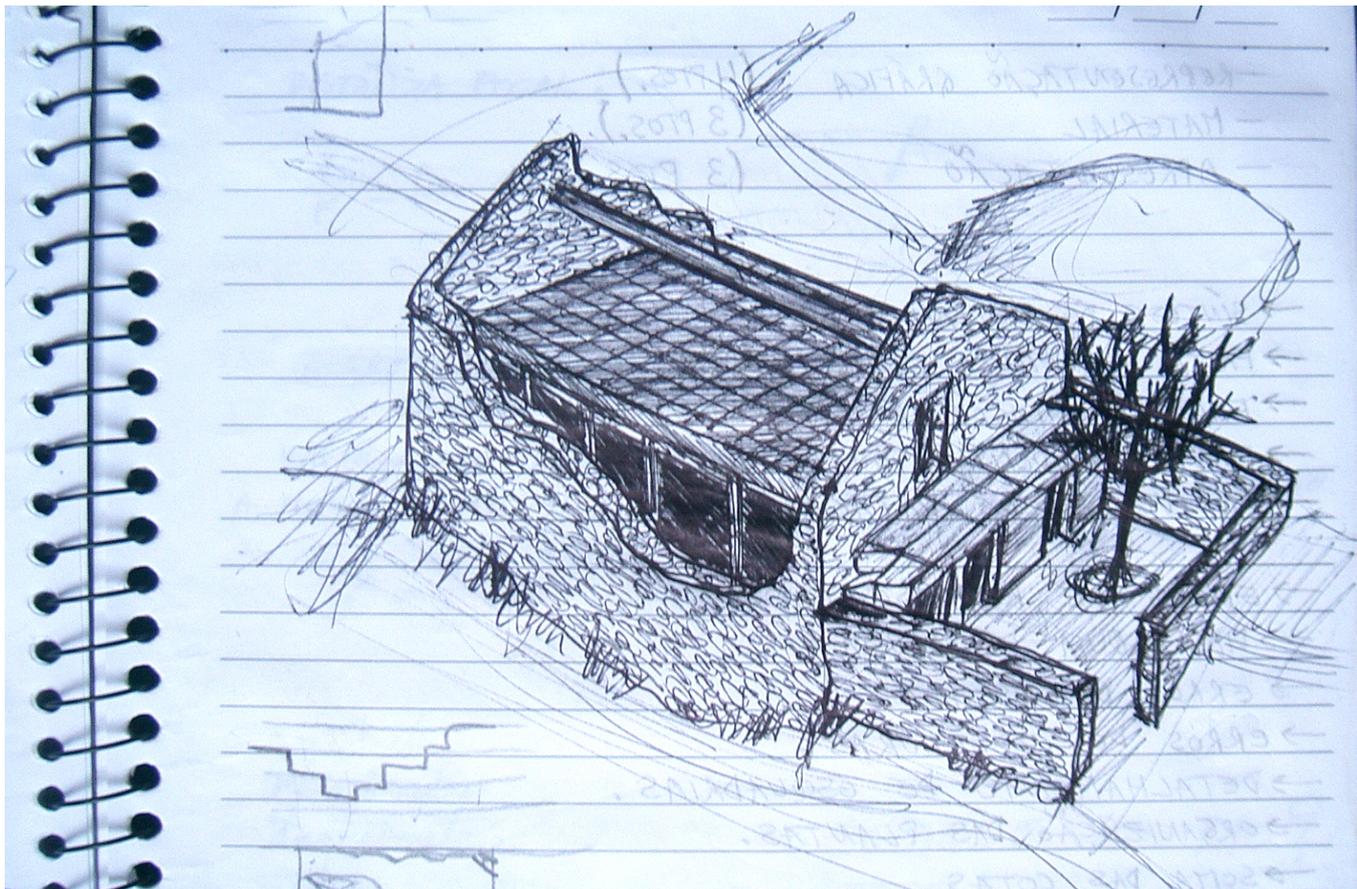


Fig. 25 – Esquisso primário para a proposta de intervenção na ruína

Torna-se necessário mencionar que, no campo da arquitectura, actualmente em Portugal é cada vez mais utilizado o termo “reabilitação” em detrimento de “restauro” – daí o tema da presente proposta de trabalho; com efeito, na medida em que, por exemplo, se reabilita um doente que perdeu a faculdade de andar (seja por ter ficado com a perna imobilizada muito tempo e ter perdido a massa muscular, seja porque a perna foi substituída por uma prótese, seja ainda por ter de se adaptar a uma cadeira de rodas, etc.), também o mesmo se passa com os edifícios arquitectónicos, sejam ou não considerados património cultural – ainda que, no último caso, os cuidados tenham de ser efectivamente muito maiores. Assim, à conservação do património pode-se conjugar a reabilitação do mesmo, que engloba diversos tipos de intervenção, como o sejam a reintegração, a readaptação funcional, a obra nova (de ampliação, de adaptação), etc., tudo tendo em vista a reabilitação – ou restauro, segundo Brandi – do valor da obra de arte.

Relativamente à presente intervenção no castelo de Penedono, esta segue os preceito de Brandi, que considera que é um imperativo moral conservar a matéria da obra de arte de modo a garantir que no futuro exista a possibilidade de se poder usufruir a obra de arte (restauro memorativo) e, para tal, a sua consistência física deve permanecer o mais intacta possível ao longo do tempo; se por alguma razão se tiver de sacrificar parte da matéria (suporte) física degradada para beneficiar a imagem

da obra de arte, o restauro deverá de seguir sobretudo a instância estética, que é o que faz a obra de arte algo singular e irrepitível. O restauro deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que tal seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem se obliterar nenhum traço da passagem do tempo pela obra de arte, tal como se propõe proceder. Mesmo que se busque com o restauro a unidade potencial da obra, não se deve sacrificar a veracidade do monumento através da falsificação artística ou histórica, e tal não é nunca proposto na presente intervenção, que se assume como tendo uma linguagem contemporânea.

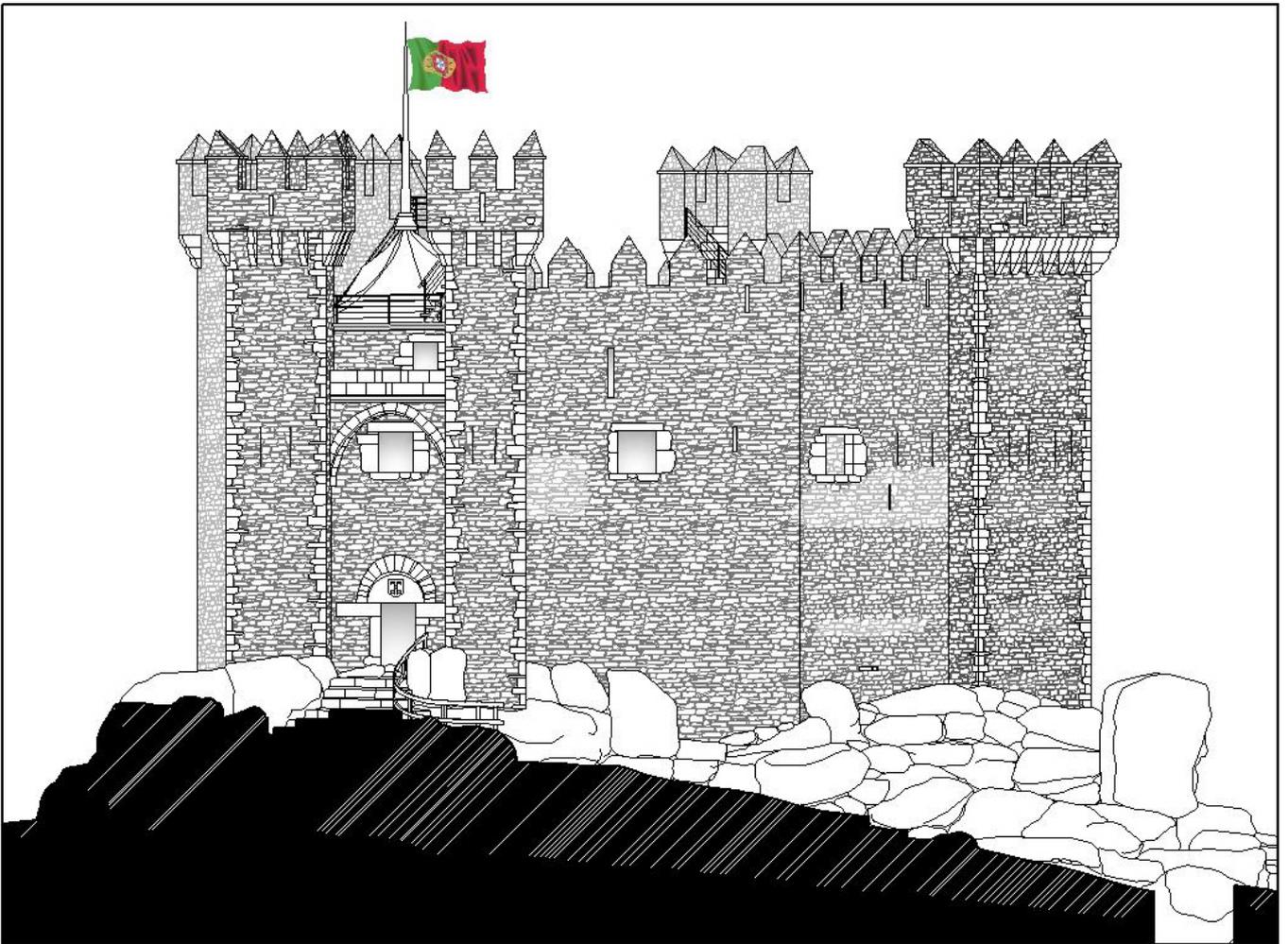


Fig. 26 – Alçado sul proposto para o castelo de Penedono

Foi o estado de conservação da obra de arte que condicionou e limitou a intervenção de restauro, o qual se limita a desenvolver as sugestões implícitas nos testemunhos originais existentes. Relativamente à instância estética, os limites da intervenção de restauro deverão de se explicitar em função da matéria original da obra e da sua definição como obra de arte, na medida em que a unidade figurativa da obra de arte se dá em coexistência com a intuição da imagem como obra de arte – o que guiou a intervenção foi, então, um juízo crítico de valor que determina a prevalência das instâncias no acto de restauro.

Tal também inclui a conservação da patina do tempo, causada pelo intemperismo e resultando em alterações do material, que são inevitáveis e quase sempre irreversíveis. Os acrescentos são testemunhos do fazer humano e, portanto, da história, daí que tenham o direito de ser conservados com a parte original da obra de arte; a sua eliminação significa a destruição de um documento e, portanto, a falsificação da obra (as reconstruções tendendo a fundir o velho no novo sem que se distingam e tentando fazer desaparecer um lapso temporal também põem em dúvida a veracidade do conjunto). Tal foi tido em conta, ao se propor manter todas as intervenções que foram realizadas ao longo dos tempos, mesmo as do restauro estilístico efectuadas nos anos 40 do séc. XX pela DGEMN.

Assim, a presente intervenção de restauro é facilmente reconhecível, mas sem que por isso se venha a infringir a própria unidade que se visa restaurar, mantendo-se a distinguibilidade das intervenções contemporâneas nas obras de arte do passado; as intervenções devem sempre ser reconhecíveis em inspecções de proximidade – por exemplo, na recomposição das argamassas do castelo –, embora à distância elas não devam causar distúrbio à unidade que se tem por intenção restabelecer. Por outro lado, qualquer intervenção de restauro não deve tornar impossível, mas antes deverá de facilitar eventuais intervenções futuras, mantendo-se a regra da reversibilidade.

Na arquitectura, a espacialidade própria da obra de arte coexiste com o espaço envolvente em que se insere, formando uma unidade artística maior que o próprio monumento em si; daí que a obra de arte principal é o próprio espaço em que o monumento se insere e que vão determinar a imagem com a qual se procede ao restauro memorativo dessa obra de arte. O espaço envolvente e o monumento estão umbilicalmente indissociáveis, onde o monumento é um elemento que caracteriza o espaço envolvente, e esse espaço envolvente, por sua vez, ajuda a caracterizar o monumento segundo o qual ele foi reconhecido como obra de arte.

Assim, é inalienável a separação do monumento da envolvente na qual este foi reconhecido como obra de arte e, como tal, qualquer transformação de vulto na envolvente necessariamente se reflectirá na percepção do monumento, e o próprio monumento, enquanto obra de arte, qualifica a envolvente e, portanto, não deverá de sofrer igualmente intervenções que desqualifiquem o edifício em si e, por acréscimo, a envolvente – se existe a possibilidade de restaurar a envolvente, reconstruindo-a, de modo a desenvolver o seu potencial artístico no qual essa mesma envolvente e o monumento foram reconhecidos como obras de arte, já o mesmo não é possível com o monumento, excepto se for uma anastilose efectuada no local original.

Quando a envolvente ao monumento se encontra degradada, como nalguns pontos da envolvente do castelo de Pene-

dono, ainda assim possui um potencial artístico a ser desenvolvido, porquanto o monumento que era o elemento principal de qualificação ainda subsiste e que não deverá de modo nenhum ser removido; nesse caso, a intervenção de restauro tentou procurar que o espaço desenvolva o potencial artístico da obra de arte. Se esses elementos que circundam o castelo por si só não se apresentam como obras de arte, aceita-se até que possam ser reconstituídos de forma semelhante aos que originalmente estariam nesse local (não se comete nenhum falso histórico, porque esse elemento não foi reconhecido como obra de arte e, portanto, não houve uma intervenção de restauro por esse elemento se situar ainda no segundo tempo da obra de arte), caso não se queira utilizar uma linguagem arquitectónica contemporânea claramente distinta. Porém, se os elementos lacunares tiverem sido reconhecidos como obras de arte, jamais poderão ser reconstituídos como cópias, devendo de ser, ao invés, construído um edifício claramente distinto do anteriormente existente, mas respeitando os dados espaciais que tornaram a envolvente uma obra de arte antes do desaparecimento do monumento – assim não se estará a cometer nenhum falso histórico. Na presente proposta, optou-se por assumir um edifício claramente contemporâneo no espaço da ruína onde a intervenção é proposta, considerando assim a teoria *brandiana*.

Fig. 27 – Alçado nordeste proposto para o castelo de Penedono

